



**Universidade do Estado do Rio de Janeiro**

Centro de Educação e Humanidades

Faculdade de Educação

Ligia Bahia de Mendonça

**Edificar e instruir: missões jesuíticas nas cartas de Padre Raphael Maria  
Galanti na *Woodstock Letters* (1880-1910)**

Rio de Janeiro

2020

Ligia Bahia de Mendonça

**Edificar e instruir: missões jesuíticas nas cartas de Padre Raphael Maria Galanti na  
*Woodstock Letters* (1880-1910)**

Tese apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor, ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: História da Educação.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Ana Chrystina Venancio Mignot

Rio de Janeiro

2020

CATALOGAÇÃO NA FONTE  
UERJ / REDE SIRIUS / BIBLIOTECA CEH/A

M539 Mendonça, Ligia Bahia de.  
Edificar e instruir: missões jesuíticas nas cartas de Padre Raphael Maria Galanti na Woodstock Letters (1880-1910) / Ligia Bahia de Mendonça. – 2020. 222 f.

Orientador: Ana Chrystina Venancio Mignot.  
Tese (Doutorado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Educação.

1. Educação – Teses. 2. Jesuítas – Teses. 3. Cartas – Teses. I. Mignot, Ana Chrystina Venancio. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Educação. III. Título.

es CDU 37:2

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, desde que citada a fonte.

---

Assinatura

---

Data

Ligia Bahia de Mendonça

**Edificar e instruir: missões jesuíticas nas cartas de Padre Raphael Maria Galanti na  
*Woodstock Letters* (1880-1910)**

Tese apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor, ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: História da Educação.

Aprovada em 30 de abril de 2020.

Banca Examinadora:

---

Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>a</sup> Ana Chrystina Venancio Mignot (Orientadora)  
Faculdade de Educação – Uerj

---

Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>a</sup> Alexandra Lima da Silva  
Faculdade de Educação – Uerj

---

Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>a</sup> Giselle Martins Venancio  
Universidade Federal Fluminense (UFF)

---

Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>a</sup> Maria Helena Câmara Bastos  
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS)

---

Prof. Dr. José Ribamar Bessa Freire  
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)

Rio de Janeiro

2020

## **DEDICATÓRIA**

Para Miguel e Vagner, companheiros nesta jornada e cúmplices na vida.

## AGRADECIMENTO

Ao longo dos últimos quatro anos muitas pessoas participaram, de alguma forma, desta jornada. A todas elas, minha gratidão. Mesmo arriscando-me a ser enganada pela memória, agradeço nominalmente, pois neste momento sou tomada por um único sentimento: gratidão.

Ao meu filho, Miguel, que, com a candura de uma criança, soube ser paciente. Muitas vezes o peguei me observando estudar, esperando-me para brincar e, mesmo sem entender muito bem para que tantos livros e horas na frente do notebook, foi sempre compreensivo. Miguel é sol, meu anjo, *ma vie*, combustível que me move!

Ao meu marido, Vagner, companheiro, amigo e incentivador nesta jornada. Agradeço pela cumplicidade e pelo amor diário, por sempre me proporcionar os melhores momentos. Sem a sua presença e parceria, nada disso teria sido possível. Quantas vezes estive ausente, mas você estava lá, vibrando e acreditando!

Ao meu irmão, Leandro, incentivador ao longo dos anos e sempre disponível para auxiliar no que fosse preciso, para ouvir minhas ideias, desabafos e angústias.

Aos meus queridos pais, Ilson e Neli, melhores avós do mundo, pela presença na vida do Miguel quando eu não podia estar. À minha família, que esteve sempre ao meu lado.

À Claudia Cristina e Tiago Lopes, amigos que a vida profissional me proporcionou, que me auxiliaram e incentivaram de tantas formas, sempre com bom humor, carinho e positividade.

À Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Ana Chrystina Venancio Mignot, pela oportunidade do retorno à UERJ como aluna em suas disciplinas e pela acolhida em seu grupo de pesquisa. Agradeço a confiança e os ensinamentos que, de forma especial, contribuíram para além da escrita de uma tese, para o meu crescimento profissional.

Ao grupo de pesquisa composto por pessoas especiais, sempre disponíveis e generosas: Leila Blanco, Priscila Garcez, Selma Perdomo, Mônica Bolsoni, Daise Silva, Eveline Gomes, Vanessa Lima, André Venancio, Patrícia Siqueira, Adriana Beaklini, Robson Fonseca, Daiane Tavares e Sara Amorim.

À Heloisa Helena Meirelles, pelo carinho e pela leitura cuidadosa.

À Shayenne Schneider e Ana Claudia Reis, pela amizade, presença e incentivo constantes nesta caminhada.

Aos professores da banca, Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Alexandra Lima da Silva, Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Gisele Martins Venancio, Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Maria Helena Câmara Bastos, Prof. Dr. José Ribamar Bessa Freire, Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Maria Celi Chaves Vasconcelos e Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Patrícia Coelho da Costa, pela leitura e avaliação.

Aos funcionários da secretaria do Proped, sempre disponíveis e prontos a auxiliar.

Ao querido Pe. Luiz Fernando Klein, que a pesquisa me proporcionou conhecer, por todo o auxílio neste estudo, sanando questionamentos, apresentando lugares e pessoas, e abrindo portas.

Ao Pe. Claudio Pires, pela gentileza e pelo acesso à Biblioteca da Cúria Geral.

Aos muitos e importantes funcionários de Institutos, arquivos e bibliotecas: Letizia Onnis, da Biblioteca Privada dos Jesuítas; Scott S. Taylor, da Georgetown University Library; Alex van Goethem, do Jesuits in Britain Archivist; Adrian Vaagenes, da Woodstock Theological Library; Luís Roberto, da Biblioteca do Bom Jesus (Itu); Zita Mendes, da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia; Silvia Maria Azevedo, da Biblioteca Padre Antonio Vieira; John Victor de Oliveira, do Instituto do Ceará; Raul de S. Almeida, da Oficina Escola de Itu; Sabrina de Souza, do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina; e Antônio de Pádua D. Teixeira, do Memorial do Colégio São Luís, que me possibilitaram acesso aos documentos.

Especialmente às bibliotecárias Rosângela Oka, da Biblioteca Pe. Armando Cardoso, e Gladys Schmidt, do Colégio São Luís, que conhecem tão bem esses locais e que, com muita generosidade, me auxiliaram e guiaram por seus corredores e documentos.

## RESUMO

MENDONÇA, Ligia Bahia de. **Edificar e instruir: missões jesuíticas nas cartas de Padre Raphael Maria Galanti na *Woodstock Letters* (1880-1910)**. 2020. 222 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

Investigar as estratégias que os jesuítas lançaram mão para ampliar e dar visibilidade à missão jesuítica no Brasil no período de 1880 até 1910, através das cartas escritas por Padre Raphael Maria Galanti e publicadas na revista *Woodstock Letters* é o objetivo desta pesquisa. O recorte temporal deste estudo contempla um período de transição entre o Império e a República, com mudanças significativas em todos os setores da sociedade e especialmente na educação, inclusive na discussão sobre a educação laica. Seguir o caminho de um padre esquecido pelos seus pares e por sua Ordem exigiu perscrutar aspectos negligenciados da sua biografia. Estranhar tal esquecimento, por sua vez, propiciou encontrar a revista *Woodstock Letters* – editada a partir de 1872 e que reunia religiosos espalhados ao redor do mundo – e, desse modo, interpretar como o Padre Galanti refletia sobre a educação jesuítica e a memória que os inicianos construíram de si mesmos e das sociedades nas quais viveram e atuaram em busca da edificação da Igreja Católica, da Companhia de Jesus, da sua memória no processo civilizatório e suas missões voltadas para a educação. Para a construção desta pesquisa foram consultados documentos dispersos em instituições de guarda, muitos deles disponíveis na web, como os arquivos jesuíticos espalhados pelo mundo, particularmente nas suas faculdades e seminários: *Archivum Romanum Societatis Iesu (ARSI)*, *Archivum Britannicum Societatis Iesu: ABSI*, *Archivo España Compañía de Jesús (AESI)*, *Biblioteca Privada dos Jesuítas*, *The Jesuit Archives and Research Center*. No Brasil as fontes privilegiadas estavam disponíveis na Cúria dos Jesuítas, Colégio São Luís, Colégio Anchieta, Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Instituto Histórico e Geográfico do Ceará e Biblioteca Nacional. A interpretação das cartas publicadas na revista, que narrou a história dos primeiros inicianos no país e o momento vivido por Pe. Galanti e seus companheiros, permitiu refletir sobre as ações na missão jesuítica brasileira, bem como situar o papel da Companhia de Jesus na educação em nosso país.

Palavras-chave: Padre Galanti. *Woodstock Letters*. Missões jesuíticas. Cartas. Livros de história.

## ABSTRACT

MENDONÇA, Ligia Bahia de. **Edificar e instruir: missões jesuíticas nas cartas de Padre Raphael Maria Galanti na *Woodstock Letters* (1880-1910)**. 2020. 222 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

Investigating the strategies that the Jesuits employed to amplify and give visibility to the jesuitic mission in Brazil in the period of 1880 to 1910, through the letters written by Father Raphael Maria Galanti and published in the *Woodstock Letters* magazine, is the goal of this research. The temporal profile of this study observes a period of transition between the Empire and the Republic, with significant changes in all sectors of society and especially in education, including the discussion about secular education. Following the path of a priest forgotten by his peers and his Order required peering into the omitted aspects of his biography. Wondering about such neglect, in turn, resulted in finding the *Woodstock Letters* magazine – edited since 1872 and which gathered religious people from across the world – and thus, interpreting how Father Galanti reflected about jesuitic education and the memory that the Ignatians built about themselves and the societies in which they lived and acted in seeking the edification of the Catholic Church, the Society of Jesus, their memory in the civilizing process, and their education-oriented missions. For the construction of this research, scattered documents from archival institutions, many of them available in the web, such as the jesuitic archives spread around the world, particularly in their colleges: Archivum Romanum Societatis Iesu (ARSI), Archivum Britannicum Societatis Iesu: ABSI, Archivo España Compañía de Jesús (AESI), Biblioteca Privada dos Jesuítas, The Jesuit Archives and Research Center. In Brazil, the privileged sources were available in the Cúria dos Jesuítas, Colégio São Luís, Colégio Anchieta, Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Instituto Histórico e Geográfico do Ceará e Biblioteca Nacional. The interpretation of the letters published in the magazine, which narrated the story of the first Ignatians in the country and the moment lived by Fr. Galanti and his companions, allowed reflecting on the actions of the Brazilian jesuitic mission, as well as situating the role of the Society of Jesus in our country's education.

Keywords: Father Galanti. *Woodstock Letters*. Jesuitic missions. Letters. History books.

## LISTA DE ILUSTRAÇÃO

Figura 1 -	Notícia sobre o falecimento de Pe. Raphael M <sup>a</sup> Galanti .....	44
Figura 2 -	Nota de falecimento Pe. Raphael M <sup>a</sup> Galanti .....	45
Figura 3 -	Biografia de Pe. Galanti .....	53
Figura 4 -	Biografia dos nossos que viveram e trabalharam no Brasil, 1910-1967 .....	54
Figura 5 -	Vida de Pe. Galanti.....	56
Figura 6 -	ST Beuno College .....	61
Figura 7 -	Diário de John Gerard .....	62
Figura 8 -	Cartão de apresentação.....	64
Figura 9 -	Votos de Pe. Galanti.....	65
Figura 10 -	Pe. Galanti e demais padres do Colégio São Luís (1889) .....	66
Figura 11 -	Capa (1913).....	74
Figura 12 -	“Mimo” (1896).....	77
Figura 13 -	Capa da revista Woodstock Letters .....	89
Figura 14 -	Capa da revista Woodstock Letters .....	91
Figura 15 -	Índice do volume XX .....	93
Figura 16 -	Esboço Pe. Jouin .....	95
Figura 17 -	Obituário de Brother Joseph O’Brien.....	96
Figura 18 -	Agradecimento .....	103
Figura 19 -	Pe. A. M. de Augustinis .....	104
Figura 20 -	Pe. Edward I. Devit .....	105
Figura 21 -	Pe. John A. Morgan.....	106
Figura 22 -	Pe. William P. Treacy .....	107
Figura 23 -	Timothy Brosnahan .....	108
Figura 24 -	Pe. Benedict Guldner.....	109
Figura 25 -	Pe. Samuel Hanna Frisbee.....	110
Figura 26 -	Pe. Joseph M. Woods .....	112
Figura 27 -	Mapa da Austrália .....	118
Figura 28 -	Mapa Sul da Austrália (1909) .....	119
Figura 29 -	Loyola School .....	126
Figura 30 -	Mapa “Chegada de Pe. Guerrero à América do Sul” .....	130
Figura 31 -	Mapa “Travessia Inicial” .....	133

Figura 32 - Mapa “Travessia de Pe. Guerrero” .....	135
Figura 33 - Catálogo Província Romana.....	143
Figura 34 - Mapa Histórico da América do Sul – 1892 .....	144
Figura 35 - Colleege San Gabriel nas ruas García Moreno e Espejo (1891).....	150
Figura 36 - Fundadores do Colegio Sagrado Corazón .....	151
Figura 37 - Missões no Equador .....	156
Figura 38 - Colégio São Luís - Itu .....	190

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Livros de Galanti.....	68
Tabela 2 - Cartas publicadas na Woodstock Letters, oriundas do continente americano ..	114
Tabela 3 - Cartas publicadas na Woodstock Letters, oriundas do continente europeu .....	116
Tabela 4 - Cartas publicadas na Woodstock Letters, oriundas do continente asiático .....	117
Tabela 5 - Temas das cartas.....	123
Tabela 6 - Cartas de países da América do Sul .....	132
Tabela 7 - Cartas da América do Sul (1880 – 1889) .....	139
Tabela 8 - Cartas da América do Sul (1890 – 1899) .....	140
Tabela 9 - Cartas da América do Sul (1900 – 1910) .....	140
Tabela 10 - Padres correspondentes no Brasil.....	165
Tabela 11 - Cartas enviada por Pe. Galanti .....	168
Tabela 12 - Colégio São Francisco Xavier .....	182

## LISTA DA ABREVIATURAS E SIGLAS

APL	Academia Pernambucana de Letras
ACADIL	Academia Ituana de Letras
ABSI	Archivum Britannicum Societatis Iesu
AESI	Archivum España Societatis Iesu
ARSI	Archivum Romanum Societatis Iesu
BN	Biblioteca Nacional
CCLA	Centro de Ciências, Letras, e Artes
CSL	Colégio São Luís
LEMAD	Laboratório de Ensino e Material Didático
IAHGP	Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico de Pernambuco
IC	Instituto Ceará
IGHB	Instituto Geográfico e Histórico da Bahia
IHGB	Instituto Histórico Geográfico Brasileiro
IHGSC	Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina
IHGSP	Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo
RIHGB	Revista Instituto Histórico Geográfico Brasileiro

## SUMÁRIO

	<b>O REMETENTE, SUA ESCRITA E SEUS VESTÍGIOS</b> .....	13
1	<b>ESCREVENDO CARTAS, NARRANDO HISTÓRIAS: A TRAJETÓRIA DE PADRE RAPHAEL MARIA GALANTI</b> .....	31
1.1	<b>Cartas pessoais: PS. Aguardo sua resposta</b> .....	40
1.2	<b>Escritas sobre a vida: biografias e autobiografia</b> .....	47
1.2.1	<u>Entre viagens e estudos: a constituição de um jesuíta</u> .....	57
1.3	<b>Um religioso no Brasil: magistério e livros</b> .....	63
1.3.1	<u>Um jesuíta em trânsito por outras instituições</u> .....	78
2	<b>JESUÍTAS NARRAM O MUNDO AO REDOR: CARTAS EM REVISTA</b> ..	83
2.1	<b>Folheando a <i>Woodstock Letters</i>: a história de uma revista</b> .....	85
2.1.1	<u>Por dentro da revista: tentando compreender a Ordem</u> .....	92
2.1.2	<u>Destinatário das cartas: o editor</u> .....	103
2.2	<b>Uma revista como elo da Companhia de Jesus</b> .....	113
2.3	<b>Caritas et Veritas: sentidos da escrita epistolar</b> .....	121
3	<b>CARTOGRAFIA DA FÉ: IMPRESSÕES DE TRAVESSIAS PELA AMÉRICA DO SUL</b> .....	128
3.1	<b>Cartas de viajantes: os jesuítas chegam à América do Sul</b> .....	132
3.2	<b>Entre colégios e missões</b> .....	139
3.3	<b>“Papel em branco(?)”: relações entre índios e jesuítas</b> .....	154
4	<b>“CORRESPONDENTE FIEL NO BRASIL”: OLHARES SOBRE A EDUCAÇÃO</b> .....	163
4.1	<b>Padres estrangeiros escrevem sobre/do Brasil</b> .....	165
4.2	<b>De estrangeiro a “brasileiro de coração”</b> .....	169
4.2.1	<u>Com Dom Macedo Costa pelo interior do Pará</u> .....	174
4.3	<b>Visões de educação e colégios jesuíticos</b> .....	178
4.3.1	<u>Dificuldades na implantação de colégios, o caso do Santíssimo Salvador e do São Francisco Xavier</u> .....	179
4.3.2	<u>A experiência de Itu: o Colégio São Luís</u> .....	184
	<b>SEU SERVO EM CRISTO/ DESTA INFELIZ TERRA DE SANTA CRUZ: UMA DESPEDIDA</b> .....	200
	<b>REFERÊNCIA</b> .....	207
	<b>APÊNDICE – Outras fontes de consulta</b> .....	221

## O REMETENTE, SUA ESCRITA E SEUS VESTÍGIOS

Encontrei-me com Pe. Galanti pela primeira vez na biblioteca<sup>1</sup> do Colégio Anchieta, em Nova Friburgo. Ainda posso ver as grandes estantes de madeira cobrindo as paredes até o teto, em um imenso salão com cheiro de guardado, repleto de livros e revistas que, em algum momento, foram utilizados por professores e alunos daquele educandário. Lembro que, naquelas altas estantes, havia muitos livros. Livros da disciplina de História. Muitos, de um só autor: Padre Raphael Maria Galanti. Recordar aquele momento me leva a outro, meu primeiro contato com a Companhia de Jesus, ainda na graduação de Pedagogia. Percorrer o caminho da Companhia de Jesus no Brasil, para entender a educação jesuítica, exigiu que eu conhecesse o ensino que ministravam, os métodos que usavam, a retórica de eloquência que adotavam e as estratégias de argumentação com que defendiam suas ideias<sup>2</sup>.

Na ocasião do encontro com Galanti e seus livros, eu trabalhava em minha dissertação<sup>3</sup>, que tratou sobre a Companhia de Jesus pós Reforma Pombalina, período que, na História da Educação, é tema de pouquíssimas pesquisas. Notadamente havia uma lacuna na história da Ordem, pois os impressos de que se dispunha para a investigação iam apenas até o ano de 1759, quando a Reforma do Marquês de Pombal expulsou os jesuítas do território brasileiro. Ao analisar as táticas de permanência dos jesuítas burlando a Reforma, enfoquei dois colégios<sup>4</sup> da Ordem que funcionaram logo após a restauração da Bula Papal Om.

Ultrapassando os portões desses colégios da Ordem e investigando os padres-professores nessas instituições, novamente deparei-me com o padre italiano chamado Raphael Maria Galanti, mas não havia tempo hábil para uma discussão mais profunda sobre ele naquela pesquisa. Assim, destaquei-o como um intelectual, autor de livros de história e membro de importantes institutos brasileiros desse período, que pretendeu defender a Ordem por meio da sua pena, sem aprofundar-me.

---

<sup>1</sup> Atualmente a biblioteca foi desativada, seus livros foram direcionados a outros Colégios da Companhia de Jesus ou descartados. Restaram da antiga biblioteca um imenso salão vazio, com as enormes estantes.

<sup>2</sup> MENDONÇA, Lígia B. *Educação Jesuítica: marcas do primeiro projeto educacional brasileiro*. Rio de Janeiro, UNESA, 2006.

<sup>3</sup> MENDONÇA, Lígia B. *O silêncio da ação: Jesuítas no Brasil pós-Reforma Pombalina*. Dissertação de mestrado, Programa de Pós-Graduação em Educação, UERJ, 2010.

<sup>4</sup> O Colégio Santo Inácio primeiramente chamou-se Real Colégio de Jesus do Rio de Janeiro, fundado pelos jesuítas no Rio de Janeiro, no Morro do Castelo, em 1567 e fechado em 1759. Em registro oficial, a Companhia voltou para o Rio em 1814, e somente por volta de 1900 reabriu o colégio fora da sua antiga sede. Funcionou na Rua Senador Vergueiro, no bairro do Flamengo, até que, em 1903, se mudou para o bairro de Botafogo, local em que funciona atualmente, chamando-se Externato Santo Inácio. O Colégio Anchieta, no município de Nova Friburgo, foi fundado em 12 de abril de 1886, na sede da fazenda do “Chateau”, no Morro Queimado, com aumento do número de alunos. Em 1901 mudou-se para o prédio que funciona até os dias atuais. Esse colégio teve, em suas fileiras, alunos de cidades vizinhas e de outros estados.

Deixara perguntas sem respostas durante os dois estudos sobre a Ordem. E ainda me intrigava o autor de tantos livros que vira no Colégio Anchieta. Instiguei-me a saber quem era o Padre Galanti, autor de tantos livros didáticos expostos nas estantes do Colégio Anchieta. Que experiências ele teve para ser um autor? Por onde circulou esse jesuíta? Qual a sua rede de sociabilidade dentro e fora da Ordem?

Com o aprofundamento da pesquisa percebi um silenciamento em torno da vida e da obra de Padre Galanti dentro da Companhia de Jesus. Imediatamente recordei das reflexões de Marc Bloch (2001) sobre documentos e arquivos, citando a Companhia de Jesus. Para o autor, a Ordem não abriria tão facilmente seus acervos ao profano, “cuja falta faz com que tantos problemas da história moderna permaneçam [para sempre] desesperadamente obscuros...” (BLOCH, 2001, p.85). Muitos dos documentos que eu precisava para melhor entender o Padre Galanti poderiam, ainda, estar sob sigilo, enquanto outros poderiam ter sido negligenciados e/ou ter sofrido a ação da inclemência do tempo e desapareceram. Como fazer para acessá-los, se ainda existissem?

As pistas e os vestígios, pelo menos os que foram possíveis compulsar, foram encontrados no arquivo da Companhia, em abertura que se tornou possível pelo intermédio e interesse de um dos seus padres, também historiador<sup>5</sup>. Há de se ressaltar ainda a importância da tecnologia, possibilitando-me o acesso às informações pela internet, o que de outra forma inviabilizaria a consulta.

Com essas informações em acervos diferentes, foi possível flexibilizar algumas questões e seguir outras. Assim, aberta às surpresas e a outros caminhos, e considerando que tudo que o padre jesuíta disse, escreveu, fabricou ou tocou informava sobre ele (BLOCH, 2001), pude, ao trabalhar com seus livros didáticos, obter informações que possibilitaram entender seu autor e as circunstâncias que possibilitaram sua escritura.

Busquei por documentos dispostos em vários locais de guarda, percorri os lugares em que Galanti, de alguma forma, esteve presente, fosse pessoalmente ou por meio de suas correspondências<sup>6</sup>. Estava convencida de que sua produção intelectual está materializada nos livros que escreveu e nos discursos que proferiu. Os primeiros acervos a que recorri foram os

---

<sup>5</sup> Refiro-me ao padre Luiz Fernando Klein, atualmente Secretário Executivo e Delegado de Educação na sede da Ordem dos Jesuítas para a América do Sul (Lima, Peru).

<sup>6</sup> Nesta busca por documentos fiz algumas escolhas, assim não pesquisei na Biblioteca da Unisinos porque o jesuíta protagonista desta tese, Pe. Raphael Maria Galanti e os demais padres com quem o jesuíta conviveu pertenciam a Província Romana (italiana), enquanto os jesuítas que se instalaram no Sul do Brasil eram da Província Alemã. O rico acervo desta biblioteca que possui a coleção do Memorial Jesuíta, que reúne cerca de obras editadas entre os séculos XV e XX, com cerca de 200 mil livros e 1200 títulos de periódicos.

dos Colégios Anchieta (RJ) e São Luís (SP), em que o padre havia lecionado, mas onde os documentos que procurava não estavam expostos ou com fácil acesso.

No Colégio Anchieta, de Nova Friburgo, local que já frequentara por conta da pesquisa do mestrado e tinha certa noção do que havia, para minha surpresa o museu<sup>7</sup> agora é uma sala de aula. Segundo as pessoas responsáveis pelo antigo museu, muitos documentos e objetos foram transferidos para outros locais sob responsabilidade da Companhia de Jesus. Lá, porém, ainda há alguns vestígios, como a maior parte da coleção do jornal *Aurora Colegial*, um Diário do colégio e as Atas de Exames dos alunos.

Ao investigar a história do Colégio São Luís, tive acesso a um manuscrito sobre os eventos ocorridos, tais como a relação de padre-professores que chegavam ou partiam, as disciplinas ali ministradas por cada padre, o quantitativo de alunos e as compras de livros, além de gastos com barbearias. As fontes da Cúria da Companhia de Jesus, cotejadas na pesquisa anterior, também já não ali se encontravam. Tive informações de que os documentos da instituição, inclusive as correspondências antes consultadas, teriam sido transferidas para a Vila Kostka, mas em sua biblioteca soube que os documentos do Colégio Anchieta e da Província Centro-Leste (RJ) seguiram para Itaici (SP). Seguindo o caminho dos documentos, em Itaici verifiquei que eles também não se encontravam por lá, mas não desisti de pesquisar na grande biblioteca ali existente, em busca por indícios nos documentos que estavam ainda por organizar e catalogar. A bibliotecária<sup>8</sup> parecia conhecer cada detalhe do acervo. Encontrei um livro transcrito por padre Arcioni, que mencionava uma das viagens de Galanti e transcrevia parte de uma carta que ele escreveu, informações preciosas que me guiaram a outros acervos. Tive acesso, também, aos Catálogos da Missão, onde pude verificar o contato dos jesuítas no Brasil no período, o que me permitiu identificar por onde havia transitado Galanti<sup>9</sup>. É perceptível a dispersão dos documentos pertencentes à Ordem dos jesuítas, que, em sua maioria, não estão expostos ou preparados para o manuseio dos pesquisadores.

Nessas viagens em busca de indícios e sinais, encontros inesperados possibilitaram-me ampliar a investigação. Por intermédio do padre jesuíta e historiador Luiz Fernando Klein, que encontrei por conta de um congresso realizado sobre a localização dos documentos, consegui pesquisar no acervo sob guarda da Cúria, localizada na cidade do Rio de Janeiro.

---

<sup>7</sup> Como era chamada a sala que guardava documentos e vários objetos que fizeram parte da cultura material daquela instituição.

<sup>8</sup> Rosângela Oka trabalhou por mais de vinte anos junto aos padres jesuítas.

<sup>9</sup> O Catálogo da Missão é feito ainda em tempos atuais. Por meio dele há possibilidade de encontrar e contatar qualquer jesuíta no Brasil.

Voltando à Província Centro-Leste, no bairro de Botafogo, no Rio, pude acessar alguns poucos documentos sobre o padre, inclusive um documento que tratava sobre as reedições das obras de Galanti e da “primeira biblioteca de História do Brasil”, organizada por ele, e que recebera seu nome: “Biblioteca Brasileira Galanti”, no Colégio São Luís, em São Paulo. A leitura impactante daquele impresso datilografado informou-me que todos os escritos do padre Galanti haviam sido queimados. Imaginei se realmente era verdade. E se assim o foi, o que haveria naquele arquivo pessoal? Escritos pessoais, contratos com as editoras, cartas? Mas, numa pasta bem fina, que levava seu nome, encontrei seu voto de pobreza, as cartas trocadas com outros padres jesuítas, um poema e homenagens póstumas, estas últimas apontando na investigação para sua rede de sociabilidade, marcada por relação com intelectuais ligados à Biblioteca Nacional, com relatos sobre troca de cartas entre o padre Galanti e os diretores daquela Biblioteca.

Seguindo essas pistas deixadas no documento que falava das cartas, cheguei à Biblioteca Nacional e lá consultei correspondências passivas assinadas pelo padre e o diretor da instituição, Teixeira de Mello, e pelo historiador Capistrano de Abreu. Tive acesso às propagandas dos livros, às citações que as publicações receberam, às apreciações e às críticas da obra do padre, bem como às suas viagens e deslocamentos nacionais e internacionais e notas sobre seu falecimento.

Ainda na investigação das fontes, e por intermédio dos gratos contatos feitos na Vila Kostka, obtive documentos sobre a trajetória do padre Galanti, que estão sob a guarda da Biblioteca da Cúria Geral, na Itália. Naquela biblioteca tive acesso aos livros de autoria do jesuíta e a manuais até então desconhecidos e que não avistei em outras instituições de guarda no Brasil. No Arquivo Jesuíta, na Université Laval, na França, consultei uma carta do padre Galanti ao padre Altini, que encontrei parcialmente transcrita pelo padre Arcioni. Uma descrição detalhada sobre o Colégio São Luís, escrita pelo Pe. Galanti, permitiu-me observar que ele já se inclinava para a escrita da História desde o início de seu ministério.

Percebi, à primeira vista, que o padre Galanti foi um sujeito com itinerários variados, tendo circulado muito no extramuro dos colégios e seminários nos quais lecionou. Assim, creio, suas experiências lhe propiciaram apropriações que foram relevantes à escrita de livros de História.

Ao perceber que o Padre Galanti tinha sido sócio honorário e correspondente de vários Institutos de relevância no cenário nacional, dentre eles o Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo (IHGSP), Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina (IHGSC), Instituto Geográfico e Histórico da Bahia (IGHB), Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico de

Pernambuco (IAHGP), Academia Pernambucana de Letras (APL), Academia Ituana de Letras (ACADIL), em Itu, Centro de Ciências, Letras, e Artes (CCLA), em Campinas, e o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), recorri a essas instituições na busca de dados de sua posse (ou entrada), dos discursos proferidos, dos destaques dados às suas visitas às instituições, das homenagens póstumas recebidas e das suas correspondências.

Peregrinei pelas instituições de guarda em busca das fontes, mas, diante de tanta dificuldade, recorri à web para rastrear vestígios, fontes e novas possibilidades de pesquisa. Localizei os Catálogos das Missões, documento anual que reunia informações sobre as missões e os jesuítas, permitindo identificar a missão, seu Superior e cada um dos padres, nas suas respectivas funções. Ao final desse documento havia um quadro organizado pelas funções que os padres ocupavam, seguidas das datas de nascimento, de ingresso na Ordem e da profissão de votos. Os Catálogos propiciaram remontar os locais pelos quais o Pe. Galanti passou. Localizados em sites estrangeiros, levaram-me a questionar: existiriam outros documentos no exterior?

Para minha surpresa, nessa busca apareceu o nome do Pe. Raphael Maria Galanti em carta e outras seções da revista *Woodstock Letters*. Que revista era essa? Por onde circulava? Que ideias professava? Estava diante de uma importante publicação dos jesuítas que precisava ser compreendida no âmbito da imprensa periódica católica.

Diante desses desafios fui me aproximando não só do Pe. Galanti, mas também de outros religiosos da Ordem Inaciana que colaboravam com a revista relatando suas opções pela vida religiosa, as missões das quais participaram, os conflitos entre a Igreja Católica e o Estado, a fundação de escolas, a publicação de livros, a evangelização e a educação, por exemplo.

Mas, o que havia sido estudado sobre o Pe. Galanti, a revista *Woodstock Letters* e as missões jesuíticas no Brasil no final do Império, início da República? O que se publicou na historiografia e, mais especificamente, na historiografia da educação?

Busquei entre autores brasileiros e localizei o resumo de *Raphael Galanti e o ensino de história na Primeira República*<sup>10</sup>, de Magno Francisco de Jesus Santos, que não estava acessível na íntegra, onde o autor examina a entrada e a posse de Pe. Galanti no IHGB. O artigo *Um operoso e erudito estudioso da história de nossa pátria: Raphael Galanti e o ensino de História do Brasil (1896-1917)*<sup>11</sup>, desse mesmo autor - único localizado, até o momento, que se dedica

<sup>10</sup> O resumo está disponível no Caderno de Resumo do VII Encontro Estadual de História da ANPUH-RN, no entanto, todo o Simpósio temático X: Ensino de História: pesquisas e práticas, do qual faz parte o trabalho, não está disponível nos anais do congresso.

<sup>11</sup> No artigo, Santos (2020) faz referência a Alva Curtis Wilgus (1897-1981), autor americano que escreveu, em 1965, o livro *Histories and historians of Hispanic America*, no qual analisou historiadores de vários países,

inteiramente ao Pe. Galanti - analisa o ensino e a escrita da história escolar na concepção do jesuíta italiano, considerando que o ensino de história proposto pelo padre manifestava preocupação em relação à historiografia escolar da época, no processo da construção da memória republicana apoiada na mitificação de novos heróis.

Identifiquei pesquisas que mencionam o Pe. Galanti, apesar de não tratarem especificamente sobre o jesuíta, cotejando suas obras didáticas aos seus temas de pesquisa. A primeira referência ao jesuíta foi feita na tese de doutoramento de Circe Maria Fernandes Bittencourt, intitulada *Livro didático e conhecimento histórico: uma história do saber escolar* (1993), na qual a autora analisa a história do livro didático brasileiro como objeto cultural, no período da instalação do Estado Nacional e das escolas públicas elementares e secundárias, acompanhando o saber escolar, dividido entre o Estado Civil e a Igreja católica, por meio dos livros que, segundo a autora, desempenhavam papel fundamental na concretização dos projetos de ambas as tendências. Para tanto, examina as empresas editoriais, o saber escolar que compunha os livros das disciplinas de história geral e do Brasil, os autores e o lugar da sua escrita e os diversos autores que interferiam em sua composição, apontando para questões do processo de ensino-aprendizagem do período. Ao referir-se à grande atuação de professores na confecção de livros didáticos, destaca vários docentes, dentre eles o Pe. Galanti, professor no Colégio Anchieta, como o mais célebre escritor didático entre os jesuítas.

Em *A fabricação escolar das elites: o Ginásio Catarinense na Primeira República*, Norberto Dallabrida (2001) trata da fundação desse ginásio pela Companhia de Jesus, em 1905, como parte da estratégia de reinvenção da ação pastoral da Igreja Católica. Diante da perda da condição de religião oficial e da extinção do ensino religioso nas escolas públicas, a Igreja viu, no estabelecimento de institutos de ensino secundário nas capitais dos estados e grandes cidades, estratégias eclesiais para reconquistar e angariar mais almas ao catolicismo.

---

dentre eles o Brasil. Wilgus (1965) destacou que, após a Independência, entre o período do Império e o nascimento da República brasileira, o Brasil atraiu a atenção de escritores de vários países, como Andrew Grant, que publicou, em 1808, o *History of Brazil*, e Robert Soutey, que publicou, em 1810, livro de nome homônimo. Seguiu citando historiadores e suas obras sobre o Brasil em ordem cronológica. Entre os anos de 1894 e 1899, destacou Felisbelo Firmo de Oliveira Freire, com *História constitucional da República dos Estados Unidos do Brasil* (1894); Joaquim Francisco de Assis Brasil, autor *Do Governo Presidencial na República Brasileira* (1896); Raphael Maria Galanti, com dois volumes do *Compêndio de História do Brasil* (1896-1897), livro que foi analisado para sua entrada no IHGB; e Benjamin Franklin Ramiz Galvão, com *Galeria de história brasileira (1500-1900)* (1899). O autor americano considerou o Pe. Galanti como um dos principais autores de livros didáticos, ao lado de Rocha Pombo.

Ao olhar para as práticas escolares, no segundo capítulo o autor analisa o contraste entre o currículo oficial do Colégio Pedro II<sup>12</sup>, com determinações laicas e afrancesadas, e a ressignificação das disciplinas do currículo oficial em prol da orientação católica e germânica da Companhia de Jesus. Examinando as disciplinas, no que diz respeito aos saberes historiográficos, o currículo do ginásio era dividido em história universal, que utilizava os livros *Compêndio de História Universal*, do jesuíta Raphael M. Galanti e *Epítome da História Universal*, do Dr. Jonathas Serrano; e história do Brasil, principalmente com os livros *Lições de História do Brasil* e *Biografia de Brasileiros Ilustres*, de Pe. Galanti, e citou, ainda, onde lecionava e que era autor de livros didáticos, utilizando como referência Bittencourt (1993).

Na dissertação de Maria Ligia Conti (2011), cujo título é *O personagem negro em lições de história no Brasil: olhares oitocentistas*, há um esforço por parte da autora em pesquisar a presença do negro nos livros de lições de história dos idos de 1800<sup>13</sup>. É relevante, ainda, que sua motivação seja a Lei 10639/03, na qual se determinou o ensino da história e cultura africanas nas escolas brasileiras. A partir daí, buscou material informativo que trouxesse o conhecimento das relações sociais dos negros em tempos de tráfico negreiro e movimentos pró e contra a escravidão, estendendo-se aos momentos de tensão que levaram à assinatura da Lei Áurea, libertando do cativeiro todos os negros, que passaram então a ser considerados cidadãos brasileiros, segundo a Constituição de 1824. Ao longo do seu estudo apropria-se dos livros de Pe. Galanti, utilizando-os como fonte, destacando a “impressionante habilidade na escrita” de um padre-educador, europeu, idoso, que lecionava em escolas clássicas. Porém, em vários momentos do seu texto faz críticas ao jesuíta, apontando seu preconceito a respeito de Chica da Silva<sup>14</sup>. Chama atenção ainda o apêndice da pesquisa, no qual a autora se aprofundou nos autores e suas obras, enfatizando o *Compêndio de História do Brasil* e apontando a biografia escrita pelo Barão de Studart (1918), na Revista do Instituto Ceará, e os trabalhos de Bittencourt (2004) e Hruby (2009) sobre a trajetória do Pe. Galanti.

Hugo Hruby menciona o Pe. Galanti em dois estudos, o primeiro foi no artigo *O templo das sagradas escrituras: o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e a escrita da história*

---

<sup>12</sup> Fundado em 21 de outubro de 1838, no período Regencial, “como estabelecimento oficial do ensino secundário para atender às necessidades de formação de uma elite social, para qual o projeto civilizatório do Império era especialmente dirigido” (SANTOS, 2014, p.51).

<sup>13</sup> Conti (2011) destacou os seguintes autores: José Ignacio de Abreu e Lima, Raphael Maria Galanti, Joaquim Manuel de Macedo, Luis de Queirós Mattoso Maia, Américo Braziliense de Almeida e Melo, Alfredo Moreira Pinto, José Maria da Silva Paranhos Rio Branco Jr., Sylvio Romero, João Ribeiro, Robert Southey, Francisco Adolfo de Varnhagen, João Barros, Diogo de Couto, J. da Cunha Barboza e Antonio de Paiva Guedes de Andrade.

<sup>14</sup> Segundo Conti (2011), quando escreve sobre os diamantes de Minas Gerais, “Galanti mostra sua cara preconceituosa ao falar de Chica da Silva – não só seu preconceito é claro com relação à origem da mulher (ex-escrava), como evidentemente à própria questão do gênero” (p.92).

*do Brasil (1889-1912)* (2009), cujo objetivo é analisar a escrita da história do Brasil pelos sócios do IHGB, instituto que abrigou os embates entre a laicização e a catolização do Estado brasileiro, referindo-se à presença de fervorosos cristãos e de sacerdotes, como o jesuíta, que se tornou sócio em 1896, representando, assim, a Igreja Católica. Em tese defendida em 2012, intitulada *O século XIX e a escrita da história do Brasil: diálogos na obra de Tristão de Alencar Araripe (1867-1895)*, reflete sobre a produção da história nos oitocentos e o que tornava alguém historiador no século XIX, por meio da escrita de Tristão. Para a análise utilizou outros livros e autores, dentre os quais as obras didáticas de Pe. Galanti, cuja candidatura para entrada no IHGB foi proposta por Araripe, servindo o *Compêndio de História do Brasil* como título de admissão.

O autor da tese dedica-se à análise dos volumes de História do Brasil, que apesar do título reduzido pretende ser uma continuação do Compêndio, com um sexto volume sob o título *Biografias de brasileiros ilustres* (1911). Para Hruby (2012), a posição precavida de Pe. Galanti encobriria dificuldades, como o levantamento, a leitura, a acareação de ampla bibliografia e a falta de identificação das fontes. Segundo o autor, Pe. Galanti não utilizou as pesquisas recentes dos diversos institutos dos quais fazia parte, inclusive aquelas divulgadas pela Revista do Instituto Histórico e Geográfico.

Ivan Norberto dos Santos, em *A historiografia amadora de Rocha Pombo: embates e tensões na produção historiográfica brasileira da Primeira República*, discute os embates e tensões da produção historiográfica no Brasil da Primeira República, a partir da escrita de José Francisco da Rocha Pombo, intelectual paranaense. Destacando as obras e os autores utilizados por Rocha Pombo, Santos acentua o uso de longas citações retiradas do livro *História do Brasil* (Tomo 5), do Pe. Galanti, e as ironias com que Rocha Pombo se referia a elas, lançando farpas ao religioso, que dão ao leitor de Pombo a ideia de uma versão amenizada para tratar de momentos agitados da história brasileira.

No artigo *Laudo ou Sentença? A decisão de Pedro Lessa da data comemorativa da Confederação do Equador*<sup>15</sup>, Aline Micheline Menoncello (2013) analisa as discordâncias em torno da data comemorativa da Confederação do Equador. Para tal desvela um jogo de poderes ou da tentativa de estar no lugar de poder, por meio de alguns movimentos dos Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) e Arqueológico e Geográfico de Pernambuco (IAGP) e de seus membros, destacando, entre eles, Oliveira Lima, que utiliza o autor jesuíta como autoridade, para ratificar sua posição.

---

<sup>15</sup> Esse artigo foi apresentado no 7º. Seminário Brasileiro de História da Historiografia – Teoria da história e história da historiografia: diálogos Brasil-Alemanha. Ouro Preto: EdUFOP, 2013.

O artigo *A questão racial no ensino secundário baiano: problematizando o livro didático de história*<sup>16</sup>, escrito por Maria Cristina Dantas Pina (2006), destaca, entre outros temas, como o livro didático tratou a abolição. Nele faz uma única menção ao Pe. Raphael Galanti, referindo-se ao seu tom romântico, pois remeteu às flores que caíam, ao pranto de alegria e às aclamações pelo evento ocorrido em 1888. A autora critica o romantismo que cercou as análises historiográficas e que, de certa forma, se responsabilizou por reforçar o estabelecimento de mitos e heroísmos em personagens históricos como a Princesa Isabel, sem, no entanto, levar em conta a participação popular e dos próprios negros (escravos e libertos).

Calazans (2017) coteja diferentes materiais didáticos, de José Estácio Corrêa de Sá e Benevides, professor de História da Escola Normal de São Paulo, nos anos de 1880 e 1914. Analisa, principalmente, a estrutura do texto, alguns conteúdos e a concepção de história. Ao discutir a finalidade da obra de Benevides, que transformou sua experiência didática em manual didático, ressalta que ele não teria sido o único professor de história a organizar seu material para publicação, o que também ocorreu com Raphael Maria Galanti, Joaquim Manuel de Macedo, Luís de Queirós Mattoso Maia e Antônio Álvares Pereira Coruja. A autora aponta mudanças na obra de Benevides, *Lições de História da Civilização*, onde, nas 2ª e 3ª edições, foram suprimidos os “julgamentos sobre os povos antigos, as indicações de fontes documentais e os nomes de autores, na terceira edição, foi moldado um manual com um estilo mais imparcial e mais centrado nos acontecimentos” (CALAZANS, 2017, p. 16). Reduzindo a ênfase religiosa, com uma escrita concisa e mais científica e em comparação ao livro *Compêndio de História Universal*, a autora conseguiu identificar as mudanças na obra de Benevides.

Durante o doutoramento, publiquei alguns trabalhos em que mencionei a trajetória de Pe. Galanti e analisei seus livros: *Breve História do Brasil: um livro destinado às crianças* (2017), *Caminhos de um intelectual: (auto)biografia na escrita epistolar de padre Raphael Maria Galanti* (2018), *Padre Raphael Maria Galanti: um jesuíta intelectual de visão eurocêntrica no IHGB* (2019), por exemplo.

Apesar de termos muitos estudos sobre autores de livros didáticos de história do Brasil, tanto na historiografia como na historiografia da educação, não identifiquei dissertações, teses e artigos sobre o Pe. Galanti nem sobre os seus livros *Compêndio de Grammatica Ingleza* (1885), *Compêndio de História Universal* (1894), *Lições de História do Brasil*, *Compêndio de História do Brasil – Tomo I-V* (1896-1910), *Biographia de Brasileiros Illustres* (1911) e *Breve História do Brasil: destinada às creanças do curso preliminar* (1913). Outros autores

---

<sup>16</sup> Esse artigo encontra-se na íntegra nos ANAIS do III Encontro Estadual de História: Poder, Cultura e Diversidade – ST 04: História e Educação: sujeitos, saberes e práticas, Bahia, 2006.

contemporâneos a ele, no entanto, têm suas obras como objetos e fontes de estudo<sup>17</sup>, como Silvio Romero, com *A história do Brasil ensinada pela biografia dos seus heróis* (1890); Olavo Bilac, com *Poesias infantis* (1904); *América* (1897) e *Breviário cívico* (1921) de Coelho Netto; *História da nossa terra* (1907), de Julia de Almeida Lopes; Rocha Pombo com *Nossa Pátria* (1917); e *Porque me ufano do meu país* (1901) de Afonso Celso, entre outras.

E nos estudos sobre os jesuítas que se voltam para esse período, qual o lugar de Pe. Galanti? Antes de responder a essa pergunta julgo importante fazer uma digressão para chamar atenção sobre a vasta produção historiográfica a respeito dos jesuítas no período colonial. Destaco, em especial, os livros de Fernando Azevedo (1894-1974), educador, ensaísta, sociólogo, reformador da Instrução Pública Federal (1927-1930) e de São Paulo (1933) e redator do Manifesto dos Pioneiros (1932) (VIDAL e FARIA FILHO, 2003, p. 52), em *A cultura Brasileira*, publicada em 1943, com o objetivo de analisar o sistema educacional brasileiro; e Serafim Leite (1890-1969), jesuíta e historiador português que, com sua *História da Companhia de Jesus no Brasil* em 10 volumes (1938-1950), buscou compreender as realizações da Companhia de Jesus na América Portuguesa<sup>18</sup>.

<sup>17</sup> Pesquisas como BITTENCOURT, C. M. F. Livro didático e conhecimento histórico: uma história do saber escolar. Tese (Doutorado em História Social) São Paulo, 1993. GASPARELLO, A. Construtores de identidades: os compêndios de História do Brasil do Colégio Pedro II (1838-1920). São Paulo, 2002. Tese (Doutorado em Educação). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2002. HANSEN, Patrícia S. Brasil, um país novo: literatura cívico-pedagógica e a construção de um ideal de infância brasileira na Primeira República. Tese de doutorado em História Social. São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2007. MATTOS, S. R. de. O Brasil em lições. A história como disciplina escolar em Joaquim Manuel de Macedo. Rio de Janeiro: Access, 2000. MOREIRA, K. H. O ensino de História do Brasil no contexto republicano de 1889 a 1950 pelos livros didáticos: análise historiográfica e didático-pedagógica. 2011 236 f. Tese (Doutorado em Educação Escolar) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, Campus de Araraquara, São Paulo, 2011. SILVA, Alexandra Lima da. Ensino e mercado editorial de livros didáticos de História do Brasil -. Rio de Janeiro (1870-1924). (Dissertação de mestrado), Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2008 e Escritas de viagem, escritas da história: estratégias de legitimação de Rocha Pombo no campo intelectual. (Tese de doutoramento). Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2012.

<sup>18</sup> Sem pretender esgotar o tema, destaco algumas obras voltadas para a história da educação no período Colonial: MATTOS, L. de. Primórdios da educação no Brasil: esboço de estudo histórico. Recife: Imprensa Universitária, 1958; SANTOS, Ailene Contreiras dos. Estudo documental da atuação jesuítica e franciscana na educação do Brasil-Colônia (1500-1808). Tese de Livre Docência. Faculdade de Educação, UFRJ, Rio de Janeiro, 1974; LUZURIAGA, Lorenzo. História da educação e da pedagogia. 7. ed. São Paulo: Editora Nacional, 1975; PAIVA, José Maria de. Colonização e catequese. São Paulo: Cortez, 1982. NISKIER, Arnaldo. Educação brasileira: 500 anos de história (1500-2000). São Paulo: Melhoramentos, 1987 XAVIER, M. E. S. P. A sociedade agroexportadora e a constituição do ensino de elite (1549-1920). In: XAVIER, M. E. S. P.; RIBEIRO, M. L. S.; NORONHA, O. M. História da educação: a escola no Brasil. São Paulo: FTD, 1994; LOPES, Eliana Marta Teixeira, FARIA FILHO, Luciano Mendes VEIGA, Cynthia Greive. (orgs.). 500 anos de educação no Brasil. 2a ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000; SAVIANI, Dermeval, LOMBARDI, José Claudinei, SANFELICE, José Luís (orgs.). História e história da educação: o debate teórico-metodológico atual. Campinas: Autores Associados: HISTEDBR, 1998; RIBEIRO, Maria Luisa Santos. História da educação brasileira: a organização escolar. 15. ed. Campinas: Autores Associados, 1998; PAIVA, José Maria de; BITTAR, Marisa; ASSUNÇÃO, Paulo de. Educação, história e cultura no Brasil Colônia. São Paulo: Arké, 2007. SHIGUNOV NETO, A. História da educação brasileira: do período colonial ao predomínio das políticas educacionais neoliberais. São Paulo, Salta, 2015.

Alguns estudos sobre o período colonial fazem referência à obra de Fernando de Azevedo para criticar ou apontar a ambiguidade de sua visão a respeito da educação jesuítica. Tais estudos ressaltam a experiência do autor de *A cultura brasileira*, que estudou no Colégio Anchieta, em Nova Friburgo, no Rio de Janeiro, entre 1903 até 1908, e no ano seguinte iniciou uma experiência vocacional sob a orientação de Pe. Leonel Franca, que se prolongou até 1914, quando renunciou à vida religiosa. Durante esse período teve sua primeira experiência no magistério, no Colégio São Luís, em Itu (PENNA, 2010).

Libânia N. Xavier (1998) aponta a valorização da função cultural unificadora exercida pelos jesuítas durante o período colonial, destacada por Azevedo, para quem os padres teriam desempenhado papel importante na conservação da cultura brasileira na acepção europeia e de unidade nacional. Xavier (1998) salienta que ao “mesmo tempo em que Azevedo recompõe a formação da cultura brasileira, inserindo-a na tradição da civilização ocidental, ele dá mostras de que esta cultura, apesar de já possuir uma tradição, encontra-se ainda em formação” (s/p). No dizer de Azevedo, essa fase persiste pelos períodos colonial e imperial, evidenciada por “um tipo de mentalidade marcada pelo espírito literário e livresco, pela falta de audácia construtiva e pela preocupação excessiva com as fórmulas jurídicas [...]” (AZEVEDO, 1942, p. 534 apud XAVIER, 1998, s/p).

Favoreto e Galter (2006) acentuam a ambiguidade e a contradição na escrita de Azevedo, pois, em referência à educação no período colonial, o autor destacou a educação jesuítica como integradora e formadora de uma unidade nacional, e, em contraponto, alertou que essa mesma educação, baseada numa cultura livresca, literária e religiosa, causou prejuízos à cultura brasileira.

Voltemos à pergunta sobre o período final do Império e início da República. Poucos são os estudos que se referem ao Padre Galanti, às missões e à educação jesuítica. Neles se sobressaem a tese *Escola da Elite dirigente Ituana: Hegemonia da Educação Católica (1851-1889) O Colégio do Patrocínio (Feminino) e o Colégio São Luiz de Gonzaga (Masculino)* – amplamente utilizada como referência pela maioria dos trabalhos que se seguem -, na qual Cavalheiro (2001) investiga a escolha educacional da elite dirigente ituana na segunda metade do século XIX. Para o autor, um olhar ancorado apenas no senso comum parecia uma opção contraditória, sobretudo em se tratando de educação masculina, explícita ao citar a economia da cidade de Itu, alavancada pela agricultura na metade do século XIX. O autor destaca ainda o grande número de ordens religiosas na cidade, que ultrapassava a capital, São Paulo. O bispo, natural de Itu, “trouxo as Irmãs de São José de Chambéry (França) para Itu em 1858, fundando o Colégio N. S. do Patrocínio para educar as filhas da oligarquia e através destas reeducar e

recristianizar as famílias ituanas” (CAVALHEIRO, 2001). Reforçando a Ordem inaciana com jesuítas trazidos da França e da Itália, fundou em 1867 o Colégio São Luís de Gonzaga, “entidade de ensino formadora dos filhos da oligarquia que extrapolou as expectativas da Igreja Romana, recebendo alunos de quase todas as províncias brasileiras” (Idem).

Na tese *Organização hierárquica e linguística: modelo jesuítico após a restauração*, Cosalto (2017) analisa que, após a restauração da Companhia de Jesus, quando a Igreja Católica começou a produzir um discurso apologético da ação da Ordem, os inacianos retomaram seu projeto pedagógico, fundando colégios e seminários, dentre eles o Colégio São Luís, em Itu. A partir daí a tese busca o imaginário que os inacianos pretendiam fixar nos seus ouvintes, os bens culturais, sociais e simbólicos que os jesuítas procuravam transmitir e quais meios linguísticos foram utilizados, via educação, com a criação do Colégio São Luís, voltado para os filhos da elite ituense. Nesse sentido, explora tanto o papel dos colégios da Ordem Inaciana quanto o sentido do magistério para os missionários.

A tese *Política e religião: repercussões da polêmica sobre o retorno dos jesuítas ao Brasil durante o Segundo Reinado (1840-1870)* aborda a história dos inacianos durante o império. O objetivo de Domingos (2014) é evidenciar as experiências de fixação dos jesuítas durante aquele período, apontando as dificuldades por eles encontradas nesse percurso, os meios pelos quais se defenderam e, sobretudo, “a polêmica que se instaurou sobre o retorno da Ordem, particularmente nas províncias em que tiveram instituições de ensino – Santa Catarina, S. Paulo e Pernambuco” (DOMINGOS, 2014, p. vii).

Em *O retorno dos jesuítas ao Brasil: o caso ituano entre 1856-1918*, Lourenço (2017) analisa a trajetória dos jesuítas em Itu, tendo como contexto as reformas ultramontanas iniciadas em 1844, nas quais os jesuítas tiveram papel marcante. Através de estudo de caso sobre o Colégio São Luís, a tese busca compreender a atuação dos inacianos a partir de duas estratégias: da imprensa, por meio do jornal *O mensageiro coração de Jesus*; e da educação, com o retorno do projeto pedagógico.

Monteiro (2011), em sua tese *Religião, cultura e política: o apostolado laico dos jesuítas no RGS e os espaços sociais de atuação*, analisa as condições que possibilitaram o surgimento de um grupo que difundiu a doutrina e o pensamento da Igreja Católica durante o século XX no Rio Grande do Sul. A hipótese da autora é que os jesuítas promoveram um processo, entre os grupos que formaram, de uniformização escolar, via seus Ginásios Católicos, e sobretudo na formação religiosa e intelectual através das atividades nas suas Congregações Marianas, espaço que produziu um laicato católico profundamente ligado à doutrina intelectual e social do catolicismo (MONTEIRO, 2011, p. 6-21).

Muitos desses estudos mencionam o Colégio São Luís por ter sido uma experiência bem-sucedida frente aos ideais da Igreja Católica e da Companhia de Jesus, enquanto, por exemplo, o Colégio Anchieta, localizado em Nova Friburgo, no Rio de Janeiro, até o momento conta apenas com uma pesquisa acadêmica, que ainda não foi publicada ou digitalizada. Trata-se da dissertação de mestrado de Gustavo Pinto de Faria (2000), chamada *A influência do Colégio Anchieta na formação social de Nova Friburgo*<sup>19</sup>.

Nas cidades onde os jesuítas instalaram e fundaram colégios voltados para a educação masculina, estes, geralmente, não eram a única instituição de educação católica, na medida em que havia também colégios dedicados à educação feminina, congregações que muitas vezes foram convidadas pelos inacianos a fim de desempenharem a educação das filhas das elites locais. Em Nova Friburgo, por exemplo, a convite dos inacianos, as Irmãs de Santa Dorotéia<sup>20</sup> chegaram em 1893. Ainda que fosse uma congregação com autonomia administrativa, “estava também sob a direção espiritual dos Jesuítas, fazendo jus aos pensamentos de Inácio de Loyola na filosofia da instituição” (SILVA, 2016, p. 18). Assim, fundaram o Colégio Nossa Senhora das Dores, em 1893, para a educação de moças, que abriu em 10 de julho, numa casa alugada, com sete alunas. Em 1897, mudaram-se para um imóvel maior, tendo em vista o crescimento da demanda por parte das famílias que desejavam matricular suas filhas no Colégio.

Dessa forma, os colégios voltados para a educação das meninas, geridos pelas congregações femininas, nos permitem uma análise e contexto do período recortado. Em *Além dos espelhos: memórias, imagens e trabalhos de duas congregações católicas francesas em São Paulo*, tese defendida em 2008, Leonardi (2010) pesquisou duas ordens femininas - as Irmãs da Sagrada Família de Bordeaux e as Irmãs de Nossa Senhora do Calvário -, em três momentos distintos: sua fundação, sua vinda para o Brasil e a fundação de seus colégios, para compreender o funcionamento interno e a estrutura das Congregações que se instalaram no Brasil no século XIX. A partir dessa história, o autor questiona a imagem que as freiras construíram de si, “a margem de autonomia e mudanças possíveis para essas mulheres dentro dessas instituições, quais percursos traçados por elas em um novo país, os conflitos com a sede e a possibilidade de reconstrução ou reinvenção das congregações” (LEONARDI, 2010, p. 25).

---

<sup>19</sup> A dissertação em questão foi defendida em 2000, na Universidade Católica de Petrópolis, conforme Banco de teses e dissertações da Capes.

<sup>20</sup> A Ordem Irmãs de Santa Dorotéia foi fundada por Paula Ângela Maria Frassinetti, a Beata Paula Frassinetti, em 12 de agosto de 1834, em Gênova. Em 1864 foram convidadas pelos jesuítas para fundarem um colégio em Lisboa. No Brasil chegaram em 1866, na cidade de Recife, e fundaram o Colégio Santa Dorotéia (SILVA, 2016).

*Os colégios das Irmãs de São José de Chambéry (1859-1919)* é um livro escrito a partir da tese defendida por Manoel (1996) em 1988, que tomou como objeto de estudo os Colégios das Irmãs de São José de Chambéry, primeira rede escolar feminina católica no Brasil e em São Paulo, em especial o Colégio Nossa Senhora do Patrocínio, que se instalou e funcionou com apoio da oligarquia brasileira. A partir daí, investiga as contradições e ambiguidades dessa classe social, pois, segundo o autor “na esteira dessa simbiose Estado-oligarquia, a Igreja aproveitava para criar colégios masculinos e femininos como parte da estratégia ultramontana de re-cristianização da sociedade” (MANOEL, 1996, p. 7).

Voltando à minha busca pela web, os termos missão, Pe. Galanti e jesuíta, em inglês, me remeteram à coleção da revista *Woodstock Letters*, uma publicação iniciada em 1872, por iniciativa do Woodstock College, situado em Maryland, nos Estados Unidos, que tinha por objetivo divulgar a ação jesuítica em diferentes partes do mundo, servindo, assim, de elo entre os missionários da Companhia de Jesus.

Pe. Galanti aparece nas páginas dessa revista tanto em cartas, que dirigiu ao editor, como em notícias sobre a sua missão no Brasil, onde constrói sua particular visão sobre o povo, a elite, a transição Império/República, as práticas políticas, as ameaças sofridas pela Igreja Católica advindas da Maçonaria e dos protestantes, a história, o território, a educação etc.

Vale a pena observar que a ausência de estudos e de fontes revelada até então foi superada com o encontro da revista *Woodstock Letters*, que, curiosamente, não foi estudada por historiadores brasileiros e estrangeiros, até onde pude pesquisar. Embora no Brasil não existam referências a *Woodstock Letters* como fonte e objeto de pesquisa, estudos realizados no exterior fazem referência à revista, na medida em que é tomada como fonte. As seguintes pesquisas exemplificam a afirmação.

DeStephano (2014), autor do livro *Jesuítas americanos e a Missão China: The Woodstock Letters, 1900–1969*<sup>21</sup>, analisa o retorno dos jesuítas à China, em 1841, com a reentrada dos padres franceses seguidos pelos irlandeses em 1926 e, dois anos mais tarde e pela primeira vez, pelos americanos da província da Califórnia. O autor discorre também sobre a colaboração extensa e produtiva entre os jesuítas e o povo chinês desde o início da missão até 1950, quando inicianos tiveram que se mudar para Hong Kong e Filipinas. E afirma sobre a revista que:

---

<sup>21</sup> Mark DeStephano é professor e atual presidente do Departamento de Línguas e Literaturas Modernas e Clássicas; e diretor e professor do Programa de Estudos Asiáticos da Saint Peter’s University, universidade jesuíta, em New Jersey.

Jesuítas de todo o mundo sempre se interessaram pelos trabalhos uns dos outros e mantiveram-se informados sobre as atividades de seus colegas através de diversas publicações nacionais e internacionais. Por quase cem anos, relatos da preocupação e colaboração da Companhia [de Jesus] com o povo chinês teve lugar de destaque nas páginas da principal publicação dos jesuítas americanos, a *Woodstock Letters*. (DESTEPHANO, 2014, p.27).

A missão dos jesuítas na China, segundo DeStephano (2014), era educar os chineses de todas as classes sociais, católicos ou não. Nesse sentido, a revista trazia ajuda espiritual e material aos inacianos e ainda fornecia uma visão abrangente do projeto jesuíta no mundo, especialmente na China, entre 1872-1969, período de publicação do periódico.

O artigo *Um jesuíta pioneiro polonês na América* narra a vida do jesuíta Francis Dzierozynski. Nascido em 3 de janeiro de 1779, em Orsza, na Polônia, ingressou na Sociedade em 13 de agosto de 1794, aos quinze anos, tendo sido ordenado em 1806 e, logo depois, enviado aos Estados Unidos, onde se destacou como missionário e foi nomeado Superior na Missão de Maryland em 1823. Rutkowska (1946) afirmou que “o padre católico polonês na América sempre teve um papel único a desempenhar [...] trazendo consigo um intelecto de ordem rara” (p.98). Para esse estudo, o autor utilizou como uma de suas fontes as correspondências da revista *Woodstock Letters*, conforme indicou em nota, por exemplo, o uso do periódico de 1876.

Até o momento, o único estudo brasileiro que utilizou como fonte as cartas publicadas na revista estadunidense foi a tese *Os Jesuítas no Espírito Santo 1549-1759: contactos confrontos e encontros*, defendida por Cunha em 2015, na Universidade de Évora. Analisando a ação missionária jesuíta no Espírito Santo entre os anos de 1549 e 1759, seu objetivo é o levantamento de dados sobre a sua atuação no processo geopolítico religioso na capitania onde se cruzavam colonizadores, indígenas de diferentes etnias, estrangeiros e religiosos. A autora menciona uma vez a *Woodstock Letters*, quando trata da carta do padre Edward C. Phillips publicada na revista de 1942, para explicar o lema da futura bandeira do estado do Espírito Santo *Trabalha e Confia*, inspirado nos primeiros jesuítas.

Todas as menções ao uso da revista como fonte foram localizadas na web. Da mesma forma, o periódico está digitalizado e disponível no site dos arquivos jesuítas e do centro de pesquisa, em Saint Louis, Missouri, o que facilitou a busca por palavras-chave nesses documentos.

As autoras Ossenbach e Badanelli (2009) apontam para a vantagem da universalização do acesso às fontes, tornando possível a análise de documentos e imagens digitalizadas. No entanto, alertam para algumas precauções, como a organização a que estão inseridos, a utilização dentro de um contexto correto e também sobre uma desvantagem do documento

digitalizado, pois “ao não ter contato direto com a fonte, pode perder-se o acesso a distintos tipos de informações sobre a mesma [sic]” (p. 667).

Nesse sentido, faz-se necessário chamar a atenção para estudos que se debruçam sobre a utilização dessas tecnologias:

As escritas do espaço da web estão à disposição dos navegadores, tripulantes de uma produção histórica do tempo presente, para serem decifradas, analisadas, problematizadas, do mesmo modo que outras fontes historiográficas (papéis, cadernos, diários, cartas etc.) apresentam vivas as vozes que clamam por visibilidade nos territórios virtuais (SIMÕES, 2017, p.12)

Para fins desta pesquisa o acesso às fontes por meio digital foi imprescindível, pois permitiu o levantamento de todos os números das revistas e pesquisas por meio de palavras-chaves. O acesso às fontes digitalizadas permitiu perscrutar documentos de diversos países, como a revista *Woodstock Letters*, nos Estados Unidos; diários, Catálogos da Missão e fotografia, na Bélgica; e biografias e livros didáticos, no Vaticano e na Espanha. Mesmo considerando os alertas feitos pelas autoras, aponto para a possibilidade de ter tido contato, ainda que virtualmente, às fontes que me permitiram esta escrita. Ainda sobre as fontes, chamo a atenção do leitor para a opção de ter mantido sua grafia original. Quando ela se encontrava em idioma diferente da língua portuguesa, preferi utilizá-la traduzida, com a intenção de colaborar com a fluidez da leitura.

Esta pesquisa procura se debruçar sobre as cartas publicadas na revista *Woodstock Letters*, elegendo-as como fontes privilegiadas para a historiografia da Educação. O caminho pensado é procurar como o seu remetente, Padre Raphael Maria Galanti, jesuíta italiano radicado no Brasil, concebeu suas impressões sobre o país. Nessa acepção, o debate procura problematizar esses documentos com as memórias de um eu passado, narrativas que também apresentam contradições, lacunas e ecos religiosos, ajudando a entender as dimensões e contradições no processo da reconstituição identitária (CANEM e XAVIER, 2000) do padre Galanti, o que permite ampliar a utilização da escrita epistolar na escrita da História da Educação Brasileira (MIGNOT, BASTOS e CUNHA, 2000).

Dialogando com a nova história cultural, utilizo as contribuições de Chartier (1990; 1991; 1994) acerca das noções de representação, apropriação e protocolos de leitura. Para o autor,

numa História Cultural redefinida como o lugar no qual se articulam práticas e representações, o gesto epistolar é um gesto privilegiado. Livre e codificada, íntima e pública, mantendo a tensão entre o segredo e a sociabilidade, a carta, melhor do que qualquer outra expressão associa o lugar social e a subjetividade (CHARTIER, 1991, P. 9).

Ginzburg (1987; 2002), ao encontrar, por acaso, um processo do século XVI, do moleiro Menocchio, percebeu que poderia analisar a vida desse camponês, pautado na leitura e na oralidade da cultura popular. Ainda a partir do seu paradigma indiciário, é possível interpretar as fontes por meio de pistas e indícios, pois

[...] consiste em realizar um trabalho de investigação minuciosa, buscando pistas, indícios, detalhes quase imperceptíveis, mas que podem contribuir de maneira fundamental para a compreensão de eventos e fenômenos investigativos. Assim como o caçador busca rastros, pegadas, pulsações, o historiador precisa estar atento aos detalhes, às lacunas, às minúcias das fontes históricas pesquisadas[...] (p. 47).

Também me inspiro em Michel de Certeau (2008), no que se refere à história como uma operação, no sentido de compreendê-la como um lugar social, uma prática e uma escrita (CERTEAU, 2008), operação que permite interpretar diversas fontes, como a escrita epistolar, os impressos, os anúncios em periódicos, os Catálogos da Missão Jesuítica no Brasil, os livros didáticos e outros documentos da Companhia de Jesus.

É notório o quão rarefeitos são os estudos sobre a Companhia de Jesus em finais do século XIX e início do XX no Brasil e no que concerne à revista *Woodstock Letters* como objeto e fonte de estudo. Assim, a relevância desta pesquisa está na ampliação do estudo sobre a educação jesuítica no Brasil no período estudado, a partir da história escrita pelos jesuítas, especialmente a de Pe. Galanti. Desconhecido no interior da Sociedade e pouco estudado pela historiografia da educação, seus livros publicados entre as décadas de 80 do século XIX e a de 30 do século XX<sup>22</sup> e as cartas publicadas na revista - através das quais narrou a história dos primeiros inicianos no país e o momento vivido por ele e seus companheiros -, permitiram contextualizar as ações nas missões jesuíticas. Da mesma forma, possibilitaram situar o papel da Ordem – responsável pela educação de parte dos filhos da elite brasileira, por meio da fundação dos colégios jesuíticos masculinos – dentro da Igreja Católica frente a um período de perda de espaço do catolicismo.

A tese está estruturada em quatro capítulos. No primeiro capítulo busquei acompanhar a trajetória do remetente das cartas, por meio das suas biografias e autobiografia profissional, além das missivas escritas a outros padres. Nessa operação historiográfica, tive o cuidado de cotejar com outros documentos para compreender sua formação na Companhia de Jesus e, posteriormente, seu ofício como professor nos colégios jesuíticos, além de sua experiência como autor de livros didáticos de história do Brasil e como intelectual e sócio de institutos

---

<sup>22</sup> Durante a pesquisa, localizei o livro *História Universal*, na sexta edição, do ano de 1932, de Pe. Galanti na Biblioteca Privada dos jesuítas, no Vaticano.

brasileiros, o que possivelmente o legitimou para narrar aos jesuítas do mundo a história dos inacianos no Brasil.

No segundo tratei da revista que mostrou como a escrita jesuítica se tornou um elo para manter unidos aqueles membros distantes entre si. Busquei por estudos sobre essa revista na internet, sem sucesso. Assim, estudei a fundação e a publicação dessa revista, remontando sua história por meio das próprias epístolas, quando foi possível identificar “o modo em diferentes lugares e momentos [de] uma determinada realidade social construída, pensada, dada a ler” (CHARTIER, 1990, p. 16).

Apesar de notar que a maioria dos textos foi escrita nos próprios estados e cidades estadunidenses, observei também que a América do Sul marcou presença ao longo da publicação da revista. Assim, para o terceiro capítulo tornou-se relevante confrontar tais escritas, a fim de identificar semelhanças e peculiaridades entre os diversos países desse continente. Investiguei, ainda, sobre os padres-remetentes, a partir de um levantamento minucioso sobre quem eram, em que países estiveram e quais cargos ocuparam, suas viagens, seus relatos e como viam a fundação e o funcionamento das Missões.

No último capítulo investiguei sobre os correspondentes brasileiros localizados na *Woodstock Letters*. Desses, Pe, Galanti foi o que teve o maior número de cartas publicadas, e a partir delas interpretei seus olhares e estranhamentos registrados sobre a sociedade brasileira, nos campos sociais e culturais, analisando-as tendo em vista os mais diversos contextos políticos do Brasil. Por meio da visita pastoral que fez ao lado de Dom Macedo Costa, o Bispo do Pará - um dos protagonistas da Questão Religiosa - e de outros padres jesuítas, que era uma estratégia baseada nos ideais ultramontanos, foi possível perceber a Missão brasileira jesuítica, a fundação e o funcionamento de colégios e ações dos jesuítas.

Convido, então, o leitor e a leitora para esta viagem na leitura da escrita jesuítica, em que, por entre cartas, revistas e livros produzidos por seus padres, é possível (re)conhecer suas missões e projetos, além da narrativa de histórias de sociedades que, com hábitos e costumes diferentes dos seus, lhes receberam ou repeliram.

## 1 ESCREVENDO CARTAS, NARRANDO HISTÓRIAS: A TRAJETÓRIA DE PADRE RAPHAEL MARIA GALANTI

Permita-me, então, começar *ab ovo*, para que os leitores possam entender melhor a matéria

*Galanti, 1880*

Pará, 06 de abril de 1880.

Reverendíssimo e querido padre P.C.

É minha intenção escrever uma série de cartas sobre o estado da religião no Império do Brasil [...] Permitam-me, em primeiro lugar, recordar brevemente o fato que é conhecido por todo o mundo, que os nossos Padres pela palavra e pelo trabalho ilustrado neste país; foi talvez aqui que seus trabalhos foram coroados com uma medida mais abundante de sucesso do que em qualquer outro lugar. O Venerável padre Anchieta, chamado "o Adão da América do Sul" em virtude do seu maravilhoso poder sobre a natureza, e especialmente sobre todo tipo de animal selvagem; Padre Vieira, o conhecido pregador, comumente chamado de Pai do Idioma português; Padres Nóbrega, Vasconcellos, Malagrida e muitos outros estiveram entre os primeiros da Religião no país. Eles converteram à fé muitas tribos indígenas, e em toda parte foram erguidas casas e faculdades. Mesmo hoje, após o lapso de mais de um século, encontramos as lembranças de nossos primeiros padres, não apenas em pontos isolados, mas em toda a terra de norte a sul. Aqui, foi uma aldeia cujos habitantes foram convertidos e civilizados pelos jesuítas; lá estão pessoas, que transmite a tradição sobre os Padres, ou alega mesmo ter conhecido na infância. Em muitos lugares, o nome de uma cidade, ou rio, ou montanha, lembra os nomes dos nossos Padres que foram uma vez lá; enquanto numerosos edifícios, faculdades, Igrejas, estátuas, etc., erigidas por eles, e ainda num bom estado de conservação, atestam ao mesmo tempo a extensão das suas obras, e sua durabilidade sólida; muitos dos edifícios construídos por eles ainda estão em boas condições, e melhor para serem adaptadas à sua finalidade do que as mais modernas estruturas. Por exemplo, nossos antigos colégios são usados como edifícios públicos em São Paulo, Rio de Janeiro, Bahia, Pernambuco, Espírito Santo, Maranhão, etc., etc. Aqui no Pará, nosso velho Colégio é o palácio do Bispo. Os monumentos que eles têm deixado, mesmo se estão faltando, testemunhariam o quanto a religião foi plantada aqui pelos primeiros missionários jesuítas (GALANTI, *Woodstock Letters*, Volume IX, Número 3, 1 de setembro de 1880, p. 187)<sup>23</sup>.

---

<sup>23</sup> Todas as cartas transcritas resultam de tradução livre realizada por mim.

Na segunda publicação de uma carta sua na revista *Woodstock Letters*, Pe. Raphael Maria Galanti mencionou os primeiros jesuítas que chegaram ao Brasil, ainda à época da colonização, e aos usos dados aos seus prédios após a primeira supressão sofrida pela Companhia de Jesus, imposta por Sebastião José de Carvalho e Melo, o Marquês de Pombal. Utilizando-me da estratégia e das palavras do padre, *ab ovo*, expressão que significa “desde o princípio”<sup>24</sup>, trago ao leitor informações sobre a Ordem na qual estava inserido.

A Companhia de Jesus, fundada por Inácio de Loyola em 1534, em Paris, no Colégio Santa Bárbara<sup>25</sup>, constituiu-se numa ordem religiosa, com características militares, por conta da formação e experiência militar do seu principal fundador, que frequentou a Sorbonne e lá arregimentou seus primeiros companheiros: Francisco Xavier, Pedro Favre, Diego Laynez, Alonso Salmeron, Simão Rodrigues, Nicolas Bobadella. De Inácio de Loyola sabe-se que leu a “Imitação de Cristo”<sup>26</sup> durante o período de convalescência de ferimento em batalhas, proferiu em 15 de agosto de 1534 o primeiro voto religioso da Ordem, tendo feito antes uma viagem, em 1523, à Terra Santa, como peregrino.

A Ordem enfrentou oposição dentro da própria Igreja Católica quando, com a Resolução Tridentina, ganharam força teólogos, caso de Melchior Cano, que citavam a quantidade excessiva de ordens religiosas. Apontavam ainda para o excesso de inovações apresentadas por Inácio de Loyola, em 1539, ao tornar-lhes conhecida a Fórmula Instituto que, composta de cinco capítulos<sup>27</sup>, trazia a legislação substancial da Ordem Religiosa. O Papa Paulo III aprovou a Companhia por meio da Bula *Regimini militantis Ecclesiae*, em 27 de setembro de 1540. A Ordem surge desligada da hierarquia comum da Igreja, vinculada diretamente ao poder papal e com caráter secular, representando sua relação com o mundo a síntese entre o sagrado e o profano.

---

<sup>24</sup> “Desde o princípio” (Dicionário Aulete – Disponível em <http://www.aulete.com.br/ab%20ovo> Acesso 04/02/2020). Ainda segundo Neves (2003), a expressão tem origem no latim e faz “alusão a Horácio (Arte poética, 147) ao ovo de Leda (do qual nasceram Clitemnestra e Helena de Tróia); Horácio louva Homero por não haver começado a narração da guerra ab ovo, isto é, desde o nascimento de Helena” (p.31). Também Machado de Assis, em algumas obras, referiu-se à expressão em questão, a exemplo da “Advertência” do seu livro “tal foi a razão de se publicar somente a narrativa. Quanto ao título, foram lembrados vários, em que o assunto se pudesse resumir. Ab ovo, por exemplo, apesar do latim; venceu, porém, a ideia de lhe dar estes dois nomes que o próprio Aires citou uma vez: Esaú e Jacó” (1904), livro que se refere à história bíblica de Gênesis, em que a mãe privilegia um dos filhos e causa um conflito entre os irmãos, mas, os gêmeos não tinham nenhum motivo para divergências, daí as expressão “desde o ovo”.

<sup>25</sup> Colégio particular fundado em 1460, na capital da França.

<sup>26</sup> Livro de Tomás Kempis, publicado no século XVI.

<sup>27</sup> Os cinco capítulos são: 1ª - A Finalidade da ‘Companhia’ e seu Regime Fundamental, 2º - Quarto Voto ad extra – Modalidade Missionária Especial de Obediência ao Papa, 3º - O Voto Comum de Obediência *ad intra* – ao Superior Religioso [Obediência Corporativa], 4º - [...] Praedicare in Paupertate [...], 5º - Diversos: o Coro Monástico, Hábito Religioso & Vida em Comum.

Para Flores (2003), a missão da Companhia de Jesus está no centro do movimento militante da Contrarreforma (p. 99-116) “tanto por combater a expansão protestante quanto por sua grande importância no campo educacional na Europa e nas áreas de expansão colonial” (MENDONÇA, 2019, p. 65). A maneira de a pedagogia da Ordem se organizar, “pedagogia que introduziu a escola, posteriormente chamada pela historiografia clássica de tradicional, serviu como agente formador do homem brasileiro” (Idem).

Inácio de Loyola foi o autor das Constituições da Companhia de Jesus, compostas por normas e regras capazes de reger a vida do jesuíta, o que, para Luiz Fernando M. Rodrigues (2010), significou que, por meio “dos seus decretos, Inácio de Loyola fez o máximo esforço para dar conselhos, úteis e necessários aos jesuítas. Mas também era seu desejo conhecer quanto estes faziam nas suas missões, cujas informações seriam úteis para o governo da Ordem” (p. 2). E, para tal, uma das estratégias usadas para atendimento às regras das Constituições da Companhia de Jesus, por ele escritas, para se prestar à união do corpo místico, dos seus membros com a cabeça representada por seu Superior, fazia alusão ao texto bíblico: “[...] assim como Cristo é o cabeça da Igreja, que é seu Corpo, do qual Ele é Salvador” (EFÉSIOS 5:23,30), ele estabelecia o “amor de Deus” como principal vínculo, como “correspondência epistolar entre súditos e Superiores, com intercâmbio frequente de informações entre uns e outros e o conhecimento das notícias e comunicações vindas das diversas partes”<sup>28</sup>. Como apontou Adriana Gabriel Cerello (2007), “as cartas pretendiam o fortalecimento dos ânimos, a consolidação e a edificação” (p. 38). Na verdade, mesmo tendo por função original a uniformização da ação dos jesuítas pelo mundo, tais epístolas foram além e são estudadas e utilizadas como objeto de estudo e fonte para as diversas áreas do conhecimento<sup>29</sup>.

Padre Raphael Maria Galanti, remetente dessa missiva, cujos destinatários eram seus companheiros jesuítas do Woodstock College<sup>30</sup>, nos Estados Unidos, escreveu homenageando aqueles jesuítas que no passado, durante o período Colonial, estiveram no Brasil em atividades

<sup>28</sup> Constituições da Companhia de Jesus, Regra 673, p. 191 (Grifo do autor).

<sup>29</sup> As cartas jesuíticas são exploradas em diferentes áreas do conhecimento e sem a pretensão de esgotar a pesquisa, exemplifico: na Literatura, o livro *Máquina de gêneros: novamente descoberta e aplicada a Castiglione, Della Casa, Nóbrega, Camões, Vieira, La Rochefoucauld, Gonzaga, Silva Alvarenga e Bocage*, de Alcir Pécora; História, Mário Fernandes Correia Branco, na tese *Para a maior glória de Deus e serviço do reino: as cartas jesuíticas no contexto da resistência ao domínio holandês no Brasil do século XVII*; na Linguística, estudos como os de João Adolfo Hansen, em *O nu e a luz: cartas jesuíticas do Brasil: Nóbrega (1549-1558)*.

<sup>30</sup> O seminário jesuíta funcionou entre 1869 e 1974, em Maryland. Em 1969 foi transferido para Nova York, onde operou como Union Theological Seminary até ser fechado. Segundo o Reverendo Christopher F. Mooney, por motivos como não terem residência própria e permanecerem num espaço alugado, no prédio Interchuch Center e pela variação das escolhas profissionais dos alunos, permaneceu um centro de pesquisa, Woodstock Theologic Center, como noticiou, em 1973, o jornal The New York Times.

missionárias, evangelizando e ensinando ao povo da Terra de Santa Cruz. As correspondências remetidas por padre Galanti e por padres espriados por toda a América compuseram uma publicação, em formato de revista, chamada *Woodstock Letters*, cuja circulação era interna à Companhia de Jesus, como é reiterado nas capas da revista por meio da nota “Impresso apenas para circulação privada”<sup>31</sup> (Capa, 1872).

Padre Galanti procurou escrever uma série de cartas sobre o estado da religião (católica) no império brasileiro, utilizando o termo *ab ovo* que, como já vimos anteriormente, é expressão latina usada para “referir-se a um processo ou a uma análise que recua às mais remotas origens” (NEVES, 2003, p.31). Assim é que iniciou sua empreitada referindo-se aos primeiros e mais conhecidos loyolistas que estiveram no Brasil, expondo uma visão heroica a respeito dos padres missionários, que desbravaram e se aventuraram no país a fim de evangelizar, sempre em tom elogioso, ao que parece, indicando que as homenagens a eles prestadas e seu o sucesso também tenham significado a vitória da Companhia de Jesus no país. Mas, talvez não fosse essa sua única intenção.

Padre Serafim Leite (1940), um jesuíta historiador, que reuniu, traduziu e publicou correspondências dos inicianos do período colonial, espalhadas nos arquivos de Portugal, Espanha, Itália e Brasil, utilizou tais cartas para escrever o livro “História da Companhia de Jesus”<sup>32</sup>. Já no seu outro livro “Novas cartas jesuíticas” (de Nóbrega a Vieira)<sup>33</sup>, além de chamar atenção para a importância das cartas, afirmou, referindo-se aos leitores do seu primeiro livro, que ao “compulsarem as cartas inéditas, referentes ao mesmo período, que publicamos hoje, encontrarão ainda novidades, porque o âmbito das cartas ultrapassa a história de uma instituição” (p.11). Nessa perspectiva, o aparecimento dos jesuítas no Brasil viria a coincidir com a formação da nacionalidade brasileira, assumindo tais documentos, “proporções de origem” (idem); e quando o jesuíta vem assumir lugar de destaque na História do Brasil, tal circunstância histórica é ratificada pelas cartas.

Dentre os loyolistas que Pe. Galanti pretendia homenagear, destaca-se o Padre José Anchieta<sup>34</sup> (1534-1597), português, que ingressou na Companhia de Jesus em 1551 e que veio para o Brasil em 1554, na comitiva da expedição de Duarte de Costa, acompanhando o Pe. Manuel da Nóbrega, como ele, também português. No ano de 1554, ambos fundaram o colégio

---

<sup>31</sup> Tradução livre

<sup>32</sup> LEITE, Serafim. História da Companhia de Jesus. São Paulo: Edições Loyola, 2004. 10v.

<sup>33</sup> Disponível em <http://www.brasiliana.com.br/obras/novas-cartas-jesuisticas-de-nobrega-a-vieira/pagina/15/texto>

<sup>34</sup>Para mais informações consultar [https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/cultura/bibliotecas/bibliotecas\\_bairro/bibliotecas\\_m\\_z/padrejosedanchieta/index.php?p=4942](https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/cultura/bibliotecas/bibliotecas_bairro/bibliotecas_m_z/padrejosedanchieta/index.php?p=4942)

da Ordem, em Piratininga, no qual Anchieta foi professor dos noviços que se juntavam à Companhia no Brasil. Aprendeu tupi-guarani e em 1595 escreveu *Arte da gramática da língua mais usada na costa do Brasil*”, a primeira gramática do Tupi–Guarani. O fato de ter sido chamado “Adão da América do Sul”, e assim exaltado por Pe. Galanti, justamente por nele perceber o poder que exercia sobre aqueles a quem chamou de “animais selvagens”, numa outra perspectiva foi visto como intolerância, pois aos índios talvez não restasse outra alternativa, já que, caso resistissem à catequese seriam “tachados de hereges, verdadeiras feras, antropófagos” (QUINTILLIANO, 2003, p. 74).

O Pe. Antônio Vieira (1608-1697), conhecido pelos seus sermões, fugiu de casa para juntar-se aos noviços da Ordem de Loyola e “destacou-se, em 1640, quando os holandeses cercaram a cidade de Salvador e ele exortou os portugueses à luta com o Sermão ‘Pelo Bom Sucesso das Armas de Portugal Contra as da Holanda’ [...]”<sup>35</sup>; foi missionário no Maranhão de 1653 a 1661 e “viveu intensa luta política, além de seu trabalho de catequese. Combateu a escravidão dos índios e criticou os colonos”<sup>36</sup>. Sem a proteção do rei, ao voltar para sua terra natal foi acusado de heresia. Logo após ser liberado da perseguição do Santo Ofício pelo Papa Clemente X, retornou a Salvador, onde veio a falecer em 1697.

O Pe. Gabriel Malagrida (1689-1761), italiano, conhecido como missionário e taumaturgo, entrou para a Companhia de Jesus em 27 de setembro de 1711. Decidiu se dedicar às missões, foi designado para pregar e, em 1723, veio a ser nomeado como pregador no colégio do Pará, tendo ali sido encarregado dos alunos. Foi atribuído ao padre o fato de visualizar a necessidade de recolhimento das mulheres para formação religiosa: “Malagrida imaginou a fundação de um colégio, um recolhimento, para acolher as moças que eram rejeitadas pela família ou que tinham o sonho de tornarem-se freiras. Foi a primeira instituição nesses moldes na Bahia e está de pé ainda hoje! São as Ursulinas do Campo Grande” (FENZL e BARBIERI, 2001)<sup>37</sup>. Escrevia peças teatrais, que o tornaram conhecido como dramaturgo. Entre outros escritos, foi autor do livro sobre o cataclismo ocorrido em 1 de novembro de 1755, em Portugal. Inicialmente elogiado, o escrito dizia ter sido o fenômeno uma vingança de Deus, que contrariou o ministro Carvalho e Melo, futuro Marquês de Pombal, por haver mandado prendê-lo no ano de 1759. Após a expulsão dos jesuítas, foi supliciado, isso em 1761.

---

<sup>35</sup> Biografia de autores – Padre Antonio Vieira. Disponível em [http://www.cervantesvirtual.com/bib/portal/FBN/biografias/antonio\\_vieira/index.shtml](http://www.cervantesvirtual.com/bib/portal/FBN/biografias/antonio_vieira/index.shtml). Acesso em 12/12/2019.

<sup>36</sup> Idem

<sup>37</sup> Disponível em [www.jesuitasbrasil.org.br](http://www.jesuitasbrasil.org.br) Acesso em 13/06/2019.

O Pe. Simão de Vasconcelos (1597-1671), português, veio para o Brasil, em 1615, onde se tornou jesuíta, foi professor de Humanidades, de Teologia Escolástica e Moral e, ainda, reitor do colégio da Bahia e do Rio de Janeiro. Escreveu *Crônica da Companhia de Jesus do Estado do Brasil* (1663), e *Notícias curiosas e necessárias das coisas do Brasil* (1668), sendo considerado por Serafim Leite Simão de Vasconcelos um “historiador de renome” (MEIRA, 2013)<sup>38</sup>.

Por fim, trato de Pe. Manuel da Nóbrega (1517-1570), também português, chefe da primeira missão jesuítica à América. Com a fundação da cidade São Sebastião do Rio de Janeiro, Nóbrega participou da construção de um colégio de jesuítas. Foi ele quem escreveu, entre 1556 e 1557, o “Diálogo sobre a conversão do gentio” e as cartas ao Provincial em Portugal, Simão Rodrigues, e a outros padres, como Leonardo Nunes, descrevendo as paisagens brasileiras, os primórdios da catequização, vindo a constituírem-se os seus escritos como fontes históricas do período e suas cartas amplamente estudadas<sup>39</sup>. Importante registrar na correspondência específica ao Provincial, o seu entusiasmo, ao lhe afirmar que a terra era “nossa empresa” (Klein, 2016). Referia-se ao Brasil, onde chegou em 29 de março de 1549, na frota de Tomé de Sousa, onde teve início a sua missão, cujo fim era a evangelização e a educação.

Padre Nóbrega foi ordenado pela Companhia de Jesus em 1544, tendo trabalhado, na Bahia, na catequização e na conversão dos índios, o que desagradou os colonos. Em São Paulo, fundou o Colégio São Paulo, na aldeia de Piratininga. “Em abril de 1563, Nóbrega e Anchieta iniciaram o trabalho de pacificação dos tamoios, estes retiraram seu apoio aos invasores franceses, que foram finalmente derrotados<sup>40</sup>.”

As biografias não esgotam as experiências vividas pelos padres mencionados por Galanti, mas, a partir das mesmas, busquei compreender suas escolhas. Ao citar esses padres, todos estrangeiros, que vieram para o Brasil com a missão de evangelizar e ensinar, atuaram em colégios e escreveram livros e cartas. Padre Galanti pareceu sugerir uma relação, ainda que diacrônica, entre as trajetórias dos padres e a sua própria, traçando, sutilmente, paralelos que o destacavam, aproximando-o daqueles jesuítas. Pe. Galanti talvez tivesse noção do que as cartas escritas por ele poderiam significar para a historiografia brasileira. De fato, não estava

<sup>38</sup> Disponível em <http://acompanhiadejesuseosindios.files.wordpress.com/2013/05/padre-simc3a3o-de-vasconcelos.pdf>. Acesso em 29/03/2019.

<sup>39</sup> Para mais informações conferir o artigo João Adolpho Hansen O nu e a luz: cartas jesuíticas do Brasil: Nóbrega: 1549-1558, RIEB, 1995 e no livro de Alcir Pécora *Teatro do Sacramento*. São Paulo: EDUSP, 1994.

<sup>40</sup> Para mais informações <https://dialogos.files.wordpress.com/2008/09/biografia-padre-manuel-da-nobrega.pdf> Acesso em 29/03/2019.

enganado, pois foi a partir das cartas - suas e de outros padres –, que pude reconstituir a história da revista *Woodstock Letters*, sua intenção, sua circulação e sua materialidade. E como se verá, de que modo se instituiu a educação organizada pelos jesuítas na América do Sul e, particularmente, no Brasil.

Alguns estudos sobre as cartas jesuíticas, dos quais me aproximo neste momento inicial, evidenciaram e analisaram as práticas destas escritas, ao invés de se voltarem para os assuntos propriamente nelas abordados. Os dois primeiros tratam de autores que as estudaram pelo viés da literatura. Hansen (1995) pressupõe que a “observação do modo como a carta constitui e orienta a própria leitura e explicita a historicidade dos critérios de verossimilhança da sua escrita” (p. 88). Além de diferir quanto a seu gênero cartas e epístolas<sup>41</sup>, a partir das cartas de Pe. Nóbrega, o autor analisa suas partes – *salutio*, *exordium*, *narrativo* e *subscriptio* -, relacionando-as à hierarquia e ao seu conteúdo, por exemplo. Para esse autor a correspondência desempenha as suas duas funções iniciais: de um lado, informar sobre os negócios exteriores e interiores da Companhia de Jesus, de outro, reforçar o controle, a obediência e a piedade.

Pécora<sup>42</sup> (2001) destacou os procedimentos de produção destas cartas, suas estruturas, ou seja, a “arte de escrever cartas”. Para o autor, as epístolas foram “produzidas como um instrumento decisivo para êxito da ação missionária jesuítica” (p. 18). Ele enfatiza a “visão impressionante da importância” das epístolas nas Constituições da Companhia de Jesus, “na maneira que ela tem de conceber-se como corpo e de atuar em favor da fé católica” (p.26). Isso porque, desde o noviciado até as principais funções da Ordem, a escrita epistolar é considerada regra importante a ser cumprida. Para tanto, seria necessário, além de se contar com o registro escrito, que se providenciasse sua leitura, o que, segundo o documento regulador do funcionamento da Companhia, deveria ocorrer durante a o horário da alimentação. Sobre isso, o texto das Constituições da Companhia de Jesus e Normas Complementares é bastante claro “[...] e enquanto se dá a refeição ao corpo, dê-se também ao espírito a sua, com leitura de algum livro [...] Como seria, por exemplo, a leitura de cartas edificantes, ou algum exercício que uma vez ou outra parecesse oportuno<sup>43</sup>”.

---

<sup>41</sup> Segundo Hansen (1995) *salutio*, saudação breve, em que se cumprimentava hierarquicamente o destinatário; *exordium*, captação de benevolência; *narratio* (ou narração), as várias matérias apresentadas; e *subscriptio*, assinatura, depois da data.

<sup>42</sup> Pécora, Alcir. Máquinas de gêneros. São Paulo: Edusp, 2012, p.17. A respeito das cartas jesuíticas, o autor destaca conhecer apenas o já mencionado artigo de Hansen (1995), ao qual deu continuidade, aí já com um viés renascentista e jesuítico.

<sup>43</sup> Constituições da Companhia de Jesus e Normas Complementares. São Paulo: Loyola, 1997, p.103.

Ao analisar as estruturas e formas de escrita das epístolas jesuíticas denominadas *Formula Scribendi*<sup>44</sup>, “prescrições de Inácio [...]fixadas num pequeno manual prático [...] inserida, em 1580, nas *Regulae Societatis Iesu* e, posteriormente, retocadas nas edições seguintes” (RODRIGUES, 2010, p. 2), pode-se destacar a relevância deste tipo de escrita para a Ordem, uma vez que, espalhada pelo mundo, seu fundador a tomou como ferramenta estratégica contra a dispersão de seus membros. Contudo, pesquisas realizadas no campo da História mostram ser possível surgirem algumas outras percepções sobre tais missivas.

Rodrigues (2010) alerta: historiadores que trabalham “com documentos da Companhia não pode(m) desprezar o exame da *Formula Scribendi* desde o início da sua investigação, uma vez que esta é uma importante chave de hermenêutica” (idem). No tocante aos estudos que faço dos autores dos quais me aproximo, justamente pelo fato de dizerem respeito a cartas escritas por inicianos, cabe ressaltar que analiso as fórmulas por eles utilizadas na esteira de trabalhos atentos ao protocolo epistolar, tanto na obediência às normas como nas transgressões em relação às mesmas. E explico: o fato de “seguir o protocolo de escrita que ele[s] usa[m] se torna um indicador de primeira ordem para colocá-lo[s] em uma ou outra parte da rede social” (SIERRA BLAS, 2003, p. 28), à medida que a forma da escrita da carta desvela a competência gráfica e a formação de seu remetente. Assim, ao utilizar as cartas como instrumento de “identificação cultural e diferenciação social” (Idem), as tomo em uma representação da forma de pensar e de conceber o mundo de uma dada sociedade.

Ao examinar a produção e a troca de correspondências entre os missionários jesuítas e seus superiores no Brasil Colonial, Fernando T. Londoño (2002) traçou os primeiros estudos sobre a escrita epistolar jesuítica<sup>45</sup> no Brasil, cujo precursor seria Capistrano de Abreu<sup>46</sup>, que se empenhou em localizar e publicar as cartas dos padres Nóbrega e Anchieta, no Instituto Histórico Geográfico (IHGB). O Padre Serafim Leite (1940), já citado, ressaltou a importância da disponibilização das cartas para estudiosos e historiadores que investigam a Companhia de

---

<sup>44</sup> Pacheco (2004) afirmou que a primeira *Formula Scribendi* foi preparada por Everardo Mercuriano (1515 – 1580), jesuíta belga que foi um dos principais colaboradores de Inácio de Loyola.

<sup>45</sup> O autor não citou o livro *História Geral do Brasil*, de F. A. Varnhagen, redigido anteriormente ao de Capistrano de Abreu e de Serafim Leite. Varnhagen utilizou as cartas como fonte para remontar o período colonial brasileiro, mas, numa hostilidade inerente à Companhia de Jesus, dirigiu a leitura para uma minimização da importância dos padres para o benefício dos agentes da Coroa Portuguesa. Para mais acessar: <https://bndigital.bn.gov.br/dossies/dossie-antigo/logicas-coloniais/escritos-e-correspondencias/cartas-dos-missionarios/>. Acesso 13/04/2019.

<sup>46</sup> Abreu, João Capistrano de. *O Descobrimento do Brasil*, (1ª publicação 1883) Rio de Janeiro/Brasília, Instituto Nacional do Livro, 1976, e *Capítulos de História Colonial (1500-1800) & Caminhos antigos e povoamento do Brasil*, (1ª publicação 1907 e 1930) Brasília, Universidade de Brasília, 1982.

Jesus. Na década de 1990, o autor deu destaque a seu trabalho<sup>47</sup> no Congresso Americanista, no qual inseriu a questão das cartas jesuíticas e das crônicas jesuíticas na América, “dentro da referência básica do carisma inaciano e de sua gestação no século XVI” (LONDOÑO, 2002, p.12). Tal circunstância coincidiu com os estudos<sup>48</sup> de Leandro Karnal (1998), de Paulo Assunção (2000) e de Julio Quevedo (2000), os quais destacaram trechos das Constituições, discutindo a importância das correspondências no que diz respeito à sua maior função, qual seja a de “consolar e edificar, dando a conhecer as obras feitas em nome de Deus” (LONDOÑO, 2002, p. 15).

Por meio da sua escrita epistolar, Pe. Galanti mostrou-me conquistas e avanços da Companhia no Brasil, dando a perceber a função das cartas sugeridas por Inácio de Loyola, a função de edificar. Assim sendo, não continham cotidianidade, tampouco demonstração de sentimentos, pois escrevia para ser lido, interpretado e lembrado por muitos companheiros.

[...] é fundamental para o entendimento da escrita jesuítica a noção de que havia duas orientações distintas definidas nas *Constituições da Companhia de Jesus*: as *edificantes* — que ressaltariam o ângulo positivo de cada empresa — e as *notificantes* — que registravam os fatos. Os textos *edificantes* faziam parte da ética jesuítica que propugnava motivações afirmativas para a messe (MEIHY, 1999, s/p apud LONDOÑO, 2002, p. 18).

Seguindo as instruções escritas por Santo Inácio de Loyola, no século XVI, os padres na América se comunicavam por meio da escrita epistolar, enviada a Maryland, nos Estados Unidos. Padre Galanti, que foi correspondente durante 30 anos, buscou mostrar em suas cartas a sua relevância para a virtude dos jesuítas, pois, ainda que suas cartas se mostrassem *notificantes*, com informações sobre o estado da Igreja Católica, da política e da educação no Brasil, percebe-se nesta escritura o intuito de edificar. Registro aqui, por oportuno, que cartas para a edificação das congregações não foram utilizadas somente pela Ordem Inaciana. Leonardi (2010), ao estudar as congregações religiosas femininas, procurou “ver o mundo através da escrita, leituras e memórias das freiras” (p.58), compulsando as *Correspondences* e nelas percebendo o oferecimento de um “panorama da articulação do sistema entre a comunidade e sede” (p. 156). No seu entendimento “edificar, neste caso era construir a congregação” (167).

<sup>47</sup> 49º Congreso Internacional de Americanistas. La experiencia religiosa jesuitica y la cronica misionera de Pará y Maranhão en el siglo XVII, 1997.

<sup>48</sup> KARNAL, Leandro. Teatro da Fé. São Paulo: Hucitec, 1998, pp.48-61; ASSUNÇÃO, Paulo. *A terra dos brasis: a natureza da América portuguesa vista pelos primeiros jesuítas (1549-1596)*. São Paulo: Annablume, 2000; QUEVEDO, Julio. *Guerreiros e Jesuítas na Utopia do Prata*. Bauru: EDUSC, 2000, respectivamente.

Pe. Galanti dedicou-se, durante sua vida, à escrita, seguindo os passos e as regras impostas por Inácio de Loyola, dentre as quais a da escritura de cartas edificantes e informativas, enviadas para a revista *Woodstock Letters*, cuja circulação, inicialmente, permaneceu restrita aos inacianos. Mas, não só: correspondeu-se, também, com padres da Ordem e com homens ligados à intelectualidade brasileira. Tomadas como fontes, tais missivas fomentam o presente estudo, fornecendo indícios acerca do itinerário percorrido pelo jesuíta e da rede de sociabilidade que também o legitimaram, não só como autor de livros didáticos como também intelectual. Assim, as epístolas são esmiuçadas como prática cultural – examinando-se periodicidade, protocolos e rituais da escrita, recebimento e respostas, ou não, por seu destinatário – e, ainda, como “um conjunto de documentos históricos que elabora representações sobre um dado capital de vivências da época” (CUNHA, 2002, p. 184). Ao ler as cartas e os livros de Pe. Galanti, não pude perder de vista o lugar de onde ele escreve, sendo jesuíta, com uma formação e um olhar europeu sobre o país em que passou a maior parte da sua vida. Ante tal perspectiva, algumas indagações foram se constituindo ao longo da leitura das cartas: quem era seu remetente? Quais suas motivações para a escrita? Qual foi seu itinerário formativo e intelectual?

Na verdade, mergulhar na escrita autobiográfica do jesuíta Raphael Maria Galanti constituiu-se numa maneira de o conhecer e de lançar um olhar sobre sua trajetória em que são perscrutadas as suas experiências durante a sua formação acadêmico-religiosa e o seu desenvolvimento como intelectual em um processo que o elevou em sua posição dentro da Ordem como correspondente e historiador no Brasil.

### 1.1 Cartas pessoais: PS. Aguardo sua resposta

Estou muito saudoso de V.R, porque aqui estou sozinho; não tenho com quem falar e muito menos com quem dizer alguma...

*Galanti, 1913*

Padre Raphael Maria Galanti, desde 1868, já do último colégio da Companhia de Jesus em que atuou – o Anchieta, na Nova Friburgo (RJ) de baixas temperaturas e “clima delicioso”<sup>49</sup>,

---

<sup>49</sup> Assim se referiu Machado de Assis à cidade de Nova Friburgo, em carta enviada a José Veríssimo com data de 16 fevereiro de 1901, ocasião que se retirou com sua esposa, Carolina, do Rio de Janeiro para tratamento de saúde na cidade de Nova Friburgo. Disponível em <https://www.literaturabrasileira.ufsc.br/documentos/?action=download&id=8244>. Acesso em 10/03/2019.

no qual lecionou por mais de uma década, escrevia cartas, em tom nostálgico, ao Pe. José Giomini, também jesuíta, com quem convivera nos tempos de formação e no Colégio de São Luiz, em Itu (SP). Saudoso e sozinho, explicitava o fato de não ter com quem conversar, possivelmente por conta da doença que o acometera, em 1913, mesmo ano da missiva escrita ao amigo de longa data.

A escrita epistolar pode fazer das distâncias e ausências, presenças. Não só aproxima, mas informa sobre quem a escreve, bem como sobre quem a recebe, possibilitando ao estudioso avaliar o relacionamento entre os missivistas, por expor transparências e vulnerabilidades, como é perceptível na carta do padre jesuíta em que permite supor que, “como resultado, constrói-se a confiança, cresce a intimidade” (BASTOS; CUNHA; MIGNOT, 2002, p. 6).

Possuidoras de materialidade, as cartas podem se constituir a partir de vários suportes: papéis, tintas, envelopes, entre tantos outros. As que aqui analiso, foram escritas à caneta, com tinta preta, em folha de papel simples e pautada. Já amarelados, os papéis que guardam essa escritura trazem marcas da sua instituição de guarda: a numeração “83” à caneta, de cor azul, e as laterais perfuradas, pois que alocadas em um fichário. Esta e outras cartas, juntamente com poesias, votos, cartão de apresentação e escritos, compõem o arquivo pessoal do Pe Galanti, mantidos sob a guarda da Cúria Provincial do Rio de Janeiro. Debrucei-me sobre esse material, concordando com Mignot (2000) quando afirma que tais arquivos pessoais são a “extensão do próprio titular, indicando o caminho, o percurso e os desvios de uma trajetória. Sua produção envolve censura, supressão, interdição, triagem. Arquivar é guardar, e também esconder” (p.124). Assim sendo, permiti-me imaginar ter Pe. Galanti guardado seus documentos com provável intenção autobiográfica, “objetivando a posteridade, deixando registros que permitam a elaboração futura de uma biografia edificante” (MIGNOT, 2005, p. 56). Nessas epístolas, por certo escritas por amizade e saudosismo, ele se dá a conhecer, pelo menos, em uma face ofuscada pelas escrituras de seu ofício de professor, por meio de seus livros didáticos, principalmente, os de História do Brasil e pelas cartas de *Woodstock Letters*.

Pe. Galanti também escreveu cartas pessoais, íntimas, nas quais, a partir do confronto com códigos estabelecidos, constituiu, inventou mesmo, um lugar para si, por meio das palavras (CUNHA, 2002). Na análise deste autor, “trocar cartas, corresponder-se, são formas de se expor, compartilhar experiências cotidianas e/ou profissionais e, muito especialmente ‘pôr ordem em suas ideias, clarificar e recordar pensamentos, sensações e sentimentos’” (VIÑAO FRAGO, 1999, p. 127-128 apud CUNHA, 2002, p. 1). Essas escritas são pistas para apreender vestígios acerca do período abarcado, dos hábitos, do cotidiano e das redes de sociabilidade de então, conferindo-lhes status de fontes para a história da educação.

As cartas escritas por Pe. Galanti, analisadas nesta parte do estudo, foram destinadas ao também jesuíta José Giomini e ao Barão de Studart. Nelas, o jesuíta narrou o vivido, possibilitando reconstituir sua trajetória, suas ideias e contradições. A partir de sua escrita ordinária, revela-se a sua história de sujeito. As missivas preservadas atravessam o tempo, revelam intimidades e amizades, solidão e alegrias, compondo a escrita de si, o que veio a ser fundamental para percorrer o itinerário deste padre, cuja biografia ainda está por ser feita. Na Cúria Provincial<sup>50</sup>, no Rio de Janeiro, pude localizar quatro cartas encaminhadas pelo jesuíta ao Pe. Giomini. O destinatário também era italiano e havia ingressado na Companhia de Jesus em 20 de junho de 1856. Ordenou-se em janeiro de 1872, juntamente com padre Galanti, e finalizou sua formação em 29 de agosto de 1875. Conforme nos diz Lourenço (2017), inicialmente, Giomini foi destinado à Vila Nossa Senhora do Desterro (SC), posteriormente, por volta de 1865, foi enviado a Itu (SP), para que, juntamente com os padres Onorati e Taddei e o Irmão Coadjutor Afonso D'Amicis, aproveitasse a conjuntura favorável para a abertura de um colégio na cidade.

O Colégio São Luís (Itu, SP), somente foi autorizado a funcionar, em 1867 e nele o Pe. Giomini “foi prefeito de disciplinas e professor de Português e Latim” (LOCHER, 1914, p. 56-57 Apud LOURENÇO, 2017, p. 41). Segundo o jornal *A Federação*<sup>51</sup>, Pe. Giomini mudou-se para o Colégio Anchieta, em 1910, onde veio a assumir a cadeira de Lógica, tendo sido ainda, com 36 anos de magistério, responsável pelo catecismo e pela confissão dominical dos alunos internos. Pe. Galanti e Pe. Giomini lecionaram e estreitaram laços em duas oportunidades, a primeira delas no Colégio Nossa Senhora do Desterro, em Florianópolis, enquanto a segunda, conforme o *Catálogo da Missão*<sup>52</sup>, se deu quando de seu reencontro em Itu, em 1912.

Na carta aqui incluída para a abertura do presente capítulo, datada de 16 de abril de 1913, Padre Galanti se lastima, pesaroso, de suas condições de saúde:

Pode imaginar; não tenho nenhuma ocupação obrigatória; poderia passear muito, mas as pernas pouco permitem. Oh! Quanto me lembro o que fizemos nesta terra [...] <sup>53</sup>  
(GALANTI, carta de 16 de abril de 1913).

<sup>50</sup> A Companhia de Jesus no Brasil se dividia em: Província Brasil Meridional (BRM), que correspondia aos estados do Paraná, Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul; Província Centro-Leste (BRC) englobando os estados de Goiás, Tocantins, Minas Gerais, Distrito Federal e Rio de Janeiro; Província Brasil Nordeste, que engloba a região Nordeste (BNE); e, por fim, a Província Brasil Amazônia, incluindo a região Norte (BAM). Desde 2014, estas províncias foram unificadas tornando-se BRA.

<sup>51</sup> O jornal *A Federação*, um jornal católico da cidade de Itu, foi fundado em 1905 pelo padre Elisário de Camargo Barros.

<sup>52</sup> Os Catálogos trazem a relação das funções exercidas por cada membro da Companhia de Jesus, como se verá adiante, por meio do estudo de Arenz (2016).

<sup>53</sup> Obedecida a grafia original. Segui esta opção em todo o estudo.

Pe. Galanti dedicou toda a sua vida à Companhia de Jesus e, naquele momento, com estado de saúde precário, já não exercia uma função, provavelmente porque naquele mesmo ano sofreu uma congestão cerebral<sup>54</sup> que o afastou das salas de aulas, do confessionário e de tantos outros afazeres dedicados à Ordem. Na sua última correspondência, o jesuíta já “não avançava” e escrevia ao Pe. José Giomini pedindo-lhe, em nome da fé que o ligava ao destinatário de suas lamúrias: “queira rezar por mim, pois preciso muito sob todos os respeitos, estou meio doente, triste e contrariado e etc.” (GALANTI, carta de 28 de outubro de 1913).

O padre demonstrava em cada carta remetida uma expectativa por respostas dos destinatários, provavelmente por sentir-se só. Os protocolos da escrita epistolar, relacionados ao espaço/tempo, indicativos de que as cartas demoravam para chegar e regressar e, por vezes, até para serem respondidas (BASTOS; CUNHA; MIGNOT, 2002), ou ainda, por nunca chegarem, talvez possam explicar os “pedidos” de respostas, expressos pelo padre às suas missivas. A solidão imposta pela aflição trazida pela doença e o seu afastamento em relação aos outros membros da Ordem, talvez expliquem a nostalgia, a tristeza e a expectativa de Padre Galanti a respeito de respostas que lhe ajudassem a passar e relembrar o tempo vivido. A sua cobrança, no entanto, era amigável: ao término de suas cartas, ele lembrava aos amigos que queria saber deles, que as histórias que lhe contariam tornariam mais alegres ou reflexivos os seus dias. Suponho que muitas cartas não puderam ser respondidas a tempo e a expectativa que expressou no seu P.S, se respondidas, nem mesmo puderam ser lidas.

Sobre sua morte, alguns noticiosos de então deram conta de dela fazer saber a seus leitores. Em breve nota, no dia 6 de agosto de 1917, a seção Vida Social ‘Fallecimentos’, do jornal *A Razão*<sup>55</sup>, noticiou: “Falleceu em Friburgo, o padre Raphael Galanti, antigo professor do Collegio Anchieta” (p. 6). Apesar de pequena, possivelmente pelo viés característico do periódico – o *Racionalismo Cristão* –, é a notícia sobre sua morte encontrada em data mais próxima do fato, ocorrido no dia 2 de agosto de 1917. O jornal *A União*<sup>56</sup> traria a mesma notícia uma semana após o seu falecimento, lamentando e apresentando os pêsames à Companhia de Jesus pelo ocorrido:

<sup>54</sup> Qualquer acidente vascular cerebral. *Michaelis online*, Melhoramentos, 2018. Disponível em <https://michaelis.uol.com.br/> Acessado em 05/10/2018.

<sup>55</sup> Criado no Rio de Janeiro por Luiz José de Mattos e Luiz Alves Thomaz – considerado uns dos fundadores do *Racionalismo Cristão* –, cuja primeira fase estendeu-se de 19 de dezembro de 1916 a 30 de julho de 1921; a segunda, a partir 8 de dezembro de 1948 até os dias atuais. <https://bndigital.bn.gov.br/artigos/a-razao-rio-de-janeiro-1916/>

<sup>56</sup> Fundado no Rio de Janeiro, em 1909, com propriedade e direção da Boa Imprensa, surge no bojo da consolidação da imprensa católica no Brasil, iniciada com a *Revista Católica*, de 1836, e com *O Apóstolo*, de 1866, respectivamente (LUSTOSA, 1991).

Figura 1 - Notícia sobre o falecimento de Pe. Raphael M<sup>a</sup> Galanti

**Padre Raphael M. Galanti, S. J.**



Falleceu a 2 do corrente, no Collegio Anchieta, de Friburgo (E. do Rio), este notavel padre jesuita, que todo o Brasil conhecia como um dos nossos melhores historiadores. Nasceu, em 15 de novembro de 1840, em Ascoli (Italia). Completou em Avinhão (França) o seu noviciado. Mandaram-no depois os superiores para Santa Catharina, onde começou a sua vida de professor. Voltou a Roma em 1869. Em 20 de setembro de 1870, passou-se para a Inglaterra, onde foi ordenado sacerdote (1-1-1872). Até 1874 esteve no Paiz de Galles e na Belgica. Em fins desse anno, voltou ao Brasil, percorrendo os Estados de S. Paulo, Rio, Pará e Amazonas. Missionou e catechizou indios no Rio Madeira. Voltou a Itú (E. de S. Paulo), onde regeu a cadeira de Historia. Passou depois a Friburgo. Foi notavel theologo e philosopho. Escreveu: *Historia Universal, Historia do Brasil, Lições de Historia do Brasil, Historia da Republica, Biographias de Brasileiros illustres e Grammatica Inglesa*. Foi socio honorario do Instituto Historico e Geographico de S. Paulo, da Academia Pernambucana de Letras e do Centro de Campinas, correspondente do Instituto Historico e Geographico do Brasil, dos da Bahia, Ceará e Santa Catharina, e do Instituto Archeologico Pernambucano. A' illustre Companhia de Jesus apresentamos os nossos pêsames.

Fonte: Biblioteca Nacional. Jornal *A União* (1917)

Dentre as notícias sobre o falecimento do padre Galanti, esta foi a única que utilizou a sua imagem<sup>57</sup>, destacando a trajetória do “notável padre jesuíta”, desde o seu nascimento e tratando de sua formação, ambos em países europeus; intitulado-o como um dos “nossos historiadores”, talvez no intuito de reforçar a legitimidade de um religioso intelectual, que, inclusive, lecionou disciplinas de História do Brasil e Universal, nos colégios da Ordem; que circulou, como membro e sócio correspondente, em vários Institutos brasileiros; e, por fim, destacando-o como autor de livros utilizados nos colégios jesuítas. Trata-se, portanto, de um elogio fúnebre que torna padre Galanti conhecido e/ou legitimado entre seus pares.

No jornal *Correio Paulistano*<sup>58</sup> surgiram duas notícias sobre a morte do jesuíta: a primeira, do dia 9 de agosto de 1917, com um equívoco quanto ao seu primeiro nome, trocado

<sup>57</sup> Esta é a imagem mais utilizada do padre Galanti, seja na forma de pintura, como se pode encontrar no Centro de Memória do Colégio São Luís (SP), seja nos registros da Companhia de Jesus ou em outras notícias de jornais. No colégio paulista existe uma outra fotografia, do ano de 1889, em que Galanti aparece acompanhado de outros padres.

<sup>58</sup> Foi publicado pela primeira vez, no dia 26 de junho de 1854, em São Paulo (SP), inicialmente, sua propriedade era de Joaquim Roberto de Azevedo Marques. Ainda no Segundo Reinado chamava a atenção pelo caráter liberal e independente, mas logo as dificuldades financeiras o aproximariam do Partido Conservador, levando-o a incorporar o mesmo nas suas páginas. Em julho de 1874 foi comprado por Carlos Leôncio da Silva Carvalho – ministro dos Negócios do Império do Brasil. Com a criação do Partido Republicano Paulista (PRP), passou a ser órgão oficial, ganhando um tom conservador.

por “José”, ao invés de “Raphael”, o que não impediu, pelo restante da informação, estar tratando da mesma pessoa, ao dar conta do falecimento do historiador. A nota, sem autoria, prosseguiu elogiando o jesuíta, enfatizando sua formação, os colégios em que lecionou, os Institutos Históricos e as Academias do país dos quais participou como sócio e os livros didáticos de sua autoria.

No mesmo periódico, em 8 de outubro de 1917, foi publicada uma coluna intitulada “Padre Raphael Galanti”, escrita por Deodato Wertheimer, ex-aluno do jesuíta no Colégio Anchieta, no estado do Rio de Janeiro. Médico e dedicando-se à carreira política<sup>59</sup>, o discípulo de Galanti imprimiu à notícia maior afetividade ao passamento do padre, diferentemente das notas informativas e elogiosas aqui já apresentadas.

Wertheimer justificou-se, no mesmo espaço, pelo fato de só escrever a respeito, após dois meses da morte do seu mestre:

Si houve, porém, da minha parte alguma demora em recordar da figura benemerita do modesto jesuíta historiador que traçou, com imparcial critério, as páginas mais belas da história da pátria, tenho, para justificar-me desta negligencia contra o reconhecimento, motivos de imperiosa aceitação (p. 4).

Figura 2 - Nota de falecimento Pe. Raphael M<sup>a</sup> Galanti



Fonte: Biblioteca Nacional. *Jornal Correio Paulistano* (1917)

<sup>59</sup> Médico e político, Deodato Wertheimer (1889-1935) ingressou em 1901, no Colégio Anchieta, no estado do Rio de Janeiro, onde cursou o secundário e recebeu o título de Ciências e Letras, em 1906; no ano seguinte ingressou na faculdade de medicina no Rio de Janeiro, concluindo seu curso em 1912. Paulista, chegou a Mogi das Cruzes, onde se tornou conhecido pelos serviços prestados durante a epidemia de gripe espanhola, o que lhe impulsionou a vida política. Foi o primeiro presidente do Centro Político e Republicano de Mogi das Cruzes, que fundou, em 1915. Em seguida, veio a ser vereador (1919), prefeito e presidente da Câmara Municipal de Mogi das Cruzes (1920) e deputado (1922). Presidiu até a sua morte o Diretório do Partido Republicano Paulista de Mogi das Cruzes. Também escreveu colunas para o jornal *Correio Paulistano*.

Sua justificativa baseava-se no seu entendimento de que julgava existirem ex-discípulos mais aptos e mais bem colocados na sociedade, seja na magistratura, no comércio, na imprensa, nas letras e em tantas outras áreas do conhecimento, que poderiam ter prestado condolências pela perda do historiador ou escrito homenagem ao “extrangeiro que prestou à sua pátria um dos mais inestimáveis e generosos serviços” (Idem). Foi ele quem também questionou o fato de o Congresso Federal e o Estadual não terem expressado condolências pela morte do investigador, tendo ainda demonstrado espanto com uma observação feita à posição clerical de Galanti “de que num regimen onde predomina a separação da Igreja do Estado, o Congresso não se poderia manifestar em homenagem a um padre!!!” (p.4). Mesmo sem citar quem teria proferido o comentário, indigna-se pelo fato de o padre haver colaborado imensamente para a formação de várias gerações de grandes homens. Segundo o ex-aluno, o motivo para ter demorado tanto a se manifestar deveu-se à sua intenção de querer permitir que “vozes autorizadas”, vindas do Congresso, da imprensa ou dos institutos dos quais foi sócio, pudessem se manifestar. E continua: “(n)a sua roupeta humilde de jesuíta, que não admite honras nem glórias para seus filhos, nem mesmo dentro da própria religião, era o padre Galanti um grande, um herói, mas no terreno intelectual e científico bem pouco acessível a qualquer” (p. 4), pois, para ele, a indiferença alastrava-se pela República, que forçava os jovens a endeusarem nulidades, enquanto asfixiava o sentimento nobre que poderia ser nutrido por grandes personalidades, estas, sim, exemplos e guias para a juventude.

A notícia sobre falecimentos ou ainda os elogios fúnebres<sup>60</sup> impressos em jornais, os chamados necrológicos, são tidos como fonte documental, na esteira do que propõe a nova História Cultural. São eles (ANJOS, 2017) que oferecem informações sobre a vida dos falecidos, aproximando-se do gênero biográfico. Pierre Bourdieu (2005), a respeito dos limites de tal narrativa, atenta para a “ilusão biográfica”, pois, com o relato coerente e linear do nascimento ao fim da vida, destacam-se no obituário os momentos relevantes e se suprime o relato das contradições. Tais documentos, então, passam a não ser, de fato, o que ocorreu no passado, mas trazem as escolhas de quem faz o relato, coincidindo, desse modo, com a categoria documento-monumento, cunhada por Le Goff (1996), a qual considera um documento como “um produto da sociedade [ou do sujeito] que o fabricou segundo as relações de forças que aí detinham o poder” (p. 546). Nesse caso, para nós, historiadores, fazendo-se necessário o estudo de necrológicos, é indispensável notar as intencionalidades de quem os escreveu. Ainda sobre os necrológicos – compreendidos como documentos que, além de elogios, se fazem em torno de

---

<sup>60</sup> No Dicionário Aurélio Online: notícia ou elogio fúnebre. Acessado 31/01/2019.

valores vividos pelos mortos –, nos dizem, também, dos “valores caros aos vivos e que o são a tal ponto que acabam selecionados por estes para construir a imagem do pai, do esposo e do cidadão ideal, erigindo-os, dessa forma e somente por carregar tais aspectos, em documento-monumento” (ANJOS, 2017, p.85).

Cabe aqui indagar: qual seria a procedência das referências publicadas nos obituários? Seriam informações advindas de biografias? A busca de resposta para tais indagações contribuiu para a intenção deste capítulo, qual seja, a de percorrer as experiências do sujeito e o seu itinerário. Num maior nível de detalhe: permite saber a procedência do intelectual, a sua formação, o seu campo de ideias – de quais pensamentos se aproxima e se afasta frente às complexas interpretações e, levando em consideração o problema de reconstituição, conforme alertado por Sirinelli (2003), estabelece relações entre o que vai sendo levantado e a hipótese de que é por meio dela que padre Galanti constrói sua memória.

## 1.2 Escritas sobre a vida: biografias e autobiografia

Na religião do quinquagenário Pe Galanti

Jesus amável	Rejeita fabula
Jesus bondoso	Conta a verdade
Cede amoroso	Mostra a piedade
Com Rafael.	Desta nação
Annos cincoenta	E pois bem justo
Ele vivia	Que <b>ca</b> se cante
Na Companhia	A bom Galante
Com pio louvor	Um pio louvor
Já publicou	E vos agora
Exacta historia	Jesus amante
De grande gloria	Metteu Galante
Para o Brasil	No coração
---- é preciosa	Para que livre
D'estudo sério	Das amarguras
No magistério	Viva em doçuras
Historiador	De santo amor
	(GALANTI, s/d)

O poema encontrado na pasta com os documentos pessoais de Pe. Galanti não vinha com sua assinatura, mas a letra utilizada segue o mesmo padrão das que são usadas nas cartas por ele assinadas, possibilitando inferir ser o mesmo de sua autoria. Trata-se de um poema escrito por ocasião do seu jubileu de ouro, ocorrido por volta de 1910. Teria o jesuíta imaginado que receberia uma homenagem e a tivesse imaginado desta forma? Ou, quem sabe, por não tê-la recebido, rascunhou o que gostaria de ter lido ou ouvido? A escrita de si, por meio de um poema, consente a reflexão e a introspecção do sujeito que se produz por meio da escrita, sendo capaz de trazer à tona suas experiências e sentimentos.

Ao longo do estudo o leitor poderá observar, de um lado, as biografias escritas em torno da vida de padre Galanti, suas correspondências ativas, o que permite inserir esta pesquisa no campo historiográfico da educação brasileira, em sua dedicação às investigações de documentos privados. Por outro, as autobiografias, os diários, as cadernetas de viagens, as cartas, os poemas e as outras fontes buscam, nas narrativas neles contidas nestes como documentos históricos, o que há de íntimo e subjetivo na vida do sujeito que escreve. Quanto a esse aspecto, considero haverem sido as cartas escritas com certa espontaneidade, com liberdade e uma suposta sinceridade, sendo seu remetente um religioso intelectual. E prossigo, indagando-me, como o fez Philippe Lejeune (1991)<sup>61</sup>: alguém poderia dizer a verdade sobre si mesmo? Justa indagação, não?, se considerarmos a autobiografia como um “relato retrospectivo em prosa que uma pessoa real faz de sua própria existência, colocando ênfase em sua vida individual e, em particular, na história de sua personalidade” (LEJEUNE, 1991, p. 48).

As biografias, por outro lado, podem ser homenagens *post mortem* direcionadas ao biografado, pelo que “[tornam-se] discurso narrado pelo sujeito autor e protagonista, [instaurando] sempre um campo de renegociação e reinvenção identitária” (CARVALHO, 2003, p. 284)<sup>62</sup>, privilegiando o autor face ao biografado.

Com a expectativa de revelar o padre jesuíta ou fazer o mesmo revelar-se a si próprio, percorri o caminho apontado por Ângela de Castro Gomes (2009), quando considera que os historiadores voltaram-se para os arquivos privados de seus personagens e deixaram de procurar suas ações ou ideias, o que, por certo, exige a busca da “forma pela qual eles constituíram a si mesmos, à medida que selecionavam e guardavam seus documentos e, assim, propunham um sentido para suas vidas” (p.7).

No percurso de conhecer a vida de Galanti também cheguei às cartas por ele enviadas ao Barão de Studart, mantidas sob a guarda do Instituto Histórico, Geográfico e Antropológico do Ceará<sup>63</sup>. O destinatário das missivas – Guilherme Chambly Studart<sup>64</sup> (1856 – 1938) – foi um

---

<sup>61</sup> LEJEUNE, Philippe. *El pacto autobiográfico*. In: LOUREIRO, Ángel G. (Org.). *La autobiografía y sus problemas teóricos*. Barcelona: Antropos, 1991. pp. 47-61.

<sup>62</sup> CARVALHO, Isabel Cristina Moura. Biografia, identidade e narrativa: elementos para uma análise hermenêutica. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 9, n. 19, p. 283-302, julho de 2003

<sup>63</sup> O Instituto do Ceará foi fundado em 4 de março de 1887, sendo a mais antiga instituição cultural do estado e uma das mais antigas do Brasil. A instituição tem como finalidade o estudo e a difusão da História, da Geografia, da Antropologia e ciências afins, especialmente no tocante ao Ceará. Disponível em <https://www.institutodoceara.org.br/instituto.php>. Acesso em 03/03/2019.

<sup>64</sup> Nascido no Ceará, foi médico, herdou do seu pai o título de vice-cônsul do Reino Unido, recebeu o título de barão, em 1900, do Papa Leão XIII. Tornou-se conhecido historiador, principalmente, no que se refere à memória do Ceará. Para mais informações ver BATISTA, Paula Virgínia Pinheiro. Arquivo de si e do Ceará: a coleção e a escrita de Guilherme Studart (1892 -1938). (Tese doutorado) – Universidade Federal do Ceará, 2014.

dos principais fundadores do Instituto, presidindo-o entre 1901 e 1910, pessoa com quem o laço de amizade foi tecido e mantido por Pe. Galanti, por meio de escritas epistolares, tratando de livros, escrituras, política e amenidades. Em escritas sobre si, Galanti redigia em primeira pessoa, arriscando-se a fazer da sua vida uma história (BOURDIEU, 1996, p.183). Possivelmente não estaria se dando conta de que uma, dentre tantas cartas, com uma narrativa sobre estudos, sobre sua carreira no magistério e como autor viria a se cristalizar através do tempo, sobrepujando-se às suas futuras biografias. E eu me utilizo de Bourdieu para prosseguir:

Sem dúvida, cabe supor que o relato autobiográfico se baseia sempre, ou pelo menos em parte, na preocupação de dar sentido, de tornar razoável, de extrair uma lógica ao mesmo tempo retrospectiva e prospectiva, uma consciência e uma constância, estabelecendo relações inteligíveis, como a do efeito à causa eficiente ou final, entre os estados sucessivos, assim constituídos em etapas de um desenvolvimento necessário (BOURDIEU, 1996, p. 184).

Em carta ao Barão Studart, Galanti escreveu sua autobiografia. Nela não falava de sua infância ou de sua família na Itália, e tal ausência pode revelar um vestígio, pois permite relacionar esse silêncio à morte simbólica do religioso para a vida anterior ao sacerdócio, do que pode ser exemplo a sua batina significando a sua morte para o mundo<sup>65</sup>. Nessa sua escrita, ele versava apenas sobre seus estudos na província italiana e, a partir de sua entrada para Companhia de Jesus, sobre sua carreira de padre, professor e autor, a partir do que selecionou acontecimentos, cronologicamente, para dar sentido à sua vida intelectual. Nessa perspectiva,

(a) escrita de cartas apresenta um caráter dialógico virtual contemplando diversas formas de expressão entre os correspondentes. Ao escrever uma carta, o sujeito imprime suas emoções e ao socializar sua escrita torna esse registro interacional de situações interpessoais e acontecimentos que são produzidos e trocados entre diferentes atores sociais[...]Tal confronto de ideias pode ampliar, modelar, ressignificar as próprias representações valendo-se do diálogo com o outro.[...] uma carta não envolve apenas uma produção textual individual, mas sim um processo que segue um ritual ao passar de mão em mão, ao ser colocada no correio, ao ser lida e corrigida sob o olhar do outro e mesmo assim sempre preserva sua característica de refúgio privilegiado do sentimento, da intimidade, da verdade do eu[...] Uma das principais características de uma carta está no fato de ser espontaneamente pensada, anunciando a verdade de uma experiência do autor. Além disso, a troca de palavras escritas que a correspondência permite são certamente os meios para pensar por si mesmo sob o crivo do pensamento do outros. (NETTO; ZANCAN; PORTAL; SPAGNOLO; AMARAL, 2012, p.16)

As cartas de padre Galanti apresentam fórmulas bem conhecidas, como observou Ângela de Castro Gomes (2004), com datas, tratamentos e despedidas (p.20), elementos que

---

<sup>65</sup> Segundo Souza (2012) a batina é uma veste que pode ser usada por seminaristas, padres e bispos, é uma veste com 33 botões, que representam a idade de Cristo e 5 botões na manga, que representam as 5 chagas de Nosso Senhor Jesus Cristo [...] O seu uso significa a morte do padre para o mundo [...] (p. 55 ).

me permitiram apreender espaços e temporalidades, acontecimento, sentimentos, cotidianos e intimidades.

Collegio A Nova Friburgo

24 de set de 1912

Illmo Sr. Barão de Studart

Am. e Sr.

Para corresponder... Sr e o desse Instituto vou dar-lhes as informações que me pediu, mas com a condição que este meu escrito já que secreto enquanto eu viver. (Carta Galanti 24/09/1912)

Escrita no último colégio em que o padre Galanti lecionou, a carta, ao que parece, responde a um pedido anterior do Barão Guilherme Studart, que é tratado pelo jesuíta, nesta e em outras missivas, com certa formalidade, possivelmente pela formação do missivista, apesar de nunca dispensar o “amigo” ou “prezadíssimo amigo”. Essa relação, aparentemente amistosa, inspira confiança, permite a exposição de si ao outro, mostrando amizade, pela forma de tratamento, e ainda expressa a “circulação de informações culturais e sociopolíticas que forma uma rede mais vasta de correspondentes” (VINCENT-BUFFAULT, 1996, p. 21).

Vale ressaltar que o pedido feito, para que o escrito fosse revelado apenas após sua morte, contrasta com favores requisitados na troca de cartas anteriores. Exemplifico: em 22 de novembro de 1905, o remetente, Pe. Galanti, comunica a Studart haver lhe enviado três exemplares do quarto volume de *História do Brasil*, o último editado até aquele momento, e sugere ao destinatário a publicação sobre o livro em algum jornal. Assim, numa outra missiva, a de 22 de outubro de 1906, entre variados assuntos, como costumam ser as cartas mais íntimas, nas quais a sequência não tem uma lógica determinada, Galanti pede a Studart para escrever sobre ele:

“V. Excell. outro anno me escreveu que estava no fim do meu trabalho para dizer o seu parecer a respeito d'elle. Pode, se quiser, publicar esse parecer em algum jornal ou envia-lo diretamente a mim. No primeiro caso desejo muito que me remeta o jornal” (Galanti, carta de 22/10/1906).

Relevante informar que o destinatário das cartas, Barão de Studart, possuía sua própria tipografia para publicação dos seus trabalhos, que versavam, principalmente, sobre a história e a memória do Ceará, temas aos quais se dedicou até o final da vida. Pelo visto, a amizade, esta que “estabelece redes de influência, inventa lugares de convivência e laços de resistência enquanto se multiplicam para a maioria as oportunidades de encontros e de interações” (VINCENT-BUFFAULT, 1996, p.9), veio a ser utilizada por Padre Galanti para solicitar pedidos e favores. Em tal direção posicionou-se Mignot (2005) ao estudar as correspondências utilizadas com o objetivo de solicitar favores, a mediadores influentes, como políticos que intercediam, em favor de quem lhes escrevia (MIGNOT, 2005, p. 60). Também Alexandra Lima

Silva (2012) levou em consideração esse tipo de cartas mostrando que Rocha Pombo, recém-chegado do Paraná ao Rio de Janeiro, valeu-se de uma figura reconhecida e legitimada na cidade para se aproximar de um grupo aí já estabelecido<sup>66</sup>. No caso específico do padre Galanti, este agia e pedia em benefício próprio, utilizando-se da sua rede de sociabilidade, fazendo valer sua condição de intelectual para divulgar seus livros didáticos.

Padre Galanti continuou a narrar seu percurso intelectual a Studart:

Nasci em 15 de novembro de 1840 no município de Ascoli Piceno pertencente naquele tempo, aos estados de Pondo [ilegível] Estudei meus preparatórios nessa cidade de Ascoli e saí de Loreto. Entrei para a Comp. de Jesus em Roma a 30 de set de 1860; estudei em Roma Philosophia e Ciencias naturais, vim para o Brasil em 1866; “ensinei” latim e outras materias na capital de S. Catharina. A fim de completar meus estudos voltei para Europa no princípio de 1870 comecei minha Theologia em Roma deste mesmo ano até 1873 (Carta de Galanti, 24/09/1912)

O inaciano buscou manter na sua escrita uma sequência temporal linear, retrospectiva, suponho que com a intenção de manter uma lógica, a de sua formação jesuítica, que durou quatorze anos<sup>67</sup>. Parece clara a intenção de narrar apenas a sua vida acadêmico-religiosa, possivelmente porque, após sua entrada na Ordem de Inácio de Loyola, fosse o que de fato importasse na trajetória de sua própria vida, traçando um começo, as etapas e um fim, no duplo sentido de término e finalidade (BOURDIEU, 2005, p.183). Assim fez seus votos e:

[r]egress[ou] para o Brasil em 1874, Collegio S. Luis de Ytu “ministrando” historia universal e do Brasil, geografia, inglês e outras matérias. Em 1878 navegando para o Pará[...] historia universal e historia escholastica no seminario diocesano de Belem. Em 1881<sup>68</sup> voltei para Ytu onde ensinei as mesmas materias até 1878, quando fui chamado para ir até o Collegio Anchieta em Nova Friburgo [ilegível] historia universal, do Brasil e inglês. Escrevi um compendio de gramática inglesa, um

<sup>66</sup> SILVA, Alexandra Lima da. *Escritas de viagem, escritas da história: estratégias de legitimação de Rocha Pombo no campo intelectual*, Editora Apris, Curitiba, 2018.

<sup>67</sup> Atualmente a formação de um jesuíta tem duração média de doze anos, incluindo o Noviciado, período que “corresponde à formação inicial de qualquer jesuíta. Trata-se de um tempo de maior “recolhimento” na relação com o exterior, referindo-se aos dois primeiros anos de formação e incluindo oração, eucaristia, autoconhecimento”, vida comunitária, provas e primeiros votos; Juniorado, “depois do Noviciado, centrado na formação espiritual, é tempo para o estudo detalhado da Filosofia, complementado com elementos de Humanidades (latim e grego, literatura e cultura clássica, etc.)”, assim como de apostolado e vida comunitária; Magistério, abarca trabalho numa obra jesuítica, vida numa comunidade e tempo de serviço; porém, “há quem faça o magistério dando aulas em colégios ou colaborando em centros universitários”; Teologia, para os Irmãos, diz respeito ao começo do ministério apostólico, enquanto para os Escolásticos inclui 5 anos de Teologia e a Ordenação ao fim do 3º e 4º ano; Ministério apostólico, vida, oração e serviço junto a outros companheiros numa comunidade jesuítica, em qualquer obra ou missão da Companhia; Terceira Provação “é quase um segundo noviciado, regresso à ‘escola dos afectos’ depois de tantos anos de formação intelectual. O jesuíta volta a fazer os Exercícios do mês e algumas das experiências do Noviciado, estuda de novo a vida de Inácio e as Constituições da Companhia e, sobretudo, tem um tempo longo para olhar e rezar o caminho feito, riquezas e fragilidades, aprofundando, assim, os grandes pilares e desafios da sua vida dedicada a Deus e aos outros”; por fim, os Últimos Votos, feitos no final da Terceira Provação, última fase da formação, quando acontece a incorporação definitiva à Companhia de Jesus. Disponível em <https://jesuitas.lat/pt/somos/formacao/etapas-pt#!> Acesso em 25/02/2018.

<sup>68</sup> Há uma inexatidão nas datas; na realidade a ida para o Pará se deu em 1878 e o retorno para São Paulo se deu em 1881.

compendio de historia universal para[...] nas aulas, um compendio de historia do Brasil para o mesmo fim, um intitulado Licções e uma Breve historia<sup>69</sup> do Brasil destinada as creanças do curso preliminar. Produzi também uma historia do Brasil um ponto maior em seis volumes. O IV vae até a Guerra do Paraguay. O V até a morte do presidente Affonso Penna. O VI [...] da biographia de brasileiros illustres resumidamente expostas são de 33 biographias (GALANTI, Carta, 24 de setembro de 1912).

Interpretando o gesto epistolar de Pe Galanti e inspirada em Chartier (1991), percebo a subjetividade e o lugar social dos autores. Por mais formal que pretendesse ser a escrita de Galanti, ao falar do seu nascimento e de sua formação, antes mesmo de tratar do seu ingresso na Companhia de Jesus, nosso missivista evidenciou um tom íntimo, pessoal e espontâneo, desvelando o seu lugar social Se não, veja-se:

[...] escrever cartas exige tempo, reflexão e disciplina, pois é uma forma de compartilhar vivências mais pessoais, íntimas e até mundanas. Escrevem-se e mandam-se cartas pelos mais variados motivos: conversar, seduzir, desabafar, agradecer, pedir, segredar, informar, registrar, vender, comprar, desculpar e desculpar-se, falar da vida, enfim! (BASTOS; CUNHA; MIGNOT, 2002, p. 05).

A carta, na qual Pe Galanti escreve sobre si, com o intuito de informar e registrar, parece ter sido pensada e repensada, escolhendo aquelas que lhe pareciam as melhores palavras e selecionando, de maneira lógica e cronológica, a descrição da sua trajetória. A missiva permitiu não apenas a percepção do jesuíta inscrito no seu meio social, como também - e até por isso - propiciou a reconstituição do seu itinerário pelo que narra acerca de sua formação religiosa e acadêmica e da sua circulação. Trata-se de uma escrita que me autorizou a fazer o mapeamento do seu engajamento intelectual, amparada em Sirinelli (2003) em sua afirmação de que “todo grupo intelectual organiza-se também em torno de uma sensibilidade ideológica ou cultural comum e de afinidades difusas, mas igualmente determinantes, que fundam uma vontade e um gosto de conviver (p.248)”.

Nessa perspectiva e seguindo pistas deixadas na epístola sobre sua autobiografia e sua produção escrita me foi possível, a partir do cotejamento dos necrológios e biografias, apreender a representação do jesuíta no mundo social (CHARTIER, 1990)<sup>70</sup>. Como componente não menos importante da análise dessas biografias, pude construir a percepção do esforço feito pelo jesuíta na orientação e apresentação de si.

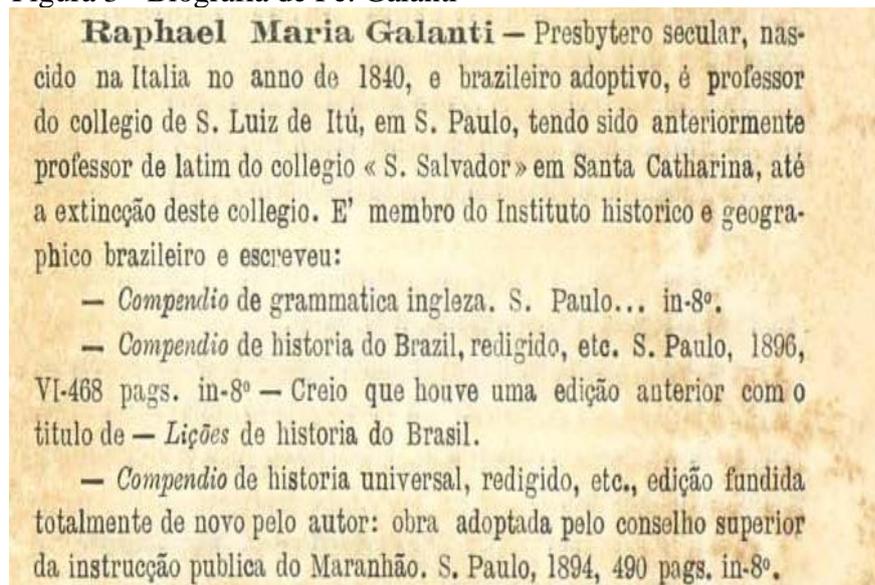
<sup>69</sup> Sublinhado pelo próprio autor. Provavelmente, por não ter sido ainda publicado pela editora Duprat & Comp., o que só ocorreria no ano posterior.

<sup>70</sup> Conforme Roger Chartier, “as representações do mundo social assim construídas, embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam. Daí, para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza” (CHARTIER, 1988, p.17)

São cinco as biografias de Pe. Galanti, que, apesar de sucintas, procuram tratar de suas experiências na relação com outros sujeitos, nos locais por onde passou e no contexto em que esteve inserido. A primeira, inserida no *Diccionario bibliographico brasileiro* v.7 (P – Z), de Augusto Victorino Sacramento Blake (1902), revela a intenção de tornar conhecidos brasileiros com “obras de alto valor” desde o tempo colonial. Como o autor enfatiza no prefácio do primeiro volume, sua obra sanava a carência por um trabalho em que “se povessem em relevo os meritos litterarios de tantos brasileiros, distintos nos diversos ramos dos conhecimentos humanos (...)”<sup>71</sup>. Por esse viés, ganhou destaque a vida profissional de Pe. Galanti, mediante a menção dos Colégios onde lecionou e a indicação de alguns aspectos de sua carreira intelectual, com destaque para os Institutos dos quais participou e para os livros que havia escrito.

Abordando sua carreira, é notável que tal biografia tenha destacado apenas pontos relevantes e apreciáveis, no sentido da seleção dos “fatos significativos [que iriam] acentuar o caráter exemplar e tipológico das biografias, privilegiando a dimensão pública em vez da dimensão privada” (LEVI, 2005, p. 172). Talvez por isso, Blake (1902) tenha destacado a participação do Pe. Galanti como membro do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro, no Rio de Janeiro, cuja entrada se deu em 1896.

Figura 3 - Biografia de Pe. Galanti



Fonte: Câmara dos Deputados

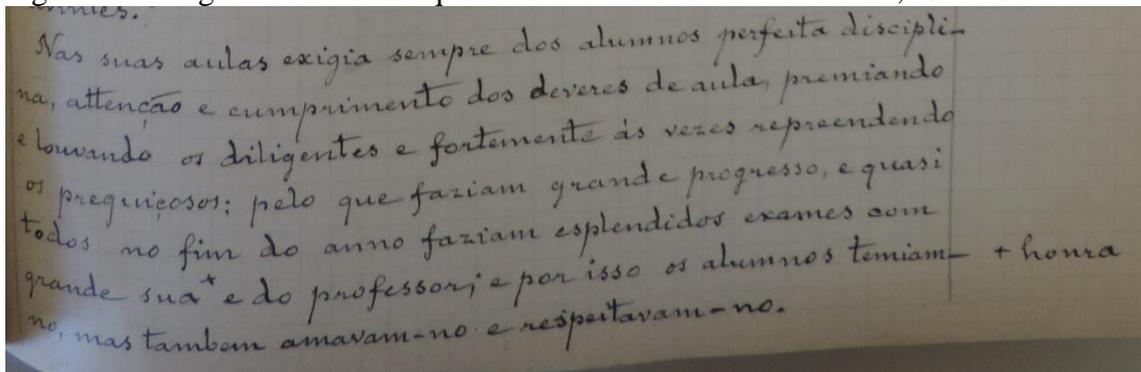
O padre jesuíta Rafaele Galanti, ou Raphael Maria Galanti, como ficou conhecido no Brasil, nasceu no dia 15 de novembro em 1840, em Cepparano, na Província de Ascoli Pisceno,

<sup>71</sup> BLAKE, Augusto Victorino Alves Sacramento: *Diccionario Bibliographico Brasileiro*. Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 7 volumes, 1883-1902. Obra composta por 7 volumes, foi digitalizada pelo Senado Federal: <http://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/221681>

pequena cidade italiana. Filho de Vicenzo Galanti e Olimpia Pomponi, ingressou na Companhia de Jesus aos 20 anos de idade, no dia 30 de setembro de 1860, conforme informação dada pelo padre jesuíta Pedro A. Maia<sup>72</sup> (1991), organizador do livro *Jesuítas Falecidos I – Letra A – P*. Nele, em pouco mais de uma página, apresentou o Pe. Galanti, baseando-se em notícias recebidas da Província Centro Leste, baseando-se em informações privilegiadas, visto ser o acesso direto aos documentos, muitas vezes, sonegados aos leigos. Discorreu sobre os estudos e sobre a formação religiosa de Pe. Galanti, tratando de sua carreira como professor nos Colégios da Companhia e no Seminário de Belém, falando do jesuíta como consultor da Missão Romana e como Capelão no Convento Nossa Senhora das Mercês, em Itu. Maia (1991) abordou ainda um último aspecto, a doença que vitimou o padre: uma “congestão cerebral”<sup>73</sup> que o fez passar “na inanição os últimos quatro anos da sua existência” (p. 13).

Já na *Biografia dos nossos que viveram e trabalharam no Brasil 1910 - 1967*, escrita provavelmente também por um padre sobre os clérigos que viveram no Colégio São Luís de Itu, pude verificar a presença de referências sobre o percurso de Galanti no Brasil após sua chegada aqui. Também nessa fonte, como até mesmo em outras a que tive acesso e que versam sobre a biografia do Padre Galanti, pude constatar que incluem sua vida civil. Mas foi nela própria que, em seu último tópico, me chamou a atenção aspectos revelados sobre a personalidade de Galanti, os quais, possivelmente, refletiram-se em sua prática docente.

Figura 4<sup>74</sup>: Biografia dos nossos que viveram e trabalharam no Brasil, 1910-1967



Fonte: Acervo da Biblioteca Casa de Itaiaci

<sup>72</sup> Maia ingressou na Companhia de Jesus em 1944, trabalhou no Colégio Loyola (MG) e no Colégio São Luís (SP); desde 1953 dedica-se à pesquisa da história dos jesuítas na Província Centro-Leste, que inclui os estados do Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais. Estudioso, conta com muitos livros publicados, dentre eles: *Crônica dos Jesuítas do Brasil Centro Leste*, 1991 e *José de Anchieta, o apóstolo do Brasil*, 2004.

<sup>73</sup> Congestão cerebral é um termo muito usado no passado para caracterizar indiscriminadamente uma vasta gama de patologias cerebrais, neurológicas e psíquicas, expressão atualmente em desuso.

<sup>74</sup> Nas suas aulas exigia sempre dos alunos perfeita disciplina, atenção e cumprimento dos deveres de aula, premiando e louvando os considerados diligentes e repreendendo fortemente os que considerava preguiçosos. Tal método parecia levar a que todos fizessem grande progresso e a que quase todos, no fim do ano, fizessem esplendidos exames, com grande honra para professor e alunos; e por isso os alunos temiam-no, mas também amavam-no e respeitavam-no.

Pe. Galanti era professor temido, no entanto, mostrava-se arrojado se for considerada a sua disciplina e a pedagogia jesuíta que o impregnavam. Cheguei a tal entendimento quando pude examinar o periódico *Aurora Collegial*, jornal de alunos, e nele pude encontrar numa de suas colunas uma discussão sobre quando deveria ser comemorado o descobrimento do Brasil. A matéria, denominada “3 de maio”, discutia a posição de Galanti no livro de sua autoria *Breve História do Brasil*. O articulista, E. M. Walmar, repelia a posição de Galanti, em sua defesa de que a data estaria ligada à mudança do calendário em 1582, por terem sido suprimidos 10 dias do calendário. Para o aluno Walmar (1905), a hipótese era tida como “impossível, inútil e desnecessária” (p. 2), visto que a reforma não se aplicaria de forma retroativa, pois quando se deu a mudança do calendário Juliano para o Gregoriano já existíamos há alguns anos; enfim, para marcar “o descobrimento preferiram os colonos o dia da posse, que, na [...] opinião, se realizou no dia três de maio” (idem). Mesmo com a supervisão direta dos padres, pode-se notar uma certa liberdade na escrita dos alunos, pois é notória a contra-argumentação apresentada pelo aluno ao se referir ao livro de seu professor.

Prossigo e chego a mais uma biografia. Organizada numa linha do tempo, de autoria desconhecida, datilografada em folha A4 e colada num papel mais espesso, ela está impressa numa ficha. Tal biografia, mantida sob a guarda do *Archivum Romanum Societatis Iesu* (ARSI), em Roma, aborda a formação religiosa e as funções que Galanti desempenhou durante sua vida sacerdotal, sem, no entanto, citar a vida autoral.

Esse documento, abreviado e escrito em latim, com uma biografia profissional, possivelmente baseada nos *Catálogos da Missão Romana*, dá a conhecer, principalmente, todo o tempo de formação de padre Galanti e, também, cada função desempenhada por ele após ter vindo para o Brasil, evidenciando sempre um cotejamento com outros documentos.

Precisei neste processo de investigação, rever um aspecto estudado por Karl Heinz Arenz (2016), quando afirma que “os *Catalogi Personarum*, isto é, as listas anuais ou trienais que elencam em detalhe todos os membros da Missão, revelam que o número de missionários de origem e/ou de formação nativa diminuiu durante a primeira metade do século XVIII” (ARENZ, 2016, p. 19). Sim, porque tais listas não se extinguíram, pelo contrário, existem e são utilizadas em dias atuais e em minha análise da revista em questão, pude notar a menção e a utilização desses catálogos para mostrar onde estavam os membros da Missão e suas funções, ou mesmo sua escassez: “para mostrar essa escassez, envio-lhe um catálogo da nossa Missão, impresso no ano passado, no qual você verá o número e as nossas diferentes ocupações. As vocações são poucas, de modo que a maioria dos nossos assuntos vêm da Europa” (Pe. Joseph

Saderra, *Woodstock Letters*, Volume XX, Número 3, 1 de outubro de 1891, p.372). Contudo, padre Rivero (1886) alertou sobre os equívocos que poderiam ocorrer nos Catálogos:

Não preciso dizer nada sobre o status do nosso Colégio, pois é claro que você deve ter visto o catálogo. No entanto, não acredite em tudo o que diz, pois tem muitos erros inocentes e involuntários; por exemplo, pe. Labrador permanece nesta faculdade e não está no México, onde o catálogo o coloca (*Woodstock Letters*, Volume XV, Número 3, 1 de novembro de 1886 p. 298).

Figura 5 - Vida de Pe. Galanti

GALANTI, Raphael M.		Rom.
1840 - 1917		
1840	15 nov. natus Recineti (Recanati).	
1860	30 sept. Societatem ingressus Romae.	
1861-1862	D. Prob. Romana (1861, propter eventus publicos, novitii missi sunt in D.Prob. Avenionensem): novit.scholast., ingr. 30 sept. 1860.	
1863	Coll. Romanum; aud. rhetor.	
1864-1866	Ibid., aud. phil. ann.I-III; ann.III, visit. medit.et exam., catech. ad S. Roc.	
1867-1869	Coll. SS. Salvatoris, Desterro, Prov. S.Catharinae, Brasile (Raphael M. Galante): 1867: doc. gramm. 3 et 4 class., hist. geogr. et arith., praef. mor. 1868: doc. gramm. 2 class., cetera ut prius. 1869: scholasticus (munere non indicato)	
1870	Coll. Rom.: aud. theol. I (Galanti, ut deinceps).	
1871	In Prov. Angliae, Rochester, Manresa House: theol.II (cum aliis theol. Prov.Romanae), bid. theol.mor.	
1872-1873	In eadem Prov., St.Beuno's College, St. Asaph: theol ann.III(iam sacerdos) et IV.	
1874	In Prov. Belg., D.Prob. Truncinensis: agit III Prob.	
1875-1878	Coll. Ituense (Itã, Prov. S. Paulo, Brasile): 1875-1876: doc. gramm.2 cl.et ling. gall., praef.conv 1877: doc. ling. angl.,hist. et geogr.,praef. conv. 1878: minister, doc. hist. 1 et 2 cl. et ling. angl. 4 febr., Coad. Spir. form.	
1878		
1879-1881	Seminarium Parecense: 1879: miss. excurrens. 1880: lect. phil. Praef. spir. in semin. min.; oper. 1881: lect. hist. eccl. et phys., conf. in semin. min.; oper.	
1882-1898	Coll. Ituense S. Luiz. 1892-1893: doc. hist. et ling. angl., conf. alumn.et ad ian.; 1883, etiam conf. dom.; 1883 et 1893, cons. miss.; 1887, adhort. alumn. 1894: doc. hist. univ. patr.et ling. angl.ann.23 mag. cons. miss.; conf. dom. alumn et ad ian. 1895-1898: doc. hist. univ. patr. in cl. 4 et 5 et ling. angl. in 2 cl.; conf. dom. alumn et ad ian. Praef. spir. cont. II; 1895-1896, cons. miss.; 1896-1897, cons. dom.	
1899-1917	Coll. Anchieta, Nova Friburgo, Est.de Rio de Janeiro: 1899-1900: doc.hist. in 4 cl. et ling. angl. in 3 cl. catech.FF.Coad., conf.dom., alumn. et ad ian.	

Fonte: ARSI

Mergulhada nos estudos de Levi (2005), analisei a biografia, já que elaborada em formato de “linha do tempo”, uma vez que, segundo o autor italiano, os sujeitos não “seguem itinerários coerentes e determinados” (LEVI, 2005, p. 171), pois, ao se apresentarem de acordo

com aquele formato, as biografias o fazem pelo senso comum, à medida que descrevem apenas um trajeto ou um caminho percorrido “que tem um começo (ou uma ‘uma estreia na vida’), etapas e um fim, no duplo sentido, de término e de finalidade (‘ele fará seu caminho’ significando que ele terá êxito, fará uma bela carreira), ou que haverá um fim da história”, como assinala Bourdieu (2005, p. 183), enfatizando apenas fatos significativos da vida e acentuando o caráter modelar que, no caso do Padre Galanti, entendo como os fatos em torno de sua formação e carreiras eclesial e docente. Ainda nesse sentido, o estudo de Lilia Schwarcz (2013), em que fez um balanço da biografia como gênero, prestando-se à orientação de historiadores e cientistas sociais acerca das dificuldades com as quais se deparam – tentação de inventar trajetórias, de dar evidência ao sujeito, que em seu contexto pode ter tido pouco destaque, e criar heróis, no intento de “defender” suas “obras”, deixando poucas vezes de deixar brotar a ambivalência, comum à vida. Ciente deste caminho sinuoso, o do gênero biográfico, busco o protagonista nas contingências do seu contexto social, nas suas filiações e nas suas redes de sociabilidade, pois, tomo as biografias sobre Pe. Galanti, como pistas que, como tais, apresentam fatos selecionados, também capazes de me auxiliar na obtenção de informações temporais e espaciais para a reconstrução, diante dos meus olhos, da sua vida.

### 1.2.1 Entre viagens e estudos: a constituição de um jesuíta

Com sua entrada na Ordem Jesuítica, o Pe. Galanti experimentou sua primeira viagem destinada à própria formação. Saíra da pequena Ascoli-Pisceno e se juntou a outros companheiros em Roma. A partir daí, o jesuíta fez longas travessias entre a Europa e a América do Sul e esteve em “trânsito por instituições [dentro do Brasil, pois a] cada movimento [permitia a] circulação de saberes e a promoção de práticas educativas e culturais diversas” (SILVA, 2018). Não encontrei durante a pesquisa nenhum diário de bordo ou outro documento autobiográfico sobre seu período de formação, por isso precisei inferir e buscar pistas em outras fontes, de autoria de outros padres e autores na tentativa de me levar à reconstituição do período.

Explorei o itinerário cumprido pelo jesuíta e a ele proposto pela Ordem Jesuítica para realizar a sua formação, capturando assim, o movimento de Galanti, nas biografias anteriormente citadas e, principalmente, na carta ao Barão de Studart que, no ano seguinte à morte do jesuíta alvo do presente estudo, deu corpo a uma biografia. Tal biografia foi escrita pelo fundador e diretor do Instituto Ceará, dentre outros estrangeiros, e veio a ser publicada não só na *Revista do Instituto* como na biografia do próprio jesuíta, disponível no Vaticano (ARSI), a partir da qual pude ter ciência de seus estudos e de suas viagens neste período e para além

dele; e, mais ainda, como ele se constituiu num intelectual religioso, que mais tarde se tornaria autor de livros didáticos no Brasil.

Na carta ao Barão, em que Pe. Galanti afirmou “estudei em Roma Philosophia e Ciencias naturais” (GALANTI, 1912), percebi a supressão de outras informações pessoais sobre este momento de sua vida, uma vez que o próximo ano por ele citado foi o de 1866. Recorrendo aos *Catálogos da Missão* e a outras fontes – a linha do tempo é um exemplo –, observei que, logo nos dois anos seguintes à sua entrada na Companhia (1861 e 1862), Pe. Galanti, ainda noviço, havia se dedicado a uma vida de oração, de autoconhecimento e de provas, tendo, então, professado seus primeiros votos, vindo a completar o seu noviciado, nas Províncias de Roma e de Avignon. A continuação de sua formação prossegue no Colégio Romano, instituição fundada em 22 de fevereiro de 1551, funcionando em um prédio simples, indicado apenas por uma pequena placa, onde se lia: “Scuola di grammatica, d’humanità e di dottrina cristiana, grátis”<sup>75</sup> (FRANCA, 1951, p.10).

O Colégio Romano adotava o *modus parisisensis*, conjunto de normas pedagógicas características do ensino parisiense, que lhe conferiam uma personalidade única e original. Importante frisar que, de todos os modelos universitários disponíveis, o *modus parisiensis* era o que apresentava maior coerência, rigor e eficácia e aquele que mais valorizava a ordem, a rapidez e a disciplina da aprendizagem, vindo a se constituir num leque de características perfeitamente adaptado aos intentos normativos da docência jesuíta. Esta, caracteriza-se por quatro elementos fundamentais: a distribuição dos alunos em classes, uma atividade constante dos alunos por meio de exercícios escolares, um regime de incentivos ao trabalho escolar e a união da piedade e dos bons costumes com as letras<sup>76</sup> Após esse contato com a Ordem Inaciana, cumprindo o seu primeiro período de aprendizado, o jesuíta passou ao Juniorado e ao estudo da Filosofia.

Mesmo com os Colégios de Messina, o Colégio Romano foi o primeiro colégio da Companhia de Jesus. Foi fundado em 1548, por força de um pedido feito pelo Vice-Rei de Messina a Inácio de Loyola, que o aceitou e enviou para aquela instituição, como Reitor Pe. Pelletier e professores de Hebreu, Jerônimo Nadal; para Retórica, Pedro Canísio; para Grego, para Lógica, Isidoro Bellini e André Frusius; João Batista Passerini, para 1ª Classe, Anibal Du Coudret, 2ª Classe e Benedito Palmio, 3ª Classe (FRANCA, 1951). O Colégio de Palermo, muito parecido com o de Messina, foi fundado em novembro de 1549, atendendo, inicialmente, a 160 alunos em aulas de Gramática e, com “pequenas modificações sugeridas pela prática, o

---

<sup>75</sup> Escola de gramática, humanidades e doutrina cristã, gratuita (Tradução livre).

<sup>76</sup> Disponível em [www.educ.fc.ul.pt/docentes/opombo/hfe/momentos/jesuitas/\\_private/mp.htm](http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/opombo/hfe/momentos/jesuitas/_private/mp.htm) Acesso em 31/01/2019.

método adotado foi o de Messina” (FRANCA, 1951, p. 9). Ambas as instituições foram abertas anteriormente pelos jesuítas, sendo que o Colégio de Roma passou a ser a referência para os outros colégios da Ordem, visto ser considerado como uma Escola Normal Superior, que “[preparava], entre os estudantes da Ordem, os futuros professores” (FRANCA, 1951, p.10), colocando-os em contato com aqueles professores considerados mais qualificados. Foi nesse ambiente tradicional da pedagogia jesuítica que Pe. Galanti permaneceu durante quatro anos, aí estudando Retórica por um ano e seguiu mais 3 anos estudando Filosofia. O jesuíta ainda retornaria ao Colégio Romano no ano de 1870.

Klein (2014) é providencial quando nos detalha a pedagogia jesuítica em seu caráter amplo: não é apenas aquela que se refere a uma visão de Inácio de Loyola, podendo ser assumida e implementada por pessoas e grupos não vinculados à Ordem dos Jesuítas, como também refere-se à missão assumida pela Companhia de Jesus no campo da educação, ao abarcar a orientação, o acompanhamento e a avaliação que lhe oferece, além de também implicar a formação dos membros da própria Ordem (p.1-2),

Ao lado dos estudos de Filosofia e de Teologia no Colégio de Roma fazia-se necessário viver a experiência apostólica. Com tal intuito, o jesuíta se dedicava de forma integral a uma obra da Companhia, geralmente, um colégio. Daí Padre Galanti ter feito sua primeira viagem ao Brasil, aqui chegando no dia 8 de dezembro de 1866, dirigindo-se ao Colégio Santíssimo Salvador, em Desterro, atual Florianópolis. A chegada do jesuíta, apenas dois anos depois do início da Guerra do Paraguai<sup>77</sup>, encontra a região de Santa Catarina em posição estratégica para o apoio logístico de reposição de materiais para as tropas do Império (WEGNER, 2010). Mas, ao que tudo indica, Pe. Galanti não se deu conta desses fatos, ou não os considerou de relevância, já que na missiva escrita ao Barão de Studart não abordou tal período<sup>78</sup>. Referiu-se, no entanto, à experiência dos padres no Sul do Brasil, ressaltando que “o colégio foi finalmente fechado por causa da terrível febre amarela, que levou muitos padres e alguns dos alunos” (GALANTI, *Woodstock Letters*, Volume X, Número 2, 1 de maio de 1881). Curiosamente, o episódio por ele relatado foi abordado no IV tomo do livro *Historia do Brasil*, ao mencionar a epidemia como de “febre amarela”, em contraste aos documento oficiais e estudos<sup>79</sup> do período nos quais se tipifica a epidemia de cólera (WEGNER, 2010):

Entretanto, a enfermidade que iria tirar o sono das autoridades e da população era o cholera morbus, que de tempos em tempos grassava nos campos de batalhas e causou

<sup>77</sup> Confronto entre o Paraguai e a chamada Tríplice Aliança, composta por Brasil, Uruguai e Argentina (1864-1870).

<sup>78</sup> Esta carta pertence à coleção *Woodstock Letters* que será aprofundada à diante.

<sup>79</sup> Relatório do presidente da província de Santa Catarina, 1º de março de 1866. p. 4 e DORATIOTO, Francisco Fernando Monteoliva. *Maldita Guerra: nova história da Guerra do Paraguai*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002, p.284, sobre o número das mortes causadas pelo *cholera morbus*. Cf. Wegner (2010).

milhares de mortes. Na terrível epidemia que assolou o exército brasileiro entre os meses de março e maio de 1867, quando o exército se encontrava imobilizado por longo período devido ao desastroso ataque a Curupaiti, o cholera morbus matou 4 mil soldados brasileiros (p. 31)

Há poucos estudos<sup>80</sup> sobre os colégios que antecederam o Ginásio Catarinense, investigado por Dallabrida (2006). Deles extraí que:

[...] a Província de Santa Catarina teve vários colégios de vida efêmera, tanto privados como públicos. Dois desses colégios que tentaram enraizar-se na capital catarinense eram da Companhia de Jesus: o Colégio do Desterro, que funcionou entre 1845 e 1853, e o Colégio do Santíssimo Salvador, que teve vida curta na segunda metade da década de 1860 (p.1).

Sobre sua passagem pelo Colégio da Ordem, no sul do país, no qual permaneceu até 1869, Padre Galanti afirmou ao presidente do Instituto Ceará “ensinei Latim” (GALANTI, 1912), o que se revelou um dizer incompleto, na medida em que também lecionou Gramática para os 3º e 4º anos, História, Geografia e Aritmética, durante o ano de 1867 e, em 1868, Gramática para o 2º ano, tendo tido, ainda, sob sua responsabilidade, as disciplinas do ano anterior.

Em 1870, padre Galanti voltou à Europa para dar prosseguimento aos seus estudos. Foram mais quatro anos dedicados à Teologia. No ano seguinte, em trânsito para Roehampton, na Inglaterra, permaneceu em Manresa House<sup>81</sup>, onde foi aluno do 2º ano de Teologia. Tal construção foi erguida por Sir William Chambers (1723-96) em 1761-63 e era conhecida como Parkstead House; daí, quando construída para o 2º Conde de Bessborough, tornou-se Roehampton Park, em 1832, Bessborough House em 1848-50, tendo sido renomeada como Manresa House na década de 1860 depois que a casa e parte dos terrenos foram comprados pela Companhia de Jesus, em 1861. O nome, esclareço, refere-se à Manresa na Espanha, onde o fundador da Ordem dos jesuítas, Inácio Loyola, escreveu os "*Exercícios Espirituais*".

Nos anos de 1872 e 1873, no Colégio St. Beuno, na Grã-Bretanha, Padre Galanti estudou os dois últimos anos do curso de Teologia. Junto ao *Archivum Britannicum Societatis Iesu* (ABSI)<sup>82</sup>, também na Grã-Bretanha, foi-me possível acessar fontes que propiciaram conhecer as experiências vividas pelo jesuíta, servindo-me dos Catálogos da Província, do “Diário de bordo de St. Beuno” (1867-1874), que remete à escrita diária e oficial, sob guarda do arquivo do colégio, e o diário pessoal de John Gerard. O Catálogo de 1872 menciona o Pe.

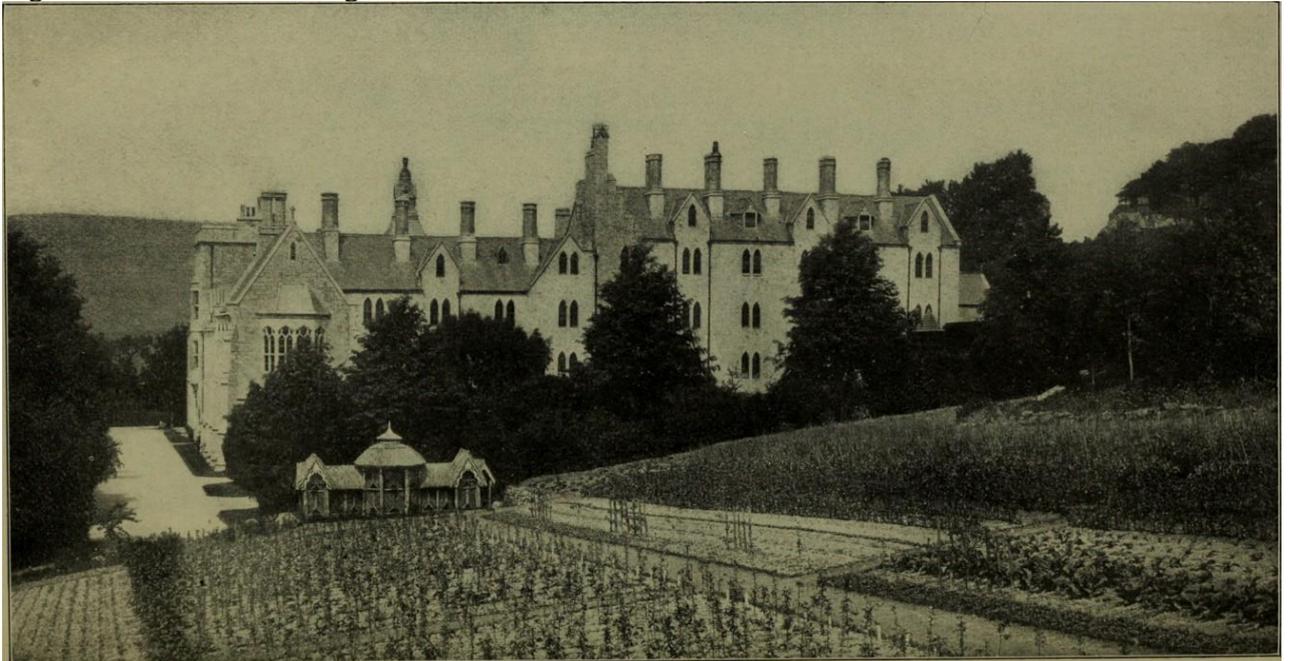
<sup>80</sup> O autor Noberto Dallabrida (2001; 2006) estuda o Ginásio Catarinense, bem como, a “cultura escolar burguesa no ensino secundário catarinense” (DALLABRIDA, 2006, p. 1).

<sup>81</sup> Tradução livre. Disponível em <http://www.londongardensonline.org.uk/gardens-online-record.php?ID=WND047>. Acesso em 07/03/2019.

<sup>82</sup> “O Arquivo inclui uma coleção de livros sobre antiquários que consistem em obras de membros da Província e aqueles definidos como importantes para a história do catolicismo pós-Reforma na Grã-Bretanha e / ou para a história e espiritualidade da Sociedade”. Tradução livre. <http://www.jesuit.org.uk/archives-jesuits-britain>

Galanti e o Pe. Giomini, alunos na mesma turma do terceiro ano de Teologia<sup>83</sup>, possibilitando notar a existência de apreço entre os padres italianos desde a sua formação, amizade que, posteriormente, encontrei materializada de forma escrita nas cartas que Pe. Galanti enviou ao seu amigo. Neste período pude, ainda, ler no Catálogo que o Colégio teve como reitor o padre Alfredus Weld e como professores de Teologia os padres Emilius Perini (1872), Aloysius Tosi (1872-73), Jacobus Jones (1872-73) e Bernardus Tepe (1873). No “Diário de bordo” do colégio, encontrei também referência à ordenação de vários religiosos, dentre os quais a dos padres Galanti e Giomini, ocorrida numa segunda-feira, tendo este último proferido o discurso na cerimônia solene, sem que o mesmo tivesse sido transcrito.

Figura 6 - ST Beuno College



Fonte: Woodstock Letters (1900)

Segundo o responsável pelo Arquivo<sup>84</sup>, não foi encontrado mais nenhum documento que se referisse ao jesuíta ou mesmo a escritos de sua autoria. Com a perspectiva de reconstituir algumas das experiências vividas por eles, busquei, no “Diário de John Gerard (1870-1874)”, escrito por um contemporâneo de Pe. Galanti, o cotidiano deste padre, já que a escritura relata o mesmo período vivido pelo jesuíta italiano.

Ao tomar conhecimento do diário, percebi ser necessário deter-me com mais vagar a esse tipo de texto e tecer algumas considerações sobre esta fonte pois, apesar de ser uma escrita

<sup>83</sup> Os outros alunos foram os padres Alexander Diomed, Alphonsus Parisi, Antonius Antonioletti e Antonius Butler. Ainda, Guilielmus Loughnan (prefeito de estudos), Henricus Edward (prefeito da biblioteca) e Joannes Hamilton (Catálogo da Província, 1872, p. 11)

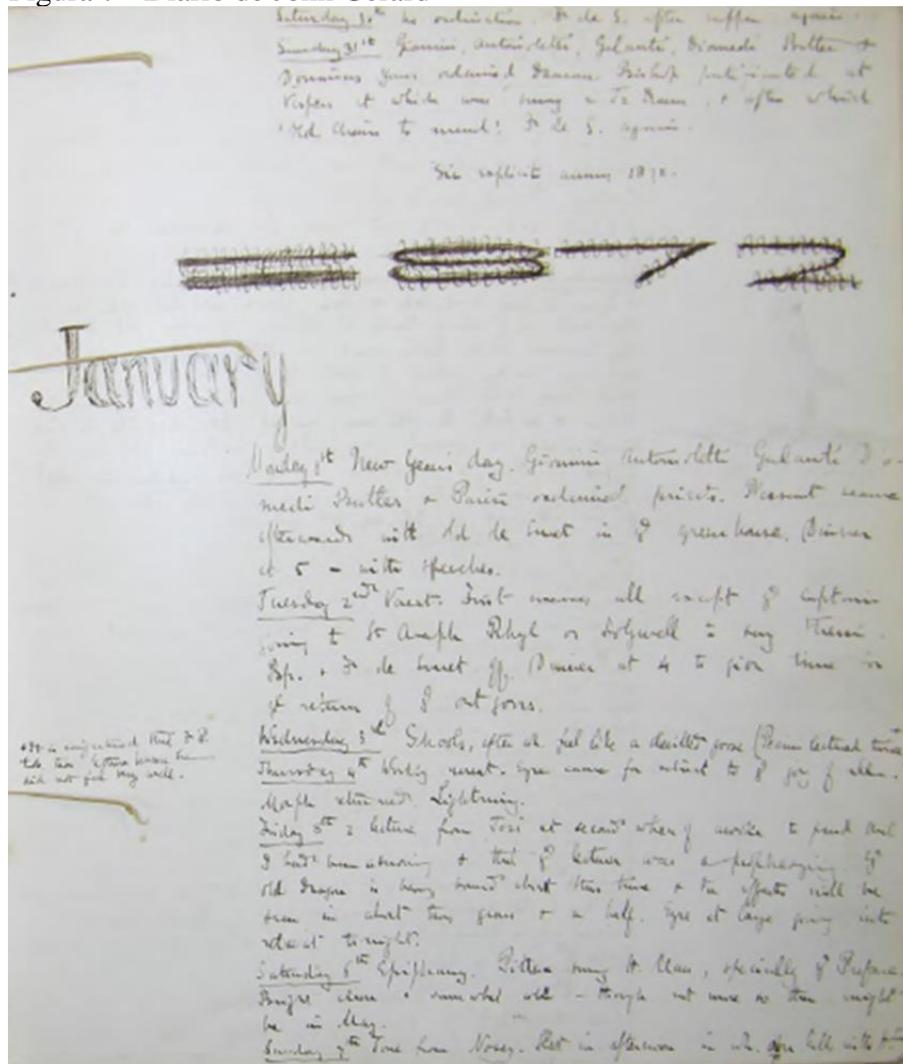
<sup>84</sup> Aproveito para agradecer ao Sr. Alex van Goethem, que, gentilmente, fotografou o Diário e cedeu as imagens, para que fossem utilizadas nesta pesquisa.

autobiográfica, mantém certas diferenças em relação às cartas analisadas. As epístolas possuem um destinatário específico, revelam sentimentos/pensamentos do remetente, caracterizam-se por possuírem um conteúdo íntimo e reservado, destinado apenas ao conhecimento e a possíveis comentários do destinatário. O diário é escrito para a posteridade, para ser usado como suporte de papel de uma memória que se pretende preservar, usa uma escritura informal e, aparentemente, descompromissada (CAMACHO, 2005).

Conforme afirmou Cunha (2007):

os diários são lócus de subjetivação, no qual o indivíduo, ao narrar seu cotidiano, sua passagem pela vida no tempo histórico, explicita também uma configuração de si mesmo a partir das múltiplas tensões socioculturais que designam a contemporaneidade (p.58).

Figura 7 - Diário de John Gerard



Fonte: Archivum Britannicum Societatis Iesu (ABSI)

Sendo assim, os diários são tomados na historiografia como fontes relevantes para a compreensão da história de vida de cada sujeito e de sua relação com a sociedade, ou com uma determinada instituição, como no caso de John Gerard, contemporâneo de Padre Galanti.

No diário em análise, em que evidencia “uma série de vestígios datados” (LEJEUNE, 2014, p. 299), Gerard descreveu eventos por ele vivenciados no Seminário, além das ordenações, de palestras dos padres e de celebrações, fazendo-o por meio de diversas formas discursivas e gráficas: com o ano desenhado, por meio de dias da semana sublinhados e, ainda, fazendo desenhos de paisagens e de pessoas – como se retratasse um rosto, três rapazes almoçando, sentados próximos a um jardim, o que talvez pudesse referir-se a uma lembrança ou um a desejo, que pudessem estar competindo com os rígidos horários e tarefas a cumprir nos colégios e seminários jesuíticos.

Tive acesso ao diário de John Gerard do ano de 1872 e dele percebi a estrutura. Escrito em folhas brancas e sem pauta, sempre escrito com pena em cor preta, foi distribuído pelas datas e pela menção aos dias da semana correspondentes. Composto por muitas páginas não numeradas, contém anotações nas margens e é ilustrado por desenhos dos mais variados tipos. Ali, o autor narrou as aulas assistidas, os eventos de que foi participante e até a última refeição por ele degustada.

No dia 1º de janeiro, segunda-feira, Gerard descreveu a ordenação que presenciara: “Dia de ano novo. Giomini, Antonioletti, Galanti, Diomedí, Butler e Parisi foram ordenados padres”. Páginas adiante foi documentada uma viagem: os seminaristas viajaram para Tronchiennes, na Bélgica, onde o Pe. Galanti teve seu último ano de formação espiritual, a chamada Terceira Provação, em 1874. Esta, segundo Rahm (2004), “é um período de oração mais profundo. É o reviver do noviciado, na preparação dos votos finais” (p.79). Passando por ela, cumprindo este tempo de aprofundamento espiritual proposto por Santo Inácio “*Ad majorem Dei*”<sup>85</sup>, estaria Galanti pronto para cumprir sua missão evangelizadora e missionária, por meio da educação.

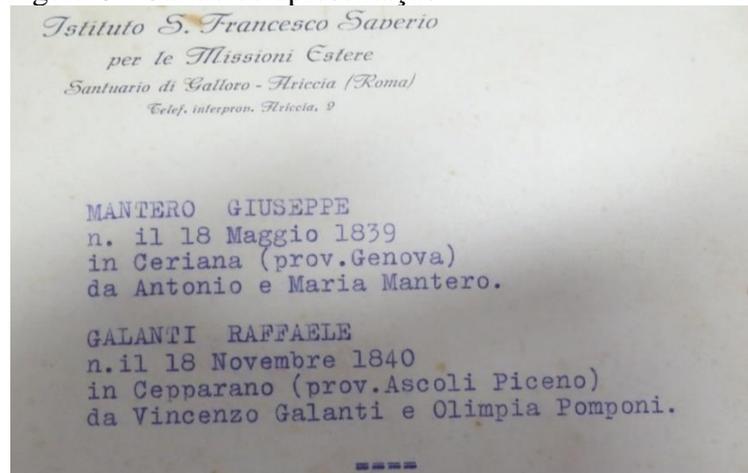
### 1.3 Um religioso no Brasil: magistério e livros

A bordo do navio Ibéria, Padre Galanti viajou para o Brasil, juntamente com Pe. Giomini, tendo aqui aportado no dia 13 de novembro de 1874, conforme informou o *Jornal do Commercio*, na seção “Movimento do Porto”. Daí seguiram para a cidade de Itu, em São Paulo. Pude supor que os dois padres seguiriam juntos, na medida em que localizei um cartão, sem data, com o timbre do Instituto San Francesco Saverio<sup>86</sup>, que os enviara de Roma, cartão este em que constavam o seu nome e o do padre Giuseppe Mantero, uma espécie de *carte de visite* sem foto, o que se constituía em procedimento muito comum no século XIX, como que uma apresentação conjunta dos clérigos.

<sup>85</sup> “Para maior Glória de Deus”, lema da Companhia de Jesus.

<sup>86</sup> Conhecido também como Collegio San Francesco Saverio.

Figura 8 - Cartão de apresentação



Fonte: Acervo Cúria do Rio de Janeiro

Aliás, os dois padres ficaram juntos por um bom tempo. Importa dizer ser o Padre Mantero<sup>87</sup> um homem influente, do que é exemplo a sua iniciativa de, quando reitor do Colégio São Luís, em Itu, haver pleiteado, junto ao governo, a abertura de dois outros colégios, o Santo Inácio, localizado no bairro de Botafogo, na cidade do Rio de Janeiro e o Anchieta, na cidade de Nova Friburgo, ambos no estado do Rio de Janeiro.

Padre Galanti lecionou diversas disciplinas no Colégio São Luís. Em 1875 foi professor de Gramática (Português) e, no ano seguinte, de Francês. No ano de 1877 ensinou Inglês, História e Geografia, Aritmética, e ainda desempenhou a função de Prefeito do Internato. Assumiu o cargo de ministro da casa e professor do 1º ano de História e do 2º ano de Inglês, quando, em 1878, no dia 4 de fevereiro, realizou sua profissão solene dos Quatro Votos<sup>88</sup>, junto ao reitor do colégio ituano, Padre José Maria Mantero, “grande articulador da fundação e do restabelecimento de alguns colégios jesuíticos no Brasil” (MENDONÇA, 2010, p. 78)<sup>89</sup>.

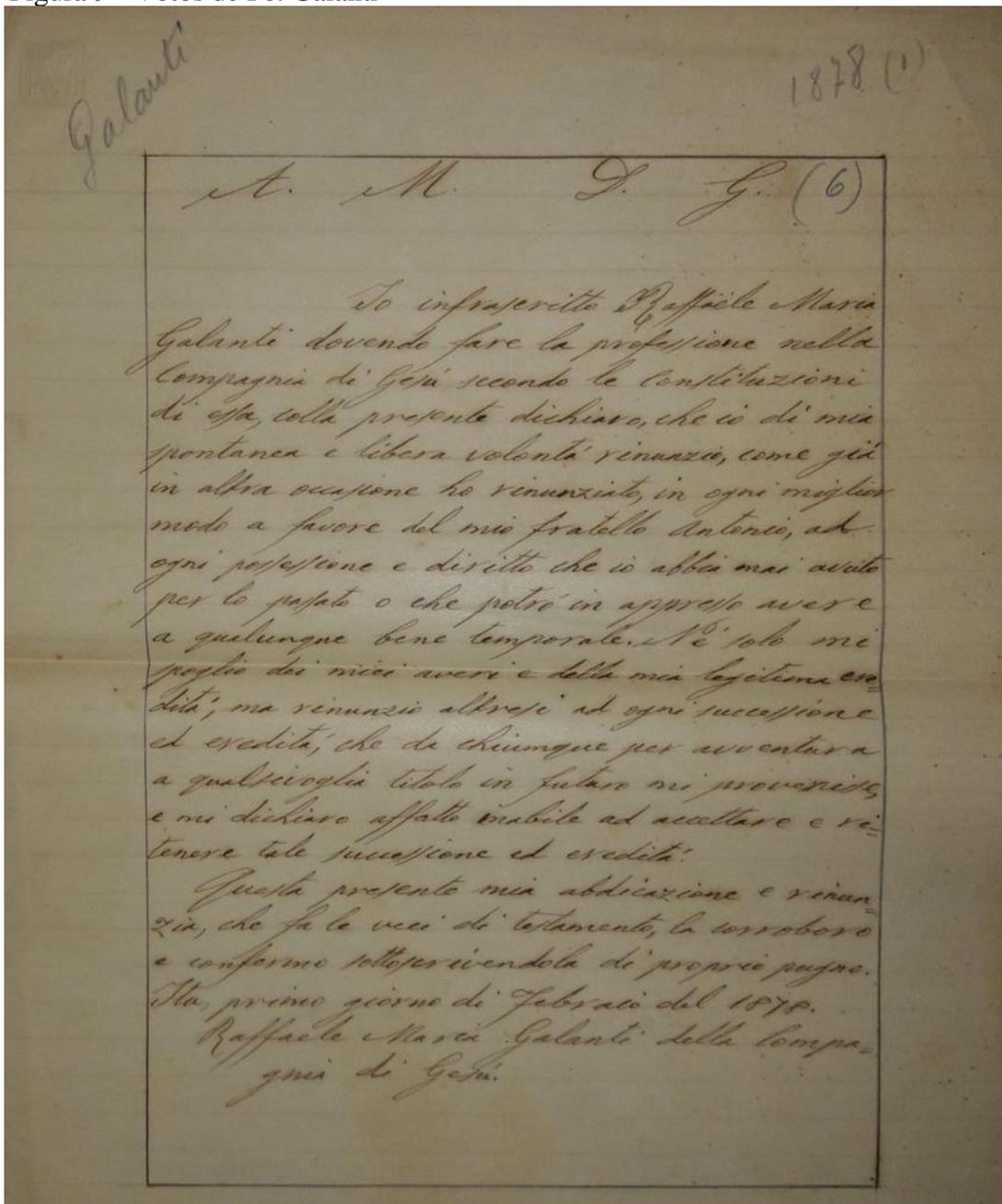
<sup>87</sup> Cf. MENDONÇA (2010)

<sup>88</sup> Os jesuítas acrescentam aos tradicionais votos de pobreza, castidade e obediência, um quarto voto de Obediência incondicional ao Papa, como se vê, a seguir, na Fórmula dos quatro votos solenes: “Eu, [Nome do Jesuíta], na presença da Virgem Maria Mãe de Deus, dos Santos do céu e de todos os que aqui estão reunidos, faço profissão e prometo a Deus Todo-Poderoso e a você, R.P. [Nome do Provincial ou Reitor] (\*) representante de Deus em vez do Propósito Geral da Companhia de Jesus e seus sucessores, pobreza, castidade e obediência perpétua; e, de acordo com a dita obediência, uma dedicação especial à instrução das crianças, de acordo com o modo de vida determinado nos Documentos Pontifícios da Companhia de Jesus e em suas Constituições. Também prometo obediência especial ao Sumo Pontífice por qualquer missão que me seja enviada, conforme expresso nos mesmos Documentos e Constituições Pontifícias. [Nome da cidade], na Igreja de [Nome da igreja], em [Data dos Últimos Votos] (Assinaturas de quem faz os votos e de quem os recebe) (\*) Se os votos forem recebidos pelo Pe. Geral, será escrito: "para você, R.P. [Nome do Pe. Geral], Propósito Geral da Companhia de Jesus, representante de Deus e seus sucessores". Quando a Companhia for governada por um Vigário Geral, em vez de "representante de Deus em vez do Propósito Geral da Companhia de Jesus e seus sucessores", será escrito: "representante de Deus em vez do Vigário Geral da Companhia de Jesus de seus sucessores" (Constituciones de la Compañía de Jesús y Normas Complementarias (Parte V, capítulo 3, n.3 [527])). Tradução livre.

<sup>89</sup> Padre Mantero foi “professor do Colégio São Francisco, em 1872, em Recife, e Ministro, Reitor e Superior no Colégio São Luiz Gonzaga, em Itu (SP), no período de 1873 a 1877. No que diz respeito ao currículo das escolas, era defensor do ensino e da leitura dos clássicos” (MENDONÇA, 2010, p. 78).

Nesse mesmo ano, sua estada foi interrompida, ao viajar para o Pará, acompanhando o bispo D. Antônio Macedo Costa, em visita pastoral, como um pregador de missões populares. Lecionou, no Seminário de Belém as disciplinas de História da Igreja Católica e Filosofia, além de ter desempenhado a função de prefeito espiritual, confessor e ministro da casa, nos anos de 1879 e 1880, ano em que sua primeira carta foi publicada na *Woodstock Letters*. Em março de 1881, o padre Galanti retornou ao Colégio de Itu, onde permaneceu até 1898. Em meio a todas essas ocupações, o jesuíta ainda desempenhava uma outra função, a de escrever as notícias e as experiências em terras brasileiras.

Figura 9 - Votos de Pe. Galanti



Fonte: Cúria Provincial/Pasta de Pe. Galanti

Na única fotografia que pude encontrar no Colégio São Luís, um retrato do ano de 1889, estão visíveis as marcas de identificação da instituição que o guarda, Padre Galanti aparece posando junto aos seus companheiros, todos perfilados e sérios, na parte externa da instituição. A foto me provocou questionamentos sobre seus companheiros ali retratados. Quem seriam eles? Seguiram o caminho intelectual de Galanti?

Figura 10 - Pe. Galanti e demais padres do Colégio São Luís (1889)



Fonte: Acervo do Colégio São Luís

Padre Galanti, protagonista deste estudo, está na segunda fileira, é o terceiro da esquerda para a direita, tem sob seu braço o número “12”<sup>90</sup>. Importa observar este tipo de material, pois, como bem assinalou Mignot (2000), “as fotografias revelam o ambiente, o personagem principal e emolduram o tempo. Em tom sépia, acusam a passagem vertiginosa da vida. Assim como outros documentos contam uma história, a história de vida [...]” (p. 130). Esta fotografia, como uma forma de congelamento de espaços temporais, comunica e informa sobre o grupo de professores do Colégio São Luís, em anos pretéritos. Dispostos na fileira inferior da fotografia, da direita para esquerda, conforme informou uma legenda organizada pelo arquivo do Colégio São Luís, estão: Pe. Graziosi, Pe. João Fialho, Pe. Arcioni, Pe. Giorgini, Pe. Mantero, Pe. Sardi, Pe. Triossi, Pe. Benvenuti, Pe. Taddei; na fileira intermediária, da esquerda para direita, estão

<sup>90</sup> Com a intenção de auxiliar o leitor a identificar Pe. Galanti, em volta do número 12 fiz um círculo para lhe dar destaque.

Pe. Matheucci, Pe. Rodrigues, Pe. Galanti, Pe. Poggioli, Pe. de Meis, Pe. Bigioni, Pe. Terrier, Pe. de Angelis, Pe. Luigi Rossi, Pe. Anagni, Pe. Natuzzi; e na fileira superior, da direita para a esquerda, estão os irmãos Fr. Silanes, Fr. Giuliani, Fr. Meliό, Fr. Gonnella, Fr. Masseurs, Fr. Alberani, Fr. Rosella, Fr. Krause, Fr. Frattali, Fr. Nardella, Fr. Giov. Battisti e Fr. Iemmi.

Estudando os *Catálogos da Missão*<sup>91</sup> pude observar a convivência profissional desses padres. No Colégio São Luís, mais de 15 anos depois da chegada de Galanti, chama a atenção o Pe. José Mantero estar ocupando a função de Reitor do colégio paulista e atuando como Superior da Missão no Brasil, enquanto o padre Galanti era professor de História e de Língua Inglesa e confessor de alunos. Em 1892, Galanti atuava como consultor da Missão, cargo em que permaneceu durante quatro anos. O padre que assume tal função assessora diretamente o reitor nas decisões e atitudes tomadas a respeito de alguma situação no colégio. No ano seguinte, havia mais três consultores, dentre eles Pe. Yabar, reitor no Colégio Anchieta, no período em que Pe. Galanti lecionou. Nessa época, o inaciano ministrava aulas de História Universal e Pátria, Língua Inglesa, disciplina sobre as quais escreveu livros didáticos, atuando, também, como confessor dominical. Alerto para as disciplinas lecionadas por Pe. Galanti, as quais, possivelmente, lhe permitiram acumular experiência em sua trajetória, visível por meio da escrita do livro. Em 1897, Pe. Mantero deixou o cargo de Reitor e de Padre Superior da Missão, tendo Galanti também deixado a função de consultor da missão, o que me pareceu indício de que partilhassem relações de amizade.

Conforme já dito, durante o período em que lecionou e foi consultor da Missão, Pe. Galanti também escreveu livros didáticos. Além dos anteriormente mencionados, todos tiveram como tema a história do Brasil. No entanto, seria no livro *História Universal* que o jesuíta expôs sua compreensão sobre a história, pois que a dividiu em *Universal*, para tratar de todos os países; *Geral*, para todos os países, mas numa só época; e particular, quando limitava-se a alguns anos, uma só província ou guerra. A partir desta concepção apontou para as formas de escrevê-la:

Biographia: historia observada da vida de uma pessoa se for resumida recebe o nome de Memória”, “Annaes: narração simples e concisa de factos dispostos anno por anno, sem ordenamento, sem ligação diferem da Historia porque esta muitas vezes omitta mezes e dias” e “Chronologia: a sciencia que se ocupa em averiguar e registrar as datas do acontecimento (GALANTI, 1894, p.16).

Pe. Galanti explicitou no seu livro didático métodos e fontes para investigar,

[...] ethnographico, synchronico e mixto e Directas - documento/monumento escriptos com intuito de transmittir á posterioridade os factos memoraveis. Indirectas - que

---

<sup>91</sup> Documento que registra todas as funções desempenhadas pelos padres jesuítas nos colégios espalhados pelo mundo. Dele consta, ainda, seu nascimento, sua entrada na Companhia e há quantos anos exerce o magistério.

examinados com auxílio de crítica nos “revelam alguma notícia acerca da vida do homem” nas diversas áreas: geographia, linguísticas, estatuas, pinturas... As obras de arte. Tradições oraes. (1894, p.16)

Sob essa perspectiva historiográfica, o jesuíta escreveu suas obras didáticas, reunidas no quadro abaixo, as quais, segundo o estudo de Dallabrida (2001) circularam e foram apropriados, principalmente, pelos colégios jesuíticos.

Tabela 1 - Livros de Galanti

<b>Título do livro</b>	<b>Local de publicação</b>	<b>Editora</b>	<b>Ano</b>	<b>Edição</b>
<i>Compêndio de Grammatica Inglesa</i>	São Paulo	Espíndola & Comp.	1913	5ª
<i>Compêndio de Historia Universal</i>	São Paulo	Typographia da Industrial de São Paulo	1894	2ª
<i>Lições de Historia do Brasil</i>	São Paulo	Typographia da Industrial de São Paulo	1895	2ª
<i>Compêndio de História do Brasil – Tomo I</i>	São Paulo	Duprat & Comp.	1911	2ª
<i>História do Brasil – Tomo II</i>	São Paulo	Duprat & Comp.	1911	2ª
<i>História do Brasil – Tomo III</i>	São Paulo	Duprat & Comp.	1911	2ª
<i>História do Brasil – Tomo IV</i>	São Paulo	Duprat & Comp.	1913	2ª
<i>História do Brasil – Tomo V</i>	São Paulo	Duprat & Comp.	1910	2ª
<i>Biographia de Brasileiros Illustres</i>	São Paulo	Duprat & Comp.	1911	-
<i>Breve História do Brasil: destinada às creanças do curso preliminar</i>	São Paulo	Duprat & Comp.	1913	-

Fonte: LEMAD

Dos livros escritos pelo padre, apenas um foi dedicado ao público infantil, *Breve História do Brasil: destinada às creanças do curso preliminar*, e aqui eu apresento ao leitor, até para que se possa compreender a concepção de história e de história do Brasil do autor.

Nas escolas primárias ensinava-se a História utilizando-se dos heróis e dos eventos de que fizeram parte, de modo a estimular o amor à pátria e a civilidade, pretendendo-se auxiliar, assim, na construção de uma identidade nacional. Com tal intuito, e para que esse conhecimento fosse disseminado, o livro didático desempenhou um papel relevante. É importante ressaltar que muitos professores e intelectuais dedicaram-se à escrita de livros didáticos de história do Brasil, assim como Pe. Galanti. O estudo de Alexandra Lima Silva (2008), analisou a elaboração os livros didáticos de história do Brasil por meio da articulação da expansão de ensino e do mercado editorial na cidade do Rio de Janeiro (1870-1924), se dedicou, assim, aos

autores destas obras, alguns foram contemporâneos do jesuíta, tais como, Silvio Romero<sup>92</sup>, Rocha Pombo<sup>93</sup>, João Ribeiro<sup>94</sup>.

O pequeno livro de Galanti continha a escrita da história pátria antes mesmo da chegada dos portugueses ao Brasil, dela tratando até a adoção do sistema político da República, proclamada em 1889. Nas 113 páginas, daquele que foi o menor livro da sua obra didática, Galanti não faz referência a fontes, assim como a outros autores, à revista de Institutos ou a anais da Biblioteca Nacional, como nos outros livros didáticos que escreveu.

Circe Bittencourt (1996), ao estudar as práticas de leitura dos livros didáticos, cuja função também estava voltada ao aprimoramento da escrita, fornece pista de como os conhecimentos eram ensinados pelos professores e praticados pelos alunos, apontando o papel homogeneizador do saber escolar por meio dos livros didáticos:

[que deveria] reforçar os métodos de ensino baseados na memorização, em uma, escola concebida como transmissora dos conhecimentos das diferentes disciplinas. O livro didático deveria ser utilizado como instrumento de memorização, ocasionando a prática do ‘saber de cor...’ (p.18).

Dessa forma, a utilização do livro didático em sala de aula, bem como do conteúdo nele contido, possibilita, inclusive, apreender a relevância do mesmo no processo de escolarização. Ao trazer regras e exigências educacionais, o livro didático dá a conhecer em que medida estas eram cumpridas ou não por docentes e discentes, permitindo que se perceba o desenrolar do cotidiano escolar.

---

<sup>92</sup> Sílvio Vasconcelos Silveira Ramos Romero nasceu na cidade de Lagarto (SE) em 21 de abril de 1851, formou-se em direito, na Faculdade de Recife, em 1873. Foi jornalista atuante, publicando poesias, ensaios e críticas na imprensa recifense. Em 1880, por meio de concurso público, torna-se professor de filosofia no do Colégio Pedro II, classificado em primeiro lugar com a tese: *Da Interpretação filosófica dos fatos históricos*. Já com uma vasta produção bibliográfica, em 1890, escreveu *Ensino cívico: a história do Brasil ensinada pela biografia dos seus heróis*, um livro didático dedicado às classe elementares. Para mais informações para sobre este autor consultar *Sílvio Romero: dilemas e combates no Brasil da virada do século XX*, de Maria Aparecida Resende Mota, Rio de Janeiro: FGV, 2000.

<sup>93</sup> José Francisco da Rocha Pombo nasceu em Morretes, PR, a 4 de dezembro de 1857, segundo Silva (2018), homem de várias facetas – intelectual, historiador, professor de história, escritor de livros de história. Lecionou na escola normal e no Colégio Pedro II, onde ingressou por meio de concurso público. Escreveu dentre outras obras, *Compêndio de História da América* (1900), *História da América para escolas primárias* (1903), *Nossa Pátria: Narração dos factos da Historia do Brasil, atraves da sua evolução com muitas gravuras explicativas* (1917). A respeito deste autor ver *Escritas de viagem, escritas da história: estratégias de legitimação de Rocha Pombo no campo intelectual*, de Alexandra Lima da Silva, 2018.

<sup>94</sup> João Batista Ribeiro de Andrade Fernandes nasceu em Laranjeiras, SE, em 24 de junho de 1860, e faleceu no Rio de Janeiro, RJ, em 13 de abril de 1934, foi jornalista, crítico, filólogo, historiador, pintor e tradutor. Em 1887, tornou-se professor do Colégio Pedro II, por concurso público, para a cadeira de Português, defendendo a tese “Morfologia e colocação dos pronomes”. Foi nomeado, contudo, em 1890, para cadeira para História da Civilização e do Brasil. Dentre os livros que escreveu está *História do Brasil*, publicado em 1901. Sobre este autor consultar *Construtores de identidades: a pedagogia da nação nos livros didáticos da escola secundária brasileira*, de Arlette Medeiros Gaparello, 2004.

Ao tomar contato com *Breve História do Brasil* pude observar na introdução, intitulada “Factos que levaram ao descobrimento do Brasil”, voltada para as terras encontradas pelos portugueses, que Galanti se junta ao rol daqueles autores que voltaram os olhos para a Europa e fizeram da História do Brasil a continuação da História europeia. Dessa forma, o autor buscou na Escola de Sagres a grandeza marítima de Portugal, citando sua fundação em 1412, pelo Infante Dom Henrique, passando pelas viagens à costa ocidental da África, enfatizando Cristovão Colombo e Vasco da Gama. O primeiro é destacado pelos seus conhecimentos cosmográficos e por ter concebido o projeto de navegar até a Índia; o segundo, por ter capitaneado a empresa de ter encontrado o final do caminho para a Índia, expedição organizada durante o reinado de D. Manuel. Nesta parte inicial destaca Galanti, como fato relevante no contexto das grandes navegações, o Tratado de Tordesilhas e o protesto de D. João contra a violação de seu direito, contrariado em função das viagens de Colombo que encontraram novas terras além do marco estipulado. Tal fato, segundo o padre, teria dado início a preparativos de guerra.

Notou-se ainda uma peculiaridade na sua forma de propor o ensino de um saber histórico, qual seja:

[...] na visão liberal mais tradicional, o descobrimento é o momento fundante da nação e as relações do mundo europeu com as populações nativas ocorrem em função de transformá-las em grupos civilizados tais como o modelo ultramarino concebia. Também para os que trabalham com os modos-de-produção, o nascimento do Brasil se explica pela lógica do mercantilismo europeu. Assim, em ambas as propostas, o Brasil nasce na Europa e eventualmente, em Portugal. Trata-se, portanto, de uma de uma história nacional que não se origina no espaço nacional mas em outro lugar (BITTENCOURT, 1996, p.62)

Ao final do capítulo, Galanti introduziu a estrutura que perduraria ao final de cada “Época” (capítulo): a cronologia, neste primeiro caso tratando da dinastia portuguesa; as datas principais: de 1394, com o nascimento do Infante D. Henrique, até 1497-1499, com a viagem de Vasco da Gama; em seguida, um questionário com 25 perguntas minuciosas sobre o conteúdo que se havia lido. Sobre estas, vele recordar que perguntas e respostas estavam ligadas à tradição do *Ratio Studiorum* e do catecismo, uma vez que, ambos preconizavam a memorização. Até porque, no caso do método pedagógico dos jesuítas, composto por inúmeras regras e metodologia auxiliares dos professores nas suas atividades diárias, destacavam-se a preleção e o exercício da memória. Para Franca (1952), no entanto, não se deveria incorrer no erro da memorização, seria também necessário contribuir para o raciocínio, para a observação e para a imaginação integrando uma formação voltada para a inteligência do aluno. Tanto assim, que esse autor expôs em seu livro, compondo as regras dos Professores das Classes Inferiores, que tratam dos decuriões:

Regra 19 – Exercício de memória – Os alunos recitem as lições aprendidas de cor aos decuriões, de cujo falará abaixo na regra 36<sup>95</sup>, a não ser que, na Retórica, se prefira outro costume. Os decuriões recitem-nas ao decurião chefe ou ao professor; todos os dias o professor mande recitar alguns, quase sempre dos mais desidiosos e dos que chegaram tarde à aula, a fim de provar a fidelidade dos decuriões e manter a todos no cumprimento do dever. Aos sábados recite-se em público o que foi aprendido de cor numa ou em várias semanas; terminado um livro, poderão escolher-se alguns que da cátedra o recitem desde o princípio, não sem prêmio (FRANCA, 1952, p. 184).

Ou, ainda, na Regra 20 do Professor de Retórica, quanto à formação dos alunos que deveriam repetir três ou quatro vezes por semana, pelo período de uma hora, na presença do professor: que “[...] nelas repitam-se as lições de latim ou grego, e corrijam-se os exercícios latinos e gregos, de prosa e de poesia. Para cultivo da memória aprendam todos os dias alguma coisa de cor, e leiam muito e com atenção [...]” (FRANCA, 1952, p. 199). Este era o entendimento: a repetição e o exercício de falar, segundo o *Ratio*, contribuiriam ao estímulo da inteligência e, finalmente, para apresentações em público.

Acerca do catecismo, amplamente difundido após a Reforma, e que assumiu papel bastante relevante para as diferentes igrejas, católicas e protestantes, com o advento da imprensa veio a ter incremento significativo:

[...] uma produção e difusão de pequenos catecismos e do gênero catequético, para o qual contribuíram de forma significativa os reformadores e humanistas, como Martinho Lutero, Calvino e Erasmo, ou nos países católicos, Francisco Xavier e Frei Bartolomeu dos Mártires (VAZ, 2017, p. 24).

Vaz (2017) analisou a importância atribuída pelos jesuítas ao catecismo, compreendido como o ensino das verdades da fé e, como tal, um dos meios de informação disponíveis para a defesa do Catolicismo, juntamente com o confessionário e os sermões, postos em prática com a finalidade de missão dos povos.

Diante do êxito do projeto protestante de disseminar a fé por meio do texto escrito, também os católicos compilaram vários textos de catecismos concebidos como manuais da doutrina cristã (ORLANDO, 2008, p. 55). Em seus estudos, a autora analisou os catecismos de Monsenhor Negromonte como ferramentas didáticas utilizadas pela Igreja Católica na formação dos indivíduos e afirmou terem sido os principais catecismos católicos os que foram redigidos por Pedro Canísio, Edmondo Auger e Roberto Bellarmino, padres da Ordem Inaciana, acentuando ainda que “os catecismos foram os textos mais difundidos nos colégios da Companhia de Jesus e dominaram os países de língua alemã, até metade do século XIX” (Idem).

---

<sup>95</sup> Nesta regra elencou algumas de suas responsabilidades, “Regra 36 - Decuriões - Nomeie também o professor os decuriões que deverão tomar as lições de cor, recolher os exercícios para o professor, marcar num caderno os erros de memória, os que não trouxeram o exercício, ou não entregaram as duas cópias e observar tudo o mais que lhes indicar o Professor” (FRANCA, 1952, p. 189).

Jean Hérbrard (2007), ao tratar a história das lições e dos exercícios nas escolas francesas, entre os séculos XIII e XX, apontou que os dois termos evocam para o historiador da educação as noções de “saber” e de “competência”, traçando a estrutura do sistema educacional francês – a escola, o colégio e o liceu –, cujas características elencou. No colégio, destacou a vida organizada em regras precisas e rigorosas, enfatizando o *Ratio Studiorum* como um modelo que se espalha no século XIV; isso, em contraponto à escola, nascida, segundo o autor, após o “Concílio de Trento (1545-1553), a fim de permitir a todos os cristãos, mesmo os mais pobres, mesmo as mulheres, conhecer esta ciência da salvação, sem a qual ninguém poderia ser salvo” (HÉRBRARD, 2007, p.15). Nesta, aprendia-se a ler o catecismo, sem a obrigação de escrever, sobre o que ele detalha:

[...] no colégio, a lição e o exercício são dois tempos distintos da aprendizagem: a lição pertence à relação professor-aluno; o exercício pertence somente ao aluno. Na escola, fundada sobre a lição, o exercício e a lição se confundem. A escola inventa, assim, uma prática de oralização que é, de fato, um exercício, pois visa a fazer interiorizar, pelo aluno, um saber (religioso) cuja avaliação é a manifestação de uma competência: saber identificar num texto os relatos ou as explicações que se tem, por outro lado, na memória (HÉRBRARD, 2007, p. 14).

Nesse sentido, colégio e escola proporcionam aos seus alunos, a partir da repetição, um exercício mental: o da memorização, tanto de saberes religiosos como de conteúdos julgados relevantes para formação do indivíduo e do bom católico. O livro *Breve História do Brasil*, de modo idêntico, também exerceu tal função, conforme pode-se depreender, ao se observar a sua folha de rosto do exemplar que teria feito parte do acervo da biblioteca do Colégio São Luís. De fato, ele foi usado tanto como catecismo dominical quanto como livro de leitura nas aulas de catecismo.

O conteúdo do livro é conciso e dividido em épocas: Epoca I – “O Brasil até o domínio da Espanha” – 1500 – 1581; Epoca II – “O Brasil sob o domínio da Espanha” 1581 – 1641; Epoca III – “Desde a restauração de Portugal até a chegada da família real ao Brasil” – 1640 – 1808; Epoca IV – “O Brasil centro da monarquia portuguesa” – 1808 – 1822; Epoca V – “Reinado de Pedro I” –1822 – 1831; Epoca VI – “Reinado de Pedro II” 1840 – 1889; Epoca VII – “Ultimos anos da monarquia”; Epoca VIII – “A Republica”. Como se vê, o autor destacou, em forma de subtítulos, personalidades e fatos históricos de maior valor, de acordo com sua visão. Para cada parte há ainda, títulos correntes<sup>96</sup> que, por vezes, apenas repetem os títulos e, por outras, dão a impressão de ser a frase que resume o capítulo, impossibilitando afirmar, porém, se quem os escolhia ou definia era o autor ou o editor. Conforme o usual, o final de cada

---

<sup>96</sup> “A principal finalidade dos títulos correntes, que se repetem nas páginas de uma publicação é mostrar ao leitor para que livro, para que parte, capítulo ou outra subdivisão está olhando”. (FONSECA, 2008, p. 267)

capítulo inclui três partes, a Cronologia, as Datas principais e o Questionário. Neste livro, especificamente, Pe. Galanti não fez referências a fontes e autores utilizados, o que chamou a atenção de Hruby (2012), que fez menção à falta de dados sobre as informações dadas pelo jesuíta. No entanto, em livros como *Historia do Brasil* (Tomo I-V) e *Lições de Historia do Brasil* é possível ver, em notas de rodapé, referências a *Revista do Instituto Histórico Geográfico* (RIHGB) e a autores, tais como Varnhagen, Oliveira Martins, Rocha Pita, entre outros historiadores contemporâneos a ele.

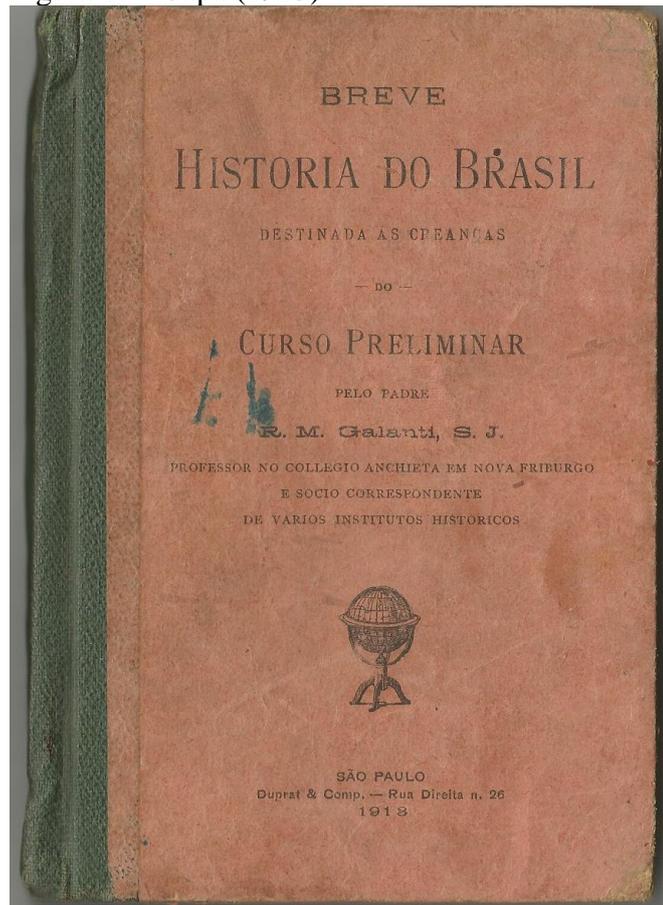
O livro *Breve História do Brasil*, em pouco mais de 100 páginas, aborda, numa Introdução bem sintética, os fatos que levaram ao descobrimento do Brasil. Quanto à sua materialidade, num estudo sobre a constituição do campo teórico e metodológico que tem permitido examinar o livro didático, Munakata (2012) compreende que “apreender a materialidade é, antes, conhecer o processo de produção, circulação e consumo de livros, no interior do qual seus elementos, por exemplo, o tamanho da página, adquirem inteligibilidade (p.184).” Significa dizer que é imprescindível o direcionamento do olhar para as relações sociais nas quais o livro está enredado. Com tal perspectiva, ao proceder à presente investigação, procurei verificar a capa e a contracapa do livro, tendo notado indícios capazes de me levar a observar a comunicação do autor com o leitor, analisando as informações sobre ele, a relação de seus outros livros, onde eles eram vendidos e a sua editora responsável.

Refletindo sobre o fato de o livro ser dedicado a crianças, notei que na capa do seu manual não há ilustrações, sendo estas também ausentes em seu interior. A cor da capa não parece atrativa, levando-me a supor que tal poderia se dever a uma questão de custos. Custos com o ilustrador? Custos de edição?

Em continuidade, percebo ainda a legitimação de Galanti ou, parafraseando Chartier (1994), um “retrato do autor” (p.53), ainda que por sua trajetória. Constato, então, que o autor se destaca na capa do livro, ao ter seu nome impresso numa fonte diferente que lhe dá destaque e que se impõe ao leitor. Até porque, é sabido que, a partir desse “retrato”, o autor se incorpora aos Institutos Históricos, que dão legitimidade à sua escrita. Se não, veja-se:

[...]os autores de livros didáticos de História, vinculados ao Colégio Pedro II e ao IHGB, eram tidos como homens sábios, capazes de adaptar obras estrangeiras ao público do ensino secundário, e especialmente, capazes de auxiliar na tarefa de formar alunos patriotas (MOREIRA, 2010, p. 42)

Figura 11 - Capa (1913)



Fonte: Arquivo pessoal

Voltando-me ainda para o frontispício do livro quando destacou a instituição educacional a que pertencia, verifiquei e, de fato, padre Galanti lecionou História do Brasil no Colégio Anchieta, em 1899. Tal colégio, instalado na cidade de Nova Friburgo, no Estado do Rio de Janeiro, foi fundado em 1886. Tratava-se de um educandário mantido como uma sucursal do Colégio São Luís, de Itu/SP e, já no início do século, contava com mais de 600 alunos, sendo composto basicamente, em sua maioria, pelos filhos da elite carioca e de outras partes do Brasil e, ainda, por alunos estrangeiros. Em 1901, o colégio foi equiparado ao Ginásio Nacional. Ao que parece, a ida de Galanti para o colégio fluminense atribuiu prestígio para aquela instituição, visto que consta no Diário do Colégio Anchieta (1906 – 1907) o seguinte registro: “leu-se História do Brasil de padre Raphael Galanti” (p.33), menção não feita a outros livros estudados.

Um retorno à capa do livro revela outras questões: além de sua experiência no magistério, Galanti demonstra, ainda, seu conhecimento e experiência como historiador e pesquisador, ao expor os institutos dos quais foi sócio, caso do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro – do Rio de Janeiro, de São Paulo, de Santa Catarina e da Bahia –, do Instituto

Arqueológico e da Academia de Letras de Pernambuco, do Instituto Ceará e do Centro Luz e Ciências de Campinas.

Essas referências inscritas nas capas possivelmente deram-lhe prestígio junto à editora pela qual publicou a maioria dos seus livros: a editora Duprat & Comp., sobre a qual ainda não se conta com um estudo específico. Algumas pesquisas, no entanto, em determinado momento, de alguma forma, esbarraram na Duprat, como na pesquisa de Ana Luiza Martins (2001) sobre as revistas e o papel social por elas desempenhado no final do século XIX e início do XX. É justamente essa pesquisadora que, ao tratar das editoras, informou que,

[...] a Duprat fundada por H. Knosel, em 1862 e adquirida por Jorge Secker, em 1890, com a euforia do Encilhamento transformou-se em Companhia Industrial de São Paulo, propriedade de comerciantes abastados, com Duprat como gerente. Em 1902 a Duprat & Comp. tem como sócios o Barão Raimundo Duprat, futuro prefeito de São Paulo [1911 – 1914] e seu irmão Alfredo Duprat... (p. 177)

Quanto aos leitores ou a leitura que pôde ser feita deste livro, obtive poucas informações, pouco mais que tal obra era livro usado nas escolas jesuíticas. Fica este ponto em aberto para o futuro, na medida em que Chartier (1994) alerta para a relação autor/leitor, quando diz que a leitura

[...] raramente deixa marcas, e que, ao dispersar-se em uma infinidade de atos singulares, liberta-se de todos os entraves que visam submetê-las. Um tal projeto repousa, por princípio, num duplo postulado: que a leitura não está, ainda, inscrita no texto, e que há, por tanto distância pensável entre o sentido que lhe é imposto (por seu autor, pelo uso, pela crítica, etc.) e a interpretação que pode ser feita por seus leitores; conseqüentemente, um texto só existe se houver um leitor para lhe dar um significado (p.11).

No entanto, pela notícia veiculada no *Aurora Collegial*<sup>97</sup> pude conhecer a recepção ao livro ao ler o registro nele feito em sua sessão “Na estante”:

[...] profundamente gratos pela captivante gentileza, os ex-sextanistas, pelas columnas desta Chronica, agradecem a S. Rev. A preciosa oferta, e, ao enviar ao querido professor um sincero “muito obrigado”, hypothecam-lhe seu reconhecimento (1913, p. 3).

Os livros escolares de tipo idêntico ao de Galanti testemunharam o currículo oficial vigente e foram reveladores dos valores cívicos e morais predominantes num certo período, sobre o que Lajolo e Zilberman (1999) refletem, ao tratarem da história esquecida e minimizada dos livros didáticos:

---

<sup>97</sup> Este jornal foi criado em 1905 pelos alunos do Colégio Anchieta, em Nova Friburgo, sob a supervisão dos padres jesuítas e professores da instituição. Em artigo estudo como foi meio divulgador de ideias e práticas, mostrando por cotidiano escolar, valores, costume e interesses que balizavam a educação jesuítica no início do século XX. Cf. Mendonça, L.B. *Aurora Collegial: um jornal dos alunos do Colégio Anchieta*. Revista de História e de historiografia da educação. v.I, n.3, 2017.

[...] apesar de ilustre, o livro didático é o primo pobre da literatura, texto para ler e botar fora, descartável porque anacrônico: ou ele fica superado dados os progressos da ciência a que se refere ou o estudante o abandona, por avançar em sua educação (p.120).

A descartabilidade e a necessidade de atualização, argumentos enfatizados pelas autoras, de certo prejudicam ao pesquisador o acesso às fontes, dificultam o estabelecimento da sua circulação e apagam pistas sobre saberes e valores difundidos.

Ainda sobre a circulação de livros do Pe. Galanti, é possível percebê-la também pelas cartas escritas por ele, como no caso da despedida ao Barão de Studart:

Em fim assigne-me de V. Ilmo

Am. e Fr. Obr.

P. R.Galanti s.j.

p.s. Para minha tranquilidade que me participe o recebimento desta carta. Participo-lhe q. recebi o agradinho um dicionario e outros livros q. dignou mandar-me (Pe. GALANTI, carta de 24 de setembro de 1912).

A despedida faz parte dos protocolos das cartas, conforme apontou Castro (2004) e estes são compartilhados e consolidados, como lembrou Camargo (2000). O cerimonial epistolar revelou que Galanti, apesar de cumprir um procedimento formal, tratou o Barão de Studart por amigo, mostrando ter com ele certa intimidade, apesar da distância que os separava. Porém, a despedida ainda não foi o final da epístola. No “P.S”, o missivista pede que o recebimento da carta seja confirmado e agradeceu pelo agrado recebido, no caso, um dicionário e alguns livros. Quanto a isso, observando as interpretações de Venancio (2003), percebi haver em outras correspondências o recebimento de livros de outros autores também como demonstração de que o presente visava “apenas agradecer o receptor, demonstrar a importância da amizade” (p. 170).

Dialogando com a sua pesquisa, que vislumbra uma prática específica de correspondência – que inclui recebimentos e agradecimentos por livros recebidos ou enviados, ao que parece um hábito comum entre os intelectuais daquela época –, pude mapear parte da rede de sociabilidade tecida por Pe. Galanti, do que é exemplo a carta escrita ao Dr. José Alexandre Teixeira de Mello (1833-1907), Diretor da Biblioteca Nacional, entre os anos de 1895 até 1900,

Itu, Coll. S. Luiz, 24- 8-96

Embora não tenha a honra de lhe conhecer pessoalmente, ousou dirigir-me a V.S. que conheço por fama e por seus elaborados trabalhos litterários.

Tomo, pois, a liberdade de enviar-lhe um pequeno mimo e pedir-lhe um favor.

O mimo é um pobre trabalho sobre a história do Brazil. Dos exemplares que lhe remetto, offereço um a V.S., outro à Biblioteca Nacional. Embora insignificante, espero que V. S. terá a paciência necessária para percorrer este trabalho, porque trata da hist. Do nosso paiz, a qual V.S., como digno membro do Inst. Hist., certamente dedica seus lazeres. Creia que me fará grande favor, do qual lhe ficarei muito grato, si se dignar comunicar-me qualquer observação a respeito [...] (BN, Carta de Pe. Galanti, 24 de agosto de 1896).

Pe. Galanti ofereceu seus livros também a jornais e revistas. É o que pude constatar quando localizei, nos periódicos da Biblioteca Nacional, impressões de suas obras, como foi o caso de *O Mensageiro do Coração de Jesus*<sup>98</sup>, ligado ao Apostolado de Oração e aos jesuítas, publicação de setembro de 1896 que traz características e divisões do livro *História do Brasil*.

Na coluna intitulada “Mimo precioso”, do jornal *Mensageiro do Coração de Jesus*, a seção responsável pelo recebimento de livros agradece o “mimo”, referindo-se ao primeiro volume do livro *História do Brasil* que Pe. Galanti teria oferecido ao periódico, ato comum entre outros intelectuais, como forma de demonstrar estima e consideração, de certa forma traçar suas redes de relações pessoais (VENANCIO, 2001) ou ainda com intenção de divulgar sua obra.

Figura 12 - “Mimo” (1896)

**Mimo precioso** – Recebemos o primeiro volume da *Historia do Brazil* pelo padre R. M. Galanti S. J. Agradecemos. Logo daremos conta cabal deste livro do qual nos contam terem pessoas competentes pronunciado juizo muito favoravel.

Percorrendo rapidamente o livro observamos que o auctor com uma introdução de 21 paginas esboça a largos traços a historia da nossa antiga Metropole, e bem assim dos factos que levaram ao descobrimento do Brazil. Divide então o seu assumpto em diversas epochas. Na I. trata do descobrimento, das explorações, da colonização e dos indigenas. Na II. descreve a administração dos primeiros governadores, a vinda dos primeiros jesuitas, os trabalhos do Ven. P. J. de Anchieta, a guerra com os Tamoyos, os francezes, etc. a fundação da Bahia, de P. Paulo, do Rio de Janeiro etc. etc.

Na III epocha conta o P. Galanti a conquista de Sergipe, da Parahyba do Norte, do Rio Grande. Ceará, Maranhão, Pará, Refere ao mesmo tempo a historia de algumas das intelligencias entre as diversas classes.

Fonte: Mensageiro do Coração de Jesus (BN)

Além das redes de sociabilidade internas à Ordem, padre Galanti teceu outras. É o que demonstra a análise de sua trajetória como intelectual (SIRINELLI, 2003). Ao que tudo indica,

<sup>98</sup> Em 1861 começou a publicação de uma revista mensal intitulada *Mensageiro do Coração de Jesus*, que rapidamente se difundiu em todas as nações, nas respectivas línguas: na Itália em 1864; na Áustria no ano seguinte; nos Estados Unidos e na Espanha em 1866; na Colômbia e na Hungria em 1867; na Inglaterra em 1868; na Holanda e na Bélgica em 1869, etc. Disponível em <https://aomej.org.br/historia> Acesso: 20/01/2020.

os livros de sua autoria legitimaram sua participação em diversos Institutos Brasileiros, o que lhe proporcionou reconhecimento no campo da Educação, como autor de livros de História.

### 1.3.1 Um jesuíta em trânsito por outras instituições

Em busca de legitimação, Pe. Galanti participou como sócio de muitos Institutos Brasileiros dedicados à história do Brasil. Ao lado de outros intelectuais, discutiu, fomentou e escreveu a recente história do país. O jesuíta esteve inserido no Instituto Histórico Geográfico de São Paulo (IHGSP), no Instituto Histórico Geográfico de Santa Catarina (IHGSC), no Instituto Geográfico e Histórico da Bahia (IGHB), no Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico de Pernambuco (IAHGP), na Academia Pernambucana de Letras (APL), no Centro de Ciências, Letras e Artes (CCLA), em Campinas, Academia Ituana de Letras (ACADIL), e no Instituto Histórico Geográfico Brasileiro (IHGB), no Rio de Janeiro. Este último vem a ser o de maior destaque, não só devido à sua importância no cenário nacional, como também por ter servido como exemplo para a maioria dos que foram fundados posteriormente. Em acréscimo, informo que foi justamente em seus arquivos que localizei o único discurso de posse proferido por Pe. Galanti.

O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro foi criado em 21 de outubro de 1838, no Rio de Janeiro, instituído por 27 fundadores, tendo como patrono o imperador D. Pedro II “a quem foi dado o título de Protetor, o qual incentivou e financiou pesquisas, fez doações valiosas, cedeu sala no Paço Imperial para sede do Instituto, nos seus passos iniciais, e presidiu mais de 500 sessões”<sup>99</sup>. A instituição deu origem a vários Institutos e Academias fundadas pelo Brasil afora, abrigando “historiadores brasileiros que se [dividiram] quanto às estratégias para a consolidação do Estado Nacional: os do Rio de Janeiro [que] se [encarregaram] de produzir uma história nacional e os demais [que] se responsabilizam pelas histórias locais e regionais” (BITTENCOURT, 2004 p.18). Na fileira dos seus sócios estavam “representantes dos proprietários de terras, políticos, literatos e intelectuais, de uma elite constituída no processo de formação de uma nação independente cuja missão imediata era a de se situar no mundo ocidental capitalista” (Idem).

Wehling (2012) destaca quatro objetivos do IHGB:

[O primeiro foi o de] contribuir para a construção de uma consciência nacional, considerada indispensável a um País que saíra, havia pouco, da condição colonial, e que tivera administração altamente concentrada em Lisboa e uma organização

---

<sup>99</sup> Disponível em [www.ihgb.org.br](http://www.ihgb.org.br). Acesso em 13/11/2018.

fragmentada em capitanias que se comunicavam diretamente com a metrópole. Um segundo objetivo, [...] era o de produzir conhecimentos e acumular informações sobre o País, que contribuíssem para elevar o nível científico e cultural da população e permitissem um melhor conhecimento sobre o País, seu povo, sua formação e espaço geográfico. O terceiro [...] justificaria o tipo de organização política vigente, ou seja, o Estado Unitário e a Monarquia Constitucional como garantias de estabilidade política. O quarto objetivo prepararia os quadros intelectuais e administrativos para o País. (p.8)

Assim, atribuiu-se aos sócios do IHGB a função de promover a unidade na escrita da história e da memória nacional, sobre o que Manoel Luís Lima Salgado Guimarães (1988) afirmou:

um ponto que nos parece central para a discussão da questão nacional no Brasil e do papel que a escrita da história desempenha neste processo: trata-se de precisar com clareza como esta historiografia definirá a Nação brasileira, dando-lhe uma identidade própria capaz de atuar tanto externa quanto internamente. No movimento de definir-se o Brasil, define-se também o "outro" em relação a esse Brasil. (GUIMARÃES, 1988, p. 6)

Tal definição ficou a cargo dos intelectuais que compunham os quadros do IHGB, dentre eles, historiadores que faziam parte da educação brasileira, exercendo a função de professores e que, com esta associação, pretendiam ascensão na carreira e legitimidade intelectual, participando de um projeto civilizatório. Os intelectuais são produtores de bens simbólicos, criadores e mediadores culturais que atuam como atores políticos (SIRINELLI, 2003), neste caso na questão identitária do país.

A longa carreira do jesuíta como professor nos colégios da Companhia de Jesus trouxe a ele reconhecimento na Ordem, mas ser membro do IHGB possibilitava difundir suas ideias entre os intelectuais partícipes e, no entendimento dos relatores da Comissão que o avaliara, contribuir para que o Brasil fosse “civilizado”. Relevante assinalar que, naquele momento de avaliação de sua entrada no IHGB, o sistema republicano trazia, entre outros projetos voltados para nação, a meta de civilizar pela educação. A meta da intelectualidade, nesse momento civilizatório era moldar, através de muitos artifícios, as crianças e os jovens para o civismo e o patriotismo.

Na ocasião de sua posse, na 4ª sessão ordinária de 2 de maio de 1897, presentes os Srs. Conselheiros Aquino e Castro, presidente da sessão, e H. Raffard, os Drs. César Marques, Joaquim Nabuco, Nunes Pires, Padre Bellarmino de Souza e Marques Pinheiro, Pe. Galanti proferiu o seguinte discurso:

“Em verdade vos digo que não me acho disposto a fazer um discurso. Exporei apenas dois sentimentos que me agitam o espírito, neste momento, agradecendo desta arte aos Senhores socios do Instituto Histórico a bondade com que se dignaram honrar-me, recebendo-me no gremio de tão illustre associação. Confesso-vos, pois, em primeiro lugar que me sinto acanhado e confuso ao tomar assento no meio de vós.

Sobre ser estrangeiro de nascimento, embora brasileiro de coração, posso dizer, que venho do sertão de S. Paulo, onde passei a maior parte da minha vida ensinando a crianças. Não sei, portanto, falar a bella lingua de Camões com a elegancia e perfeição que é mister em um membro do Instituto Historico Geographico Brasileiro, que além de contar tantos annos de existencia gloriosa, é honrado por tantas sociedades litterarias e scientificas do mundo inteiro e que tem sempre florescido por um grande numero de socios distinctos. Não digo isto para lisonjear-vos, não; digo-o com toda convicção, por que conheço sufficientemente bem os 59 volumes de que consta a Revista do Instituto: volumes que fazem honra ao nosso paiz e que posteriormente consultarão com assombro. Pois bem, Senhores, a leitura desse volumete tem-me persuadido de que é avultado o numero dos sabios, oradores e litteratos de que se pode com toda a razão gloriar o Instituto. E é isto que me acanha ao considerar o pouco que valho no mundo das sciencias e das lettras [...] (GALANTI, *RIHGB*, 1897, p. 316).

Dizia-se embuído de dois sentimentos, sentia-se acanhado e confuso, pois não se considerava digno de ali estar, mas que altivamente se acanhava por se sentir pouco para o mundo da ciência e das letras. Isso, ao mesmo tempo em que alegre, regozijava-se, porque o Instituto honrou a Companhia de Jesus, por meio do mérito do seu livro. Enalteceu a Companhia de Jesus desde os tempos coloniais porque desempenhou trabalhos “científicos, literários e sociais”. Seguindo, Galanti expôs, também, a relevância da História do país e da Educação. Ao referir-se às glórias do Brasil, criticou a história pátria até então escrita, referindo-se à mesma como “pouco generalizada”, e mostrando a relevância de torná-la conhecida: “revelar ao mundo essas glórias afim de que o estrangeiro aprenda estimar e respeitar o nosso paiz e a nova geração ache nas façanhas heróicas dos seus antepassados um estímulo poderoso de verdadeiro amor à pátria” (GALANTI, *RIHGB*, 1897, p. 317). Creio importar aqui o registro de que a historiografia basileira tinha por foco fazer o país reconhecido frente às outras nações, de modo que os jovens tivessem orgulho do Brasil, a partir das glórias e heróis passados, para segui-los, prosseguindo assim, num sentido de vivência cívica.

Enunciando o que a Companhia de Jesus desejava aos seus alunos, Pe Galanti propagou os ideais jesuíticos:

[...] promover a boa educação da mocidade, por que a mocidade é a esperança pátria; deseja promover o progresso das lettras e das sciencias porque dellas em grande parte depende a prosperidade da nação; deseja em particular promover o estudo da História pátria afim de excitar os jovens a imitar as façanhas gloriosas de seus antepassados (GALANTI, *RIHGB*, 1897, p. 316).

Outro de seus livros, publicado no ano de 1896, intitula-se *Compêndio de História do Brasil*, editado pela Typographia São Paulo<sup>100</sup>, um livro didático e amplamente utilizado nas escolas particulares brasileiras<sup>101</sup>. Inicialmente assim denominado, nas publicações posteriores

<sup>100</sup> A Typographia São Paulo foi sucessora da oficina tipográfica de Jorge Seckler, também conhecida como Casa Duprat. Raimundo da Silva Duprat, conhecido como Barão de Duprat, foi seu proprietário. [www.fau.usp.br](http://www.fau.usp.br)

<sup>101</sup> KARNAL, Leandro. Memória infinita para glória de Deus: os jesuítas e a construção da memória. <https://ejesus.com.br>. Acesso em 20/03/2019.

teve o título reduzido para *História do Brasil*, sendo considerado por seu autor o primeiro volume, de uma obra completa que viria a ser composta por seis volumes. O livro foi considerado a primeira tentativa de resumir o passado do Brasil sob o regime republicano, ainda que apresentasse uma visão subalterna em relação à Europa no tocante aos acontecimentos/fatos discutidos.

Tomando a apresentação de um livro como a conversa inicial do autor com seu possível leitor, Venancio (2003) observou prefácios de livros.

[...] palavra que se origina do latim *prae-fatio*, prefácio significa “o que se diz no princípio”. Texto, normalmente breve, que abre um livro, os prefácios comumente servem para apresentar uma obra ao leitor, informando-o, valorizando o texto escrito e legitimando aquele que o escreve. (p.249)

O prefácio pode ser escrito por autor diferente do texto do livro, geralmente uma pessoa conhecida e com obra no tema em questão (Idem). Acerca da escrita de prefácios, Silva (2018) considerou como “protocolo de leituras, e expressão das redes de sociabilidade e prestígio do autor que prefacia, no campo intelectual” (p. 237). O que não foi o caso de Pe. Galanti, já que o próprio jesuíta escreveu seu prefácio. Creio elucidar esse tipo de situação, o que nos diz Venancio (2003):

nesse caso, os prefácios têm a função de servir ao próprio autor para justificar suas escolhas diante do público leitor, bem como, de certa forma, interferir nos critérios com que a obra será julgada por seus leitores. O prefácio é a ocasião de o autor falar diretamente aos seus leitores, apresentando seus “escrúpulos”, isto é, suas hesitações, dúvidas e inquietações.

Pe. Galanti alertou quanto às dificuldades para a concretização da edição e reforçou o fato de estar sua obra incompleta, acenando ao leitor para possíveis edições posteriores. Escreveu ele:

Sahe finalmente a luz o Compendio de Historia do Brazil que promettemos há quatro annos, e que motivos imperiosos nos inhibiram de publicar antes deste tempo. Infelizmente não está completo, indo só até o anno de 1624. Faremos os maiores esforços para leva-lo a cabo o mais cedo possivel. Cumpre-nos, porem, confessar que luctamos com muitas e gravíssimas difficuldades (1896, p. I).

Aos amigos, aos quais não fez menção nominal, mas que o animaram na empreitada, já agradece o possível retorno da leitura feita: “a elles e a todas as pessoas lidas na Historia da nossa Patria, seremos summamente grato por qualquer reparo ou observação que julgarem conveniente fazer ácerca do nosso trabalho”. (GALANTI, 1896, p. I). Relevante observar que, ainda que nascido na Europa, o autor se incluía no texto entre aqueles “da pátria”. Seguindo em seus agradecimentos, desta vez nominalmente, os faz a Francisco Adolfo de Varnhagem e ao Senhor Visconde. Ao primeiro, pela leitura das páginas saídas do prelo, reconhecendo seu mérito relativo à *História do Brasil*. Ao segundo, orador do IHGB, agradeceu o elogio à sua

visão da História. Os agradecimentos feitos pelo jesuíta podem ser compreendidos também como uma forma de legitimação, visto que, citou intelectuais importantes no campo da história do Brasil.

Apesar de Pe. Galanti não atribuir prioridade à sua afiliação ao IHGB e a outros institutos, nas cartas compulsadas constata-se ter sido membro e sócio correspondente de vários deles no Brasil. Sua participação não somente o tornou conhecido entre seus companheiros – ainda que sua escrita e perspectiva histórica não fossem aceitas ou partilhadas por muitos intelectuais –, como também proporcionou a sua legitimação diante dos seus pares. As experiências vividas por Padre Galanti o certificaram também para escrever em nome da Companhia de Jesus no Brasil e reforçaram a motivação para remeter cartas à missão dos Estados Unidos, informando sobre a mesma e sobre os missionários, educação e política brasileira, dedicando-se à história do Brasil. Com tudo isso, Padre Galanti tornou-se conhecido também como historiador e autor diante dos jesuítas de toda a América, leitores das cartas que circulavam por meio de um suporte impresso denominado *Woodstock Letters*. Possivelmente, essa legitimidade o autorizou a contar a história do Brasil. E o fez também narrando o Brasil – que viu e viveu – para jesuítas de todo mundo.

Diante disso, emergiram questões: que revista seria essa? Por onde circulava? Que ideias professava? Quem as escrevia? A quem se destinava? Quem a dirigia? Diante de uma importante publicação dos jesuítas que precisava ser compreendida no âmbito da imprensa periódica católica, analisei-a em sua materialidade, nos seus temas e conteúdos. Empenhada em responder às questões a mim mesma impostas, percorri o caminho de conhecer a *Woodstock Letters*. Cumprido o trajeto, convido os leitores me acompanharem nesta leitura...

## 2 JESUÍTAS NARRAM O MUNDO AO REDOR<sup>102</sup>: CARTAS EM REVISTA

Ah, quem vai saber  
 Que graças as Cartas de Woodstock trarão,  
 Enquanto partem em sua santa missão?  
 Dessas revelações de heroicos corações,  
 Surgem quantas nobres inspirações  
 Incitando o preguiçoso à frente avançar!  
 “Irei essa santa linhagem envergonhar?”  
 Oh Woodstock, por suas cartas: Que elas  
 Por séculos cumpram seu gentil dever  
 E sejam um laço de irmandade para aqueles  
 Que a Santo Ignácio de querido pai chamam.

*Padre Matthew Russell, 1922, p. 11*

Este pequeno poema foi publicado na revista *Woodstock Letters*, por ocasião da comemoração dos 50 anos em que foi editada pela primeira vez, quando os jesuítas do Woodstock College, em Maryland, iniciaram oficialmente a publicação do periódico, o que se deu em 31 de janeiro de 1872. Punha-se em prática, ali, nascida com 208 páginas, a revista em estudo, sob a direção do Padre Joseph Keller, responsável pelo amadurecimento da ideia de publicar as cartas. O impresso perdurou por quase um século, tendo deixado de ser publicado, em 1969, após ter levado a público, entre outros gêneros textuais, cartas escritas por seus colaboradores/leitores, em que narravam suas experiências no mundo ao redor.

Examino a revista a partir dos seus protocolos de leitura (CHARTIER, 2002), compreendidos como as marcas e pistas presentes nas capas e no texto. Evidenciando a materialidade da sua capa, índice e ilustrações, tais dispositivos podem permitir o alcance do objetivo de se perceber o adequado uso do texto e sua interpretação correta. A partir dessa análise, pode-se ver materializada a intenção do autor: primeiramente, pela utilização de fontes (letras em seus vários estilos) e escolha tipográfica, esta que se constituiu na apresentação de ilustrações que dialogam com o texto; e também na matéria tipográfica, de reponsabilidade do editor, encarregado que é da censura, das instruções e das chamadas aos autores/leitores.

---

<sup>102</sup> De acordo com a referência do *WOODSTOCK LETTERS* Uma revista histórica da educação jesuíta e atividades missionárias. Impresso, Maryland, 1987.

Foi a partir deste olhar que passei a investigar e a categorizar as revistas. Adentrando o periódico, verifiquei o tempo de sua fundação e o modo como foi produzido: busquei os destinatários das cartas; encontrei aqueles editores de que pouco se conhecia, alguns possuindo necrológicos, outros nem isso; e segui pistas dentro do próprio periódico e na web para compor tais biografias. Magaldi e Xavier (2008) asseveram a viabilidade da investigação sobre “a dimensão material das publicações pesquisadas, assim como para sua circulação e apropriação, aspecto que assinala a importante questão dos múltiplos destinos e usos observados em relação a uma mesma publicação” (p. 10). Assim é que, apoiada nessas orientações, construí tabelas que pudessem me auxiliar na compreensão das revistas, inicialmente, na sua circulação, o que me levou a percorrer continentes e países que remeteram as cartas e receberam o periódico, tecendo, dessa forma, um elo, contemplando redes e relações. Um outro auxílio trazido pelas tabelas foi poder investigar os temas dessas missivas e, com isso, notar os sentidos das escritas voltadas, muitas vezes, para a edificação.

Os protocolos de leitura, como ferramenta metodológica, possibilitam um elo entre a história da leitura e escrita com a história da educação, na perspectiva da operação com fontes diversas e no que diz respeito ao suporte escrito, permitindo que seja lançado um novo olhar e nascidas novas perguntas. Por que uma revista composta por cartas? Qual o sentido e para que serviria essa revista? Qual a sua finalidade?

A partir da leitura do primeiro número, encontrei indícios de que havia um impresso anterior àquela revista, informação esta extraída da própria leitura das cartas publicadas:

Canadá - Missões indianas.  
 CARTA DO PADRE DU RANQUET MUITO REV. PADRE BAPST.  
 Estação da Baía de Thunder, 24 de setembro de 1871.  
 Reverendo Padre,  
 P.C.

Desde a última vez que te escrevi em Grand Portage em junho, eu tenho estado ausente quase o tempo todo viajando ou atendendo ao chamado dos doentes [...] (DU RANQUET, *Woodstock Letters*, Volume I, Número 1, 1 de janeiro de 1872, p.25).

A partir do trecho acima a dúvida permanecia. Teria sido a carta, escrita pelo padre francês, Dominique Chardon du Ranquet, três meses antes, apenas recebida por seu destinatário ou publicada simplesmente? A resposta viria muitos números depois – percorridos virtualmente –, naquela edição que se referia à comemoração dos seus 25 anos, em 1897. Neste tal número, padre Carroll reconstituiu a história da revista e revelou, referindo-se à revista, que ela “já existia há dois anos, quando o primeiro número foi impresso” (CARROLL, *Woodstock Letters*, Volume XXVI, Número 1, 1 de março de 1897, p.12). Dessa forma, mesmo sem poder ter tido

contato com estas primeiras edições da revista, foi clarificado que os números consultados vinham de uma experiência anterior.

A primeira publicação do impresso se deu um pouco mais de dois anos após a fundação do Woodstock College, inaugurado em 22 de novembro de 1869, como Casa de Estudo avançado para os jesuítas. Era ele o primeiro estabelecimento inaciano nos Estados Unidos, com Programas de Filosofia, que permitia aos noviços completarem seus estudos na área, realizarem estudos gerais e percorrerem um campo de especialização; isso, enquanto o programa de Teologia voltava-se para aqueles que estudavam com vistas à ordenação<sup>103</sup>. Pois foi nessa instituição, dedicada à formação dos jesuítas que posteriormente seriam encaminhados para lecionar nos colégios e nas universidades da Ordem, que foi idealizada a produção da revista.

Insiro tal impresso, elaborado por jesuítas, representantes da Igreja Católica, no campo das fontes religiosas, reveladores de dados sobre a Ordem e sobre suas realizações pelo mundo, por meio dos quais socializaram vivências e experiências e, conseqüentemente, pautaram várias questões jesuíticas do período, principalmente no tocante àquelas que constituíram os embates travados no interior da Igreja. O periódico, no entanto, foi além: tratou de outras religiões não católicas e do campo político da região em que estavam.

Sobre seu uso, percebi terem-no utilizado como meio pedagógico, veiculando saberes e conteúdos para a formação dos padres e, por conseguinte, dos seus alunos, bem na perspectiva de Sirinelli (2003) quando diz que

uma revista é antes de tudo um lugar de fermentação intelectual e relação afetiva, ao mesmo tempo que viveiros e espaços de sociabilidade, e pode ser entre outras abordagens, estudada nesta dupla dimensão (p. 249).

O grupo de remetentes/leitores jesuítas da revista *Woodstock Letters* produz e veicula saberes formadores, que fomentam, nas mais distantes organizações jesuíticas, a memória e legitimação da Ordem. É nessa dupla abordagem, sinalizada pelo autor francês, que convido o leitor para leitura da revista.

## 2.1 Folheando a *Woodstock Letters*: a história de uma revista

Ao folhear, no sentido mesmo de compulsar e consultar a revista, atentei para a sua forma, periodicidade, aparecimento e supressão de seções, seus editores, seus conteúdos e suas

---

<sup>103</sup> Disponível em <https://mht.maryland.gov>medusa>. Trata-se de um inventário de 1965, que traz informações sobre a propriedade dos jesuítas, em Maryland.

representações. E o fiz na tentativa de aprofundar o conhecimento sobre a história dessa revista, o que tornou necessário recuar no tempo para compreender sua constituição dentro de uma instituição jesuítica.

No momento de sua criação, os Estados Unidos tinham acabado de passar pela Guerra Civil<sup>104</sup> (1861 – 1865) e, mesmo com as consequências econômicas e sociais e perdas humanas<sup>105</sup> dela advindas, desenvolveu um caráter cosmopolita, recebendo jesuítas de todas as partes do mundo. Possivelmente esse universo multicultural da Ordem na América incentivou o envio das cartas. A revista foi fundada pouco mais de dois anos após a abertura do Woodstock College, sendo batizada por padre Paresce com o nome de *Woodstock Letters*, aceito com alegria pelos membros daquela empreitada. “Nome evoca, determina, alude, evidencia” (MIGNOT, 1993, p. 630) e, no caso específico deste impresso, objetivou enfatizar o pertencimento e a filiação à faculdade do estado de Maryland.

Quanto ao tamanho e a forma escolhidos, o modelo adotado – da *Princeton Review*<sup>106</sup> –, parece ter agradado aos seus responsáveis. Tratava-se de um modelo composto por artigos no idioma inglês com formato de “artigo de jornal”<sup>107</sup>, modelo este que fez do periódico, pelo formato que empregou, “uma câmara de compensação para notícias relacionadas com o trabalho da sociedade, um centro nervoso registrando de forma simpática o sucesso e o fracasso das tropas mais ativas que lutaram em um mundo que não conheciam<sup>108</sup>” (*Woodstock Letters*, Volume II, Número 1, 1 de fevereiro de 1922, p.7). A revista, produzida no *Woodstock College*, era distribuída de forma gratuita e enviada às instituições jesuíticas, como colégios, faculdades e seminários em todo mundo.

Circularam 317 edições, publicadas invariavelmente no primeiro dia de cada mês. Entre os anos de 1872 e 1942 foram, em sua maioria, publicadas quadrimestralmente, com exceção de 4 anos – 1894, 1899, 1902 e 1907 – quando publicaram-se apenas dois números. De 1943 até seu encerramento, em 1969, sua publicação foi trimestral, principalmente no idioma inglês.

---

<sup>104</sup> Também conhecida por Guerra de Secessão, como o próprio nome refere, mostrou um país dividido: o Norte queria a expansão das chamadas terras livres, enquanto o Sul desejava aumentar a produção algodoeira e escravista, esta última uma das grandes divergências entre estas sociedades divididas geográfica e ideologicamente. A separação dos estados do Sul e do Norte, após a eleição de 1860, fez eclodir a guerra. (KARNAL, 2007).

<sup>105</sup> Perderam a vida nesta guerra cerca de 360 mil soldados da União e 198 mil da Confederação.

<sup>106</sup> Seguiram o modelo da *Revista do Seminário Teológico de Princeton*, de 1825, escrita por seus alunos.

<sup>107</sup> <http://commons.ptsem.edu/pts-journals> este site contém a coleção de revistas publicadas ou associadas ao Seminário Teológico de Princeton, publicadas desde 1825 até o presente.

<sup>108</sup> Tradução livre

A revista reunia cartas escritas por jesuítas que estavam na América<sup>109</sup>, narraram a história dos primeiros inacianos e diziam de como se instalaram nos diversos lugares do continente – houve missões instaladas desde o atual território dos Estados Unidos da América, passando pelo México e por países centro-americanos, até as florestas da Amazônia (RADDING, 2005). Tratava, ainda, dos eventos e das cotidianidades nas missões, colégios, hospitais, presídios e seminários, com o intuito de divulgar e informar sobre "eventos atuais e notas históricas relacionadas com as faculdades e missões da Companhia de Jesus<sup>110</sup>" aos próprios membros da Companhia.

No final do primeiro número da revista havia uma *circular*, cujas folhas não foram numeradas e cuja autoria não revelada; no entanto, ao percorrer suas linhas, supus tratar-se do editor ou de algum membro da equipe editorial, visto as demandas nela tratadas. Solicitava-se julgamento do empreendimento, referindo-se à revista, cuja proposta era de relatar os “trabalhos e sucessos de nossos Irmãos na América, que, pelo exemplo de suas vidas frutíferas, [...] podem se tornar ‘imitado[s] pelos melhores presentes’” (Circular, *Woodstock Letters*, 1872, s/p). A revista não foi a única escrita de jesuítas para os padres da Companhia de Jesus, desta forma foi possível seguir os indícios dos modelos que a inspiravam, pois nela era dito que não se pretendia originalidade, tendo sido citadas duas revistas – a *Laval Letters*<sup>111</sup> e a *Letters and Notices of the English Province*,<sup>112</sup> publicação inglesa que trazia em sua capa palavras de Santo Inácio de Loyola<sup>113</sup>: “transmitir informações para os outros ouvirem a respeito das coisas que ocorrem em vários lugares e a edificação das coisas que estão acontecendo<sup>114</sup>”, o que sugere uma autorização a esse tipo de escrita, bem como suas funções junto aos sacerdotes, as de “edificar

<sup>109</sup> Vale atentar para a presença jesuítica em todas as partes do globo. Dessa maneira, é possível encontrar cartas do continente europeu e asiático, mesmo que inconsistente, em termos de números e frequência.

<sup>110</sup> Disponível em <https://archive.org/details/woodstockletters&tab=about>

<sup>111</sup> Revista que publicava cartas dos escolásticos do La Collégiale Saint-Michel du Cimetière-Dieu, em Laval na França, cujas informações são rarefeitas. No entanto seguindo os vestígios, a partir da pesquisa sobre a Biblioteca de Jersey de Moledina (2002), posso supor que a revista *Laval Letters* mudaria de nome. Os jesuítas permaneceram na comuna francesa entre 1816 até 1880, quando foram expulsos e buscaram o exílio em Jersey, ilha entre a Inglaterra e a França. Posteriormente, em 1893, já instalados na Maison St Louis publicaram uma revista chamada *Letters de Jersey*, que foi publicada até 1939. Padre Galanti publicou uma carta na *Laval Letters*, em 1877.

<sup>112</sup> A revista inglesa, com circulação interna, foi fundada em 1863, por Alfred Weld SJ, que foi também seu primeiro editor (1823-1890), e que, na época, era Reitor de Manresa House, em Roehampton, “Os 'detalhes' expostos nesse primeiro volume são: o estabelecimento de casas, o sucesso de missões, o progresso das faculdades, a admissão de membros, os ‘avisos da partida edificante de nossos irmãos falecidos’ e assim por diante”. Nota-se assim, como *Woodstock Letters* a seguia. Esta revista é publicada atualmente e, além dos seus temas tradicionais, inclui outros, como cinema e poesias. Cf. <https://www.jesuit.org.uk/blog/archives-155-years-letters-and-notices> Acesso em 25/01/2020.

<sup>113</sup> Fundador da Companhia de Jesus e autor das Constituições da Ordem, neste conjunto de regras citou as cartas e sua importância: “Magnopere juverit alias de aliis certiores fieri, ac audire qua; ex variis locis ad aedificationem et eorum qua; geruntur cognitipnem afferuntur” (CONST. VIII, 1).

<sup>114</sup> Tradução livre

e instruir”, pois não bastava ser jesuíta, seria necessário mostrar ao outro (sacerdote) o que se era, como um “exemplo vivo”.

A circular, ao orientar sobre as contribuições a serem prestadas, sugeria os seguintes tópicos:

[...] o sucesso de missões, eventos notáveis com relação a faculdades e casas, avisos da morte edificante de nossos irmãos, etc. Assim como as novas fundações e estabelecimentos são assuntos de reatar interesse, o aumento e o progresso iniciais de casas e províncias que já existem, ou documentos antigos que tenham a mesma direção e que, de outra forma, não se encontrem com publicidade, são bem direto ao ponto para que os números sejam unidos no final de cada ano (Circular, Woodstock Letters, 1872, s/p).

A sugestão das temáticas tinha por função indicar aos colaboradores o que se publicaria, além de também permitir que se organizasse a disposição das escritas recebidas, de tal modo que não ficassem repetitivas ou tratassem apenas de um país e/ou continente. As missivas publicadas na revista foram, desse modo, um meio de comunicação entre os membros e fontes relevantes para a construção da memória e edificação da Ordem.

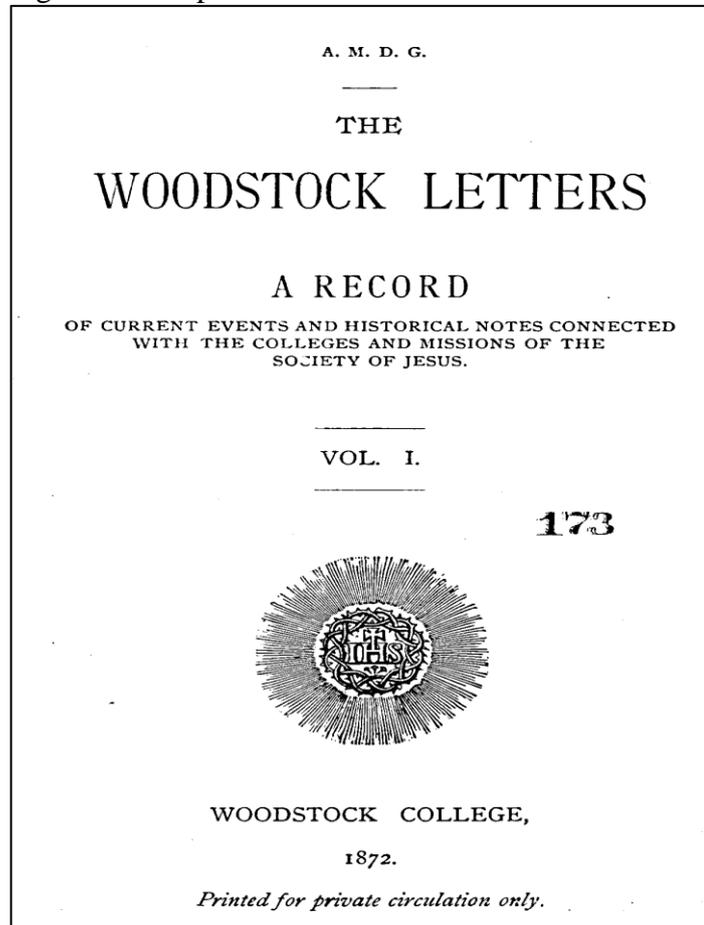
Antes de abrir a revista propriamente, observo sua capa, rememorando e levando em consideração as palavras de Chartier (1990) quando diz que “a imagem, no frontispício ou na página do título, na orla do texto ou na sua última página, classifica o texto, sugere uma leitura, constrói um significado. Ela é protocolo de leitura, indício identificador”. (p. 133). Busquei nessas capas não apenas o que davam a ler, mas o que sugeriam e, dialogando com estudos que em algum momento se dedicaram às capas, como os de Caruso<sup>115</sup> (2006) e Tavares<sup>116</sup> (2017), pude examiná-las em sua intencionalidade e na contextualização de cenários. Falo das questões editoriais e de conteúdos que se refletem nas capas, e que podem ser “compreendidas como unidades comunicativas, um tipo relativamente estável de enunciado que se compõe por três elementos essenciais: conteúdo temático, estilo e construção composicional (TAVARES, 2017, p.24). Assim, noto cada detalhe. Em sua materialidade, pude observar o nome em tipo grande, encimando-a, seguido da explicação de que versa sobre eventos e história correntes, naquele momento, nos colégios e missões da Companhia de Jesus. O logotipo ostenta o símbolo da Companhia de Jesus: um sol com as marcas da Ordem. O sol simboliza a propagação de Cristo

<sup>115</sup> Andrea Caruso na sua dissertação examinou o periódico Traço de união (1908-1981) e considerou suas páginas como espaço de disseminação de um modelo de educação feminina, do ideário católico e de práticas pedagógicas inovadoras. Trata mais detidamente no primeiro capítulo sobre as fases do periódico.

<sup>116</sup> Daiane Tavares em sua tese analisou a revista *A Estrêla: Órgão da Penitenciária Central do Distrito Federal*, utilizando-a como fonte e objeto de pesquisa, para refletir sobre seu discurso que permite “práticas de uma unidade prisional, de um gestor e das políticas formuladas para o sistema penitenciário brasileiro na primeira metade da década de 1950” (TAVARES, 2017). A autora dedica o primeiro capítulo do seu estudo à materialidade do impresso, apresentando e analisando suas capas.

em todos os continentes e recorda a dimensão missionária da Companhia de Jesus, que desconhece fronteiras (Eu sou a Luz do mundo! em Jó 8,12).

Figura 13 - Capa da revista Woodstock Letters



Fonte: Woodstock Letters

A Companhia de Jesus foi fundada em 1534 por Inácio de Loyola, na França, constituindo-se como uma Ordem com característica secular, diferentemente de outras ordens religiosas, contemplativas, já que os jesuítas viviam no mundo, fora do claustro. No entanto, seus membros mostram-se fortemente voltados e ligados, como as partes de um corpo, à cabeça, o que sugeria respeito às regras, organização, disciplina e obediência, impostas pelo seu fundador, unidos num só corpo<sup>117</sup>, *Ad Majorem Dei Gloriam* (Para Maior Glória de Deus, abreviadamente, A.M.D.G).

Retomando o logotipo da Ordem, posso perceber que dentro do sol se ostenta, em tipo diferenciado, o nome Companhia de Jesus (separado na borda/suporte do círculo interno), as letras IHS (*Iesus Hominum Salvator*), uma grande cruz e cravos (em referência à cruz como

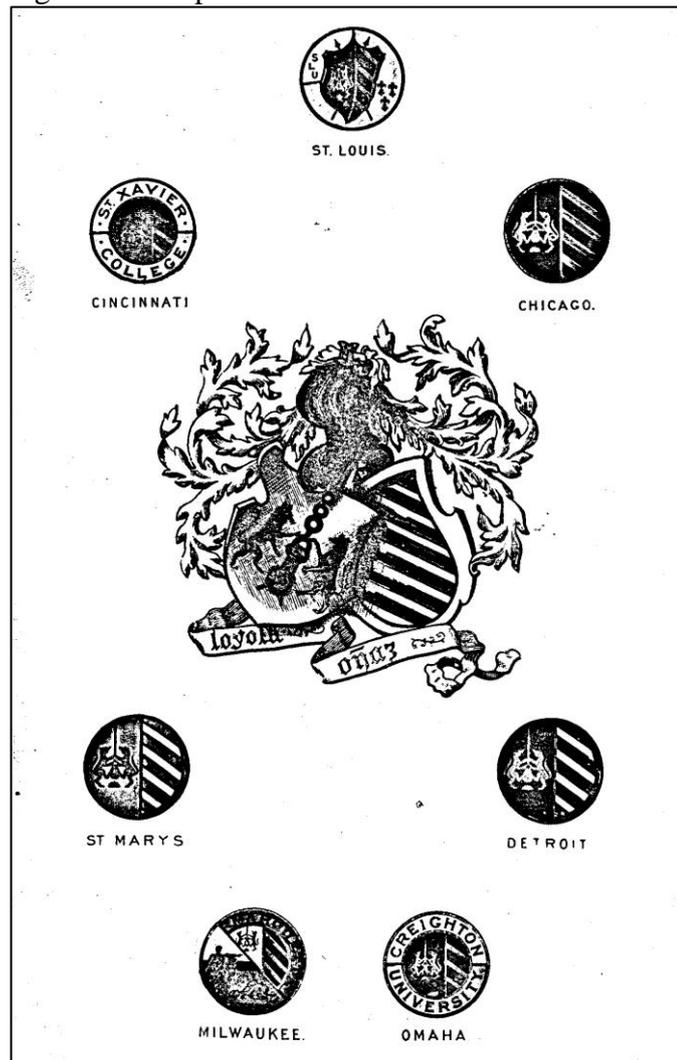
<sup>117</sup> MENDONÇA, Lígia Bahia. Unidos num só corpo: Jesuítas, continuidades e rupturas. In: Franco, José Eduardo; Arenz, Karl Heinz; Oliveira, Luiz Eduardo; Bettiol, Maria Regina Barcelos. (Org.). Jesuítas e ilustração Rupturas e continuidades. 1ed. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2019, v. p. 64-89.

símbolo máximo do Cristianismo, fazendo os cravos uma alusão à 3ª semana dos Exercícios Espirituais, à paixão do Senhor). A trama que cobre o círculo representa um corpo apostólico universal interligado. A capa apresenta, ainda, o local onde a revista é confeccionada, o ano de sua publicação e, em letras de tamanho pequeno, a explicação de que foi impressa somente para circulação interna, excluindo, dessa forma, os não-jesuítas.

Pelo exposto em sua capa, a revista *The Woodstock Letters* propôs-se a se constituir como “um registro de eventos correntes e notas históricas conectadas com as faculdades e missões da sociedade de Jesus”, reunindo cartas e apontamentos históricos dos jesuítas. Tal, no entanto, veio a ser modificado no primeiro número de 1873, com acréscimo ao texto da “América do Norte e do Sul”, possivelmente, com o intuito de abranger duas cartas nela publicadas, enviadas do Brasil, recebidas dos Padre Onorati e Cybeo.

Ainda com relação às capas da revista, na edição de 1900, no seu primeiro número, observei uma configuração totalmente diferente das anteriores. Como se pode ver na imagem a seguir, trazia brasões de alguns colégios estadunidenses. São eles, em sentido horário: St. Xavier College, St. Louis University, St. Ignatius, University of Detroit Jesuit, Creighton University, Marquette University, St. Mary's College e, ao centro, Loyola University. O motivo dos brasões na capa da revista foi a reunião da Associação dos Antigos Alunos ocorreu durante o Congresso Católico Americanos, realizado nos dias 11 e 12 de novembro de 1899, reunidos em Baltimore, pela primeira vez, quando discutiram sobre objetos (crachás e botons) que simbolizariam os ex-alunos. Há uma articulação entre a capa e o texto, e nelas, as imagens trazem a intenção do editor, de informar, convencer (TAVARES, 2017). Esta capa, a meu ver, teve ainda a finalidade de marcar a presença dos seus antigos alunos, numa demonstração da marcante experiência da educação jesuítica em suas vidas.

Figura 14 - Capa da revista Woodstock Letters



Fonte: Woodstock Letters (1900)

Seguindo a sugestão contida em suas capas, sobre as notas históricas, o impresso contou, em seu primeiro número, com um esboço histórico sobre o padre Andrew White, o “Apóstolo de Maryland”, trazendo pistas relevantes para compreender os jesuítas naquele país. Tal fato, mais adiante, me guiou até o motivo da publicação da própria revista.

No cenário americano, o início religioso da colonização foi plural (MEDEIROS, 2010), pois que nele coexistiam protestantes, judeus e católicos. O catolicismo presente nos Estados Unidos, inicialmente, com os franciscanos, se instala, no século XVI, na região onde atualmente é o Novo México. Os inacianos tiveram forte presença missionária, “na região da Califórnia, por exemplo, com os jesuítas atuando a partir de 1695, tendo fundado 19 reduções, que abrigavam um total de 22.000 nativos” (MEDEIROS, 2010, p. 68).

Ao fazer a biografia de padre White, o autor da primeira edição do impresso, desconhecido, por sinal, remonta a chegada dos primeiros católicos em terras americanas. Conta que ali chegaram forçados ao exílio pelo progresso da Reforma Protestante, lideradas por

Martinho Lutero, no século XVI europeu, o que provocou perda de força e espaço para o catolicismo na Inglaterra, conforme apontou:

Entender a exata condição da catolicidade na Inglaterra nesse período não é tarefa fácil, tantas são as aparentes contradições encontradas nos registros históricos da época. Os católicos se sentiram forçados a ir para o exílio, para desfrutar dos direitos de consciência que lhes eram negados em casa - pois tal era, sem dúvida, o motivo impulsionador do assentamento de Maryland - e por outro lado que sua influência na Corte era poderosa o suficiente para estabelecer uma carta com disposições tão liberais, são fatos não prontamente reconciliáveis (Woodstock Letters, Volume I, Número 1, 1 de janeiro de 1872, p. 1).

Com a chegada dos católicos à América do Norte, foi concedida carta de lançamento da colônia, tornada Maryland, pelo rei inglês Carlos I, ao católico George Calvert, o primeiro lorde Baltimore (ALBANESE, 2008). O atual estado americano veio a se constituir na primeira missão católica estabelecida pelos jesuítas ingleses e, segundo o autor, os padres foram para os Estados Unidos não “para converter os índios, mas para se estabelecerem”, e aí se instalaram e pregaram o evangelho aos nativos, tema constante das cartas publicadas na revista, assunto que abordo em detalhes mais adiante.

Para responder as questões que norteiam este capítulo tornou-se imprescindível abrir a revista para explorá-la, no intuito de apreender a Ordem. É o que narro a seguir...

### 2.1.1 Por dentro da revista: tentando compreender a Ordem

Escrita na língua inglesa, a revista incluía algumas exceções quando se tratava de mensagens enviadas pelo Padre Superior dos Jesuítas ou de Bulas Papais, ambas enviadas de Roma. Os livros que as contêm são separados em volumes, cada qual composto de um número superior a 200 páginas, sem nunca ultrapassar 450. Apresentam seções variadas ao longo de toda a publicação, perceptíveis ao serem observados os seus índices. Em todo o período de sua publicação, como sua capa já indicava, seu público leitor foi restrito, ou seja, apenas composto por membros da Ordem inaciana. Essa prescrição possivelmente orientou seus índices, pois que mereceu destaque no prefácio explicativo sobre a organização e o projeto para publicização da revista, escrito em 1960, pelos padres Edward A. Ryan e Erwin G. Beck.

Na descrição dos índices é possível notar que as seções da revista serviram para guiar o leitor jesuíta, sendo estes organizados para atender à necessidade dos seus leitores, a uma ordem pré-determinada e, de certa forma, vir a controlar sua leitura. Quanto a tal intenção, no entanto, não se pode desconsiderar o entendimento de Certeau (1994), ao tratar da página impressa como “[...] o lugar onde se produz o encontro, sempre diferente, entre a palavra já escrita e os novos sentidos que os leitores lhe vão dando” (CERTEAU, 1994, p. 264). Assim, e ainda sobre o índice, pude constatar nele estarem os nomes dos padres remetentes, com o número respectivo

das páginas em que as suas cartas se encontravam, o que parece demonstrar esse tipo de organização, mesmo que não haja garantia da leitura ou apreciação seguir tal prescrição. Vale registrar, creio, que os padres Ryan e Beck (1960) aparecem em pelo menos quatro momentos no índice do impresso.

Os primeiros índices (1872 – 1881) foram compostos por três partes, quais sejam, “Papéis Históricos, biográficos e gerais”. O biográfico é subdividido em “Esboços, Avisos, Obituários e Mencionados”. O segundo grupo de índices conta com 11 ou 15 volumes, não há uma exatidão quanto à quantidade de volumes na fonte pesquisada, e, por consequência, aos anos a que se referem. Posteriormente, abrangeu vinte e cinco volumes, divididos em três partes, a saber: lista geral de artigos com autores, índice de autores, esboços e obituários. Por fim, no quarto momento dos índices, publicado em 1924, abrange os volumes 26 a 53 (1897-1924) e é organizado tal qual o terceiro, servindo para controlar volumes até o aniversário de 75 anos da revista, ocorrido em 1947.

### Figura 15 - Índice do volume XX

<i>CONTENTS OF VOL. XX.</i>		Page
Three Letters from Cardinal Newman . . . . .		3
Princeton College Convention and the Society—Letter from Fr. Hughes		6
Madura—Letters from Mr. Francis Bertrand . . . . .	21,	173
Some Reminiscences of St. Mary's College Ky.,—Fr. W. J. Hill . . . . .		25
Santa Clara, Cal.—The Franciscans at Santa Clara . . . . .	39,	205
Province Catalogues of the New Society . . . . .		53
Fr. John Bapst—A Sketch . . . . .	61,	241, 406
Ober-Ammergau—Letter from Mr. Clifford . . . . .		69
Missionary Labors—Maryland—New York Province . . . . .	72,	225, 436
Our Scholasticate in Jersey—Letter from Fr. Sherman . . . . .		81
The Grand Act . . . . .		87
From New York to Louvain—Letter from Fr. W. Clarke . . . . .		94
Notes from England—Letter from Fr. W. Walsh . . . . .		98
Fr. James Perron—A Sketch . . . . .	103,	256, 428
Alaska—Letters from Frs. Judge, Barnum, and Treca . . . . .	114,	315, 327, 334
Montserrat and Manresa—A propos of the Fourth Centenary of the Birth of St. Ignatius 1491—1891 . . . . .		151
Brazil—Letters from Fr. Galanti . . . . .	178,	381
The Irish Scholasticate at Milltown Park—Letter from Fr. Whitney . . . . .		186
The Province of Belgium—Letter from Mr. Cooreman . . . . .		191
Fr. Peter O. Racicot—A Sketch . . . . .		198
The Arapahoes in Wyoming—Letters from Fr. Ponziglione . . . . .	220,	385
Woodstock Letters—Back Numbers . . . . .		226
Gonzaga College—A Sketch of its Presidents, etc. . . . .		228
Fr. Lessius—Cause of his Beatification Renewed—Letter from Mr. De Beurme . . . . .		237
Fr. Robert W. Brady—A Sketch . . . . .		250
Ecuador . . . . .	274,	374
The Jesuit Mission of California . . . . .		347
A Remarkable Conversion—Letter from Mr. Cormican . . . . .		369
Chili and the Argentine Republic—Letter from the Superior . . . . .		372
The Accident at St. Inigo's—Letter from Fr. Wynne . . . . .		389
The Tercentenary of St. Aloysius in the Missouri Province . . . . .		396
Egypt—Letter from Mr. Apack to Mr. Swift . . . . .		401
Devotion to St. Aloysius in Naples . . . . .		404
The Work at the Georgetown Observatory—The Photochronograph . . . . .		419
A New Application of the Photochronograph—The Latitude Instrument . . . . .		425
A Letter to our Astronomers—Fr. Hagen . . . . .		426
The New Italian Church—New York City . . . . .		439
The Golden Jubilee at Fordham . . . . .		441
Retreats for Laymen . . . . .		444
OBITUARIES . . . . .	117,	277, 448
VARIA . . . . .	137,	291, 459
<i>Fruſtus Spirituales</i> of the Missouri Province.		
“ “ “ “ Maryland—New York Province.		

Fonte: Woodstock Letters (1891)

Ainda que o estudo se dedique às cartas publicadas na revista, foi relevante compulsar o todo, para notar e compreender a disposição e lógica das epístolas. E, na mesma medida, delinear, ainda que sutilmente, a escrita de Padre Galanti nela contida. Assim, registro que, além destas missivas, analisadas adiante, encontram-se neste impresso as seguintes seções: “Eventos atuais e Notas históricas”, “Biografias”, “Obituários”, “Varia<sup>118</sup>”, “Livros de interesse dos nossos” e “Perguntas e respostas”.

Os “Eventos atuais e Notas históricas” tratavam de fatos relacionados às faculdades, aos colégios e às missões jesuíticas, em formato de artigos, dedicando-se aos eventos correntes, geralmente tinham início e fim no mesmo número, enquanto as notas eram mais longas, estendendo-se por 3 ou 4 edições da revista. Além da questão do espaço, talvez este modelo fosse uma estratégia editorial para prender a atenção e aguçar a curiosidade do jesuíta leitor.

Para narrar a vida dos padres considerados importantes no interior da Companhia, recorreu-se às biografias, também longas, ainda que fossem designadas de esboço. Identificavam seus autores e iniciavam o texto pelo local, data de nascimentos e dados sobre os pais ou familiares mais relevantes do biografado. Falavam do início de seus estudos e posterior ingresso na Companhia de Jesus, para, a partir deste momento, abordar seus trabalhos na Ordem.

No caso do Pe. Jouin, o que se registra é que foi professor de filosofia, mas reconhecidamente pelos seus pares como “um ótimo matemático”, tendo publicado, em 1869, o seu Compêndio de Lógica e Metafísica. No entanto, o destaque em sua história é dado ao fato de sua entrada tardia na Companhia de Jesus, o que geralmente acontecia em torno dos 14 anos. Para atender ao chamamento religioso para se tornar um jesuíta precisou recorrer à justiça, por ser menor de idade, filho de um protestante “zeloso”, que não lhe deu permissão. Sua história de vida retratou, na visão do autor e, possivelmente de outros jesuítas, a sobrepujança da Igreja Católica.

---

<sup>118</sup> Não foi encontrado nenhum termo equivalente em língua portuguesa para esta palavra.

Figura 16<sup>119</sup> - Esboço Pe. Jouin  
**FATHER LOUIS JOUIN.**

**A SKETCH.**

**For the first pages of this sketch we are indebted to the "Fordham Monthly" for May, 1898. The facts given there of his early life were collected from Father Jouin himself, on the occasion of his golden jubilee of priesthood, by one of our scholastics.—Ed. W. L.**

**Father Jouin is a descendant of a French Huguenot family, compelled to leave France at the revocation of the edict of Nantes. He was born on the 14th of June, 1818, at Berlin, and was educated in a French school. At the age of fourteen he learned the trade of turner; at the age of eighteen he went to Prussian Poland in the service of a Polish nobleman, where he was engaged as assistant of the administrator of the estate. There, living among Catholics, and frequenting only Catholic churches, he conceived the idea of joining the Catholic Church. Before his reception into the Church he felt himself called to become a missionary, but realizing that in order to study for the priesthood it was necessary to know Latin, he began to study it privately, and in a year mastered it.**

Fonte: Woodstock Letters (1900)

Os "Obituários" passaram a fazer parte da revista em 1879, na publicação número 2 daquele ano. Trazia o necrológio, resumo dos fatos mais marcantes da vida religiosa dos irmãos<sup>120</sup> e padres falecidos, com local de nascimento e data da sua morte. Era uma "representação social da morte", como analisou Santos (2014, 2017), uma homenagem *post mortem* ao morto, com lembranças que se desejava ver perpetuadas sobre sua trajetória. As revistas analisadas mostraram que os textos dedicados aos irmãos foram menores que aqueles dispensados aos padres, em média de três páginas. Ao final de todos os relatos há a abreviação R.I.P, do latim "*requiescat in pace*", desejando, religiosamente, que os falecidos "descansem em paz".

<sup>119</sup> Padre Louis Jouin. Um esboço. Para as primeiras páginas deste esboço, estamos em débito com o "Fordham Monthly" para maio de 1898. Os fatos dados lá de sua vida inicial foram coletados do próprio padre Jouin, por ocasião de seu jubileu de ouro do sacerdócio, por um dos nossos escolásticos. - Ed. WL Padre Jouin é descendente de uma família huguenote francesa, obrigada a deixar a França na revogação do edital de Nantes. Ele nasceu em 14 de junho de 1818, em Berlim, e foi educado em uma escola francesa. Na idade de quatorze anos ele aprendeu o ofício de torneiro; aos dezoito anos foi para a Polônia prussiana a serviço de um nobre polonês, onde foi contratado como assistente do administrador da fazenda. Lá, vivendo entre os católicos e frequentando apenas as igrejas católicas, ele concebeu a ideia de se juntar à Igreja Católica. Antes de sua recepção na Igreja, sentiu-se chamado a tornar-se missionário, mas compreendendo que, para estudar para o sacerdócio, era necessário conhecer o latim e começar a estudá-lo em particular e, em um ano, dominá-lo (*Woodstock Letters*, Volume XXIX, Número 1, 1 de maio de 1900, p.75). Tradução livre.

<sup>120</sup> Nem todos aqueles que servem à Companhia de Jesus são padres, a vocação de "irmão" é tão antiga quanto a própria Ordem, que recebeu autorização papal, seis anos depois da sua fundação, em 1540, "a receber Coadjuutores Espirituais e Temporais (ou seja, Irmãos), por meio da Breve Exponi Nobis" (Em Companhia, p. 17). Disponível em <http://host.jesuitasbrasil.org/emcompanhia/download/em-companhia-ed49-impressao.pdf>. Acessado em 16/08/2019.

Figura 17<sup>121</sup> - Obituário de Brother Joseph O'Brien

## BROTHER JOSEPH O'BRIEN.

Brother Joseph O'Brien was born in San Francisco, California, Dec. 6th 1874. On leaving St. Ignatius' College, which he had attended for some years, he entered business with his father, who conducted one of the largest dry-goods firms of the city. Failure in business ensuing shortly after his father's death, Brother O'Brien sought employment in other lines and finally came to the novitiate at Los Gatos, where he worked for three years before entering the Society.

He became a novice April 23d, 1904. Of a naturally delicate constitution, he was sick off and on, but towards the close of the two years of novitiate, consumption took so firm a hold on him that it was plain he could not long survive. During his lingering sickness he edified all by a patience more than ordinary, and in cheerful resignation awaited his end, neither his sufferings nor the inconveniences incident to his illness forcing from him any complaint.

He was to have taken his vows on the feast on St. Joseph, but some days previous he had a fainting spell and it was thought better to give him the vows at once. The alacrity with which he pronounced his vows was remarkable, and thenceforth he hoped to die at least on St. Joseph's day, and often asked Father ReCTOR whether he thought he should be able to hold out till the feast. On the morning of the nineteenth, when Holy Viaticum was administered to him, no one thought that death was very near. Even then the brother talked of his desire to go to heaven, saying that all would soon be over. After the community Mass, one of the brothers called on him and found him sinking. Father ReCTOR being summoned the prayers for the departing were recited, and with the 'Amen' of the 'Proficiscere, anima Christiana,' Br. O'Brien by a remarkably peaceful death rendered up his soul to God.—R. I. P.

(349)

Fonte: Woodstock Letters (1907)

A “Varia” surgiu na revista de número 3, publicada no primeiro dia de novembro de 1883. Tal seção destacou brevemente eventos “interessantes ou inspiradores” que aconteceram na história das “Províncias Americanas e nos trabalhos jesuítas em todo o mundo” (*Woodstock*

<sup>121</sup> OBITUÁRIO. Irmão Joseph O'Brien. O irmão Joseph O'Brien nasceu em San Francisco, Califórnia, em 6 de dezembro de 1874. Ao deixar o St. Ignatius College, do qual frequentou por alguns anos, começou a negociar com o padre, que conduzia um dos maiores produtos da cidade. Fracassando nos negócios logo após a morte de seu pai, o irmão O'Brien procurou emprego em outras linhas e finalmente chegou ao noviciado em Los Gatos, onde trabalhou por três anos antes de ingressar na Sociedade. Tornou-se noviço em 23 de abril de 1904. De uma constituição naturalmente delicada, ele estava doente de vez em quando, mas no final dos dois anos de noviciado, o consumo o segurou com tanta firmeza que era evidente que ele não poderia sobreviver por muito tempo. Durante sua doença prolongada, ele edificou tudo com uma paciência mais que o normal, e com resignação alegre aguardava seu fim, nem seus sofrimentos nem os inconvenientes decorrentes de sua doença o forçaram a reclamar. Ele deveria ter feito os votos no banquete de São José, mas alguns anteriores ele teve um desmaio e achou-se melhor fazer os votos de uma só vez. A vivacidade com que ele pronunciou seus votos foi notável e, a partir de então, ele esperava morrer pelo menos nos dias de São José, e muitas vezes perguntava ao padre Reitor se ele achava que deveria aguentar até o banquete. Na manhã do dia dezenove, quando o “Holy Viaticum” lhe foi administrado, ninguém pensou que a morte estivesse muito próxima. Mesmo então, o irmão falou sobre seu desejo de ir para o céu, dizendo que tudo logo terminaria. Após a missa da comunidade, um dos irmãos o chamou e o encontrou afundando. Padre Redlor sendo convocado, as orações pela partida foram recitadas, e com o 'Amém' do 'Proficiscere, anima Christiana', fr. O'Brien, por uma morte notavelmente pacífica, entregou sua alma a Deus. — R. I. P. (*Woodstock Letters*, volume v.37 [v. 36], número 2/3, 1 de junho de 1907, p. 349 e 350).

*Letters*, Volume LXXV, Número 1, 1 de março de 1946, p.1). Na realidade inclui parágrafos selecionados por censores, como esclarece a carta do padre Robert Fulton, escrita de Fiesole, Itália, em 15 de março de 1887: “dou-lhe poder completo sobre este papel; de modo que, se passar pelos censores, você pode desistir do que achar melhor, ou, se achar conveniente, selecionar alguns parágrafos para a *Varia* e suprimir o resto” (FULTON, *Woodstock Letters*, Volume XVI, Número 2, 1 de julho de 1887, p.156). O padre continuou sua carta mostrando a relevância da *Woodstock Letters* e suas preferências:

[...]devo dizer-lhe a estimativa em que elas são realizadas, para minha satisfação, na Irlanda, Inglaterra e no continente. Eu encontrei no Milltown Park que eles estavam lendo na referência. Eu ouvi sua importância reconhecida em todo lugar, especialmente por homens como o padre Delplace e pe. Mistretta. E eles valorizam mais exatamente os dois departamentos em que mais insisti, a saber, os documentos que tocam nossa história antiga e a *Varia*. Coragem, portanto, em seus labores! (Ibidem)

Corroborando com o artigo escrito pelo padre editor da revista em comemoração aos seus setenta e cinco anos do periódico, “este departamento, que tem sido uma seção favorita do *The Woodstock Letters* através de muitos anos” (idem), mostrou-se a seção que trouxe outra reflexão ao estudo bastante instigante: à medida que selecionavam-se parágrafos, o que era feito com o restante das cartas? A edição e censura das cartas, “acaba por transformar o seu conteúdo em uma representação do real. As questões que aparecem nas cartas dos leitores resultam de um mundo que nos chega editado” (VAZ, 1998, p. 2).

Dumont e Espírito Santo (2014), ao estudarem cartas enviadas por leitores e leitoras com comentários, sugestões, entre outras manifestações, para o jornal *Estado de Minas*, afirmaram serem muitas delas aproveitadas, mas a maioria descartada: “o fato de a maioria delas não ser aproveitada, impede que se torne pública uma enorme gama de informações sobre a forma como leitores/as veem o mundo, seus pontos de vista e como interpretam o que é discutido nas páginas de seus jornais favoritos” (Ibidem, p.177).

Mignot (2018) também sinaliza que:

[...] entre o gesto da escrita até a publicação da carta, portanto, a opinião do leitor passa por filtros como a própria autocensura que indica o que e como dizer e a triagem do editor que seleciona, retoca e reformula o texto original de modo a que a escrita possa se adequar às normas e interesses do periódico (2018, p.11).

As cartas escritas por padre Galanti também passaram por esse processo de censura, desde o ato da escrita até sua veiculação. Exemplifico: verifiquei no impresso que analiso, sete ocorrências<sup>122</sup> nessa seção, entre os anos de 1888 e 1911. Houve ocasião de, em um mesmo

<sup>122</sup> Podem ser verificadas, respectivamente, nos anos de 1888, 1889, 1893, 1897, 1905, 1910 e 1911.

ano, mas em volumes diferentes, serem publicadas na “Varia” e na seção de cartas, como em 1889. Importante destacar que, na primeira década de 1900, as participações do padre Galanti são encontradas apenas na seção intitulada “Varia”.

Dessa forma, o editor destacou um trecho da missiva de Padre Galanti em que comentava eventos, para compor a revista:

O governo brasileiro está começando a publicar uma série de obras para ilustrar a história e a geografia do império. Dois pareceres já foram publicados pela gráfica do governo do Rio de Janeiro, que são de interesse para a Sociedade: As Cartas do Brasil pelo Pe. Manuel da Nobrega; e, Notas e Reminiscência Históricas, coletados dos escritos do Ven. José de Anchieta. Extratos desses interessantes trabalhos serão publicados no Woodstock Letters (GALANTI, Woodstock Letters, Volume XVII, Número 1, 1 de março de 1888 p. 117).

Possivelmente, o trecho foi salientado pelo editor por tratar da própria memória da Companhia de Jesus, narrada por dois dos seus mais reconhecidos jesuítas no Brasil, padres Nóbrega e Anchieta. Falava de uma empreitada proposta pelo governo brasileiro, o que me fez supor tratar-se de um livro oficial, que poderia estar nas bibliotecas de escolas e outras várias instituições.

Os livros *As Cartas do Brasil pelo Pe. Manuel da Nobrega e Notas e Reminiscência Históricas, coletados dos escritos do Ven. José de Anchieta* referidos por Pe. Galanti na carta, fazem coleção Materiaes e Achêgas para a História e a Geographia do Brasil, uma concessão feita pelo Ministro da Fazenda, o Conselheiro Francisco Belisário Soares de Souza, a João Capistrano Honório de Abreu<sup>123</sup> e Alfredo do Vale Cabral<sup>124</sup>, ambos da Biblioteca Nacional e

<sup>123</sup> Uma breve biografia deste importante historiador, com quem Padre Galanti trocou cartas sobre assuntos relativos à história, pode ser localizada no site da BN. João Capistrano Honório de Abreu (1853-1927) natural do Ceará cursou humanidades em Recife, em 1869, ano em que fundou a Academia Francesa no Ceará. Em 1875, veio para o Rio de Janeiro, onde se fixou e se empregou na Editora Garnier. Foi nomeado oficial da Biblioteca Nacional, em 1879. Lecionou Corografia e História do Brasil no Colégio Pedro II. Disponível em <http://bndigital.bn.gov.br/capistrano-de-abreu-2/> Acesso em 24/03/2020. Para mais informações sobre a trajetória deste historiador consultar: SÜSSEKIND, Flora. O Brasil não é longe daqui: o narrado, a viagem. São Paulo: Companhia das Letras, 1990; GONTIJO, Rebeca. O velho vaqueano: Capistrano de Abreu, da historiografia ao historiador. Tese (Doutorado em História) - UFF. Niterói (RJ), 2006; MATTOS, Ilmar Rohloff. Capítulos de Capistrano. In: PUC-RJ. Os descobridores: Mário de Andrade, Capistrano de Abreu e os descobrimentos do Brasil. Rio de Janeiro: PUC, relatório de pesquisa integrada, 1997, disponível em [modernosdescobrimtos.inf.br/desc/capistrano/frame.htm](http://modernosdescobrimtos.inf.br/desc/capistrano/frame.htm) em maio de 2005

<sup>124</sup> Alfredo do Vale Cabral (1851-1894) natural de Salvador, chegou ao Rio de Janeiro em 1870 e três anos depois ingressara na Biblioteca Nacional, na época conhecida como Biblioteca Imperial e Pública, nomeado adido à Seção de Manuscritos. Para Carlos Otávio Flexa “é uma das figuras mais importantes da Biblioteca Nacional pelas iniciativas inéditas, por sua dedicação e pela qualidade dos serviços prestados” (FLEXA, Carlos Otávio s/p). Reconhecido como bibliógrafo publicou os *Anais da Biblioteca Nacional* e estudos como a *Bibliografia Camoneana*, a *Bibliografia da Língua Tupi ou Guarani*, também chamada *Geral do Brasil*, a *Vida e os escritos de José da Silva Lisboa, Visconde de Cairu*. Como editor crítico de textos, além das edições das *Cartas do Brasil do Padre Manuel da Nóbrega*, e das *Cartas Avulsas*, preparou as *Obras Poéticas de Gregório de Matos*. (RODRIGUES, 1978, p. 77).

a Silveira Caldeira<sup>125</sup>, da Imprensa Nacional, que publicaram no *Diário Oficial* e posteriormente, em volume pela mesma editora.

As seções “Perguntas e respostas” e “Livros de interesse dos nossos” foram publicadas somente em 1892. Na primeira delas, o editor anunciou ter sido solicitado um departamento de consultas:

[...] que aqueles que desejam informações sobre questões relativas à História da Sociedade, ou sobre quaisquer assuntos de interesse para os nossos, enviem-nos para nós o mais cedo possível. - Esperamos emitir o próximo número em outubro. (EDITOR, *Woodstock Letters*, Volume XXI, Número 2, 1 de junho de 1892, p. 288)

Padre Galanti foi consultante da seção por duas vezes, nos anos de 1893 e 1895. Suas consultas foram acerca do tema a que se dedicara em sua escrita, a História do Brasil. Solicitou em sua primeira missiva: “V. Nosso correspondente brasileiro, Padre Galanti, gostaria de saber se a *História do Brasil*, de Robert J. Southey, pode ser obtida e a que preço. Ele tem a tradução em português, mas gostaria de ter o texto original em inglês” (GALANTI, *Woodstock Letters*, 1892, p.436). A obra a que padre Galanti se referiu provavelmente fundamentou sua escrita da história do Brasil, o que reforça o eurocentrismo que apresenta. Por outro lado, ler no idioma original do autor o faria possivelmente confiar mais no resultado final. Idiomas e línguas foram o assunto da segunda consulta do Padre Galanti, em 1893:

XV. Nosso correspondente brasileiro, Padre Galanti, [encaminha] as seguintes perguntas esperando que alguns de nossos missionários possa responder-lhe: A) Os índios norte-americanos pertencem a raças diferentes, ou há alguma coisa para mostrar que pertencem a apenas uma raça? B) As suas diferentes línguas são tão parecidas que pertencem a uma família, ou são totalmente diferentes, como o inglês, o alemão, o italiano? Eu faço esta pergunta porque no Brasil todas as línguas diferentes são, com poucas exceções, meros dialetos do Tupy-Guarani, que é falado ou pelo menos compreendido, da Amazônia ao Paraguai, sendo por esta razão chamado Língua geral. C) Sua linguagem é um dos aglutinantes, monossilábicas ou de flexão? O Tupy-Gurani é classificado como aglutinante. D) Qual foi seu período de civilização quando descoberto? Eles conheciam algum metal, particularmente ferro? Será que eles usavam pedras para suas ferramentas e, em caso afirmativo, que pedra? Era paleolítico ou neolítico? Eles tinham apenas o arco e flecha para a caça? E) Existe entre eles a tradição de haver ali aparecido antigamente um homem extraordinário, que lhes ensinou várias coisas úteis, morais e religião, e que sendo perseguido fugiu? Tal tradição é generalizada em toda a América do Sul. No Peru dizem que ele veio do Pacífico; no Brasil o chamam de Tume. Por isso nossos padres concluíram que ele era o apóstolo São Tomé, que em português é Thome. Os índios em várias partes do Brasil afirmam que ele deixou a impressão de seus pés sobre as rochas, e nossos antigos padres testemunham ter visto essas impressões (GALANTI, *Woodstock Letters*, Volume XXII, N. 3, 1, 1893, p.498-9).

---

<sup>125</sup> São escassas as informações sobre João Brás da Silveira Caldeira, que além da Imprensa Nacional, é citado como proprietário do Colégio São João, em Campinas (SP) (MORAES, 1985) e autor do livro didático que escreveu com Samuel Turner, *Aritmética Prática* (1872), ambos professores do Colégio São João (OLIVEIRA, 2017).

Além da língua, padre Galanti pareceu muito interessado na civilização indígena de forma mais geral, quer fosse de período anterior ao descobrimento, quer fosse de momento posterior à chegada dos europeus. A história brasileira revelava-se tema caro ao jesuíta italiano, que escreveu a história pátria como continuação à história de Portugal, ideia comum naquela época, na qual o índio era sumariamente tratado como selvagem.

Apesar da consulta feita por Pe. Galanti na publicação da revista, em 1893, a língua indígena não apareceria novamente nas missivas do jesuíta. Qual a razão dos questionamentos do padre a respeito da língua indígena? Ele não havia deixado clara sua intenção. Segui as pistas. E, talvez buscasse por uma comparação entre os índios estadunidenses e os brasileiros. Assim, recorri às obras didáticas do jesuíta, na tentativa de compreender tais questões, que possivelmente, o auxiliara na escrita. Padre Galanti, que não se dedicou profundamente ao estudo das línguas indígenas, como fizeram outros padres jesuítas, seus predecessores, mencionou o tema em sua obra didática, ainda que poucas vezes, como se pode ver em *Lições de Historia do Brazil*<sup>126</sup> (1895) e *Historia do Brasil* (Tomo I, 1896), ambos publicados, posteriormente à consulta localizada na revista.

Foi na segunda obra que o padre aprofundou sobre a língua dos índios faladas no país. As questões encaminhadas por Pe. Galanti são semelhantes àquelas abordadas no livro, na sua primeira parte, Época I- Tempos primitivos, sobre os povos do Brasil, no item 75, que intitulou Ethnographia, apontou que apesar dos estudos da língua tenha fornecido meios para etnografia do Brasil, confessou que enfrentava a falta de dados para resolver inúmeras questões (GALANTI, 1896). O único livro ao qual padre faz referência é o de Couto de Magalhães, *O selvagem*, de 1874<sup>127</sup>. Segundo o padre, o referido autor, classificou os índios em três grupos, uma raça primitiva pura e duas mestiças, no entanto, considera a diversidade, no dizer de Pe. Galanti, no que diz respeito ao tipo, estatura e cor. Mas, dedicou-se aos tupi, segundo ele “tronco principal de que, com raras exceções, faziam parte ou descendiam todas as nações deste

---

<sup>126</sup> O livro publicado em 1895 utilizou o formato de lições, que provavelmente, tiveram como base as aulas ministradas por ele, para abordar, segundo sua perspectiva, capítulos da história do Brasil, iniciando pelas viagens e descobrimentos portugueses, no ano de 1418 até a Guerra do Paraguai (1870). A obra didática trata, portanto, de uma forma resumida da história pátria que o jesuíta escreveu em *Historia do Brasil* (Tomo I -V).

<sup>127</sup> Para Bessa (2003) o autor de *O selvagem* traz implícita na sua escrita, a ideia de que todo brasileiro deveria falar o português, mas, Couto Magalhães, enfatizou que não era isso que ocorria, à medida que se refere à Amazônia, como local onde cidadãos indígenas e não-indígenas que desconheciam a língua portuguesa, no entanto, viviam sintonizados com a vida econômica, social e política do país e identificados com os valores nacionais, assim “o fato de não falarem a língua nacional e, ao contrário, de serem usuários de uma língua indígena, produziu e continua produzindo uma reação de estranhamento. É que esta situação singular contrariava uma suposta unidade linguística, mas sobretudo, evidenciava até que ponto tinha se expandido uma língua indígena, denominada, ao longo da história, de Língua Geral, Nheengatu e Tupi, entre outras nomenclaturas” (BESSA, 2003, p. 40).

immenso paiz” (GALANTI, 1896, p. 97), destacou dois pontos, quanto às línguas: suas particularidades e a principais obras que sobre elas versavam.

Quanto às características das línguas faladas por esse povo: aglutinantes, pois isoladas as suas raízes perdem o sentido; carecem de articulações, acento com uma influência muito grande, visto que, muda o sentido; possui quatro números: um, dois, três e quatro, iépé, mokoin, moçapira, erundi, respectivamente; frases interrogativas que exigem as partículas tahá, será e tá; declinação dos nomes, que diferente do português que se dá pela preposição, neste caso se dá após o nome; já o plural dos nomes forma-se acrescentando-se ao singular as partículas: itá, etá ou hetá; a distinção de gênero diferem nomes de pessoas ou de animais; os graus, dizem respeito ao comparativo e superlativo e aumentativo e diminutivo; finalizou citando os adjetivos, pronomes, preposições e verbos.

No mesmo livro, Pe. Galanti, no tópico 82 intitulado “Trabalhos principaes sobre a língua tupy-guarany”, ressaltou obras que versavam sobre as línguas indígenas, classificando-as, como escritas na antiguidade e mencionou, inicialmente, os padres jesuítas espanhóis e portugueses como os únicos autores do período colonial, dentre eles: *Grammatica*, do Pe. José de Anchieta; *Arte e vocabulario de La Lengua Guarany* (1640), do Pe. Antonio Rodrigues Montoya; *Catecismo de La doutrina christã* (1640) e *Tesoro de La Lengua guarani* (1724) do Pe. Paulo Restivo. E continuou, *Catecismo Brasilico da Doutrina Christã, com o ceremonial dos Sacramentos e mais actos parochiaes, composto por padres doutos da Companhia de Jesus, aperfeiçoado, e dado á luz pelo padre Antonio de Araujo da mesma Companhia, emendado nesta segunda impressão pelo padre Bartholomeu de Leam, da mesma companhia, Lisboa 1686*, do Pe. Manuel da Veiga e Pe. Manuel de Moraes. Do Pe. Luiz Figueira, *Grammatica da Lingua geral dos índios do Brasil*, reimpressa em 1851. *Catecismo da doutrina christã na Língua brasileira da nação kiriri* (1698), Pe. Luiz Vincencio Mammiani.

Posteriormente, citou as obras contemporâneas: *Diccionario da lingua tupy*, de A. G. Dias; *Crestomathia da língua brasilica*, de Dr. Ernesto Ferreira França; *Glossaria linguarum brasiliensium*, de Dr. Carlos Frederico Martius; *Vocabulario da lingua indígena geral para o uso do Seminario Episcopal do Pará*, do Pe. M. J. S.; *Grammatica da lingua indigena para uso do Seminario Episcopal do Pará* pelo coronel Faria.

Após discorrer sobre as características das línguas indígenas, o padre não retornou mais ao assunto, nem em suas cartas e nas suas obras didáticas, tampouco, mencionou a interferência dos padres e religiosos e dos colonizadores.

Voltando ao número seguinte do periódico foram publicadas cinco questões, dentre as quais uma versando sobre a biografia de padre jesuíta e as outras sobre informações a respeito

de livros: edições, idiomas e valores, por exemplo. Ainda neste número, incorporou-se a seção sobre os livros e suas resenhas, com o propósito de registrar todas as obras publicadas por autores jesuítas:

Propõe-se daqui por diante, a observação de livros publicados por nós e de interesse geral. A cooperação de nossos leitores é solicitada a tornar este departamento das CARTAS o mais completo possível. Os livros que nos forem enviados serão sempre divulgados e revistos, tanto quanto o nosso espaço permitir, e avisos de livros e artigos literários serão recebidos e ilustrados de bom grado (EDITOR, *Woodstock Letters*, Volume XXI, Número 3, 1 de outubro de 1892, p. 420).

Além de formar um banco de dados preciso e atualizado, também para se alinhar a um declarado interesse dos religiosos ultramontanos, desde pelo menos 1870, os jesuítas incentivaram a produção, a revisão e a circulação de livros, considerados armas contra as obras produzidas pelos “inimigos da fé”, ou seja, aqueles cujas doutrinas eram consideradas anticatólicas e revolucionárias (GOMES, 2018). Vale ressaltar também que a seção talvez fosse uma forma de garantir a circulação das obras produzida pelos autores jesuítas, tal como o seu controle, à medida que também era uma forma de a Ordem conhecer os livros e suas temáticas.

A seção, intitulada “Livro de interesse para os nossos”, dividia-se em duas partes, a primeira, sem ser nomeada, tratou de resenhas sobre os livros enviados, a segunda, intitulada “Agradecimentos”, apenas expunha os títulos recebidos e seus autores. No primeiro número, datado de 1897, por exemplo, publicaram-se seis resenhas sobre livros<sup>128</sup>, em que cinco deles tratavam sobre a espiritualidade, a formação religiosa e história da Sociedade, e apenas um dedicou-se às ciências. Destaco este número, em especial, por ter localizado nele a primeira menção aos livros de Pe. Galanti *Compêndio de História do Brasil* (Tomo I) e *Lições de História do Brasil*, juntamente com um Calendário, com o Catálogo da Missão, com o livro da Solene Distribuição de Prêmios no Colégio de São Luiz em Itu<sup>129</sup> e com *Menha Estada no Colégio de NS da Conceição, S. Leopoldo, Rio Grande do Sul*, que não fazia referência ao autor. Os livros de Pe. Galanti nunca foram resenhados, mas estiveram presentes na segunda parte da seção:

<sup>128</sup> Foram publicadas seis resenhas no número de 1º de março de 1897, com os seguintes títulos: *Los Ejercicios Espirituales, do NPS Ignacio, en su aplicacion* por P. Jaime Nonell y MAS da Compañi'a de Jesús, 1896; *Les Jesuites et leurs Euvres a Avignon 1553-1765*, de Pe. Marcel Chossat, S. J. Avignon, com 521 páginas, A nona edição da conhecida "*Theologiae Dogmaticae*", do padre Hurter, Um manual de teologia; *Style in composition: Advice to Young Writes*, de Rev. William Poland, *To Die The Society a Certain Pledge of Salvation*, do Pe. Pere Jacques Terrien e *An Appreciation of Father Freeman's* "Scientific Chronicle The Freeman's Journal.

<sup>129</sup> A Distribuição Solene de Prêmios era “a sessão em que se distribuíam medalhas honrosas aos alunos com as melhores médias em cada disciplina que compunham o programa do colégio” (MENDONÇA, 2010, p. 98). Esta cerimônia era um evento social, da qual participavam a família dos alunos e a sociedade local, além de representar uma apropriação da Ratio Studiorum.

Figura 18<sup>130</sup> - Agradecimento

ACKNOWLEDGMENTS :—

1. All our exchanges have been duly received.
2. From Padre Raphael M. Galanti, Brazil, “Compendio de Historia do Brazil, Tomo 1.” “Licoes de Historia do Brazil redigido pelo P. Raphael M. Galanti;” Calendario, Catalogi, and “Solemne Distribuicao de Premios no Collegio de Sao Luiz em Itu, Brazil.” “Menha Estada no Collegio de N. S. da Conceicao, S. Leopoldo, Rio Grande do Sul.”

Fonte: Woodstock Letters

As seções da revista, além de destacarem para o leitor o que era considerado importante, também cumpriam a missão de unir os seus membros à medida que informavam aos jesuítas mais distantes, conhecimentos e experiências dos demais membros da Ordem, o que edificava o trabalho da Companhia. Assim como os departamentos da revista analisados, o recebimento, tratamento e censura das cartas ficavam sob reponsabilidade dos editores da revista e seus auxiliares.

### 2.1.2 Destinatário das cartas: o editor

Todas as cartas publicadas na revista eram enviadas ao padre responsável pelo periódico, seu editor, portanto. Ao longo da leitura das cartas notei que o ato inicial do cerimonial epistolar referia-se ao editor, de forma respeitosa: “Reverendíssimo e querido Padre P.C<sup>131</sup>”, cumprimento que se tornou parte integrante da escrita das cartas.

Aos editores não coube somente a função de serem destinatários das cartas. Mignot (2018) estudou o papel do editor, tendo sinalizado que ele, em suas múltiplas/atribuições, “não fugia à sina [porque] sob seu crivo passavam certamente aquelas [cartas] que deveriam ser divulgadas na íntegra, reescritas, sintetizadas ou descartadas em função do interesse jornalístico” (p. 22). Tal amplitude de atribuições fica evidente na primeira circular da revista, datada de 1872, na qual, além das sugestões dos tópicos, por ele mesmo selecionados, informou não ser o idioma um impedimento para publicação, pois, sobre “a tradução e a redução da forma, nesses casos, assumimos a responsabilidade” (Circular, *Woodstock Letters*, 1872, s/p). Mesmo sem trazer muitos detalhes, chamo a atenção para as reponsabilidades assumidas pelo autor da circular, provavelmente, o editor da revista, pois, incumbiu-se da intervenção na forma e no tamanho do texto, assim como da própria tradução que poderia, neste caso, também acarretar modificações no sentido do texto traduzido.

<sup>130</sup> Agradecimentos: 1. Todas as nossas trocas foram devidamente recebidas. 2. De Padre Raphael M. Galanti, Brasil, *Compêndio de História do Brasil*, Tomo I”. “*Lições de História do Brasil* redigido por P. Raphael M. Galanti;” Calendario, Catalogi e “Solemne Distribuição de Premios no Collegio de São Luiz em Itu, Brasil.” “Menha Estada no Colégio de NS da Conceição, S. Leopoldo, Rio Grande do Sul. (*Woodstock Letters*, Volume XXVI, Número 1, 1 de março de 1897, p. 62) Tradução livre.

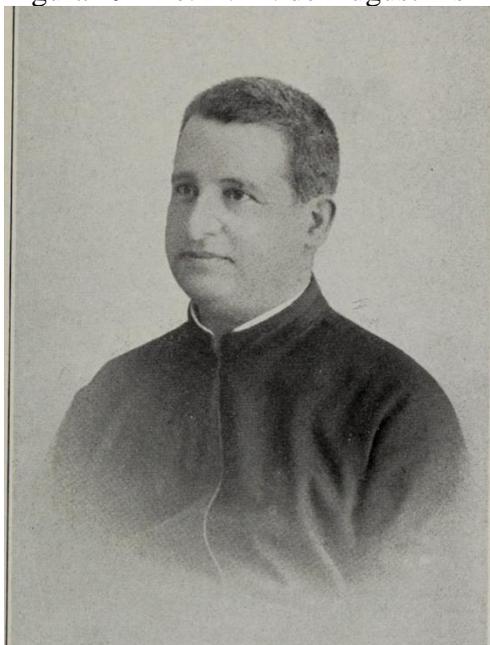
<sup>131</sup> PC era abreviatura de *Pax in Christo*, utilizada pelos jesuítas.

Aliás, foram muitos os editores da revista desde sua fundação, em 1872, até seu encerramento, em 1969. No entanto, atenho-me àqueles a quem foi atribuído tal encargo no período das cartas de padre Galanti, publicadas entre 1880 e 1913. Chamou-me a atenção o fato de a revista haver publicado homenagens a tais editores. Seria uma forma de legitimar aqueles que exerciam tal função?

Pe. Emílio de Augustinis (1829 – 1899), primeiro editor da revista (1872), permaneceu na função até 1878. Napolitano e advogado, ingressou na Companhia de Jesus aos 26 anos, ocasião em que se destacou como professor de Dogma Teológico. Possivelmente, aproximou-se da revista quando foi comprada uma impressora Cottrell e Babcock para imprimir o Curso de Teologia ministrado por ele e pelos padres Mazzella e Bambring. O primeiro editor enfrentou algumas dificuldades à frente da revista. A desconfiança dos seus pares foi uma delas. O fato é que, segundo aqueles padres mais resistentes, os que estavam envolvidos no projeto do periódico dedicavam demasiado tempo ao impresso, em detrimento dos estudos, principalmente, os teológicos.

Outra dificuldade por ele enfrentada foi a de também conviver com problemas financeiros na revista, do que é exemplo o fato de, por duas vezes, as edições terem sido publicados em números duplos (1875, maio e setembro, e 1877, janeiro e maio): “as Cartas continuaram cambaleando, gradualmente ganhando força, e no final do Editorial do Padre De Augustinis não se ouviu um murmúrio de oposição, a nova revista foi geralmente aceita como uma instituição que veio para ficar” (*Woodstock Letters*, Volume LI, Número 1, 1 de fevereiro de 1922, p. 7).

Figura 19 - Pe. A. M. de Augustinis



Fonte: Woodstock Letters

Padre Aloysius X. Valente<sup>132</sup> sucedeu Padre Augustini na redação da revista, em 1878. Também napolitano, nascido em 1835, chegou no Woodstock College quando de sua criação, em 1869. Ali ensinou Metafísica da Filosofia no segundo ano e, conforme o texto comemorativo dos 50 anos da revista, “sua contribuição distinta para o desenvolvimento da revista foi o estabelecimento do departamento de Varia, que desde então se tornou o seção mais popular das CARTAS” (*Woodstock Letters*, Volume LI, Número 1, 1 de fevereiro de 1922, p. 7). A seção passou a fazer parte da revista em 1 de abril de 1878 e nela foram publicados extratos de cartas de países, tais como: além das oriundas do Zimbábue, Alemanha, Áustria, Bélgica, Espanha, Estados Unidos (Boston, Maryland e Porto Rico), França, Índia e Itália. No final deste mesmo número, o editor solicitou o envio de dados sobre o que se fez nas igrejas, faculdades e colégios, solicitando, ainda, a lista correta do número de alunos que frequentaram as instituições jesuíticas. Dessa forma, no número seguinte, com data de 1 de setembro de 1878, podem ser encontradas impressas na revista as primeiras tabelas com as informações acima solicitadas.

Figura 20 - Pe. Edward I. Devit



Fontes: Boston College

Em 1879, assumiu como editor o padre Edward I. Devit<sup>133</sup>, nascido em novembro de 1840, no Canadá, ele que ingressou no noviciado jesuíta em Frederick, Maryland, em 1859,

<sup>132</sup> Até o momento não foi localizada fotografia deste padre.

<sup>133</sup> Edward I. Devitt, SJ, President's Office records. <https://library.bc.edu/finding-aids/BC2000-153-finding-aid.pdf> Acessado em 01/12/2019.

onde permaneceu por quatro anos. Foi enviado para Washington para ensinar no preparatório do Gonzaga College. Foi selecionado para participar da procissão fúnebre do presidente Lincoln, junto com outros estudantes. Estudou em Woodstock e depois da sua ordenação lecionou Filosofia no Woodstock College. Foi editor da revista de setembro de 1879 até novembro de 1883 e, segundo os próprios jesuítas, seu grande mérito foi trazer “material valioso e interessante sobre os feitos dos primeiros missionários jesuítas em Maryland, nos territórios de montanha californianos” (*Woodstock Letters*, Volume LI, Número 1, 1 de fevereiro de 1922, p. 9), tratando assim, particularmente, das missões e missionários de outrora.

Figura 21 - Pe. John A. Morgan



REV. JOHN A. MORGAN, S.J.

Fonte: Memories windows

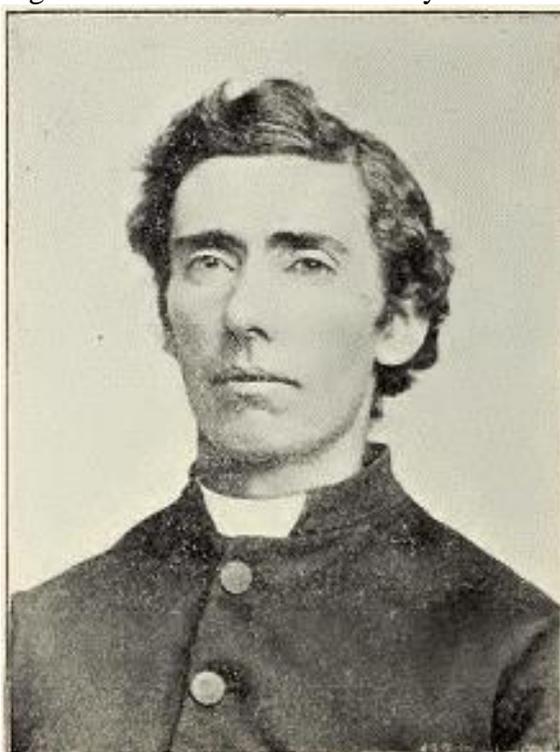
John Abell Morgan, que já havia trabalhado com padre Devit na revista, foi o seu sucessor, entre os anos de 1883 e 1885. Nascido no Condado de Saint Mary, ao sul de Maryland, em 30 de outubro de 1838, ingressou na Ordem dos Jesuítas, em 1857, para fazer o seu noviciado em Frederick, Maryland, tendo ordenando-se padre, em 1872. Em 1861, foi enviado para o *Gonzaga College*, em Washington, para seu primeiro trabalho, como escolástico. Lecionou Aritmética e Francês no Loyola College, em Baltimore, durante quatro anos (1862 – 1866). Atuou em muitas instituições jesuíticas: foi Assistente do padre Bernard Maguire na Banda Missionária (1867-1884); Professor no Georgetown College, em 1873; Diretor do Georgetown College (1874-1875); Padre da Igreja Católica de São José, Filadélfia (1885-1890); prosseguiu sua vida religiosa como Reitor na Igreja de Santo Inácio, Baltimore, MD

(1891-1900); Superior na Santo Inácio, St. Thomas Manor, Chapel Point, MD, 1891; Reitor da Universidade de Loyola (1891-1900) e Capelão no Gonzaga College (1902-1906).

Como quarto editor da revista e seguindo os passos do seu antecessor, Pe. Devit, “continuou a cortejar a musa história, e ele mesmo publicou documentos históricos importantes tendo como jesuíta atividade colonial na Boêmia, Maryland e Alexandria, Virgínia” (*Woodstock Letters*, Volume LI, Número 1, 1 de fevereiro de 1922, p. 10).

Na sequência, os próximos três padres permaneceram como editores da *Woodstock Letters*, cada qual, por apenas um ano.

Figura 22 - Pe. William P. Treacy



Fonte: *Woodstock Letters*

O padre William P. Treacy, SJ, nasceu em 1850 e foi ordenado em Louvain, na Bélgica. Em 1885, foi padre em Woodstock College, Maryland, e editor da revista por um breve período, até 1886. Pouco antes de se tornar editor, teve uma carta publicada, no primeiro número de 1885, em que tratava dos pontos históricos da Casa e Igreja St. Mary, de Newton. Autor do livro *Old Catholic Maryland e seus primeiros missionários jesuítas*, publicado em 1889, obra considerada relevante pelos jesuítas, pois “cita extensivamente a narrativa de White sobre sua

viagem e outras fontes contemporâneas, fornecendo um relato vívido dos primeiros missionários<sup>134</sup> (ALLEN, 2019).

Por um curto espaço de tempo não houve modificação substantiva no periódico, com exceção da que se deu no segundo número de 1885, em que foi publicado um catálogo chamado *Catalogus Nostrorum*<sup>135</sup> Datado daquele mesmo ano, dele constavam as Missões, separadas por continentes, as províncias e o número de jesuítas, somando ao final 2576 membros em todo mundo. No mais, as seções continuaram as mesmas: Varia, Obituário e as cartas, na sua maioria, dos Estados Unidos.

Figura 23 - Timothy Brosnahan



Fonte: Faculdade de Boston

O sexto editor da revista, entre os anos de 1886 e 1887, foi o Timothy Brosnahan, nascido em Alexandria, Virgínia, em 8 de janeiro de 1865. Tendo ingressado no noviciado de Frederick, em Maryland, no ano de 1872, foi o único editor a ocupar a função antes mesmo de ordenar-se, o que aconteceu em 1887, tendo sido auxiliado por pelos Srs. C. Gillespie e J. Collins, de modo a não atrapalhar seu estudo. Dos três números publicados no ano de 1886 não consta o índice da revista, em que se relacionavam os assuntos. Padre Timothy seguiu o editor anterior e no número de março de 1886 publicou o “Catálogo de Nossos Padres Missionários,

<sup>134</sup> Pe. Andrew White chegou junto com seus companheiros, em 25 de março de 1634, data que marca o nascimento da Província de Maryland e em que é comemorado anualmente o dia de Maryland. Disponível em: [www.jesuit.org.uk](http://www.jesuit.org.uk) Acesso em 20/01/2020.

<sup>135</sup> Catálogo Nosso. Tradução livre

1634-1805”, para o que contou com um compilador, identificado apenas pelas letras W. P. T., que se pode supor tratar-se do editor anterior, William P. Treacy. A tarefa foi realizada, tendo o mesmo utilizado “em sua preparação cópias de catálogos romanos, cartas anuais, registros batismais, registros antigos e cadernos, cartas particulares, ações, testamentos e meios de transporte” (W.P.T. *Woodstock Letters*, Volume XV, Número 1, 1 de março de 1886, p. 89). Caminho no estudo e supenho sugestivo refletir sobre a influência de editores, ainda que nos bastidores da revista. E prossegue: no número de julho de 1886 veio a ser publicado o “Catálogo da Missão de Maryland para 1818-1819”, no qual foram citados os colégios e residências de Maryland e do qual constavam nomes e funções de cada membro, data de nascimento e da respectiva inserção na Ordem.

Figura 24 - Pe. Benedict Guldner

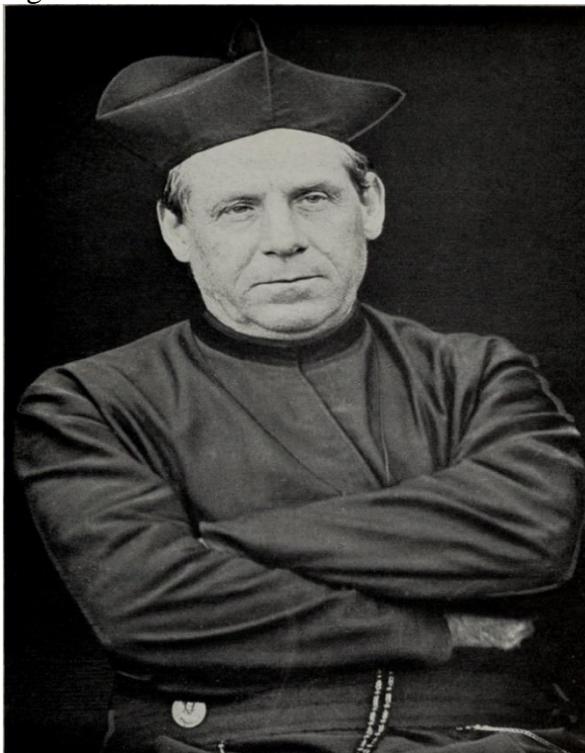


Fonte: Evening ledger

O último padre a permanecer pelo período de um ano no cargo de editor (1887-1888) foi o padre Benedict Guldner, nascido na Alemanha, em 10 de março de 1845. No dia 25 de maio de 1866 ingressou na Companhia de Jesus, em Maryland, e ordenou-se em 19 de setembro de 1878, em Laval, na França. Retornou à América e foi professor no Woodstock College, onde lecionou teologia durante quatro anos e filosofia por mais dois anos. Pe. Guldner teve uma carta publicada na primeira edição da revista, em 1872, na qual informou sobre a Missão Buffalo, seus cotidianos e o progresso dos padres alemães. Como editor, ainda que apenas durante o ano letivo, foi “sob sua administração o trabalho tedioso de compilar um índice para que os primeiros dezessete volumes fossem realizados” (*Woodstock Letters*, Volume LI,

Número 1, 1 de fevereiro de 1922, p. 10). Depois de ter sido editor, teve uma carta publicada, em 1896, carta em que se referiu à apresentação e aceitação da estátua de Pe. Marquette no Salão de Estátuas do Capitólio dos Estados Unidos.

Figura 25 - Pe.Samuel Hanna Frisbee



Fonte: Woodstock Letters (1907)

O oitavo editor da revista, Padre Samuel Hanna Frisbee, foi também o que por maior período permaneceu no cargo, perfazendo um total de 18 anos (1888-1906). Nasceu em 1840, na cidade de Kinderbrook, no Canadá. Sobre ele não se conta com muitas informações, especificamente sobre as datas importantes em seu processo de formação na Companhia de Jesus, seja nas biografias, seja nos obituários analisados. Existe, sim, o registro de que chegou em Woodstock College, em 1888, já com uma fama adquirida de diretor espiritual, tendo assumido a função de editor da revista:

O plano que ele fixou para si mesmo era tornar as CARTAS, se possível, mais abrangentes do trabalho contemporâneo da Sociedade. Para conseguir isso sem sacrificar o registro do passado, muito do qual ainda não foi escrito, a maior parte da revista foi gradualmente ampliada. Nenhuma província da Sociedade, por mais remota que fosse, nenhuma missão, por menor que fosse e por não ser promissora, nenhuma contribuição, por mais desprezível que fosse, estava além ou abaixo de seu conhecimento, se pudesse ser de interesse para nós. Relatos vívidos da maneira pela qual a conquista espiritual da Sociedade foi avançada, até mesmo para os postos avançados da civilização. (*Woodstock Letters*, Volume LI, Número 1, 1 de fevereiro de 1922, p. 8).

No terceiro número, publicado em 01 de outubro de 1892, Pe. Frisbee inseriu na revista uma nova seção chamada “Livro de interesse para os nossos” e, assinando como “O Editor”, escreveu:

A partir de agora, propõe-se a publicação de livros publicados pelos seus e de interesse geral. Pede-se à cooperação de nossos leitores que faça com que este departamento das CARTAS seja o mais completo possível. Os livros que nos são enviados serão sempre impressos e revisados na medida do nosso espaço, e os avisos de livros e itens literários a serem recebidos serão recebidos com bom gosto e publicados (Editor W. L., *Woodstock Letters*, Volume XXI, Número 3, 1 de outubro de 1892, p. 420).

Essa seção esteve presente na revista por mais de setenta anos, até o segundo número do ano de 1964. Sem maiores informações em edições anteriores e posteriores, não apareceria nas publicações seguintes, nem mesmo sob outro título.

Pe. Frisbee fez um chamado aos seus leitores, em 1894, por considerar que a revista revestia-se de grande importância como referência histórica e para informação futura; assim, anunciou: “[será] considerado um favor se nossos leitores enviarem sugestões ou correções que possam ser feitas em um artigo mais extenso posteriormente” (*Woodstock Letters*, 1894, p.76). Prontamente atendido, a partir de 1895 foram publicadas cartas que sugeriam correções.

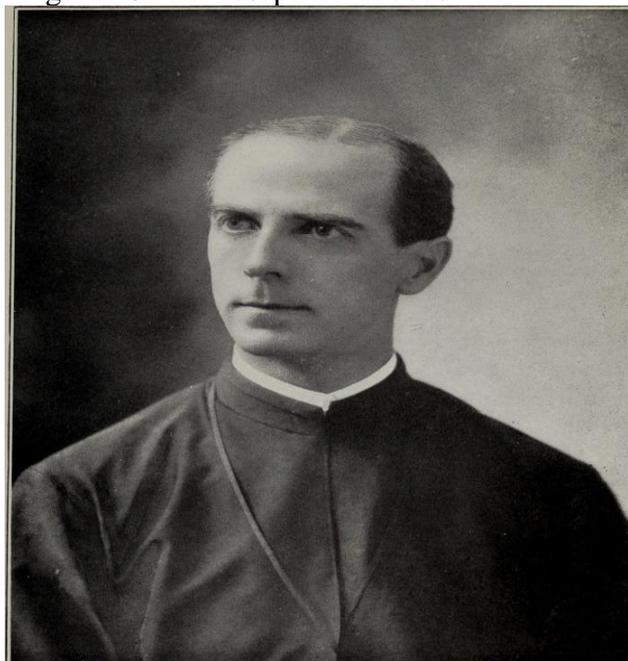
Pe. Galanti enviou correções na primeira de suas cartas, a de 19 de fevereiro de 1891, na qual corrigiu a carta de Pe. Razzini, enviada em 1889 e acerca da qual não parecia ter autorização do remetente para fazê-lo:

Correções. - Você verá nesta carta que deve corresponder ao que está escrito sobre o Brasil no número de outubro, vol. 19, página 393. Seria bom também retificar uma ou duas palavras na carta de pe. Razzini, vol. 18 de junho, página 172, linha 21, “O império do Brasil está dividido em dezoito províncias”; digamos vinte. Ibidem, linha 39, “O Brasil foi tributário de ...” eu diria: “O Brasil é uma colônia de ...” Estou certo de que o bom pe. Razzini não sofrerá com essas pequenas correções (GALANTI, *Woodstock Letters*, Volume XX, Número 2, 1 de junho de 1891, p. 184).

Em 26 de julho daquele mesmo ano, Pe. Galanti corrigiu sua própria carta. Veja-se: “Correções: - No número anterior, seria bom corresponder da seguinte maneira: p. 179, linha 14, para o norte e para o sul; p. 184, linha 27, pois o Brasil é uma colônia, o Brasil era.” (GALANTI, *Woodstock Letters*, Volume XX, Número 3, 1 de outubro de 1891, p. 385).

As mencionadas correções sugeriam que, além do padre italiano, talvez fosse costume de seus pares também enviarem correções, mesmo antes do pedido do editor. Quem sabe, Pe. Frisbee tenha apreciado as correções anteriormente feitas? E, assim, decidido torná-las parte integrante da revista?

Figura 26 - Pe. Joseph M. Woods



Fonte: Woodstock Letters (1922)

O editor seguinte foi o padre Joseph Michael Woods, nascido em Pottstown, Pensilvânia, em 22 de novembro de 1859 e que, com 15 anos, ingressou como noviço na Ordem, em Frederick, em Maryland, tendo-se ordenado na Capela de Woodstock, em 1891. A partir de 1898, lecionou História Eclesiástica no Woodstock College, cadeira por ele ocupada ao longo de vinte e sete anos. Outra longa função por ele assumida foi a de editor da revista, em 1907, tendo permanecido, em ambos os cargos, até 1925, ano de sua morte. Durante os dezoito anos sob sua direção, a revista passou a apresentar uma longa discussão teológica, principalmente, sobre os Exercícios Espirituais. Depois de dois anos como editor, suas marcas foram se tornando visíveis: já no segundo número, lançado em 1 de junho de 1909, foi introduzida uma nova seção, intitulada “Documentos”, com escritos em latim, dos Padre Gerais da Companhia de Jesus, dos Papas e normas teológicas. Essa seção não teve longa duração, estando presente em apenas seis edições, que, no entanto, serviu para apontar o sentido intencionado pelo editor: a de nela contemplar a história da Sociedade. Houve mudanças ainda, de cunho estético, na seção da Varia, muito admirada pelos leitores do periódico, mediante a redução do tamanho da letra, mesmo continuando a ocupar todo o espaço da folha. Tal estratégia permitiu publicar um número ainda maior de extratos de cartas.

Os editores cumpriam o seu papel na revista comunicando-se com os leitores por meio de apresentações, resumos, chamamentos etc. De certa forma, contribuíram para a revista com um todo, para uma seção ou para uma nova interpretação de temas, pois sua função lhes permitia censurar, organizar e selecionar o que deveria ser publicado.

Em pleno caminhar do estudo, à medida que analisava a revista, passei a me defrontar com novas questões, principalmente sobre a origem das cartas publicadas. De onde escreviam os missivistas? Quem eram esses padres jesuítas?

## 2.2 Uma revista como elo da Companhia de Jesus

Considero significativa a participação dos membros da Companhia que se fizeram remetentes das cartas para publicação, e me indago se escreveram somente para narrarem ou relatarem suas histórias. Visto que, tais cartas representavam mais do que a escrita de leitores, mas tratavam-se de missivas dirigidas por/para comunidade de leitores.

Ao compulsar a revista, saltava aos olhos os diferentes países de onde vinham as cartas. O impresso se mostrava como o elo da própria Companhia de Jesus que, desde a sua fundação, recebeu membros de vários continentes. A Ordem com padres de diversos países, a revista com cartas vindas de diversos países. Observando a escrita, impressa principalmente em inglês, com exceção de alguns poucos textos em latim, percebi que os mesmos foram, em sua maioria, recebidos no primeiro idioma, sendo traduzidos para o idioma estadunidense quando redigidos em outra língua. É o que nos indica o exemplo a seguir:

Esta carta foi escrita pelo Padre Michael Julien, Relor do Colégio de Maiorca, no mesmo dia da morte do Abençoado Afonso. É dirigido aos Padres e 9 Irmãos da Província de Aragão. A tradução é feita a partir da cópia francesa impressa em Belfort em 1879 (*Woodstock Letters*, Volume IX, Número 3, 1 de setembro de 1880, p. 200).

Pude constatar serem as missivas solicitadas aos seus escreventes pelo periódico, conforme menção feita, logo na parte inicial de uma carta, por um de seus remetentes (neste caso, de uma carta vinda do Canadá): “[...] em resposta ao seu pedido de informação sobre o nosso Colégio de St. Bonaface College, a primeira coisa que naturalmente se sugere é o paradeiro. Onde no mundo estamos?” (DRUMMOND, *Woodstock Letters*, Volume XVI, Número 1, 1 de março de 1887, p. 10).

Os jesuítas viajantes prontamente responderam ao chamado da revista e cartas vieram dos continentes europeu, asiático, africano e americano, possivelmente para se fazerem presentes, irmanarem-se, participarem e anunciarem, um fato, contarem uma história.

Com o intuito de tornar mais inteligível, organizei o quantitativo das cartas por continentes e seus respectivos países e pelas décadas em que foram publicadas.

Tabela 2 - Cartas publicadas na Woodstock Letters, oriundas do continente americano

	1872 – 1879	1880 – 1889	1890 – 1899	1900 – 1910	TOTAL
<b>Argentina</b>	0	0	5	0	5
<b>Bolívia</b>	0	1	0	0	1
<b>Brasil</b>	2	17	4	2	25
<b>Canadá</b>	7	4	2	7	20
<b>Colômbia</b>	0	2	0	2	4
<b>Cuba</b>	3	0	2	1	4
<b>Equador</b>	2	3	7	-	12
<b>Estados Unidos</b>	110	112	103	70	395
<b>Honduras</b>	0	0	6	1	7
<b>Jamaica</b>	0	0	8	5	13
<b>México</b>	2	10	0	1	13
<b>Panamá</b>	0	0	0	2	2
<b>Paraguai</b>	1	0	0	0	1
<b>Peru</b>	0	0	0	1	1
<b>Porto Rico</b>	1	0	0	0	1

Fonte: *Woodstock Letters* (período do levantamento: ano 1872 - 1910).

Na tabela 2 apresento os países de onde as cartas foram enviadas e a quantidade de vezes em que foram publicadas. Esses dados são relevantes para mapear a participação dos países na revista. Ao longo dos 38 anos compulsados, obteve-se um total de 504 cartas. Os Estados Unidos são o país com maior número de missivas, totalizando 395 no período recortado, o que também justifica a escolha pela apresentação das informações num gráfico, para visualmente destacar a desproporção em relação aos outros países. Para compreender esse número expressivo de cartas, trabalhei com a hipótese de que talvez esse quantitativo tão superior também estivesse ligado à questão financeira, pois a circulação da revista se daria com maior facilidade nos Estados Unidos, enquanto encareceria o seu envio para outros países, em função da distância; talvez explicasse também a expressiva participação dos padres correspondentes estadunidenses, uma vez que os colégios arcavam com a emissão das cartas ao Woodstock College, o que tornava mais alto os gastos para países mais afastados. Creio que esse impresso circulou primeiramente nas missões e regiões da América do Norte, o que pode ter estimulado o envio das epístolas vindas daquele país.

Ao contrário dos Estados Unidos, cujas cartas eram remetidas das várias missões espalhadas pelo país e por diversos padres, no Brasil – o segundo país americano a ter mais cartas publicadas –, a maioria das missivas escritas provêm de um único jesuíta: o Pe. Galanti. No entanto, nas cartas publicadas, ele não foi o primeiro e nem o único a escrever sobre e do Brasil. No segundo ano de publicação da revista, em 1873, os Padres Anthony Onorati e João Maria Cybeo<sup>136</sup> tiveram suas cartas publicadas, como já foi aqui analisado, no mesmo número em que a revista trouxe na sua capa o acréscimo “América do Norte e América do Sul”. A primeira carta inserida no número de 1 de maio de 1873 – possivelmente também publicada em

<sup>136</sup> Abordarei a biografia destes padres no quarto capítulo desta tese.

*Laval Letters*, pelo detalhe da ampliação do subtítulo da revista –, foi a do Pe. Cybeo, carta em que o jesuíta narra sobre a missão brasileira e sua vastidão:

BRASIL. – PE. CYBEO PARA AS ESCOLAS DE LAVAL (FRANÇA)

Laguna, 31 de julho de 1872. Em primeiro lugar, deixe-me dar uma ideia geral de uma missão brasileira. As paróquias aqui são em sua maioria muito grandes, os paroquianos estão espalhados por uma área considerável do país, alguns vivendo no meio das florestas ou nas encostas, outros nas vastas pradarias. Para chegar à igreja, as pessoas geralmente são obrigadas a viajar 10, 15 ou até 20 léguas. (CYBEO, *Woodstock Letters*, Volume II, Número 2, 1 de maio de 1873, p.133).

O padre narrou detalhes sobre a Missão de Laguna, em Santa Catarina, surpreso com a enorme quantidade de fiéis por paróquia e como eram leigos nos assuntos religiosos. Destacou as condições prósperas dos colégios, especialmente o de Itu, referindo-se ao Colégio São Luís. Em tom preocupado tratou da perseguição aos bispos brasileiros, “[...] atacados, principalmente pelos maçons, que são reconhecidos aqui como uma instituição pública: eles não tentam esconder seus templos e lojas, e seus dispositivos emblemáticos são expostos em dia aberto (CYBEO, *Woodstock Letters*, Volume II, Número 2, 1 de maio de 1873, p.141).

Padre Onorati escreveu duas cartas sobre o Brasil, ambas publicadas no número 1 de setembro de 1873, escritas em 3 de junho de 1872<sup>137</sup> e em 22 de junho de 1872, respectivamente. Destaquei, no entanto, o extrato da segunda carta, pois o leitor que seguir nesta leitura, perceberá adiante, que a primeira carta foi exposta na íntegra, enquanto a segunda passou por uma intervenção do editor:

Onorati escreve para nos contar como conseguiu transmitir a estátua de São Luís de Messegiana a Fortaleza. Os habitantes da antiga cidade não estavam dispostos a deixá-lo ter a estátua e a dificuldade foi antecipada. Pe. Onorati permaneceu com eles por alguns dias, e até agora ganhou a boa vontade de convencê-los a emprestar sua estátua para o povo de Fortaleza. O contrato para o empréstimo (não sei por quanto tempo) foi elaborado com grande solenidade na Igreja, na presença de um notário. Homens e mulheres, grandes e pequenos, jovens e velhos, insistiam em acompanhar a estátua pelo caminho quase intransponível. Pe. Onorati sozinho e a cavalo, a roubou quando a procissão chegou a alguma distância de Fortaleza, toda a cidade se preparou para encontrá-la, fazendo oanel de boas-vindas com suas alegres aclamações. Pe. Onorati diz que nunca em sua vida viu um espetáculo tão consolador; ele estimou o número dos presentes em cerca de 25.000. Nos portões da cidade, a banda militar se juntou a eles, e a estátua de São Luís foi trazida para a cidade com cerimônias solenes (*Woodstock Letters*, Volume II, Número 3, 1 de setembro de 1873, p. 213).

A carta escrita em terceira pessoa pareceu-me sinal de haver passado por uma intervenção, talvez para que não fossem publicadas, na íntegra, duas cartas do mesmo padre. Observei, ainda, o cuidado do editor em não publicar no mesmo número cartas vindas do mesmo lugar, o que talvez indicasse que as missivas, assim que recebidas, eram analisadas e

---

<sup>137</sup> Ressalto que a primeira carta terá um maior destaque no quarto capítulo, quando analiso os correspondentes brasileiros.

separadas, por temas ou interesses da revista, seguindo sua ordem ou sequência, vindo a compor posteriormente os números do periódico.

O continente europeu foi bastante participativo nesse período, reunindo um total de 116 cartas. A Itália é o país como maior número de cartas publicadas. Vale lembrar que a Cidade Eterna era o local onde se encontravam os responsáveis por formular documentos, o Papa e o Superior Geral, o primeiro, autoridade máxima da Igreja Católica, o segundo, da Companhia de Jesus.

Com 16 cartas, a Espanha foi o segundo país europeu de onde mais se escreveu. A primeira carta publicada desse país foi escrita pelo Pe. A. B. Friend, em 15 de março de 1890, no Collegio Sagrado Corazon de Jesus, em Barcelona, e foi publicada no segundo número da revista do mesmo ano, no dia 1 de junho de 1890. Áustria e Bélgica ocupam o terceiro lugar em volume de cartas, com 12 cada. Talvez tal circunstância deva-se ao fato de ambas sediarem instituições jesuíticas para a formação de padres.

Tabela 3 - Cartas publicadas na Woodstock Letters, oriundas do continente europeu

Países	1872 –1879	1880–1889	1890 – 1899	1900 – 1910	TOTAL
Alemanha	-	-	1	1	2
Áustria	1	4	4	3	12
Bélgica	-	2	6	4	12
Dinamarca	-	1	-	-	1
Espanha	-	1	5	10	16
França	1	5	-	2	8
Geórgia	-	-	-	2	2
Holanda	-	-	3	1	4
Inglaterra	-	3	3	3	9
Irlanda	-	-	1	-	1
Itália	-	8	11	22	41
Malta	-	-	1	-	1
Polônia	-	-	-	1	1
Portugal	-	-	1	1	2
Reino Unido	-	1	-	2	3
Rússia	-	-	-	1	1

Fonte: Woodstock Letters (período do levantamento 1872 - 1910).

O continente africano teve cartas publicadas na revista, a partir da década de 1890, com apenas três países correspondentes: Egito (uma), Zimbábue (duas) e África do Sul (uma):

Dunbrody, Bute Cuff, África do Sul, agosto de 1900. Caro Padre Frieden, PX As Cartas de Woodstock foram lidas com grande interesse por todos, e um Pai exclamou entusiasmamente: “Como esses padres trabalham à frente!” Nas aquisições espanholas o dano temeroso feito pelos governos maçônicos é chocante. Disto eu tive alguma experiência em meus dias, e é para a Maçonaria que toda a América Central e do Sul deve sua corrupção. A Maçonaria é um inimigo mil vezes mais perigoso que todos os seres juntos, e eles sabem disso; e um editor em Honduras, ao observar o avanço constante da catolicidade, disse que era necessário trazer a Maçonaria como contrapeso (*Woodstock Letters*, Volume XXIX, Nº 3, 1 janeiro 1901, p.447).

Em carta escrita no dia 11 de agosto de 1900, Pe. Henry Gillet mostrou-se espantado com o crescimento e poder da Maçonaria nas Américas Central e do Sul, tendo, no entanto, feito a ressalva de, no país do qual escreve, assim como nos Estados Unidos, a irmandade não era agressiva e nem o clero a ela pertencia.

No continente asiático, o mais distante em relação ao Woodstock College, países como China e Índia participaram desde o primeiro número, já em 1872. Vindas de lá foram reproduzidas 46 epístolas, sendo 22 da Índia e 12 da China.

Tabela 4 - Cartas publicadas na Woodstock Letters, oriundas do continente asiático

	1872 – 1879	1880 – 1889	1890 – 1899	1900 – 1910	TOTAL
<b>China</b>	2	-	7	3	12
<b>Índia</b>	2	6	11	3	22
<b>Japão</b>	-	-	-	1	1
<b>Israel</b>	-	-	4	-	4
<b>Síria</b>	-	1	1	1	3
<b>Sri Lanca</b>	-	-	1	2	3

Fonte: *Woodstock Letters* (período do levantamento: ano 1872 - 1910).

A primeira carta publicada sobre a Índia é um extrato de uma missiva particular, cedida pelo Pe. Healy, do Georgetown College, provavelmente com o intuito de compor o segundo número do primeiro ano da publicação. Sem mencionar seu remetente, revelou:

Aqui na Índia, os protestantes proclamavam em voz alta a queda da Igreja, especialmente após a humilhação de França. Mas, de fato, estamos fazendo um progresso constante, talvez não muito rápido, e praticamente o próprio protestantismo descobre cada dia mais e mais que a catolicidade está avançando (*Woodstock Letters*, Volume I, Número 2, 1 de maio de 1872, p.141).

O avanço a que se referiu devia-se ao progresso dos colégios São Paulo, em Calcutá, e São Francisco Xavier, em Bombaim, sob a direção de padres belgas.

Nós, embora um pouco afastados, somos a Instituição Católica da Presidência; Em Calcutá, nossos pais belgas têm uma faculdade que pode lidar com sucesso com as escolas mais prósperas. Em Bombaim, eles estão rapidamente ganhando vantagem [...] no entanto, não temos nada além de nativos e temos que enfrentar muitas dificuldades. Na parte final de outubro, tivemos a visita do governador de Madras, Lorde Napier, um puritano, como observou com um sorriso, que nos tratava como até mesmo um católico. Naquela ocasião, demos a ele um entretenimento noturno; a comédia e a música eram especialmente boas. Ver os nativos atuarem na peça e cantar a música europeia como eles fizeram, pegou tudo de surpresa; e o caso todo foi um verdadeiro triunfo para a faculdade (*Woodstock Letters*, Volume I, Número 2, 1 de maio de 1872, p. 141 e 142).

Outro ponto sobre o qual narrou foi o que envolvia conversões e fatos milagrosos. Foi o do caso em que uma menina sofreu uma mordida de cobra e, já em seus últimos momentos, teve seus pais a interceder para que a salvasse:

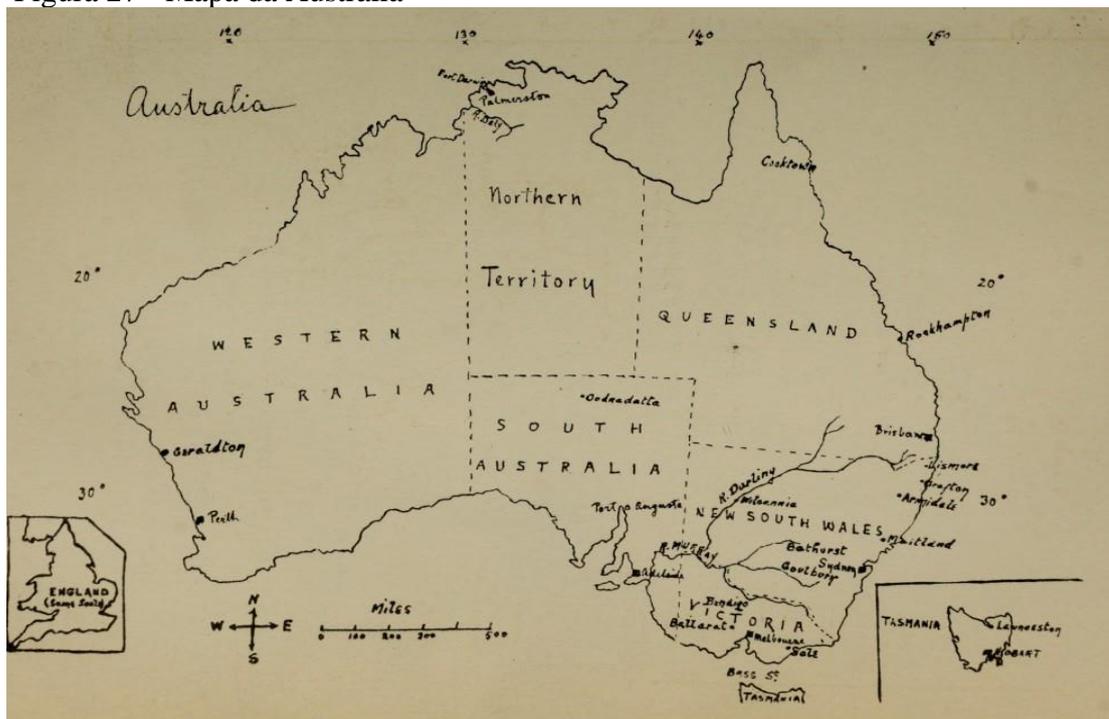
Eu pedi água fresca. Um turco entrou correndo em sua casa e trouxe uma bacia de água. Peguei a mão da criança, lavei-a três vezes na forma de uma cruz, pronunciando

enquanto isso a fórmula prescrita! Felizmente, talvez, a criança tenha se recuperado logo depois, e as pessoas a atribuíram à bênção. Agora devo ver como ela é criada como católica (*Woodstock Letters*, Volume I, Número 2, 1 de maio de 1872, p. 142)

A Austrália é o único país representante do continente Oceania presente na revista. Na edição de 3 de maio de 1902, o Padre Superior da Missão, John Ryan, narrou sobre a união das missões australianas, a saber: a Missão do Sul da Austrália, a Missão do Daly River, no Território do Norte, e a Missão de Melbourne, em Sydney. Além dessa carta, “A Sociedade de Jesus na Austrália” conta a história dos jesuítas, juntamente com a do país, narrativa que se estendeu por três anos, publicada em partes por nove números da revista. Ainda que desconheça o formato em que foi enviado o texto e sabedora de que, conforme indicou o editor na circular de 1872, a forma e o idioma não eram empecilhos para nenhuma publicação, atentei para o fato de que cartas longas podem ter sido convertidas em artigos.

No número 1, de 1 de fevereiro de 1909, juntamente com artigo anteriormente citado, foram publicados dois mapas: o da Austrália e o do Sul da Austrália, como se houvesse a intenção de dar a ver a localização dos lugares citados no artigo. Em tempo: no período analisado na pesquisa (1872-1910), resalto terem sido esses os únicos mapas publicados. Assim como os registros cartográficos, as imagens também foram escassas, possivelmente pelo gasto que gerava a impressão de figuras e pela valorização da escrita em detrimento de ilustrações.

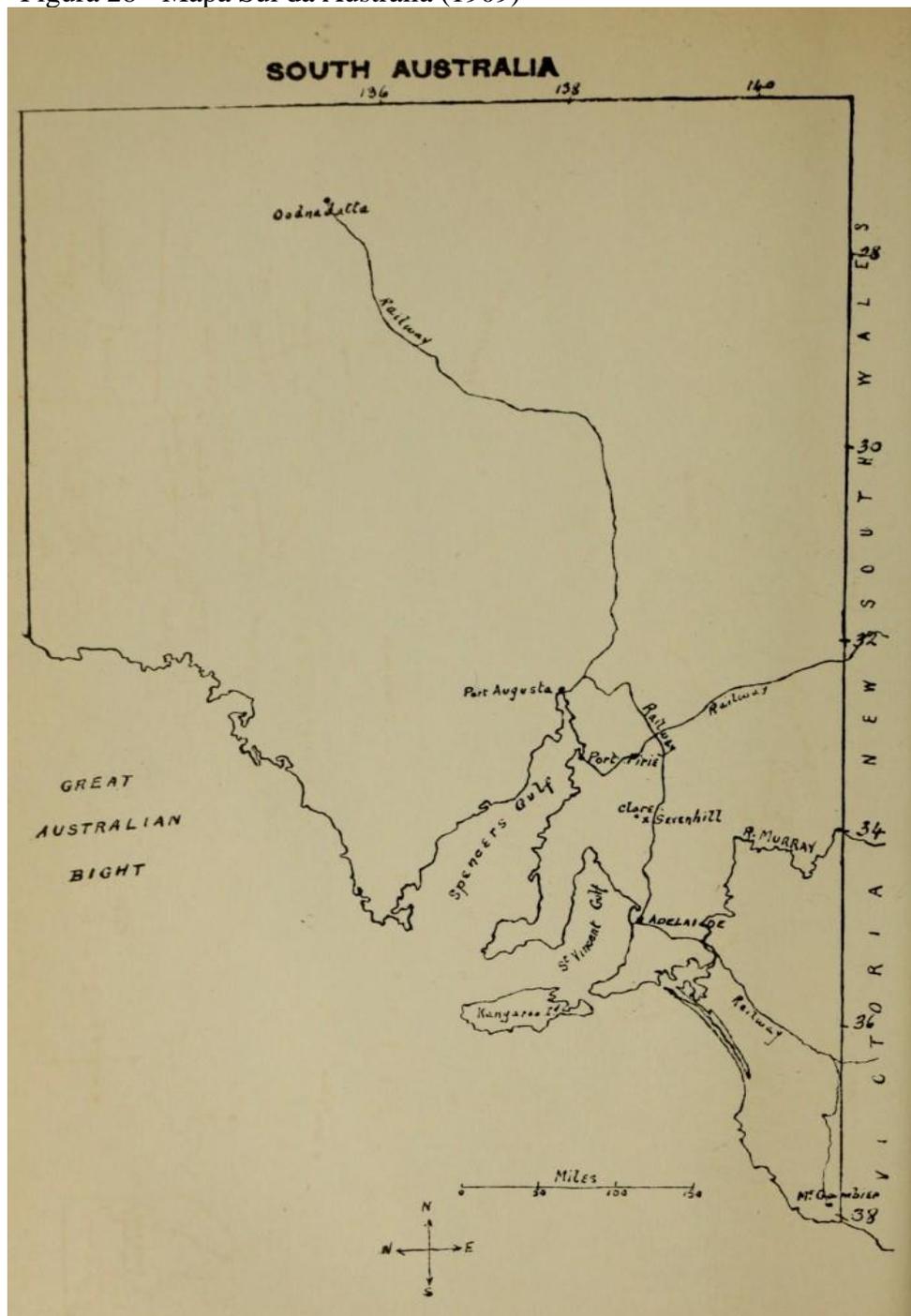
Figura 27 - Mapa da Austrália



Fonte: Woodstock Letters (1909)

Na representação cartográfica foi possível localizar o Sevenhill College, que precisou ser ampliado diante do crescimento da população católica e pela demanda por Ensino Superior, por volta de 1850. No entanto, como destacou o remetente, quando alguns padres não puderam arcar com os custos dos seus filhos no colégio e, por serem donos de propriedade, muitos deles precisando de seus filhos nas lavouras da família, a maior parte de alunos que permaneceram foram para o Sul da Austrália e suas colônias vizinhas, Victoria, NS Wales e Tasmânia.

Figura 28 - Mapa Sul da Austrália (1909)



Fonte: Woodstock Letters

Apesar de ser o único país da Oceania a ter suas cartas publicadas em forma de artigos, fazendo menção ao “grande continente insular, com céu ensolarado, clima seco e saudável, vegetação luxuriante [...]” (*Woodstock Letters*, Volume XXXVII, Número 3, 1 de outubro de 1908, p. 303) a Austrália ocupou as páginas da revista por onze números consecutivos, entre 1908 e 1912. Neles foi tratado o tema das primeiras missões jesuíticas naquele país, sob a direção de padres irlandeses, em fins do século XVIII, quando os colonizadores, na “enseada espaçosa do mar, que formava um porto natural de grande beleza e, ali, perto das águas brilhantes e inquietas” (Idem), fundaram a cidade de Sidney. Posteriormente, no artigo final, em 1912, ao concluir a história da Companhia de Jesus, na Austrália, foi mencionada a movimentação dos padres naquele país, entre 1906 e 1910. Sobre as chegadas, relatou-se a entrada de todos os padres no país; e sobre as partidas, as referências eram feitas em relação aos jesuítas transferidos para outras missões e/ou falecidos na Missão australiana. Sobre eles foram escritas breves biografias. E assim termina o texto da última publicação:

[...] No dia 16 de maio, quando essa narrativa é concluída, os Superiores da Missão Australiana são: - Rev. Padre Thomas Brown, Superior da Missão; Padre Timothy Kenny, St. Patrick's College; Padre Jas. O'Dwyer, Xavier College; Padre Jos. Hearn, Richmond Residence; Padre George Kelly, Residência Hawthorn; Padre Thos. Gartlan, Riverview College; Padre Thos. Fay, St. Aloysius College; Padre Jas. Colgan, Residência North Shore, Sydney; Padre John Roney, Residência, Norwood, Adelaide; e padre Francis Keogh, St. Aloysius, Sevenhill. Número de jesuítas na Austrália, nº (Catálogo 1910) (*Woodstock Letters*, Volume XLI, Número 1, 1 de fevereiro de 1912, p. 6).

Com o intuito de manter seu leitor atualizado, o autor relacionou os Superiores da Missão, com base no Catálogo do ano de 1910, o que leva a inferir que os artigos publicados foram escritos a partir de cartas enviadas ao longo do tempo, tendo sido a última missiva escrita naquele mesmo ano, já com conhecimento do Catálogo anual.

A revista chegava a muitos espaços geográficos e seus leitores-missivistas compartilhavam conhecimentos sobre estes lugares. Na edição comemorativa dos 50 anos da publicação, o editor comenta que o periódico tem “circulação [...] numericamente inexpressiva, mas atinge os confins da terra, levando uma mensagem de simpatia espiritual e boa vontade para longe do Alasca, Java, Austrália e África” (*Woodstock Letters*, 1922). Sendo assim, as epístolas de que tomei conhecimento durante a pesquisa foram enviadas de muitos países de diferentes continentes, permitindo reconstituir a cartografia da fé, um percurso traçado pelos jesuítas ao longo de um período, no qual evangelizaram e educaram e no qual narraram suas experiências por meio das suas escritas. Em algumas das epístolas publicadas na *Woodstock Letters*, os missivistas apontavam momentos difíceis por que passavam e provavelmente iriam

servir-lhes de lição; no entanto, a maioria das cartas tratava de missões, províncias, igrejas e instituições educacionais bem-sucedidas.

### 2.3 *Caritas et Veritas: sentidos da escrita epistolar*

Que sejamos sempre fiéis a essa missão, expressa nas duas palavras “*Caritas et Veritas!*” *Veritas*, para registrar fielmente e com precisão as nossas obras em todo o mundo; *Caritas*, para tornar conhecido com amor e devoção este registro para todos os que levam o nome de Jesus  
*Woodstock Letters, Volume XXVI, N. 1, 1 de março de 1897, p. 7.*

Como relembrou o poema que abre o presente capítulo, a escrita de epístolas reúne ensinamentos de Inácio de Loyola, o fundador da Ordem. Para os jesuítas que empreenderam e foram responsáveis pela *Woodstock Letters* aquele foi um trabalho de amor, alegremente empreendido na esperança de que, ao narrar os eventos atuais ou reunir e imprimir os registros fragmentados e dispersos do passado, os membros das Províncias, em língua inglesa, estivessem equipados com relatos edificantes do trabalho realizado (Idem).

Apesar dos seus editores definirem a revista como histórica, a análise das mesmas levou-me a cotejá-las com as cartas edificantes, um hábito instituído por Inácio de Loyola, já que “desde o noviciado até o exercício dos principais cargos, passando pelos ministérios e missões, a arte epistolar sempre encontrou funções relevantes a cumprir” (PÉCORA, 2012, p.34). Vale ressaltar terem sido as epístolas preconizadas nas Constituições para a união da Companhia de Jesus assentadas em que “o vínculo principal para unir os membros entre si e com a cabeça é o amor de Deus Nosso Senhor” (Regra das Constituições, regra 671, p.191); isso, com a intenção de uniformizar interiormente – doutrina e juízo – e exteriormente – no vestir e na cerimônia das Missas (regra 671), de modo a não prejudicar a unidade e assim expor a regra 673. Detalhando um pouco mais:

Concorrerá também de maneira muito especial para esta união a correspondência epistolar entre súditos e superiores, com o intercâmbio frequente de informações entre uns e outros, e o conhecimento das notícias e comunicações vindas das diversas partes. Este encargo pertence aos Superiores, em particular ao Geral e aos Provinciais. Eles providenciarão para que em cada lugar se possa saber o que se faz nas outras partes, para a consolação e edificação mútuas em Nosso Senhor (Const., VIII, cap.1, § 673).

Os Superiores e Reitores deveriam escrever toda semana ao Provincial – representante da Ordem em uma província – que escreveria ao Geral, a maior autoridade da Companhia no mundo (PÉCORA, 2012). Quadrimestralmente, deveria ser escrita uma carta em “língua

vernácula, que contivesse só notícias de edificação e outra em latim do mesmo teor” (675), enviada, uma e outra, em duplicada ao Provincial, que deveria enviar uma sua contando “fatos importantes ou edificantes omitidos nas primeiras” (idem). Alcir Pécora (2012) alerta para a presença ostensiva das cartas nas Constituições, nelas destacando, pelo menos, três aspectos: “a informação; a reunião de todos os irmãos num corpo orgânico; e, enfim, o impulso da experiência mística” (PÉCORA, 2012, p.35). O primeiro aspecto compreende a correspondência, muitas vezes, como a única forma de notícias ou meio de relatos entre os jesuítas. Sobre a união dos membros da Ordem, “esta se manifesta quando os acontecimentos reforçam a rede espiritual dos irmãos dispersos por todo o globo” (ibidem). A partir dessa unidade foi preciso traduzir uma espécie de “êxtase da participação na vida espiritual” (ibidem). Para o autor, essas cartas edificantes são tão particulares como exemplares, além de serem uma referência histórica e, ao mesmo tempo, uma alegoria espiritual (PÉCORA, 2012).

Alcir Pécora (2012) sinalizou que “as cartas atualizam a missão apostólica e quanto mais bem-feitas, mais incendeiam o escritor e o leitor numa mesma febre de fé” (p.35). Comenta João Adolpho Hansen (1995) que uma leitura em voz alta de modo inflamado por vezes era feita para jesuítas reunidos, como exemplificou na carta escrita em Goa, no dia 01 de dezembro de 1552:

as cartas que de Portugal vieram, assim desse Colégio como do Brasil, no ano de 52, sobremaneira nos alegraram, e houve com elas assaz de fervor. Na noite que chegaram, se leram com a campainha tangida até à uma depois da meia noite, e no refatório todos os dias seguintes [...] (SERAFIM, 1954, p. 54 Apud HANSEN, 1995, 109).

Cartas, lidas em momentos propícios, conforme prescrito nas Constituições, funcionavam “[...] como um mecanismo de reforço da fé” (Idem), capaz de unir a cabeça aos membros. Pois, em meu trabalho de pesquisa, cotejando as primeiras cartas jesuíticas analisadas e as do impresso de Maryland, instiguei-me: que assuntos nelas tratados teriam sido capazes de arrebataram os padres que as ouviram ou as leram?

Escritas por padres de diversos continentes, as mais de quinhentas epístolas publicadas no período estudado versaram sobre variados temas, tidos como relevantes para os jesuítas, visto a recorrência de sua publicação temática na revista. Na perspectiva religiosa, foi-me possível compulsar cartas que versavam sobre missões e missionários, beatificações, ordenações, retiros e peregrinações, milagres e relíquias, bibliotecas e arquivos, exercícios espirituais, perseguição e restauração da Companhia de Jesus. Trataram também os missivistas temas mais gerais, tais como: guerras, escravidão, doenças, emigração, viagens, entre outros.

Pelo viés educacional mostraram-se comuns temas envolvendo os colégios, a discussão sobre escola pública e privada, as ciências, o *Ratio Studiorum* e os exames públicos.

Necessário observar não haver tratado cada carta somente de um único assunto ou tema. Em uma mesma missiva escreveu-se sobre o andamento do colégio, sobre doenças e sobre a impressão do remetente a respeito de um dado lugar; daí o número total de cartas revelar-se quantitativamente menor que o número total de temas elencados. A partir dessa constatação, analisei a tabela e percebi uma variação não só de temas, mas, novamente, em relação aos números, só que desta feita entre os próprios temas. Pois, entre os dez assuntos mais citados nas cartas, notei um número imensamente maior quando se escreveu sobre as missões e seus missionários, do que, por exemplo, quando o assunto foram as doenças que atingiam diversos lugares e pessoas.

Tabela 5 - Temas das cartas

TEMAS	1880 - 1889	1890 – 1899	1900 - 1913	TOTAL
Missão/missionários	52	35	39	126
Viagem, relatos e impressões	19	75	31	125
Colégio	31	33	33	97
Notícias diversas	4	14	9	27
Jesuítas (formação/perseguição/restauração)	4	14	7	25
Igreja	8	3	6	17
Documentos históricos	1	6	6	13
Peregrinação/ Excursão apostólica e/ou missionária	0	8	5	13
Ciências	0	4	5	9
Doença	1	5	2	8

Fonte: Revista *Woodstock Letters* (período do levantamento: ano 1880 - 1910).

A interpretação da tabela evidencia que os temas que se sobressaem numericamente dizem muito sobre a Companhia de Jesus, pois, desde sua fundação, esta fora uma Ordem secular, designando jesuítas que viajaram por todo o mundo, os chamados soldados de Cristo<sup>138</sup>. Esses tinham por missão combater a heresia e converter os pagãos por meio da confissão, da pregação e da catequização, sustentando-se na educação dos homens. Inicialmente catequizando índios, os jesuítas-viajantes ensinavam a “ler e escrever” os nativos, homens iletrados, gerando mudanças substanciais, a respeito da sua religião, dos seus costumes e da sua língua<sup>139</sup>.

<sup>138</sup> Termos utilizado por Baêta Neves (1978) para se referir aos jesuítas, uma ordem militarizada. Cf. *O Combate dos soldados de cristo na terra dos papagaios: colonialismo e repressão cultural*. Rio de Janeiro: Forense – Universitária, 1978.

<sup>139</sup> Segundo Bessa Freire (2003), que estudou a trajetória histórica das línguas na Amazônia brasileira, “os índios dos núcleos coloniais, tanto os ‘livres’ como os escravos, não falavam o português entre si e nem com o colonizador; também a língua usada pelos jesuítas na catequese não foi o português” (Grifos do autor, p. 50).

Não obstante, seu projeto educacional esteve sempre sob holofotes com fundação de colégios em boa parte dos lugares em que estiveram, “seja [com os bancos escolares ocupados] pela elite que formavam, pelo modelo educacional que representavam, ou pelo método<sup>140</sup> que utilizavam” (MENDONÇA, 2010, p. 36).

Como ficou registrado memorialisticamente na revista, por meio das cartas, os jesuítas viajaram pela maioria dos continentes, estando nos lugares mais remotos. Na carta, intitulada “Diário de uma viagem à Costa”, escrita por Padre Tosi, datada de 20 de maio de 1889, o emitente narra sua viagem às geleiras do Alasca:

Querido Pe. Superior, para dar-lhe um relato completo da minha viagem ao litoral, das aldeias visitadas e do número de índios em cada uma, vou copiar para você parte do meu diário da viagem. 1º de março. Saí às 9h. m. com um índio e um mestiço. Este último era irmão de um diácono russo[...] Depois de alguns minutos, mandei o índio à frente, correndo e patinando, na direção da margem do rio, e quando ele teve uma boa pista eu recomencei com os cães. Vendo o índio indo em direção à aldeia de Paimut, os cães correram atrás dele a toda velocidade, e como o vento estava a nosso favor, logo deixamos o índio para trás; porque eu estava indo rápido demais para deixá-lo pular no trenó. Recebemos uma calorosa acolhida dos índios Paimut. Sua língua é diferente daquela falada em Nulato e Cosiorefsky. É a língua Mahlemut, falada ao longo de toda a costa, da baía de Nushergak até o Kotzebue Sound e, com apenas alguns dialetos diferentes (TOSI, *Woodstock Letters*, Volume XVIII, Número 3, 1 de outubro de 1889).

Acompanhado por cães e por um índio que o guiava pelas aldeias que visitava, para além das hospedagens em que dormiu ou do frio extremo que enfrentou, o que parecia importar, de fato, ao Padre Tosi era se aquelas pessoas encontradas teriam sido batizadas ou se frequentavam a igreja. Este parecia ser o seu questionamento principal.

Outra missiva que trata de relatos de viagem foi titulada pelo editor de “Uma visita ao Norte da China”. Escrita pelo padre Willian L. Hornsby, na cidade de Zi-ka-wei, em fevereiro de 1898, é nela que o autor apresenta suas impressões sobre o lugar e detalha sua missão:

Reverendo e Prezado Padre, PC A missão chinesa de nossos pais da província de Champagne está situada no norte da China, não muito longe da capital, na província metropolitana de Chih-li. A residência central da missão, perto da cidade do distrito de Hienhien, é algo mais de cem milhas ao sul de Pequim, e cerca de noventa milhas a sudoeste de Tien-tsin, o porto do norte. A missão compreende em território e população cerca de um terço da província; isto é, sua área é aproximadamente igual ao estado de Maryland, e sua população é estimada em mais de 7.000.000[...] A grande residência e as obras de nossos pais em Chang-hia-chwang são dignas da florescente missão que, dentre todas as outras missões chinesas, pode apontar para o aumento mais notável dos cristãos nos últimos quarenta anos. O número aumentou de 9400 em 1857 para 45.500 em 1897. No ano passado havia 5500 catecúmenos e 1700 batismos de adultos, números provavelmente não equivalentes ao trabalho missionário regular, fora dessa grande missão de Nanquim. Com Mgr. Bulte, SJ, Vigário Apostólico, há 49 padres da Companhia na missão, seis dos quais são nativos, e há onze irmãos leigos, três nativos. Existem apenas cinco sacerdotes seculares nativos. Outras

<sup>140</sup> Refere-se ao *Ratio Studiorum Atque Institutio Societatis Jesu*, um “plano de estudo”, que passou por uma experiência de 50 anos, aprovado por Cláudio Acquaviva em 8 de dezembro de 1598 e promulgado definitivamente em 1599.

missões com forças menores a serem usadas na Europa superam nossas missões no número relativo de sacerdotes nativos[...] (HORNSBY, *Woodstock Letters*, Volume XXVII, Número 2, 1 de junho de 1898, p.155).

Mostrando-se admirado com a distância entre os lugares, parece encontrar em tal circunstância a justificativa para que, “sem as vantagens das ferrovias, [...] os membros de nossas diferentes missões chinesas não consigam se ver com muita frequência” (Ibidem). Por outro lado, os números e os resultados da missão chinesa parecem ter deixado Pe. Hornsby bastante satisfeito: “ao chegar a Xangai, depois de uma visita a outras missões, fica-se impressionado com as proporções e a admirável organização desta missão” (*Woodstock Letters*, Volume XXVII, Número 2, 1 de junho de 1898, p.157).

Foram muitas também as cartas sobre os colégios abordando diversos aspectos. Um bom exemplo disso é a missiva do padre James P Fagan, de 10 de maio de 1904, na qual o jesuíta afirmou ter sido a abertura da Loyola School uma demanda da sociedade, mas especificamente de uma elite financeiramente abastada, desejosa de que seus filhos entrassem em Harvard, Yale ou Princeton. Com tal propósito de preparação para essas universidades americanas, foi inaugurado, em primeiro de outubro de 1900, o Loyola School:

O local escolhido para a nova escola era a esquina da 83rd Street com a Park Avenue, em lotes adjacentes à Reitoria de nossa Igreja de Santo Inácio de Loyola. O homem encarregado da tarefa pesada e responsável de construir a escola e encontrar os alunos para ela, foi o Rev. NN McKinnon, SJ (FAGAN, *Woodstock Letters*, Volume XXXIII, Número 1, 1 de maio de 1904, p. 75).

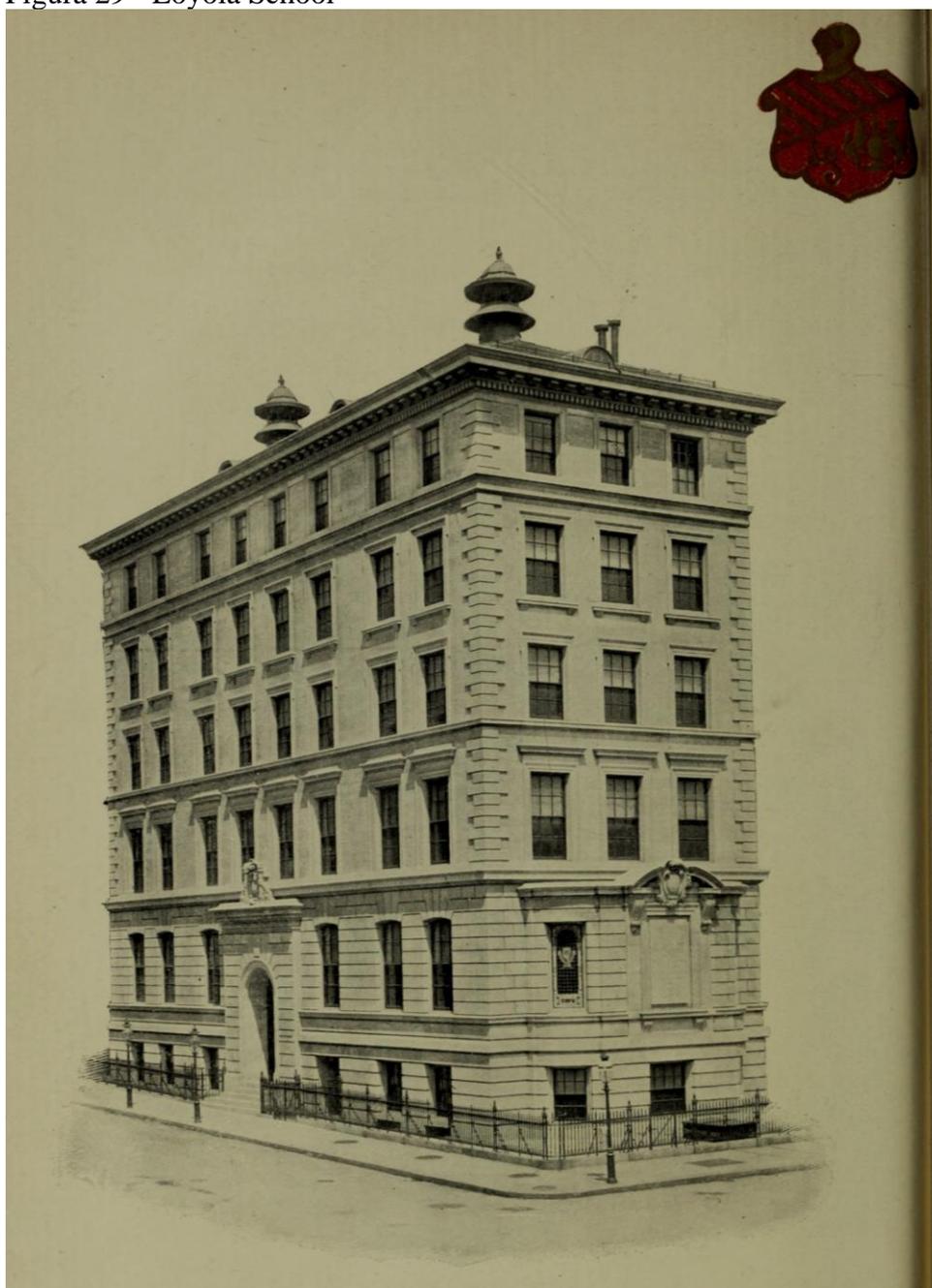
A fotografia do colégio, que ocupou toda uma página inteira da revista, acompanhou a carta na publicação, possibilitando que seus leitores tivessem, materialmente, noção a respeito da instituição sobre a qual se escrevia, o ensino e os eventos ali proporcionados pelos jesuítas.

Badanelli (2020) aponta três níveis – inseparáveis e intimamente relacionados – a partir dos quais as imagens podem ser analisadas. No primeiro, a análise pré-orográfica, identificam-se personagens, paisagens, objetos. É chamado de denotativo, pois descreve e enumera, sem avaliar. A iconografia, o segundo nível de interpretação, é aquele em que as imagens são imersas em uma cultura, seu contexto deve ser compreendido para que, então, se possa entendê-las. Trata-se de compreender seus motivos e a intenção do autor em representar algo concreto. Por fim, o terceiro nível envolve a fase iconológica, em que se desvenda, se intui, se compreende o significado implícito na imagem (BADANELLI, 2020). Consiste assim, para Badanelli (2020) “em descobrir os significados ocultos ou valores simbólicos de uma imagem” (p. 9).

Analisando a imagem do colégio de Nova Iorque atentei para a imagem como um todo, na qual é possível notar o brasão do colégio, na parte superior direita, aparentemente composto por um sinete e um pouco de cera vermelha. Uma construção imponente, um prédio de seis

andares, com mais de sessenta janelas, com certeza para torná-lo bem iluminado e arejado, com a inscrição ‘Loyola School’ gravada em pedra no seu frontispício, tendo toda a sua parte exterior coberta por arenito, o que lhe dava um ar refinado, contando com uma pequena área externa à sua volta, cercada por grades. Padre James P. Fagan, remetente da carta, transcreveu a notícia do jornal *New York Herald* de 23 de outubro de 1901, afirmando não ter sido encomendada. A matéria constava do “Suplemento Imobiliário” e descrevia, minuciosamente, características internas e externas do prédio, o qual foi considerado pelos arquitetos da época como um prédio moderno.

Figura 29 - Loyola School



Fonte: Woodstock Letters (1904)

Teria sido este fato – o do prédio ter chamado a atenção de arquitetos e do jornal, quem sabe por sua suntuosidade que levou sua imagem a ser publicada na revista? Tratando-se de um prédio de grande porte, a resposta pode ser sim. No entanto, pode não ser a única cabível, pois Pe. Fagan relatou a situação de em seu primeiro ano de funcionamento, ter contado apenas com catorze alunos. Mais tarde, chegou-se a dezoito alunos e a dificuldade estava em orientá-los no caminho do catolicismo e de seu futuro, já que muitos queriam se matricular nas Universidades de Harvard, Princeton e Yale, nenhum menino demonstrando interesse pelas faculdades jesuíticas. No ano escolar de 1903-1904, a escola estava completamente pronta, funcionando plenamente e com cinquenta e seis alunos registrados, foi então, que o remetente revelou: “estava na hora, portanto, de voltar a atenção para o propósito mais elevado de nosso trabalho escolar, a formação de almas[...]”; e, além dos preparatórios, os jovens foram cedendo à religião católica, já participavam de cerimônias de devoção, de retiros, missas e alguns alunos indicaram o desejo de seguir nas faculdades jesuíticas. Talvez o valor simbólico da imagem do colégio fosse a edificação promovida pelos jesuítas, mais do que materialmente (prédio), nas almas dos alunos.

Ao analisar a revista norte-americana percebi que contou com ampla participação dos padres da América do Sul. E sobre a escrita de Pe. Galanti, a fim de compreendê-la inserida nesse continente, fui percebendo algumas questões: quem foram os jesuítas que estiveram presentes no continente? Quais ações pretenderam divulgar nas cartas publicadas? Quais experiências relataram a partir das suas viagens e estadas nesses países?

### 3 CARTOGRAFIA DA FÉ: IMPRESSÕES DE TRAVESSIAS PELA AMÉRICA DO SUL

Não creio que exista no mundo amplo um objetivo que retrate melhor a majestade de Deus ou cause uma impressão mais poderosa sobre o espectador.

*Pe. Guerrero, 1895*

As viagens também foram motivações para a escrita de cartas repletas de relatos sobre a chegada dos padres no continente sul-americano. Elas descrevem suas travessias nos países deste hemisfério, e suas linhas e entrelinhas fazem vislumbrar que os religiosos trouxeram na bagagem os valores da rígida e longa formação jesuítica, além de sua cultura.

Ao folhear as cartas dos jesuítas na *Woodstock Letters* também encontrei relatos de muitos padres que se deslocaram para diversos lugares do mundo. Nessas travessias, os religiosos, muitas vezes com traços subjetivos, narraram o percurso que fizeram até a chegada aos colégios, igrejas, seminários ou missões. Questionei-me sobre esses padres-remetentes: quem foram? Por que escreviam? Investiguei-os, apesar de dispor de uma documentação escassa, procurando reunir algumas informações e referências básicas sobre eles, como nome, nascimento/morte, data de ingresso na Companhia de Jesus e dos votos, as funções que exerceram e as obras que escreveram. Possivelmente, os poucos detalhes sobre a vida dos padres ocorrem em virtude de cargos não ligados diretamente à educação. De forma que, a partir dessas informações, privilegiei os padres Victor M. Guerrero, Raphael Perez, Prospero N. Malzieu e Gaspar Tovía.

Foram tantas andanças, tantas paisagens para que eu as imaginasse! Assim, inspirada por Franco Moretti<sup>141</sup>, professor e crítico literário para quem os mapas não são metáforas, “menos ainda ornamentos do discurso [mas] ferramentas analíticas: que dissecam o texto de uma maneira incomum, trazendo à luz relações que de outro modo ficariam ocultas” (MORETTI, 2003, p.13); e no seu método cunhado “geografia literária”<sup>142</sup>, que pode se referir tanto ao estudo do *espaço na literatura*, quando a dominante é ficcional, como o da *literatura*

---

<sup>141</sup> No livro *Atlas do romance Europeu: 1800 – 1900*. Trad. Sandra Guardini Vasconcelos. São Paulo: Boitempo, 2003. O autor explicita a ligação entre geografia e literatura por meio da análise de romances da Inglaterra de Jane Austen, da Paris de Balzac e Zola, da Londres de Dickens e Conan Doyle e da Espanha de Miguel de Cervantes.

<sup>142</sup> Moretti (2003) refere-se ao método utilizado por ele no livro *Romance Europeu*.

*no espaço*, que se trata de espaço histórico real, sendo que esses espaços podem se entrecruzar, perscrutei mapas dos períodos das cartas para que me revelassem o que escreviam os padres.

Dessa forma, compulsei mapas e cartas, buscando desvelar “sua geometria peculiar, suas fronteiras, seus tabus espaciais e rotas favoritas<sup>143</sup>”, para que pudessem trazer “à luz da lógica *interna* da narrativa: o domínio semiótico em torno do qual um enredo se aglutina e se organiza<sup>144</sup>”. Foram muitos os aspectos destacados nas cartas dos padres viajantes, escritas que possivelmente foram precedidas por diários ou cadernos de anotações, mas que precisaram ser resumidas para que fossem publicadas na revista. Investiguei pistas e segui as trilhas desses padres. Início pelo caminho que percorreram, e prevejo que o leitor precisará de fôlego para completar essa longa viagem.

La Concepcion, Pifo, Equador, 10 de agosto de 1894. Rev. e Prezado Padre, PC Aqui estamos finalmente em nosso Woodstock da América do Sul, após uma viagem de um mês da latitude 40° ao equador. Como nossos amigos que estão contigo talvez queiram saber como nos saímos em nossa jornada e como viajamos neste país distante, envio notícias de nossa viagem. Você deve se lembrar de que havia cinco de nós pertencentes à missão do Equador e, tendo terminado nosso curso de teologia, de quatro anos, em maio passado, em Woodstock, partimos em dois grupos, em momentos diferentes, de Nova York. O primeiro grupo, ao qual eu pertencia, partiu em 21 de maio pelo vapor Columbia. O tempo estava ruim e o mar estava tão agitado que quase todos os passageiros foram obrigados a manter-se em suas cabines; assim, foi somente depois de dois dias que pudemos conhecer nossos companheiros de viagem. Descobrimos então que pouquíssimos eram ianques, a maioria deles europeus, principalmente alemães, que buscavam nosso café e tabaco. Também havia alguns hispano-americanos que estavam voltando para casa, como nós, depois de terminar os estudos. No nosso caminho para o sul, pudemos ver a Jamaica, deitada no oceano, como uma esmeralda, de modo que os irlandeses poderiam confundi-la com sua verde Erin. Interrompendo a maravilhosa vista do oceano, várias outras ilhas das Índias Ocidentais eram visíveis, especialmente a de Salvador, a primeira terra americana descoberta por Colombo há quatro séculos. Suas montanhas verdes, nascendo das águas azuis de manhã, pareciam renovar a bela cena que fez os primeiros descobridores gritarem *Tierra! Tierra!* (GUERRERO, *Woodstock Letters*, Volume XXIV, Número 1, 1 de fevereiro de 1895, p. 82-83).

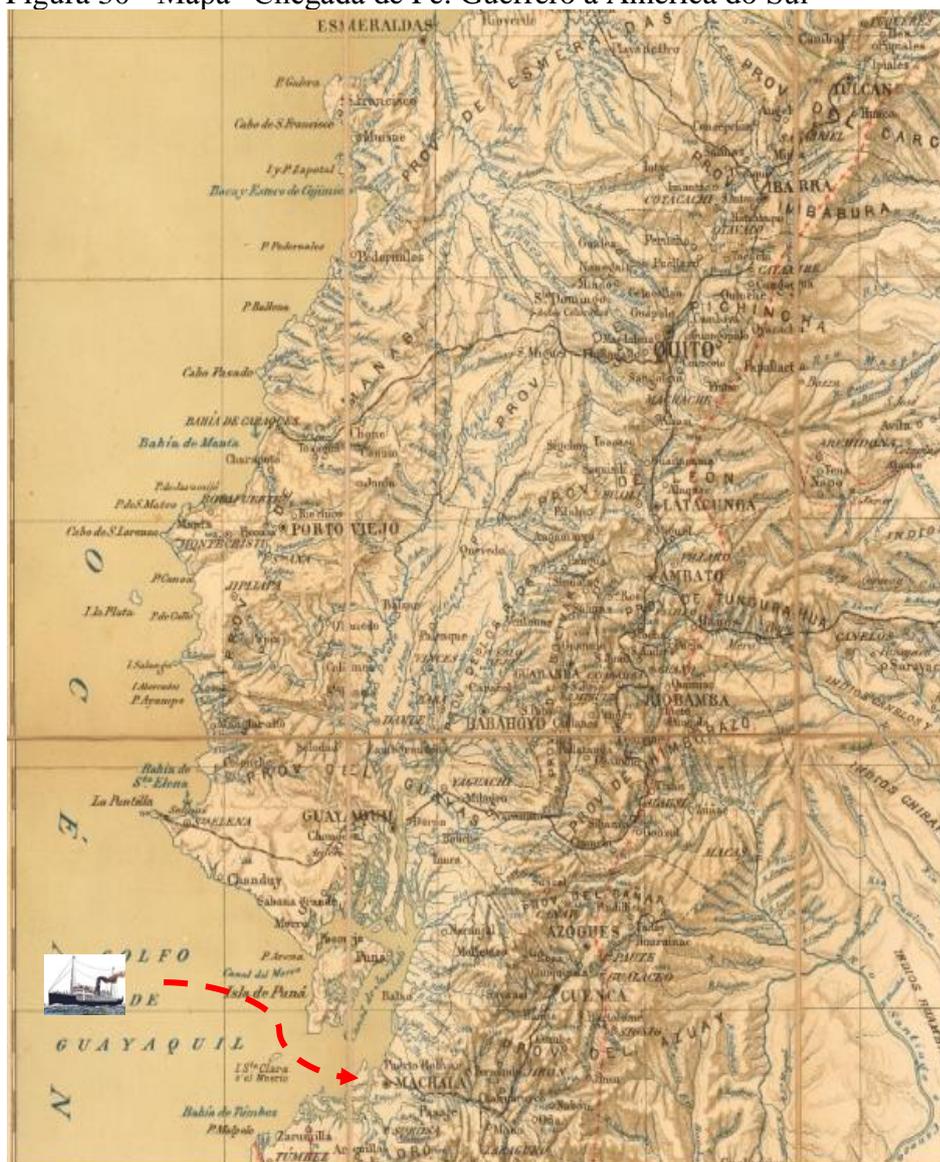
A bordo do vapor Columbia, o jesuíta Vitor M. Guerrero viajou para a América do Sul. Houve tempo ruim, mar agitado e por isso permaneceu em sua cabine, mas quando a tormenta passou e dela saiu, contemplou o mar, as ilhas e suas belezas. Lembrou-se, e de certa forma os compreendeu, dos primeiros navegadores que aqui chegaram e exclamaram: “*Tierra, Tierra!*”. Viajou por mais de um mês para chegar em terra firme. Essa travessia para a América do Sul foi feita por muitos outros padres que partiam principalmente da América do Norte e da Europa, com o intuito de educar e catequizar, “*ad majorem Dei*”, como um dia fizeram seus predecessores.

---

<sup>143</sup> Moretti, 2003, p. 15.

<sup>144</sup> Moretti, 2003, p.15.

Figura 30 - Mapa “Chegada de Pe. Guerrero à América do Sul”



Fonte: Mapa Histórico-Geográfico da República do Equador pelo RP Frei Enrique Vacas Galindo<sup>145</sup>

Em terras sul-americanas, dedicaram-se à educação e à religião nos seus colégios, seminários e missões e, em grande medida, uma das funções das cartas publicadas na revista *Woodstock Letters* foi divulgar suas ações nessa terra para os padres presentes em todos os continentes. As cartas revelaram “os sucessos, insucessos, dificuldades, empecilhos, dramas, lutas, relatos geográficos, relatos históricos, experiências bem e/ou malsucedidas, recursos utilizados” (COSTA, 2010, p. 205). Ao perscrutar essas escritas, percebi desvelarem-se ali os deslocamentos realizados pelos jesuítas que vieram para este continente. Ao lê-las, pude

<sup>145</sup> O mapa feito pelo frei dominicano Enrique Vacas Galindo em 1906 foi o terceiro mapa oficial do Equador, substituindo o de Teodoro Wolf, de 1892. A principal diferença entre os dois é a questão da crise com o Peru. No de Galindo já estão anexados territórios antes sob controle peruano. Disponível em [www.raremaps.com](http://www.raremaps.com). Acesso em 6/10/2019.

imaginar os lugares pelos quais passaram, belezas e imagens impactantes vistas que compunham, pouco a pouco, uma cartografia das cartas na América do Sul.

Ainda que tenha sido possível analisar a publicação da *Woodstock Letters* em capítulo anterior, não se pôde determinar sua circulação, pois não foi localizado nenhum documento que registrasse para quais países foram enviadas, nem mesmo sua tiragem.

Mesmo sem esses registros, apreendi a circulação da revista a partir dos países de onde as cartas foram enviadas, pois muitas delas mencionavam a leitura ou o recebimento do impresso, como na carta de Pe. Salazar, enviada de Quito, que dizia “[...] apesar de não ter recebido resposta a uma carta que lhe escrevi no ano passado, creio que em outubro, suponho que devemos o número que recebemos das *Woodstock Letters* à sua boa vontade em pedir que ele fosse enviado para nós” (SALAZAR, *Woodstock Letters*, Volume XV, Número 2, 1 de julho de 1886, p. 171 ). Ou, ainda, a que foi enviada da Argentina pelo padre Homs, que mesmo sem estar de posse das revistas, pois estava em visita anual, escreveu “[...] respondo sua carta muito interessante, que me chegou alguns dias atrás. Por estar longe de Buenos Aires, ainda não recebi as *Woodstock Letters*, porque todo o material impresso é guardado lá e nunca é enviado para o interior da república” (HOMS, *Woodstock Letters*, Volume XX, Número 3, 1 de outubro de 1891, p. 372). Na continuação da carta do padre Homs, enviada de Córdoba del Tucumán, na Argentina, o jesuíta escreveu em nome do Chile e da República da Argentina: “atualmente, posso dizer apenas que esta nossa missão Chile-Paraguai compreende as repúblicas do Chile, Uruguai, Paraguai e República Argentina” (Idem). Nessa carta, destacou aspectos relevantes dos colégios, seminários e missões de cada um desses países.

As cartas escritas por padres que estavam a serviço da Companhia de Jesus na América do Sul, de 1872 a 1910, totalizaram 58, das quais mais da metade foi enviada do Brasil e versava sobre a fundação e o cotidiano das missões, dos colégios, dos seminários, da religiosidade de dada sociedade e ainda informava sobre a política de um modo geral e sobre a educação nesse continente aos padres da Companhia de Jesus de toda parte do mundo, por meio da publicação e circulação da revista.

Com esses indícios pude supor que os locais – colégios, seminários e missões – que enviavam as cartas também recebiam, periodicamente, as revistas. Mesmo levando em consideração a imprecisão da informação, compreender a circulação dessa revista é relevante, pois me permitiu notar a “constituição de um público sem que as pessoas estejam necessariamente no mesmo lugar, em mútua proximidade” (CHARTIER, 2001a, p. 64) e seguir os rastros da modificação da sociabilidade (CHARTIER, 1991, p.178), pois se, antes da publicação da revista, os padres que estavam distantes entre si se comunicavam por meio de cartas, com grandes intervalos temporais, a partir do impresso passaram a se comunicar e a

receber notícias regularmente. Tal circulação oferece uma cartografia de onde os padres estavam, dos lugares de onde escreviam e para onde as revistas foram enviadas.

Tabela 6 - Cartas de países da América do Sul

Países	1872 –1879	1880 –1889	1890 – 1899	1900 – 1910	TOTAL
<b>Argentina/Chile</b>	-	-	5	1	6
<b>Paraguai/Uruguai</b>	-	-	-	-	-
<b>Bolívia</b>	-	1	-	-	1
<b>Brasil</b>	2	17	4	8	31
<b>Colômbia</b>	-	2	-	2	4
<b>Guiana</b>	-	3	-	-	3
<b>Equador</b>	2	3	7	-	12
<b>Peru</b>	-	-	-	1	1

Fonte: Woodstock Letters (período do levantamento: ano 1872 - 1910)

A investigação nas páginas da revista mostrou que no período abarcado, entre 1872 e 1910, o Brasil teve um número superior de cartas publicadas, seguido por Equador e Argentina, respectivamente. O período de 1880 até 1889 possui mais da metade das cartas publicadas pelo Brasil, contendo dezessete missivas, enquanto o Equador e a Argentina destacaram-se com maior número de cartas na década seguinte. Dos países do subcontinente americano, apenas Suriname e Guiana Francesa (território ultramarino) não tiveram cartas publicadas,

O mapeamento das cartas e sua representação gráfica<sup>146</sup>, que torna compreensível as informações que ela abrange, proporcionou também um outro aspecto, aquele que se referiu à rede de sociabilidade que esses jesuítas formaram em torno desse impresso. Na América do Sul os padres escreveram, por vezes, em nome de vários países.

### 3.1 Cartas de viajantes: os jesuítas chegam à América do Sul

Ao longo da carta do padre Vitor M. Guerrero, percebo detalhes de quem observou, anotou, talvez com a intenção de contar posteriormente, e, de certa forma, impressionou-se com o que viu, talvez confrontando com o que ouvira falar ou soubera sobre o novo espaço geográfico que se espalhava ante seus olhos. O padre escreveu usando a terceira pessoa, como se representasse aqueles que os acompanhavam e que não havia citado em toda a sua carta.

Mesmo sem mencioná-los, importa saber que não seguiu viagem sozinho:

Passamos por Cuba durante a noite, então não pudemos ver seu magnífico porto. Após oito dias navegando, alcançamos Colon, hoje um vilarejo pobre, devido ao incêndio ocorrido e à falência da Companhia do Canal do Panamá. É pantanoso e insalubre, a maioria de seus cidadãos são chineses ou negros que cultivam nozes e bananas e as vendem nas estações ferroviárias. Como sabíamos que o lugar estava infectado pela febre amarela, partimos imediatamente, decidindo não provar nenhuma fruta, pois nos

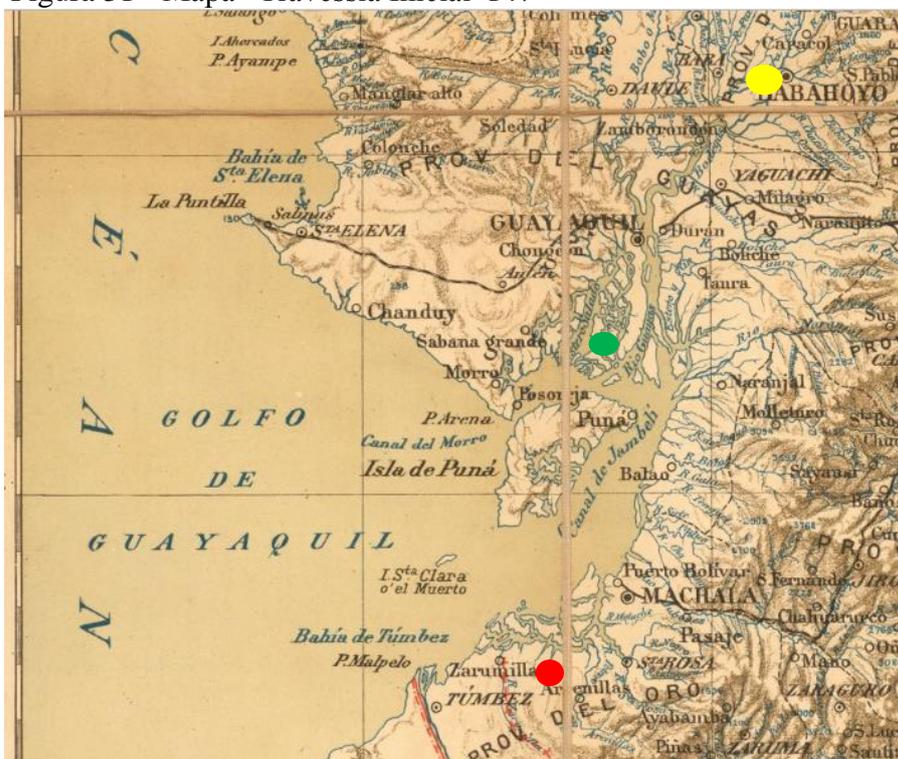
<sup>146</sup> Moretti ao longo do seu livro utiliza-se de mapas, tabelas, gráficos, a que se refere o termo empregado.

foi dito que bananas e outras frutas de climas quentes podem ser fatais a estrangeiros (GUERRERO, Woodstock Letters, Volume XXIV, Número 1, 1 de fevereiro de 1895, p.83).

Padre Guerrero havia sido alertado para o surto de febre amarela e do perigo para os estrangeiros comerem bananas ou frutas provenientes de um clima quente, por isso criticou os franceses que também estavam a bordo do Columbia: “alguns franceses que vieram conosco pareciam ter se comprometido a dispor de todas as frutas ao seu alcance e, assim, quando as negras lhes traziam cestas cheias de frutas deliciosas, eles as esvaziavam. Não é de admirar que tantos franceses tenham morrido no Panamá” (Idem). Enfim, chegou à ferrovia, espiou pessoas e o que elas vendiam e não escapou à sua observação o comportamento dos passageiros com quem compartilhava o trem. Escreveu ele:

[...] qualquer turista que vem para o sul pode perceber imediatamente que essas pessoas pertencem a uma raça diferente do Norte. Tal é o barulho que eles fazem mesmo no trem com seu bate-papo alto e amigável. Se alguém compra frutas, ele deve compartilhá-las com seus amigos, se quiser passar por um cavalheiro (GUERRERO, Woodstock Letters, Volume XXIV, Número 1, 1 de fevereiro de 1895, p.83).

Figura 31 - Mapa “Travessia Inicial”<sup>147</sup>



Fonte: Mapa Histórico-Geográfico da República do Equador pelo RP Frei Enrique Vacas Galindo<sup>148</sup>

Seguiu viagem. Foram três horas da estação de Colon, cidade panamenha, até a estação do Panamá. Assim que chegou, encontrou-se com um irmão leigo, que o levou até a Casa de

<sup>147</sup> Legenda: ponto vermelho – Puerto Bolívar; ponto verde – rio Guayas; ponto amarelo – Babahoyo.

<sup>148</sup> Disponível em [www.raremaps.com](http://www.raremaps.com) Acesso em 06/10/2019.

São Francisco, convento outrora construído pelos franciscanos. Devido à febre amarela, não foi autorizado a permanecer na cidade por mais de três dias, mas isso não o impediu de visitar a pequena cidade, mesmo a pé<sup>149</sup>. Passados os três dias permitidos, zarpou, dessa vez pelo Oceano Pacífico:

A visão deste oceano é esplêndida por sua majestade e ainda mais por sua calma. Em 6 de junho, por volta das 10 horas da manhã, nos encontramos no labirinto de ilhas que desembocam no golfo de Guayaquil, um excelente porto e o principal do Equador (GUERRERO, *Woodstock Letters*, Volume XXIV, Número 1, 1 de fevereiro de 1895, p.83).

Padre Guerrero (1895) se referia ao Puerto Bolívar, destacado pelo ponto vermelho no mapa. E assim chegou à América do Sul pelo Equador, tendo notado:

[...] um forte em processo de construção, com a probabilidade de uma guerra com o Peru. O cenário é altamente pitoresco, embora exista uma escassez de vida e ação humanas. As habitações pouco dispersas não afetam sensivelmente a solidão da costa e a cidade de Guayaquil não é discernida até depois de se ter subido o rio Guayas por alguma distância. Guayaquil é, talvez, o principal centro comercial da costa do Pacífico da América do Sul. Tem, do que tanto sentimos falta, nos pontos a leste dos Andes, uma linha ferroviária. Considerando sua população, é a segunda em poucas cidades em atividade e prosperidade. Como o calor do Equador parece elevar o sangue e as paixões de seus habitantes até o ponto de ebulição, tem sido e é um viveiro de revolução. Aqui temos uma residência e produzem muito bem, mas com uma dificuldade indescritível; pois o liberalismo e a maçonaria são galopantes. O dia em que cedermos aos apelos urgentes dos cidadãos católicos e assumirmos a direção do Colégio de São Vicente, no qual os jovens da cidade são educados, será o primeiro dia de um conflito que terminará na reforma da cidade ou em nossa expulsão da república (GUERRERO, *Woodstock Letters*, Volume XXIV, Número 1, 1 de fevereiro de 1895, p.84).

A Maçonaria<sup>150</sup> a que se referiu o padre também foi alvo de críticas e reclamações de outros padres nas cartas analisadas. Segundo Colussi (2000), ela era porta-voz de setores anticlericais, utilizando-se de diversos meios para esse confronto, e destacou como campo privilegiado, na sua luta contra a Igreja Católica e os jesuítas, o educacional, defendendo o ensino laico e contrapondo-se à obrigatoriedade do ensino religioso.

O jesuíta Vitor M. Guerrero chegou ao continente sul-americano como outros padres, fosse para cumprir parte da sua formação, fosse para atuar em várias funções por longos períodos ou, por vezes, até o fim da vida. Mas, o jesuíta ainda não chegara ao seu destino, partira para Quito, sua cidade natal, da qual, provavelmente, passou um longo tempo afastado. Nascido em 18 de fevereiro de 1863, o equatoriano ingressou na Companhia de Jesus aos quatorze anos, em 12 de outubro de 1877<sup>151</sup>.

<sup>149</sup> Padre Guerrero fez menção a uma greve feita pelos cocheiros contra a decisão do governo que os proibia de fumar enquanto dirigiam.

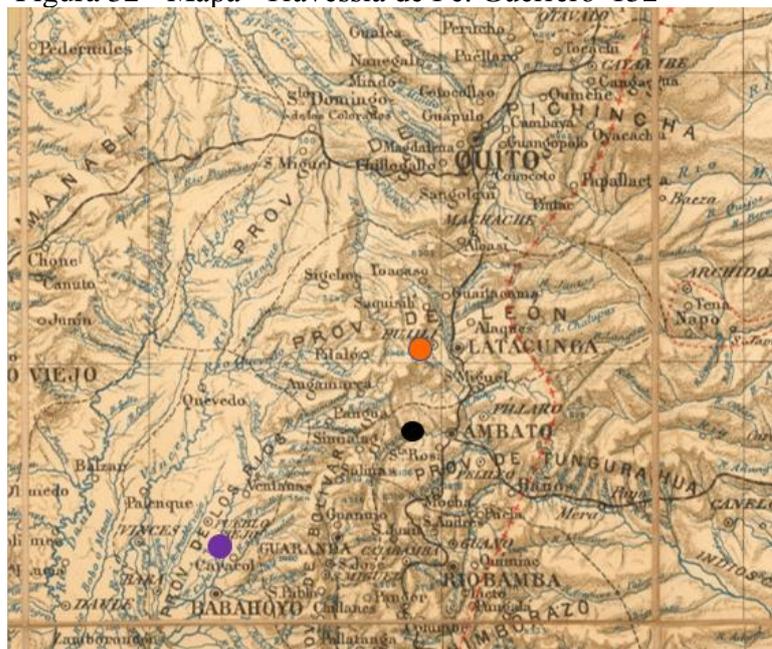
<sup>150</sup> A partir da metade do século XIX a maçonaria foi porta-voz de setores anticlericais, utilizando-se da imprensa, da política, de clubes literários e filantrópicos (Colussi, 2000, p.47).

<sup>151</sup> Para a construção da breve biografia desse jesuíta, localizei informações consultadas em MENDIZÁBAL, P. Rufo (S. I.). *Catalogus Defunctorum in renata societate lesu al. A 1814 ad. A 1970*. Roma: Apud Curiam P. Gen, 1972, no AESI.

Padre Guerrero relatou os percalços da viagem, mas também se admirou com os espetáculos oferecidos pela natureza a ele e outros espectadores que, segundo ele, retratavam a “majestade de Deus”. Seguiu. Sem ferrovia, precisou de cavalos para atravessar as montanhas e de vestimentas como zamarros e ponchos para suportar o frio, até chegar num pequeno barco a vapor, que deixou Guayaquil subindo o rio Guayas, identificado na Figura 30, na qual também pode ser localizada a cidade de Babahoyo, a primeira a ser vista depois de 8 a 10 horas de iniciada a navegação por aquele rio. Na sua escrita surge a representação do ambiente visto por meio da flora, representada pelas plantações de cacau às margens do rio; da fauna, por jacarés, onças e outros animais; e do povo, observado pela maneira como lidava e vivia naquele local e pela surpreendente e perigosa forma como os negros caçavam. Depois de divagar, o padre alertou:

Mas voltemos à nossa jornada. Tínhamos providenciado lugar para passar a noite após nosso primeiro dia a cavalo, em uma pousada simples, mas um incidente, que não pode ser ignorado em silêncio, nos obrigou a nos refugiarmos em uma casinha esquelética, onde pudemos levar consolo a uma alma aflita. Enquanto prosseguíamos com nossa jornada, caiu uma daquelas estupendas chuvaradas, nunca vistas fora dos trópicos, que nos levou à primeira casa, buscando abrigo. Lá fomos obrigados a nos resignar a uma noite desconfortável, no chão nu de um corredor aberto para a rua e exposto a nuvens de mosquitos. [...] Passamos aquela noite num casebre no alto das cordilheiras. Uma névoa fria e congelada escondia objetos a dois passos de distância do olho; os tremendos precipícios estavam encobertos como se por um manto, nossa respiração era feira em arfadas curtas e dolorosas (GUERRERO, *Woodstock Letters*, Volume XXIV, Número 1, 1 de fevereiro de 1895, p.85).

Figura 32 - Mapa “Travessia de Pe. Guerrero”<sup>152</sup>



Fonte: Mapa Histórico-Geográfico da República do Equador pelo RP Frei Enrique Vacas Galindo<sup>153</sup>

<sup>152</sup> Para melhor visualização, optei por marcar os mapas com círculos coloridos. Segue a legenda: roxo – Guraranda, preto – Ambato e laranja – Latacunga.

<sup>153</sup> Disponível em [www.raremaps.com](http://www.raremaps.com) Acesso em 06/10/2019.

O jesuíta seguiu “para frente e para cima”, notando uma acentuada mudança na vegetação, pois, à medida que prosseguia, as árvores e as plantas das regiões temperadas iam se tornando escassas, cedendo lugar aos arbustos torcidos, até não permanecer mais nenhum vestígio de vegetação. Pe. Guerrero (1895) pareceu encantado com o clima tão distinto que viveriam, pois “pela manhã, desfrutávamos dos encantos do ‘doce e ensolarado sul’, mas à noite experimentávamos os horrores do Alasca” (*Woodstock Letters*, Volume XXIV, Número 1, 1 de fevereiro de 1895, p.85), referindo-se à variação na temperatura entre o dia e a noite. Mas, a hospitalidade e o descanso fizeram com que o padre voltasse a ver beleza, apesar dos riscos trazidos por terras cuja geografia era composta por vulcões:

[...]No dia seguinte, atravessamos o calor das Cordilheiras e chegamos a Guaranda, uma das cidades mais altas e frias do mundo, onde fomos mais hospitaleiramente recebidos e entretidos pelos Irmãos Cristãos. Passamos um dia descansando e obtendo novos cavalos para a parte mais perigosa de nossa jornada, ao longo da base do famoso vulcão de Chimborazo. Tendo contornado Chimborazo, descemos ao grande vale interandino, a região da eterna primavera. Dali em diante, a viagem pode ser feita a cavalo ou em carruagem. A primeira parada é feita na cidade de Moche, um local próximo o suficiente dos Andes para se sentir seus ventos cortantes. Em seguida vem Ambato, abençoado com um clima tão agradável e com uma variedade tão maravilhosa de frutas, que é conhecido como pomar equatorial. Latacunga é a nossa próxima parada, infelizmente famosa pelas perdas sofridas pelas erupções do vulcão vizinho Cotopaxi (GUERRERO, *Woodstock Letters*, Volume XXIV, Número 1, 1 de fevereiro de 1895, p.87).

Vislumbrou belezas naturais e impactou-se com hábitos muito diferentes da sua formação, apesar de dizer respeito às suas raízes. Um mês após terem deixado Nova Iorque, o padre e seus companheiros chegaram a Quito, no noviciado de Pifo, onde o Padre Superior os acolheu, oferecendo descanso para que se preparassem para a Terceira Provação<sup>154</sup>.

Das cartas enviadas aos Estados Unidos para serem publicadas na *Woodstock Letters*, escritas por padres viajantes missionários que vieram e permaneceram por algum período em território sul-americano, a do jesuíta Vitor M. Guerrero foi a única que relatou sua chegada a este continente, ou seja, a carta se referiu à saída do lugar de origem, no seu caso os Estados Unidos, até a América do Sul. Registrou paisagens, belezas, culturas diversas e os sacrifícios de locomoção para chegar à missão jesuítica.

No entanto, as epístolas de outros padres narraram outros tipos de viagens, aquelas ocorridas dentro deste continente, entre seus países e territórios, cujas fronteiras não foram geográficas, mas estavam ali representadas por suas missões e seus colégios. Naquelas travessias, os religiosos viram paisagens e moradias, pessoas e culturas muito distantes das suas.

---

<sup>154</sup> Refere-se à terceira etapa de formação, após ordenado, depois da qual será chamado pela Companhia para incorporar-se definitivamente nela. Cf. <https://jesuitas.lat/pt/somos/formacao/os-votos>. Acesso em 15/10/2019.

Relataram os sacrifícios provenientes dos longos deslocamentos em embarcações e nas mulas e também nos locais de suas paragens.

Assim, ao folhear a revista, deparei-me com o padre Raphael Perez, um jesuíta guatemalteco, nascido em San Raimundo, em 24 de outubro de 1842. Ingressou na Companhia de Jesus, em 18 de dezembro de 1857, e cursava o 3º ano de teologia quando a Ordem foi expulsa da Guatemala, em 1871. Refugiou-se na Nicarágua e fez seus Últimos Votos, na cidade de León, em outubro de 1877. Daí partiu para o Colégio de Pifo (1881), no Equador, onde ensinou literatura aos estudantes (1881-1884). Mudou-se para a Colômbia e ocupou o Colégio de San Ignacio de Medellín (1885-1887). Em 1887 foi enviado para a Espanha, onde permaneceu até o seu falecimento, em 1901. Naquele país, no Colégio San José de Valladolid (1891-1899), dedicou-se à escrita de *Historia de la Companhia de Jesus em Centro y Sudamérica*. Para os jesuítas O'Neil e Dominguez:

[...] embora não pertencesse à velha escola dos historiadores jesuítas nem tivesse a facilidade estilística semelhante a Antonio Astrain, seu trabalho de compilação serviu de apoio ao trabalho de outras gerações de estudiosos da ação da Companhia de Jesus na América Latina no século XIX (2001, p. 3092).

No entanto, na perspectiva de outro jesuíta, Salcedo Martínez (2014), Pérez escreveu com dois objetivos: primeiramente, edificar e, em segundo, ensinar as gerações católicas sobre a obra apostólica e sobre a transformação vivida por ele na Colômbia e na América Central (SALCEDO MARTÍNEZ, 2014, p. 37). O autor espanhol joga luz na operação historiográfica de Rafael Pérez, não, porém, sem antes fazer uma ressalva:

Os historiadores do século XIX usam um número significativo de fontes, mas nunca mencionam o local em que estão localizadas. Nas introduções a envios monumentais se referem a eles, mas anote que os arquivos do século XIX não foram organizados ou catalogados. Perez fez um trabalho de arquivo trabalhoso, mas infelizmente ele não citou a fonte de suas fontes. Ao confrontar esses documentos com as cartas e documentos encontrados nos arquivos da Companhia de Jesus em Roma e nas bibliotecas de arquivos colombianos, descobrimos que existem coincidências. A honestidade de Perez no gerenciamento de fontes se reflete na bibliografia que registra no final de suas assinaturas. Por exemplo, diz que, na Guatemala, conheceu o trabalho inédito de Pe. Rafael Caceres, que escreveu a história latina da missão da Guatemala. Pérez escreveu em um contexto de perseguição e anticlericalismo dos governos liberais, tanto na Europa como na América do Sul. Pode-se dizer que seu trabalho é uma defesa da instituição eclesiástica e da Companhia de Jesus, porque de acordo com ele eram: governos estabelecidos com o objetivo final de oprimir a Igreja, reduzir liberdades, colocar todos os tipos de obstáculos à sua ação salvadora, privar o povos das consolações da religião" (SALCEDO MARTÍNEZ, 2014, p. 38).

Ainda que não fosse reconhecido como historiador de grande porte, como fora Antonio Astrain<sup>155</sup>, pude inferir que sua obra teve relevância e apropriação dentro da Companhia. Durante a travessia do Equador para a Colômbia, Padre Pérez escreveu uma carta que possivelmente proporcionou-lhe a experiência para a constituição da sua obra. Assim, mais de uma década antes de publicar seu livro, padre Pérez relatou seu percurso e seus percalços sobre essa viagem:

[...] Nos dois primeiros dias não houve nada de especial. O terceiro dia, ao cruzar uma crista, vimos vindo em nossa direção uma companhia de pessoas vestidas de preto e branco. Eram 25 irmãs de Belém, das que foram expulsas da Costa Rica. Algumas eram guatemaltecas, outras nicaraguenses e costarriquenhas; eu conhecia a maioria delas, e muitas haviam sido minhas penitentes nos dias anteriores. Fiquei edificado ao ver a alegria com que essas boas religiosas aguentavam a fadiga de sua longa jornada [...] (PEREZ, *Woodstock Letters*, Volume XV, Número 2, 1 de julho de 1886, p. 172).

O jesuíta pareceu também resumir o vivido, decidindo descartar os acontecimentos dos dois primeiros dias e direcionando sua escrita e a leitura do leitor. Assim, dedicou sua atenção às impressões sobre o local:

[...] aqui e ali podem ser vistas algumas fazendas, o gado geralmente de cor branca, as casas, choupanas em ruínas, cercadas por pequenas plantações de bananas e cana-de-açúcar (forragem comum para cavalos aqui), bosques densos, embora não extensos, rios de todos os tamanhos em cada parada, dos quais um, o Palo, é atravessado por uma magnífica ponte suspensa, outro, chamado "do la Vieja", é navegável e outros ainda são perigosos de atravessar, tanto por sua largura e profundidade quanto por sua impetuosidade. Assim é o vale; o tipo da grande maioria de seus habitantes se apresenta a cada passo de alguma forma como essa. Imagine um cavalo pequeno, mais ou menos magro, em cujos flancos penduram-se quatro grandes cachos de bananas verdes de tamanho incomum (trinta centímetros de comprimento, no mínimo), e sentado entre eles um negro ou negra, de puro tipo africano, com um grande charuto na boca e um indescritível ar de satisfação (PEREZ, *Woodstock Letters*, Volume XV, Número 2, 1 de julho de 1886, p. 173).

Em meio aos obstáculos e sacrifícios, o jesuíta Raphael Perez chegou a Medellín, cidade na qual recebeu ordem para permanecer, pois, anteriormente, seu destino era Bogotá. Na cidade colombiana viu escolas e universidades que, segundo ele, o governo tinha o objetivo de deixar nas mãos dos jesuítas, o que não aconteceria tão facilmente, dada a ascensão de governos liberais que combatiam, entre outros ideais, a educação controlada pela Igreja.

---

<sup>155</sup> Jesuíta espanhol (1857 – 1928) que fez parte da Real Academia de la Historia. Em 1886 foi diretor da Revista Mensageiro do Coração de Jesus, onde começou a escrever artigos históricos. Com a ascensão do padre Luis Martín ao generalato da Companhia de Jesus, no final de 1892, passou a promover o estudo da história da Ordem em várias linhas: “uma delas era confiar a jesuítas de diferentes nações a História da Companhia em cada uma delas, dividindo-a em dois períodos, antes e depois da repressão. Antes de ser general, Luis Martín encomendou a Astrain uma História Popular da Ordem (1888), mas a partir de 1892 ele o incluiu no projeto geral, confiando-lhe a Assistência da Espanha, que também incluía a América espanhola”. MARIA, Rafael Sanz de Diego: <http://dbe.rah.es/biografias>. Disponível em: <http://dbe.rah.es/biografias/19575/antonio-astrain> Acesso em 15/10/2019.

As cartas analisadas representaram muitos padres que não escreveram ou não tiveram suas epístolas publicadas na revista, ao mesmo tempo, possibilitaram adentrar as travessias realizadas pelos jesuítas que se aventuraram na América do Sul. Percorreram por mares e rios, trilhas e estradas e fizeram dos países deste continente seus lares. Enfim, chegaram aos seminários, aos colégios, às missões e às igrejas, locais a partir dos quais muitas dessas cartas foram escritas.

### 3.2 Entre colégios e missões

As cartas dos padres-viajantes, Guerrero e Perez, investigadas anteriormente, como outras localizadas na revista *Woodstock Letters*, comunicaram não somente uma travessia ou uma viagem, mas também uma chegada. Assim, foram dos locais onde aportaram que escreveram suas impressões sobre paisagens, sociedades e governos, remetendo-as aos Estados Unidos.

Analisei essas cartas por períodos, com a intenção de melhor conduzir a operação historiográfica. Com relação à década de 70 do século XIX localizei na revista a publicação de apenas uma carta, do ano de 1876, enviada do Equador pelo padre alemão Eduardo Gehrig Brugier<sup>156</sup>.

Na década seguinte, foram publicadas quinze cartas da América do Sul:

Tabela 7 - Cartas da América do Sul (1880 – 1889)

REMETENTE	PAÍS	1880 – 1889
<b>Raphael M. Galanti</b>	Brasil	1880
<b>Raphael M. Galanti</b>	Brasil	1880
<b>Raphael M. Galanti</b>	Brasil	1881
<b>Raphael M. Galanti</b>	Brasil	1882
<b>Luis Casati</b>	Guiana	1882
<b>Raphael M. Galanti</b>	Brasil	1882
<b>Raphael M. Galanti</b>	Brasil	1883
<b>Luis Casati</b>	Guiana	1883
<b>John Moura</b>	Guiana	1885
<b>A. Salazar</b>	Equador	1886
<b>Raphael Perez</b>	Colômbia	1886
<b>Raphael M. Galanti</b>	Brasil	1886
<b>Raphael M. Galanti</b>	Brasil	1886
<b>A. Salazar</b>	Equador	1887
<b>A. Salazar</b>	Equador	1887

Fonte: *Woodstock Letters* (período do levantamento: ano 1872 - 1910)

<sup>156</sup> Nascido em 18 de agosto de 1838, natural da cidade alemã de Tauberbishofsheim. Ingressou na Companhia de Jesus em 16 de setembro de 1856 e professou seus votos em 02 de fevereiro de 1873. Faleceu no Chile, na capital Santiago, aos 81 anos, em 21 de agosto de 1919. Cf. MENDIZÁBAL, P. Rufo (S. I.). *Catalogus Defunctorum in renata societate lesu al.* A 1814 ad. A 1970. Roma: Apud Curiam P. Gen, 1972.

Pode-se notar que a maioria das cartas – ao todo oito – foram enviadas do Brasil pelo Padre Galanti. Em seguida vêm Equador e Guiana, com três cada, e Colômbia, com uma carta. A maior parte delas está assinada pelo mesmo padre do Equador, com exceção da Guiana, cujos remetentes foram os padres John Moura e Luis Casati.

Tabela 8 - Cartas da América do Sul (1890 – 1899)

REMETENTE	PAÍS	1890 – 1899
Raphael M. Galanti	Brasil	1891
Raphael M. Galanti	Brasil	1891
Raphael M. Galanti	Brasil	1891
Raphael M. Galanti	Brasil	1891
Remetente não identificado	Equador	1891
Joseph Saderra	Argentina	1891
Victor M. Guerrero	Equador (Marañon)	1891
Joseph Gasset	Argentina	1892
Victor M. Guerrero	Equador	1892
Raphael M. Galanti	Brasil	1893
John M. Homs	Argentina	1893
Raphael M. Galanti	Brasil	1894
Gaspar Tovía	Equador	1894
John M. Homs	Argentina	1894
John M. Homs	Argentina	1894
John M. Homs	Argentina	1895
Victor M. Guerrero	Equador	1895
Próspero Malzieu	Equador	1895
Próspero Malzieu	Equador	1897

Fonte: *Woodstock Letters* (período do levantamento: ano 1872 - 1910)

Na terceira década estudada, 1890-1899, há um total de dezenove cartas, cuja maioria foi enviada pelos padres Vitor M. Guerrero, Próspero Malzieu e Gaspar Tovía, do Equador. Brasil e Argentina tiveram seis cartas enviadas, sendo que de terras brasileiras todas foram enviadas pelo Padre Galanti; as da Argentina foram escritas pelos padres John M. Homs e Jhoseph Gasset, da capital Buenos Aires e pelo Padre José Saderra, de Córdoba del Tucumán.

Tabela 9 - Cartas da América do Sul (1900 – 1910)

REMETENTE	PAÍS	1900 – 1910
Próspero Malzieu	Peru	1900
Villota	Peru	1900
Raphael M. Galanti	Brasil	1900
Raphael M. Galanti	Brasil	1910

Fonte: *Woodstock Letters* (período do levantamento: ano 1872 - 1910)

Com apenas quatro cartas, a última década estudada apresentou duas de Pe. Galanti, uma de Pe. Malzieu e outra de Pe. Villota, sendo que essas duas foram publicadas em sequência, no mesmo número da revista, mostrando, assim, que, apesar de não ser costume do periódico,

publicaram cartas escritas por padres diferentes que residiam no mesmo país. Uma explicação para a diminuição do número de cartas é que escritos, por exemplo, de Padre Galanti passaram a ser veiculados na seção Varia, no qual, como explicado anteriormente, se selecionavam trechos das cartas enviadas para a publicação. Ao perscrutar essas cartas notei que padre Galanti não foi o único padre a se corresponder a partir da América do Sul, por esse motivo decidi seguir pelos caminhos deste continente.

Assim, ao ler as cartas escritas por padres que chegaram à América do Sul no século XIX, percebi que a palavra missão foi bastante mencionada. Refleti sobre a importância das missões jesuíticas para a Ordem, visto que elas existiram desde a época da colonização da América e vêm sendo regularmente estudadas<sup>157</sup>. Pude supor, por meio das missivas que continuaram a existir, que, no entanto, para aquele período, os estudos que se dedicam especificamente às missões são rarefeitos e geralmente apenas delineiam o tema. Como estratégia para estudá-las, fiz um cotejamento das informações que obtive da escrita dos padres e o que os estudiosos das missões dos séculos anteriores analisaram.

Um espaço de fronteiras invisíveis, na medida em que a organização social e econômica era administrada pelos próprios jesuítas e por vezes diferia de outros espaços da colônia. Mais que um ponto de evangelização, para Carlos A. Paz (2018) “era um projeto de transformação das bases sociais, políticas, ideológicas e simbólicas, que com diversos graus de sucesso, tentou-se aplicar em diferentes partes do globo” (p. 12), pois modificou a organização social que havia entre os nativos antes da chegada da Companhia de Jesus neste continente e impôs hierarquizações que alteravam posições sociais entre os índios. Ou seja, era um intrincado complexo econômico instituído pela Ordem Inaciana (PAZ, 2018). Esse autor apontou ainda que na América o correto seria chamar as missões de reduções, e explicou que:

[...] a Companhia de Jesus tentava reduzir os grupos, no sentido de aglutinar a população, em um território que já poderia ser delimitado e representado posteriormente por meio de uma razão gráfica que proporcionaria sustento a uma cartografia encarregada de disponibilizar informações necessárias para o controle dos territórios, os espaços e as populações. [...] Deste modo, as reduções supõem uma transformação radical nos modos nativos de existência (PAZ, 2018, p. 13).

<sup>157</sup> Por exemplo, nas Jornadas Internacionais sobre as Missões, congresso que tem se realizado bianualmente no Brasil, Argentina, Paraguai, Bolívia e Chile, dedicado a estudar diversos aspectos das missões. Dentre tantos autores, destaco: Carlos D. Paz: A missão jesuítica: as complexas relações que vão além da expansão do cristianismo; María Salinas: A escrita jesuítica desvela narrativas da história da América colonial; Aliocha Maldavsky: A multiplicidade política nas missões da Companhia de Jesus In: Revista Instituto Humanitas Unisinos, 2016. “SEM EDUCAÇÃO NÃO HÁ MISSÃO”: a introdução da formação jesuítica no Maranhão e Grão-Pará (Século XVII). Outros Tempos, vol. 13, n. 21, 2016.

Karl-Heinz Arenz (2010) afirma que o sistema reducional remonta aos primórdios da ocupação ibérica nas Américas, e foi adotado pelos franciscanos e dominicanos, no Caribe, no século XVI, onde as aldeias eram mistas, ou seja, dedicadas à catequização e à produção, habitadas por índios e europeus, o que se tornou inviável. Assim, “os jesuítas, que chegaram meio século depois às Américas, viram a utilidade deste modelo, o adotaram e o aperfeiçoaram mediante regulamentos internos e leis favoráveis” (ARENZ, 2010, p. 28). Dessa forma, o primeiro objetivo dessas reduções era a evangelização.

No entanto, a autora Aliocha Maldavsky (2018) indica que não foi o único e apreendeu outros vieses, além do religioso, pois,

[...] as missões, assim como todo o empreendimento de evangelização dos ameríndios, constituem um dos instrumentos de colonização do território americano, inclusive nos espaços mais recuados onde os administradores ibéricos – espanhóis e portugueses – não conseguiam exercer um controle político e militar suficientemente estável (p.63).

Os religiosos e missionários exerceram um papel indispensável na submissão da população aos poderes europeus (MALDAVSKY, 2018). A autora faz um alerta aos historiadores quanto às peculiaridades dessas missões, para que não as concebam em suas ações como única no tempo e espaço, e afirma que “não existe uma “missão” jesuítica, mas várias” (MALDAVSKY, 2018, p. 64).

Esses estudos favorecem pistas para analisar as missões jesuíticas da América Latina no século XIX, pois, ainda que cometa anacronismo, foi utilizando-os como suporte que observei suas semelhanças e diferenças.

A Companhia de Jesus organizou-se em Assistências que eram formadas por um grupo de Províncias e cada uma delas representava uma unidade administrativa dirigida pelo Superior ou Provincial, responsável pelas casas e colégios. O que permite uma boa compreensão dessa estrutura são os Catálogos da Missão, pois possibilitam ver a Ordem por dentro, conhecendo as missões e o número de religiosos, por exemplo.

O Catálogo da Província Romana mais antigo que localizei foi o do ano de 1862. Todo escrito em latim, tratou, ao longo de suas páginas, da Província Romana, no entanto, pode-se observar as Assistências: Itália, Alemanha, Gália, Espanha e Inglaterra e suas respectivas províncias. O Brasil fazia parte da Província Romana, que pertencia à Assistência italiana, composta ainda pelas Províncias Napolitana, Sicula, Torinese e Veneto.

Figura 33 - Catálogo Província Romana

— 61 —

## PROSPECTVS

SOCIORVM SOCIETATIS IESV INEVNTE ANNO MDCCCLXII.

ASSISTENTIAE	PROVINCIAE	SACERD.	SCHOL.	COAD.	VIV.	SOCII ASSIST.
ITALIAE	ROMANA . . .	232	85	143	460	} 1623
	NEAPOLITANA . . .	159	102	138	399	
	SICVLA . . .	127	49	82	256	
	TAVRINENSIS . . .	167	29	88	284	
	VENETA . . .	117	49	58	224	
GERMAN.	AVSTRIAE . . .	136	104	109	349	} 1847
	BELGICA . . .	223	207	139	569	
	GALICIAE . . .	71	30	39	140	
	GERMANIAE . . .	205	229	130	564	
NEERLANDICA . . .	80	85	60	225		
HISP. GALL.	FRANCIAE . . .	449	300	324	1073	} 2254
	LVGDVNENSIS . . .	280	170	200	650	
	TOLOSANA . . .	226	179	126	531	
HISP.	HISPANIAE . . .	259	301	247	807	} 826
	MEXICANA . . .	14	»	5	19	
ANGL.	ANGLIAE . . . . .	144	84	47	275	} 861
	HIBERNIAE . . . . .	65	32	35	132	
	MARYLANDIAE . . . . .	75	81	97	253	
	MISSOVR V. P. . . . .	72	49	80	201	
NVMERANTVR		3109	2165	2137	7411	

Incunte anno 1844 . . . N. 4133

1854 . . . 5510

1861 . . . 7231

Fonte: Catálogo Província Romana – 1862

Os países que tratei nas cartas referentes à América do Sul pertenciam à Assistência da Espanha, juntamente com o México. As divisões não necessariamente foram geográficas, visto que, a exemplo dessa Assistência, precisei observar a Província da Espanha sob duas subdivisões: a Província de Aragão e Província Toletana (ou Toledo), ambas sob o controle da coroa espanhola. Duas missivas corroboram tais informações, a primeira, ao dar notícias, escreveu: “nossa missão, que faz parte da Província espanhola de Toledo, inclui as três repúblicas do Equador, Peru e Bolívia” (*Woodstock Letters*, Volume XVI, Número 3, 1 de novembro de 1887). Nessa carta, não consta seu remetente, mas presumi que se referia ao padre Antonio Salazar, pois, diante das fontes disponíveis, o *Catalogus Defunctorum in renata societate Iesu*<sup>158</sup> e *Catalogus Provinciae Toletanae*<sup>159</sup>, notei que o primeiro Catálogo fez

<sup>158</sup> Catálogos dos recém-falecidos da Sociedade de Jesus (tradução livre), disponível no AESI.

<sup>159</sup> Catálogo da Província de Toledo (Tradução livre), disponível em <http://www.sjweb.info> Acesso em 28/11/2019.

menção a três padres chamados “A. Salazar”, então, confrontei a data de seu nascimento, na Espanha, em 9 de junho de 1844, seu ingresso na Companhia em 10 de fevereiro de 1868 e sua ordenação em 25 de março de 1883 e o ano da carta, 1887. Tornou-se claro tratar do padre Antonio Salazar, que foi citado no Catálogo da Província como Consultor da Missão de Marañon, no Colégio de Quito.

Em outra carta foi o próprio Superior da Missão Chile-Paraguai, pertencente à Província de Aragão, Joseph Saderra – espanhol, nascido em 18 de março de 1824, que se incorporou à Ordem em 8 de setembro de 1845 e professou seus votos em 02 de fevereiro de 1864 – que escreveu: “atualmente, posso dizer apenas que esta nossa missão Chili-Paraguay compreende as repúblicas do Chile, Uruguai, Paraguai e República Argentina” (Joseph Saderra. Superior da missão, *Woodstock Letters*, Volume XX, Número 3, 1 de outubro de 1891).

Figura 34 - Mapa Histórico da América do Sul – 1892



Fonte: Americanized Encyclopaedia Britannica, Volume1, Chicago 1892<sup>160</sup>

<sup>160</sup> Disponível em [https://mapas.owje.com/563\\_mapa-historico-de-america-del-sur-1892.html](https://mapas.owje.com/563_mapa-historico-de-america-del-sur-1892.html) Acessado em 28/11/2019.

A observação do mapa possibilitou uma percepção quanto às fronteiras, uma vez que, tanto na Província de Aragão quanto na de Toledo, os países faziam fronteira entre si. Apesar de a Bolívia ser fronteira com a Argentina e o Paraguai, suas missões não pertenceram a mesma Província jesuítica. Essas, tantas vezes mencionadas nas cartas, pertenciam a territórios administrados pelos inacianos.

O jesuíta Antonio Salazar chamou a atenção na sua carta de 1 de junho de 1891, a respeito da abrangência da Província,

[...] estou encantado por ter notícias confiáveis para as Cartas, daquela terra desconhecida, a Missão do Equador. Esta parte remota da província espanhola de Toledo não abrange apenas o Equador, pois temos colégios no Peru e na Bolívia, essa parte da missão às vezes chamada de Missão Peruana, pois possui um Vice-Superior residente em Lima, mas dependente da Superior da Missão, atual Reitor de Quito (*Woodstock Letters*, Volume XX, Número 2, 1 de junho de 1891).

O *Catálogo da Missão* de 1891 possibilitou saber a quem se referia o remetente dessa carta, tratava-se do Vice-Superior Padre Laurentius López Sanvicente e do Reitor em Quito, Padre Gaspar Tovia, Superior e Vigário da missão. Talvez a ressalva sobre abarcamento dos países fronteiriços possa ter se dado pelo fato de que a Província de Toledo estava subdividida em duas missões. A Missão de Marañon compreendia o Equador, com o Colégio de Quito; o Peru, com o Colegio de La Inmaculada; e a Bolívia, com o Colegio San Calixto. E as Missões Americanas, que se referiam à Missão Equatoriana, cujo Superior era o padre Raphael Carceres e incluía instituições jesuíticas do Equador, como o Colégio e Casa da Terceira Provação, em Pifo; o Colegio Nacional de San Gabriel; o Colegio de San Felipe; e a Residencia de San Jose.

Padre Salazar seguiu adiante na sua escrita, informando que naquela missão havia um junioriado, um noviciado e um escolasticado para estudo de filosofia, como na Europa. Indicou ainda que era a primeira casa nesses moldes na América do Sul, após a restauração da Companhia de Jesus. Apontou o clima favorável para o estudo, pois estava a mais de 9000 pés do nível do mar - o que equivale a aproximadamente 2770 metros -, em sua visão, nem quente, nem frio, provavelmente comparando à Europa, e proporcionou mais detalhes:

Temos flores, sol e ar fresco durante todo o ano; e, não fosse pelos ventos fortes e pelas chuvas prolongadas no inverno, não poderíamos distinguir uma estação da outra. Doenças graves são quase inteiramente desconhecidas; tanto que não temos enfermaria; mais ainda, muitos padres e irmãos espanhóis são curados aqui de doenças pulmonares (SALAZAR, *Woodstock Letters*, Volume XVI, Número 3, 1 de novembro de 1887, p.284).

A Província de Toledo desenvolvia-se, mesmo com algumas dificuldades apontadas pelo padre, como a perseguição maçônica que resultou no fechamento do Colégio em Lima.

Enquanto isso, o Colégio em Quito prosperou e tinha cerca de quatrocentos alunos matriculados.

Nesse ínterim, o Padre Joseph Saderra deu prosseguimento à missiva em que dava notícias da outra Província, a de Aragão:

[...] no Chile nós possuimos quatro casas, a saber, um colégio em Santiago e três residências, uma em Valparaíso, outra em Concepcion e a última, composta por padres alemães, em Puerto-Montt. No Uruguai, temos apenas uma faculdade, com o Seminário diocesano situado na capital, Montevidéu. Na República Argentina, existe o grande colégio de Buenos Ayres e na mesma cidade, mas em um prédio separado, o seminário da diocese. Além disso, temos um segundo colégio vinculado ao seminário na cidade chamado “Santa Fe de Paraná”. Aqui em Córdoba há uma residência com um pequeno noviciado e outra em Mendoza. No Paraguai, não temos absolutamente nada, nem mantemos uma de nossas Reduções, outrora famosas [...] (SADERRA, Woodstock Letters, Volume XX, Número 3, 1 de outubro de 1891, p.372-373)

Com poucos padres, a missão caminhava. E, mesmo quando veio a guerra, não houve perdas. O padre relatou um pequeno incidente, pois entraram no colégio por julgarem que os jesuítas abrigavam reféns, desfeito o mal-entendido, não os incomodaram novamente. Saderra (1891) referiu-se à Guerra Civil, também conhecida como Revolução Chilena de 1891, ocorrida durante o governo do presidente José Manuel Balmaceda, que se pôs em confronto com o Congresso quando este se opôs a aprovar leis sobre a definição das forças de mar e terra e a Lei de Orçamento de despesas públicas. O confronto político se transformou em luta armada. Assim, no dia 19 de agosto de 1891, ocorreu a denominada *Matanza en Lo Cañas*, onde morreram mais de oitenta pessoas<sup>161</sup>. Diante de uma das piores crises sucedidas no Chile e em meio ao caos, as cartas seguiram cumprindo seu papel edificante, na medida em que, na sua visão, a guerra não trouxe perdas. Seguiram a vida dentro dos muros dos colégios de onde escreviam.

Ao folhear a revista, ainda que virtualmente, percebi que as cartas continham as datas e os endereços de onde foram remetidas, geralmente dos colégios mantidos pela Ordem na

---

<sup>161</sup> Um mês depois desse episódio, em 19 de setembro, o presidente Balmaceda se suicidou. Cf. [www.archivonacional.gob.cl](http://www.archivonacional.gob.cl) Acesso em 02/12/2012. Em 1895, Joaquim Nabuco publicou um livro intitulado *Balmaceda*, Typographia Leuzinger, no qual analisou, a partir de artigos publicados de janeiro a março do mesmo ano de lançamento do livro, no *Jornal do Commercio*, o livro *Balmaceda su gobierno y la Revolución de 1891*, de Don Julio Bañado Espinosa, ministro do governo que defendia a posição do presidente, a quem Nabuco contrariava, pois criticou o governo, ao mesmo tempo que comparou a tragédia vivida no Brasil e por toda a América Latina. Bethel (2010) afirma que Joaquim Nabuco, depois de sua viagem pelos países da América Latina, revelava uma visão muito ruim sobre os vizinhos do Brasil, e via o Chile de forma diferente dos outros países, “contudo, isso mudou com a eleição de Balmaceda no Chile em 1886 e a derrubada de D. Pedro II em 1889. No postscriptum ao seu livro, Balmaceda (1895), um estudo sobre o “ditador” chileno, Nabuco descreve a América Latina (incluindo agora o Brasil) como “um vasto continente em estado permanente de desgoverno, de anarquia” (p. 78).

América do Sul. Questionei-me sobre aquelas instituições jesuíticas: sua fundação, seu funcionamento, se houve interrupção nos seus trabalhos, informações que poderiam auxiliar no cotejamento com as escritas dos padres.

A primeira carta analisada – também cumprindo uma ordem temporal – foi do padre Eduardo Brugier, na qual narrou detalhes sobre o assassinato do então presidente do Equador, Gabriel Garcia Moreno. Essa carta chamou-me a atenção não apenas por ter tratado da morte da autoridade máxima de um país, mas porque foi esse presidente o responsável pelo retorno dos jesuítas àquele país sul-americano.

O padre Brugier<sup>162</sup>, um jesuíta alemão nascido em 18 de agosto de 1838, na cidade de Tauberbischofseim, ingressou na Companhia de Jesus aos dezoito anos, passando pelos seminários da Alemanha e da Bélgica. Professou seus votos em 02 de fevereiro de 1873 e chegou em 1874 na América do Sul. Além do Equador, esteve em Córdoba no período de 1898 e 1902. Foi professor de matemática, física, mecânica inferior e francês, dedicou-se às ciências, escreveu sobre a história da astronomia e cosmografia. Seu livro *Elementos de Cosmografia*<sup>163</sup>, segundo Cornejo (2000), foi uma obra de certo prestígio que recebeu “o imprimatur oficial do Ministério de Instrução Pública da Argentina e do Conselho Superior de Instrução do Chile, foi citada como referência em várias obras e teve, pelo menos, sete edições<sup>164</sup>” (CORNEJO, 2000, p. 124), sendo considerada o primeiro manual escolar moderno utilizado nas escolas secundárias. Outro feito que lhe valeu o reconhecimento do povo equatoriano foi o fato de, juntamente com o padre Joseph Kolberg, ter sido responsável pela iluminação elétrica na Plaza Grande de Quito (VILLALBA, 2015). O professor de matemática, como assinou ao final da missiva, foi remetente da primeira carta escrita do Equador, na Escuela Politécnica Nacional<sup>165</sup>, em Quito, a ser publicada na *Woodstock Letters*, em maio de 1876. No dia 6 de agosto de 1875, dia do assassinato, escreveu sobre a rotina do presidente – então reeleito em 1869 para seis anos de mandato –, que terminaria diferente. Como de costume, saiu de casa para ir ao Palácio do

---

<sup>162</sup> Para mapear a biografia desse jesuíta, além desses autores que citaram o livro escrito pelo Pe. Brugier e seus feitos, em relação ao progresso da cidade, foi necessário recorrer ao AESI, que continha dados básicos sobre sua vida, mas indicava um site em que um documento digitalizado intitulado *Los jesuitas argentinos (1829-1938)*, organizado pelo Pe. Hugo Storni (1922-2008) e digitalizado pelo Pe. Raúl González Bernardi, fornecia mais informações sobre sua formação, os locais e funções que exerceu.

<sup>163</sup> BRUGIER, E. *Elementos de Cosmografía*. Buenos Aires: Editorial Estrada, 1896.

<sup>164</sup> Tradução Livre.

<sup>165</sup> A síntese histórica disponível no site dessa instituição permite saber que a escola foi fundada em 30 de agosto de 1869 pelo presidente Garcia Moreno e ficou sob responsabilidade da Companhia de Jesus, funcionando durante seis anos, até 15 de setembro de 1876, quando foi fechada pelo presidente Borrero.

Governo, tendo passado antes na igreja. Ao sair, caminhou até o palácio, sem seguranças, quando se desenrolou todo o ato que poria fim à sua vida:

Na frente do Palácio há uma colunata dórica, com cerca de treze pés de altura. Lá, entre a segunda e terceira colunas, postaram-se três assassinos: Roberto Andrade, estudante de direito, Manuel Cornejo, também aluno, e Moncajo, ex-aluno dos jesuítas, mas expulso do colégio. Ao lado desses dois outros infelizes: Rayo, um capitão degradado de seu posto, o chefe desse bando de assassinos e Campuzano, um sujeito que já havia sido condenado à pena capital. A presença desses homens em tal lugar não era em si nada incomum ou surpreendente. Os traidores até saudaram o presidente com muito respeito ao passarem, e depois o seguiram subindo as escadas. Ele estava prestes a entrar no prédio quando Rayo gritou: “Ladrão! bandido!” golpeando-o no ombro com um facão (uma espécie de faca longa e larga). Don Garcia Moreno virou-se contra seus assaltantes; mas ao fazê-lo, ele recebeu um corte severo no lado esquerdo da cabeça e, quando tentou sacar seu revólver, outro golpe do facão e uma quádrupla descarga das armas de seus adversários o impediram. Ferido até a morte, ele tentou se apoiar contra uma coluna, mas foi novamente atingido e caiu no chão. Então Rayo, agarrando-o com raiva satânica, arremessou-o do topo das escadas para a calçada abaixo. Os outros quatro, tão cruéis quanto covardes, voltaram a descarregar seus revólveres sobre o moribundo. O monstro Rayo desceu as escadas e começou a cortar com a faca a cabeça cinzenta e venerável de sua vítima. Enquanto isso, o atendente do presidente tinha fugido com um ligeiro arranhão para provar sua fidelidade ao seu chefe. Durante toda essa cena de horror, Garcia Moreno não proferiu uma única palavra, até que ele viu Rayo se aproximando para infligir novas feridas; Então ele disse a ele, com uma voz meio quebrada: "Deus não morre!". Foi somente nesse momento que surgiram quatro soldados, além do guarda de plantão. O comandante do posto, ouvindo o barulho à distância, enviara-os, embora sem uma ideia muito clara do que estava acontecendo. Os soldados atiraram-se furiosamente sobre Rayo, que fugiu apenas com uma ligeira ferida de baioneta, mas um segundo e mais vigoroso impulso de um de seus perseguidores levou-o ao chão. Ele se levantou novamente, mas foi imediatamente capturado pelos soldados. A essa altura, o oficial comandante havia chegado e, para sua exclamação de horror, Rayo respondeu: “Sim; Eu matei o tirano”. (BRUGIER, *Woodstock Letters*, Volume V, Número 2, 1 de maio de 1876, p. 132-133).

Levado a uma capela ainda com sinais vitais, os médicos foram acionados, mas o presidente não resistiu e morreu. Seguiu-se uma caça aos seus assassinos, mas, até o momento em que escreveu a carta, dois permaneciam em fuga. Pe. Brugier narrou ainda fatos contra a esposa e o filho do presidente morto. Na carta, o jesuíta alemão afirmou que toda vilania teria sido tramada pelos maçons e, segundo ele, a comprovação dessa informação se deu na apuração do inquérito judicial e por uma carta escrita pelo presidente, endereçada ao Papa. A morte de Dom Garcia traria dificuldades aos jesuítas no Equador, visto que o próximo presidente seria Manuel María Borrero, do Partido Liberal. Apesar da riqueza de detalhes, padre Brugier não fora testemunha dos fatos, como deixou bem claro ao final de sua missiva: “Eu lhe envio esta conta assim como recebi dos lábios do governador e de duas testemunhas oculares” (BRUGIER, *Woodstock Letters*, Volume V, Número 2, 1 de maio de 1876).

Os jesuítas sofreram com a supressão imposta no século XVII, a Companhia foi restaurada em 7 de agosto de 1814<sup>166</sup>, mas somente retornou ao Equador em meados de 1850, e foi apenas em 1862 que o então empossado presidente, em seu primeiro mandato – que compreendeu os anos de 1862 até 1868 -, Dom Garcia Moreno, solicitou ao Padre Geral Pieter Bekx, padres jesuítas para que a eles fossem confiadas a educação secundária e superior da República<sup>167</sup>. A Companhia passou a dirigir os Colégios Nacionais de Guayaquil e Cuenca e o San Felipe de Riobamba, nos meses seguintes estabeleceram o Seminário e o Noviciado e ficaram responsáveis pela Biblioteca Nacional e pelo Observatório Astronômico. Já no segundo mandato, de 1869 até 1875, fundou-se ainda um Colégio Nacional em Quito, o San Gabriel.

Na perspectiva de Mora (1996), em seu estudo sobre o laicismo na história do Equador, a aplicação do programa do governo Garciano possibilitou:

[...] racionalizar e aumentar receitas públicas; modernizar o sistema financeiro e monetário; construir grande quantidade de estradas e outras obras públicas; reorganizar e modernizar o exército; expandir todo o sistema educacional para níveis sem precedentes. Por tudo isso, mas em especial para este último, García Moreno contou com o apoio da Igreja, ao que entregaram o controle da educação estatal. Grande número de religiosos europeus foram levados para cuidar de escolas, faculdades, asilos e outras instituições<sup>168</sup> (MORA, 1996, p. 7).

O sistema educacional entregue basicamente aos jesuítas seria motivo ainda de muitas lutas, pois havia os que não aceitavam tal oferta e os que não toleravam os inicianos, que com o passar dos anos assumiram e fundaram muitas instituições educacionais e religiosas. Dentre elas, o Colégio San Gabriel, cujo nome foi uma homenagem ao presidente Gabriel Garcia Moreno, que trouxe a Companhia de Jesus de volta ao Equador. Uma carta com remetente não identificado ofereceu mais detalhes sobre essa instituição “[...] atualmente, o colégio possui 25 professores, 100 pensionistas e 250 dias de estudos” (S/I Woodstock Letters, Volume XX, Número 2, 1 de junho de 1891). Faz-se necessário considerar que esse funcionamento, a que se referiu a carta sem remetente, aconteceu mesmo depois da segunda expulsão dos inicianos do Equador. Como já havia ocorrido na primeira supressão, muitos padres da Ordem permaneceram e resistiram no país (MENDONÇA, 2010).

<sup>166</sup> Cf. Mendonça, 2010.

<sup>167</sup> CHAMORRO, Davis H. Resumen de la historia de la Compañía de Jesús en la real audiencia de Quito. Disponível em [https://issuu.com/jesuitas.ec/docs/historia\\_de\\_los\\_jesuitas\\_en\\_el\\_ecua](https://issuu.com/jesuitas.ec/docs/historia_de_los_jesuitas_en_el_ecua) Acesso em 27/10/2019.

<sup>168</sup> Tradução livre. Disponível em <http://repositorio.uasb.edu.ec/bitstream/10644/1257/1/RP-08-ES-Ayala.pdf> Acesso em 28/10/2019.

Figura 35 - College San Gabriel nas ruas García Moreno e Espejo (1891)



Fonte: Centro Cultural Metropolitano<sup>169</sup>

Em meio ao conturbado cenário para os jesuítas, de um governo liberal e anticlerical, os padres seguiam enviando notícias para os Estados Unidos, para, a partir daí, fazer divulgar a toda a Ordem. Se passavam por momentos difíceis e de perseguição, fazia-se necessário que se mostrassem fortes e vitoriosos, e as cartas serviram como instrumentos capazes e ideais para revelar a todos essa vitória, edificando, assim, aqueles que as liam.

Uma das cartas localizadas, escritas a partir do Colegio San Gabriel, foi do jesuíta francês Próspero N. Malzieu<sup>170</sup>, nascido em 25 de dezembro de 1862, na comuna de Montélimar. Ingressou na Companhia em 10 de março de 1881, professou seus votos em 11 de maio de 1890 e no ano seguinte já estava na América do Sul, como vigário da Missão do Marañon. Chegou a Pifo logo depois do padre Guerrero, como o próprio jesuíta equatoriano narrou em uma de suas missivas. Segundo ele, Pe. Malzieu estava acompanhado de padre Buendia, mas logo foi designado para o Colégio Nacional de Quito, San Gabriel, como viria a ser chamado. Foi desse colégio que escreveu as cartas que mostram a movimentação política por conta da Revolução do Equador. Teve ainda grande importância em outros países sul-americanos. Fundador e Superior do Colegio de San Calixto, em La Paz, na Bolívia, junto ao padre Jorge Dinthilac, deu início ao funcionamento da Pontificia Universidad Católica del Peru

<sup>169</sup> Disponível em <http://www.centroculturalq.QUITO.gob.ec>. Acesso em 24/10/2019.

<sup>170</sup> Os dados biográficos desse padre foram localizados no AESI e no site do Colegio Del Sagrado Corazón.

(MIRANDA, 2012, p. 21). A fotografia que segue registrou os fundadores do Colegio Del Sagrado Corazón. Da esquerda para a direita, padre Prospero N. Malzieu é o segundo. Era o diretor da escola.

Figura 36 - Fundadores do Colegio Sagrado Corazón



Fonte: Colegio Del Sagrado Corazón<sup>171</sup>

Na fotografia aparecem, da esquerda para direita, os padres Mera Elias, Próspero N. Malzieu, Juan de La Cruz Granero, P. Cerro e Octavio Bleuzé. Esse registro foi feito em janeiro de 1912, sendo, portanto, posterior à passagem do Pe. Malzieu pelo Colegio San Gabriel, e permitiu observar como os padres circularam pela América do Sul, nas mais variadas funções da Companhia de Jesus. Em um desses transcurros, na escola de Quito, o padre francês escreveu sobre a Revolução do Equador. Após desculpar-se pela falta de notícias, continuou:

[...] nos últimos dez meses, vimos aqui - o que, ai de mim! é muito frequente no Equador - todos os terríveis resultados da guerra civil. Para não começar *ab ovo*; por força do trabalho e constância, tivemos sucesso em colocar o nosso colégio em um bom pé e as coisas estavam indo bem. A nossa banda de metais, cujo renascimento foi um verdadeiro sucesso, provou ser uma grande atração para os nossos meninos; os rapazes espanhóis são extremamente inteligentes e rápidos em qualquer música instrumental. De repente, no início de dezembro de 1894, surgiram as primeiras faíscas da revolução, e você pode imaginar o que tem sido desde então a inquietação e antipatia pelo estudo de nossos meninos. O pretexto da revolução era que a bandeira do Equador havia sido içada sobre um navio chileno, recentemente vendido ao Japão. Ninguém tinha certeza de tal afirmação e até hoje permanece sub judice; ainda assim, esse pretenso crime foi o suficiente para acender o fogo contra o presidente, o Sr. Cordero, que na verdade era muito cordeiro para dominar a situação. Mais tarde, conservadores e radicais se uniram para subornar com dinheiro e uísque um dos batalhões aquartelados em Quito, e, portanto, na véspera da quinta-feira santa, tivemos uma sangrenta batalha nas ruas da capital. Durante seis horas ouvimos as armas disparando e os gritos dos soldados, a poucos passos de nós, e você pode facilmente imaginar o temor de medo de nossos pequenos pensionistas. Na manhã seguinte, eles levaram os mortos e feridos para o hospital, e a solene comunhão geral, que

<sup>171</sup> Disponível em <https://www.sagradocorazon.edu.bo/jfundacionsc.html> Acessado em 27/10/2019.

geralmente acontece em nossa igreja na Quinta-feira Santa, foi estragada por esse combate sangrento (MALZIEU, *Woodstock Letters*, Volume XXV, Número 1, 1 de fevereiro de 1896, p. 82).

A carta sobre a revolução fora escrita em outubro de 1895, no auge da revolução, e publicada meses depois. Padre Malzieu narrava fatos recém-acontecidos, contava detalhes do que provavelmente viu e ouviu, de batalhas e de mortes sangrentas. Porém, não deixou de falar sobre o colégio, quando se referiu à banda formada pelos alunos; nem dos ritos da semana santa, que, segundo o jesuíta, não foram realizados. Pareceu querer transmitir uma normalidade que talvez só existisse dentro dos muros do colégio. Na continuação da carta, mencionou um grupo de jovens universitários que agitava e animava as pessoas em Guayaquil a ponto de o governador Cordero renunciar e exilar-se. Assumiu o poder, com apoio dos radicais, José Eloy Alfaro Delgado (1842 – 1912), conhecido como General Alfaro. E enfatizou:

[...] sendo chamado por seus partidários, ele veio imediatamente e foi recebido triunfalmente em Guayaquil. A partir daquele dia o Equador foi bloqueado, não houve comunicação do exterior e guerra civil dentro. O general Alfaro não conseguiu uma única vitória e, ainda assim, passo a passo, aproximou-se de Quito e foi proclamado presidente pelos radicais da capital, em 4 de setembro de 1895 (MALZIEU, *Woodstock Letters*, Volume XXV, Número 1, 1 de fevereiro de 1896, p.83).

A partir desse episódio o padre francês narrou uma série de consequências como a prisão de autoridades do governo anterior e a invasão do palácio do arcebispo por soldados e civis que promoveram um incêndio ali e planejavam incendiar também o colégio, mas os religiosos foram avisados antes. E assim, sem citar muitos nomes, foi informando sobre o cerco armado contra os padres, inclusive queixando-se sobre a criação de jornais que, na visão dos padres, os caluniavam. Citou, assim, a criação de um jornal católico, cujo objetivo foi repelir os ataques contra a religião, mas não teria passado do segundo número, pois seus editores foram presos e os impressos queimados em praça pública. Não se pode deixar de considerar, diante desse fato, a ação coordenada da Igreja Católica para a utilização da imprensa, pois o Papa Pio IX (1846-1878) conclamou e incentivou os periódicos católicos como arma no combate aos ideias liberais, com a intenção de “divulgar sua doutrina e cultivar a moral a serviço da sociedade cristã, a única orientada pela verdade em Cristo” (GOMES, 2018, p. 79). Diante desses eventos, o Colégio Nacional de San Gabriel, até o momento em que Pe. Malzieu redigiu a carta, não havia sido aberto. Quanto ao futuro dos jesuítas no Equador, demonstrou ser incerto, visto que os radicais procuravam por professores leigos para substituí-los, mas, mesmo assim, informou sobre os colégios:

Este ano ainda permaneço em primeiro lugar entre pensionistas e estudiosos do dia e professor de metafísica especial para oitenta ou noventa rapazes quitonianos. Há poucos dias o padre Buendía passou pela capital a caminho de Riobamba, ele foi lá

ensinar física e matemática. O padre Guererro permanece em Pifo como professor de matemática e prepara a aula de escrituras para o próximo ano; Padre Villota é ministro dos escolásticos e ensina metafísica a nossos filósofos; finalmente, o padre Villagomez é um dos primeiros estudos de juniores e professor de retórica (MALZIEU, *Woodstock Letters*, Volume XXV, Número 1, 1 de fevereiro de 1896, p84-85).

Padre Malzieu pareceu pretender passar ao seu destinatário uma normalidade que naquele momento era inviável, o que ficou bastante claro na sua segunda carta no mesmo número da revista, onde afirmou que as missões equatorianas estavam ruindo e que as perseguições e calúnias foram contínuas. Na revista de novembro de 1897, na carta datada de 30 de agosto daquele mesmo ano, já no Colegio de La Concepcion, confirmou que na Missão do Napo já não havia mais nenhum jesuíta. A situação piorara, pois no dia 4 de maio de 1897 soldados e radicais de Riobamba invadiram o Colegio San Felipe e mataram Emilio Moscoso<sup>172</sup>. Mesmo com risco iminente, colégio e seminário funcionavam com muita dificuldade, com risco de uma nova expulsão:

Se a lei for aplicada a nós, teremos que abandonar todo o ensino oficial. Mas mesmo neste caso, não acho que seja viável aceitar sua oferta para retornar aos Estados Unidos, porque abriremos dois novos colégios no próximo ano. Um deles é em Pasto, no sul de Nova Granada (MALZIEU, *Woodstock Letters*, Volume XXVI, Número 3, 1 de novembro de 1897, p. 429).

Padre Malzieu se estendeu nas explicações sobre esses momentos de embates e conflitos, porque a revolução incidiu precisamente em setores antes dominados pela Igreja Católica, intrinsecamente ligados aos jesuítas, visto que a Constituição de 1897

[...] declarava respeito às crenças, às manifestações religiosas e reconhecia a liberdade religiosa. Além disso, Alfaro tomou outras medidas políticas, como a lei do Patronato, que regulava as relações entre o Estado e a Igreja Católica. De fato, essa lei concedia ao Poder Público Executivo direitos de suprimir as “rendas eclesiásticas”, subordinando a Igreja Católica às autoridades civis. Incluía, também, o casamento civil e a autorização para o divórcio (FALCÃO, 2011, p.3).

Mesmo diante de toda dificuldade, os jesuítas resistiram e permaneceram no Equador à frente das instituições educacionais. Conforme escreveu em 5 de fevereiro de 1900, padre Malzieu foi enviado para o Colegio Imaculada Concepcion, em Lima, limite ao sul daquele país, como Prefeito de Estudos e Disciplina e professor de retórica:

Meus colegas de Woodstock permanecem no Equador, como suponho que você saiba. O padre Villota é ministro e professor de filosofia da Pifo. Os padres Guerrero e Villagomez estão em Riobamba e, finalmente, o pobre padre Buendia - da Sociedade desde dezembro de 1897 - é pároco em Otavalo, ao norte de Quito. Se não me engano, você me perguntou o motivo de sua triste partida. Bem, a razão canônica que ele mesmo deu ao nosso Padre Geral foi ajudar sua mãe a criar sua família. Você pede na

<sup>172</sup> Salvador Víctor Emilio Moscoso Cárdenas (1846 – 1897), jesuíta equatoriano que ingressou na Ordem aos 18 anos. Foi professor no Colegio San Felipe e chegou a ser vice-reitor nessa instituição.

sua carta algumas informações sobre nossos colégios sul-americanos. Vou tentar o meu melhor para cumprir um desejo tão legítimo. Uma parte norte e uma parte sul, tendo para o primeiro vice-provincial em Quito e para o segundo superior em Lima, capital do Peru. No norte, temos, além de uma residência em Guayaquil e uma Casa de Estudos em Pifo, três colégios para meninos, a saber, Pasto, Quito e Riobamba. Apesar da influência radical, entendo que eles estejam indo muito bem e que os estudantes são mais numerosos do que nunca (MALZIEU, *Woodstock Letters*, Volume XXIX, Número 1, 1 de maio de 1900, p.116).

Os padres seguiram em intercâmbios entre países da América do Sul, o que lhes possibilitou fazer contato e conhecer culturas muito diversas. Os europeus notaram diferenças no clima, na flora, na fauna e na sociedade de uma forma geral e descortinaram seus olhares e impressões por meio das cartas publicadas na *Woodstock Letters*.

### 3.3 “Papel em branco(?)”: relações entre índios e jesuítas

Todo relato é um relato de viagem – uma prática do espaço. [...] Essas aventuras narradas, que ao mesmo tempo produzem geografias de ações e derivam para os lugares comuns de uma ordem, não constituem somente um “suplemento” [...] De fato organizam as caminhadas. Fazem a viagem, antes ou enquanto os pés a executam.

*Certeau, 1994, p. 200*

As viagens fizeram parte da história da Companhia de Jesus desde 1540, época em que os “soldados de cristo” começavam a se espalhar pelos continentes em longas jornadas e “desembarcavam das naus impulsionados por uma fé e energia invencíveis. [...] em todos os continentes em que estiveram disseminaram suas ideias, um Cristianismo adaptado à cultura local de cada país e audaciosamente engajado no debate político” (FRANCO; ARENZ; OLIVEIRA; BETTIOL, 2019, p. 19). Segundo os organizadores do livro *Jesuítas e Ilustração*, os inacianos conquistaram primeiro os habitantes [ou as almas], por meio de uma política de “transferência cultural”, “afirmando-se como agentes de transição entre as culturas do Velho Mundo e as do Novo Mundo” (Idem). Posteriormente, dominaram os territórios, quando fundaram missões, igrejas, seminários e colégios, *Ad Majorem Dei*. Suas ações, desde muito cedo, foram registradas e divulgadas pela escrita dos jesuítas que

[...] foram, em certo sentido, precursores da globalização, pois encurtaram distâncias através de suas famosas cartas e de seus relatórios, traçando uma nova cartografia geopolítica e cultural do mundo ao colocar países distantes em comunicação (Ibidem).

Missivas como aquelas do padre Manoel da Nóbrega, primeiro jesuíta a aportar no Brasil, cuja principal preocupação era a catequização dos gentios, pois, segundo a sua visão, precisavam da salvação de sua alma porque viviam em pecado e imersos em grandes vícios, como a poligamia, o incesto, a nudez e o canibalismo, não foram opcionais. Constituem-se em escritas obrigatórias conforme as Constituições (LONDOÑO, 2014), eram relatos das ações dos jesuítas distantes dos seus superiores que permitiram traçar fronteiras invisíveis, geografia das ações para além das faixas de terras reconhecidas oficialmente, cartografias geopolíticas baseadas nas ações e travessias feitas por esses jesuítas que constituíram (e constituem) parte da sua formação.

As viagens abordadas neste estudo, em contrapartida daquelas que têm focalizado nos descolamentos, pessoais ou oficiais, que proporcionaram intercâmbios com a intenção de aproximar projetos educacionais ou práticas pedagógicas<sup>173</sup> (Mignot e Gondra, 2007, p.9), tratou da transmissão de seus conhecimentos e da aplicação de seu método, a pedagogia inaciana. E estabeleceu um cartograma do seu deslocamento, pois mapeá-las por meio das suas cartas permitiu capturar as impressões que aqueles padres viajantes tiveram e escreveram sobre os estranhamentos a sua volta.

Nas cartas, os jesuítas (correspondentes) descreveram não só as paisagens locais que os impressionaram, mas as relações sociais tecidas (CANEN e XAVIER, 2000, p. 69), principalmente, entre eles – padres que representavam a Companhia de Jesus na América do Sul – e os políticos, maçons, índios, alunos (seminaristas) e outras Ordens, inclusive as femininas. O mergulho nesses registros – relatos de memórias – permitiram a análise da percepção dos jesuítas em relação àqueles países tão distintos dos seus.

Em 1549, Manoel da Nóbrega, em carta ao Dr. Martin de Azpilcueta Navarro (1493 – 1586), professor de Direito Canônico, seu mestre na Universidade de Coimbra, comparou os índios a papel em branco: “poucas lettras bastariam aqui, porque tudo é papel branco, e não ha que fazer outra cousa, sinão escrever á vontade as virtudes mais necessárias”<sup>174</sup> (NÓBREGA, 1931, p.97). E depois escreveu a D. João III: “porque em cousa nenhuma crêm e estão papel branco para nelles escrever á vontade”<sup>175</sup> (NÓBREGA, 1931, p. 125), pois os gentios – como os jesuítas se referiam ao povo indígena que encontraram no Brasil - seriam de fácil conversão e as suas almas vazias seriam preenchidas pela obra missionária dos jesuítas (NEVES, 1978).

---

<sup>173</sup> O livro reúne uma coletânea de artigos que tratam de uma estratégia pouco estudada pela historiografia da educação brasileira: as viagens, oficiais e particulares, a intenção de se aproximar de políticas educacionais e práticas pedagógicas.

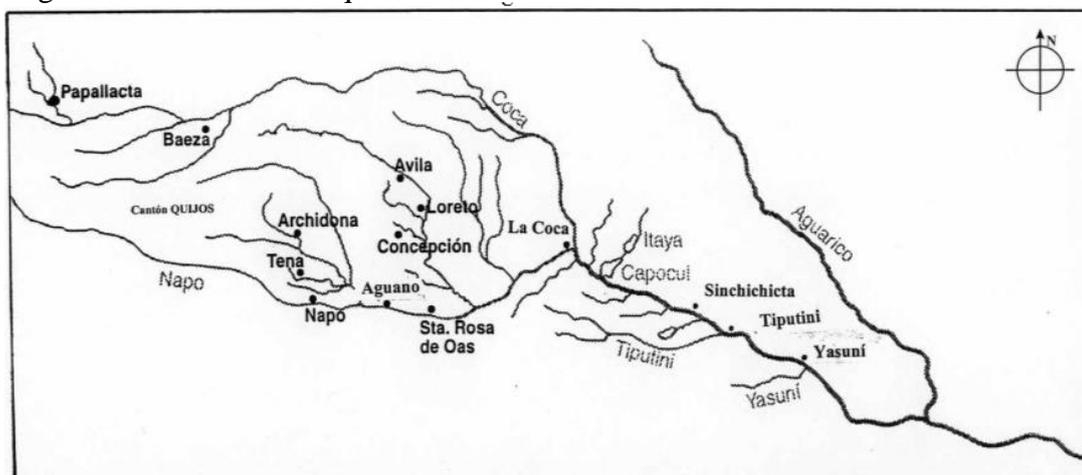
<sup>174</sup> Carta originalmente escrita por Manoel da Nóbrega, em 10 de agosto de 1549.

<sup>175</sup> Carta originalmente escrita por Manoel da Nóbrega, em 14 de setembro de 1551.

No entanto, os índios resistiram ao catecismo e permaneceram com os “maus costumes” (antropofagia, feitiçaria, nudez...), não aderindo à fé católica. A conversão, que antes se dava pelo convencimento, passara a ser pela pujança da lei à medida que os índios eram submetidos “à lei positiva do reino como súdito livre” (PÉCORA, 2001, p. 110).

Concomitantemente, as cartas escritas por Padre Nóbrega representaram dois gêneros, segundo Hansen (1995): o “familiar”, quando se dirige aos “amigos” e aos “irmãos em Cristo”, como, por exemplo, ao seu professor, Dr. Navarro, em Coimbra; e o “negocial”<sup>176</sup>, tratando de assunto oficial, fosse com Superiores da Companhia de Jesus ou com o rei D. João III (p.90). Tocaram ainda, segundo o autor, em um dos quatro assuntos principais das cartas de Nóbrega: o índio<sup>177</sup>.

Figura 37 - Missões no Equador



Fonte: ESVERTIT COBES, 2006 (Anexos)

No mapa observa-se, às margens do rio Napo, um dos afluentes do rio Amazonas, a Missão que recebeu o nome do rio, local em que o Pe. Gaspar Tovía escreveu a epístolas à revista norte-americana. Mais acima, ao norte de Tena, Archidona, cidade na qual as Irmãs do Bom Pastor se instalaram e conduziam o internato para as meninas.

Os jesuítas não deixariam de se dedicar aos povos indígenas. Com o retorno deles à América do Sul em meados do século XIX, os índios permaneceram merecendo sua especial atenção. Inclusive, anos mais tarde, como assunto nas cartas jesuíticas dedicadas à publicação na revista estadunidense e às autoridades eclesiásticas e governamentais. Ao ler a missiva do Pe. Tovía, Vigário Apostólico da Missão de Napo, ao Presidente do Equador, que também foi publicada na *Woodstock Letters*, isso se evidencia.

<sup>176</sup> Aa aspas constam no texto original.

<sup>177</sup> Segundo Hansen (1995), nas cartas de Nóbrega discutidas existem os outros três seriam: o colono, o governo e o clero secular (p.91).

Eu mal posso lhe dar um relato lisonjeiro do progresso feito por nossas escolas. As crianças abrigadas conosco e com as Irmãs do Bom Pastor estão de fato indo bem, mas o restante delas, cerca de 370, que deveriam vir diariamente à escola, ainda têm uma irresistível atração pela floresta e uma verdadeira aversão por qualquer coisa como estudar. A consequência é que muito pouco do total de crianças frequenta a escola, e mesmo essas são inconstantes, ausentando-se por semanas e meses. O número total em nossas listas, de meninos e meninas, é 725. Hoje temos 22 estudantes externos e as Irmãs têm 18. Considerando as circunstâncias, eles são lógicos em seus raciocínios. E dizem: “Para que aprendemos a escrever? Isso nos trará macaco para comer? Nos traz aves ou peixes?” Ouvimos isso com muita frequência dos meninos pequenos, e a conclusão é que eles se apegam à floresta. (TOVÍA, *Woodstock Letters*, Volume XXIII, Número 2, 1 de julho de 1894, p. 257).

Na epístola do jesuíta Gaspar Tovía havia uma preocupação com os nativos daquela terra, fazendo dos índios e, mais precisamente, de sua educação, seu tema principal, assim como o Padre Manoel da Nóbrega. No entanto, iniciou sua carta com uma insatisfação: a atração dos meninos pela floresta e o questionamento deles sobre o papel da educação. Os índios, povo que vive da caça, da pesca e de tantos outros recursos obtidos na natureza, não compreendiam a relevância da educação transmitida pelos jesuítas e pelas Irmãs do Bom Pastor, o que talvez fizesse sentido, realmente, apenas para esses religiosos dedicados a angariar alma e adeptos à sua fé por meio da educação.

Pe. Tovía deixou indícios de redes tecidas para poder conquistar almas e territórios, ao mencionar as Irmãs do Bom Pastor, cuja Congregação de Nossa Senhora da Caridade do Bom Pastor fora fundada por Santa Maria Eufrásia Pelletier entre os anos 1831 e 1835 e aprovada pelo Papa Gregório XVI em 16 de janeiro de 1835. A Congregação tem suas origens na Ordem de Nossa Senhora da Caridade, fundada por São João Eudes, em 1641, que “[...]fundou a primeira comunidade contemplativa do Bom Pastor, com a missão de fecundar o apostolado da Congregação, por meio de uma vida comunitária, oração e silêncio”<sup>178</sup>, dedicando-se a cuidar da educação de crianças, jovens e mulheres marginalizadas para “[...] viver a misericórdia, reconciliação, luta pela justiça, esperança e solidariedade junto às pessoas marginalizadas, especialmente meninas e meninos abandonados [...]”<sup>179</sup>.

Leonardi (2011) destacou tal Ordem, entre tantas outras, como uma daquelas que mencionava ter a educação como finalidade primeira (p. 105). Com esse viés assistencialista, as Irmãs dedicaram-se às pequenas índias equatorianas, educando-as e aproximando-as do ideal e da moral cristã. As freiras chegaram no Equador, na cidade de Archidona, em 1888, “para ajudar os jesuítas, fato que foi muito comemorado na propaganda institucional, que apontou seu

<sup>178</sup> Disponível em: <http://www.irbompastorbp.org/> Acesso em: 08/11/2019.

<sup>179</sup> Manuscrito Irmãs do Bom Pastor, s/d apud KARPOWICZ, 2016, p. 1

‘heroísmo’ e ‘abnegação’, abandonando os confortos da ‘civilização’ para passar a selva para resgatar as mulheres indígenas da “selvageria” (ESVERTIT COBES, 2006, p. 380).

Natalia Esvertit Cobes (2006), que estudou sobre a incorporação do Leste equatoriano ao Estado Nacional entre os anos de 1830 e 1895, afirma, ainda sobre a chegada das irmãs, que:

para melhorar suas tarefas educacionais, especialmente para meninas indígenas, consideraram com uma ordem religiosa feminina especializada na educação destes, como os jesuítas fizeram em Napo com as Irmãs do Bom Pastor (ESVERTIT COBES, 2006, p. 383-384)

Seguindo a carta, Pe. Tovía falou sobre o fato de haver igual número de estudantes com os jesuítas - 43 meninos - e com as Irmãs do Bom Pastor: 43 meninas. Sobre os estudantes mais dedicados e assíduos, mencionou a modificação da aparência externa, referindo-se, principalmente, às roupas que usavam. Segundo o padre, restava pouco da sua natureza selvagem. Evidenciou o fervor com que esse pequeno grupo de estudantes indígenas se aproximava do sacramento, apesar dos maus exemplos de seus pais, e ainda o fato de que estavam adquirindo aptidão para o trabalho manual. No entanto, ressaltou:

[...] é claro que uma grande parte do dia é dada a seus instrutores em leitura, escrita e aritmética. Nas duas últimas áreas, eles mostram mais facilidade do que nos elementos do espanhol, um idioma tão diferente do deles. No entanto, temos vários filhos que leem tão corretamente quanto qualquer garoto da capital. Eles também servem na missa e pronunciam bem o latim, comportando-se com grande reverência e decoro. O mesmo elogio é devido às meninas que estão sob os cuidados das Irmãs do Bom Pastor. Elas estão cultivando hábitos de trabalho adequados ao gênero, como costura, lavagem, engomadaria, etc (TOVÍA, *Woodstock Letters*, Volume XXIII, Número 2, 1 de julho de 1894, p. 257).

Esse trecho da carta torna possível apreender e observar a educação transmitida aos índios. Enquanto os meninos aprendiam a ler e escrever, e ainda aritmética e latim; as meninas se dedicavam aos cuidados com as roupas, com o propósito de formar uma boa esposa. Não há menção, no entanto, se, ao menos, aprendiam a ler e escrever. Vale ressaltar que essa dicotomia na educação – da condição social, racial e de gênero – ocorreu em outros países da América do Sul, como no Brasil, conforme se pode observar no estudo de Rizzini e Rizzini (2004) sobre a institucionalização da criança no Brasil, quando investigaram, por meio do percurso histórico, as instituições voltadas para a educação. O primeiro marco histórico<sup>180</sup> é o ponto que interessa a esse estudo, pois trata “de crianças pobres, fossem elas abandonadas, órfãs, indígenas ou negras, a partir do século XVIII” (RIZZINI e RIZZINI, 2004, p. 15).

---

<sup>180</sup> As autoras apontam ainda, como os principais marcos históricos para o estudo da institucionalização da criança, os seguintes pontos: “a reabilitação dos menores abandonados e delinquentes, nos séculos XIX e XX; até a questão atual do abrigo de crianças e adolescentes” (RIZZINI, 2004, p. 15).

Para as autoras, a instituição da educação no período colonial brasileiro se deu com os jesuítas que implantaram as escolas elementares. Sobre a expulsão dos padres no século XVIII, imposta pelo Marquês de Pombal, concordam com Schueler (2000) que, com a supressão, outras ordens religiosas instalaram seminários e colégios para o recolhimento de órfãos na segunda metade do século XVIII. Alertam, porém, que os filhos de escravas e crianças indígenas não foram alvos privilegiados da intervenção dessas ordens e que,

[...] os colégios indígenas do período imperial resultaram de iniciativas pessoais de seus instituidores, não constituindo uma política social de assistência e educação deste grupo. Foi somente com o advento da República que surgiram em maior número colégios indígenas, porém vinculados a missões religiosas instituídas em áreas indígenas (RIZZINI, 2004, p. 27-28)

Tais colégios surgiram como internatos indígenas, segundo Rizzini (2010), pois os “missionários viam a permanência das crianças em poder dos pais como um fator prejudicial a uma “educação completa” dos pequenos” (p.178). Essa estratégia dos missionários estava alinhada com a visão dominante ultramontana, concluindo que o maior obstáculo para a formação do bom católico era a família, que não dava bons exemplos em casa, negligenciando as crianças abastadas às mãos de preceptores não católicos. A partir desse cotejamento, tornou-se evidente que a educação indígena ficou por muito tempo a cargo das ordens religiosas que se espalharam pela América Latina, sem um projeto pedagógico específico, mas com a intenção de civilizá-los, torná-los úteis para a mão-de-obra e aproximá-los da fé católica.

Voltando-me à carta de Pe. Tovía, na qual relatou ainda muitos episódios em que os pais dos índios e índias não aceitavam que seus filhos participassem das aulas e ficassem junto aos padres e irmãs, é possível observar, como afirmou Rizzini (2004), a resistência dos índios mais velhos:

Algumas semanas atrás, uma jovem indígena veio à escola das Irmãs e pediu para ser admitida como pensionista. As irmãs, contentes com a nova aquisição, a receberam de braços abertos, atribuíram-lhe um lugar entre os companheiros e vestiram-na no estilo da escola. Evidentemente, a garota veio sem o consentimento de seus pais. Por muitos dias a mãe veio à escola, mas a filha, ciente de sua intenção de levá-la embora, recusou-se a vê-la e se escondeu em algum canto remoto da casa. A velha senhora repetiu suas visitas, mas, como não houve nenhuma violência, seus esforços foram confusos. Finalmente, no final de uma de suas expedições indiscretas, sua raiva explodiu em uma torrente. Suspeitando do lugar onde estava a filha, ela gritou no alto de sua voz: “Se você não sair, eu vou sair agora e beber barbasco (um veneno); Vou tirar minha vida e você será a causa disso. A garota, assustada com um expediente tão selvagem, saiu e a mãe a agarrou pelo braço e a arrastou para a floresta. Assim, o diabo triunfou (TOVÍA, *Woodstock Letters*, Volume XXIII, Número 2, 1 de julho de 1894, p. 257).

O jesuíta apontou que a única explicação possível para essa oposição era atribuída “à malícia do espírito maligno que teme perder o domínio que tem sobre as almas desses pobres

selvagens” (Idem). Diversas vezes se referiu ao indígena como selvagem, provavelmente a partir da sua concepção cultural e do seu olhar europeu, que subjugou o outro (índio), afastando-o dos seus costumes e hábitos, pois julgava a Europa uma primazia mundial. Fitzel (1994) apontou que os viajantes descreveram os índios equatorianos de forma generalizada, sem contar com suas especificidades e relações individuais, afinal “os viajantes estavam tentando convencer seus leitores europeus da veracidade de suas narrativas elaborando descrições empíricas de experiências individualizadas” (p.64-65). Araújo e Maeso (2010), num estudo sobre a presença eurocêntrica nos manuais portugueses de história, definiram o eurocentrismo como:

[...] mais do que uma perspectiva [*sic*], é um sistema de representação cuja eficácia ideológica reside mais na despolitização das relações de poder, do que propriamente no desenvolvimento de oposições binárias que essencializam com sucesso o “nós” e o “outro” (p. 244-245).

Na visão desse remetente, os “outros” eram os índios e sua cultura. No entanto, quem seria o “nós”? Saber a quem se destinou essa carta auxiliou a responder à questão e a refletir sobre as redes que se constituíram, inclusive por meio da escrita. Apesar dessa carta escrita pelo Padre Gaspar Tovía ter sido publicada na revista *Woodstock Letters*, ela teve inicialmente outro destinatário: o presidente do Equador, Luis Benjamín Cordero y Crespo<sup>181</sup>.

Diferentemente das missivas até o momento analisadas, essa traz em si uma peculiaridade, a de ter sido remetida à maior autoridade do país. Diante desse fato, confesso ao leitor que li o conteúdo dessa missiva com certa apreensão, pois atentei-me ao seu destinatário, talvez como também tivesse feito o jesuíta ao escrevê-la. Assim, para além do seu conteúdo e inspirada em Antonio Castillo Gómez (2000), busquei compreender tal escrita a partir do seu protocolo, pois “quem [a] escreve faz pensando no outro com quem trava o diálogo” (p.22), e prossegue:

[...] a carta conforma o lugar onde confluem as estratégias do autor/narrador e receptor/leitor, que nem sempre devem entender-se como casais coincidentes, pois o gênero epistolar comporta tanto a distância entre a mão que escreve e a voz que narra como entre o leitor implícito e o destinatário ou destinatários reais (CASTILLO GÓMEZ, 2000, p. 22-23).

A carta publicada não possuía uma saudação particular, no entanto, mencionava “ao presidente do Equador”. Tomando-a em termos protocolares, nada diferia das anteriores. Apenas no final da missiva o padre referiu-se à “sua excelência”, tratamento não usual a quem escrevia a seus pares, e na despedida colocou-se à disposição, indicando subliminarmente estar

---

<sup>181</sup> Político equatoriano filiado ao Partido Progressista. Nascido em Déleg, no dia 6 de abril de 1833, faleceu em Cuenca, no dia 30 de janeiro de 1912. Foi presidente do Equador durante os anos de 1892 a 1895.

sob suas ordens, como capelão dedicado. A epístola, nesse caso, trouxe à análise indícios de que os padres, além de cumprirem a obrigação imposta pela Constituição da Companhia de Jesus de escrever aos seus superiores e de redigir para a publicação da revista, também o faziam para outras pessoas, inclusive autoridades, manifestando suas impressões. Padre Tovía teria enviado, em 1885, segundo Esvertit Cobes (2006), um relatório ao Diretor Geral de Instrução Pública, sobre as escolas de Archidona e Tena. Tal relatório possivelmente foi um dos primeiros, visto que o Ministério da Educação fora criado em 1884.

Padre Gaspar Tovía, espanhol nascido em Sevilha no dia 06 de janeiro de 1839, ingressou na Companhia de Jesus em 05 de julho de 1871, em Poyanne (França), tendo professado seus votos em Archidona, em 1882. Foi enviado para a América do Sul em 1874, onde passou cerca de vinte anos, até seu falecimento na cidade de Gauyaquil. Exerceu diversas funções na Missão do Napo, tais como professor de teologia na Casa de Probación de Pifo, durante os anos de 1877 e 1878, operador na Residência de Cuenca (1879), missionário em Archidona (1874-1876) e Puerto Napo (1878). Foram três anos, de 1880 até 1883, como Vigário Apostólico do Napo e Superior da missão com sede em Archidona. Nessa década incentivou e auxiliou as religiosas do Bom Pastor, que fundaram uma escola para crianças em 1885. Como havia um hiato de aproximadamente dez anos na sua biografia exposta no *Dicionário da Companhia de Jesus*<sup>182</sup>, recorri aos catálogos da missão a fim de saber sobre sua trajetória religiosa.

O *Catálogo da Província de Toledo*<sup>183</sup> permitiu observar que, no intervalo de 1886 até 1894, Pe. Tovía permaneceu como Vigário Apostólico e Superior da Missão, cargo hierarquicamente mais elevado na Missão. Foi nesse período, inclusive, que escreveu a várias autoridades. Ainda ocupava a função mais elevada da Missão quando também se tornou pároco de Tena, e ainda Superior da Missão (1893 – 1895). Esvertit Cobes (2006), sem citar como isso ocorreu, destacou que o jesuíta se comunicou com o presidente Antonio Flores:

[...] no final de 1890, o vigário apostólico Gaspar Tovía desceu o Napo até a foz do Curaray, onde ele notou a importância que tinha nesta área a atividade da borracha. Após essa constatação, informou ao governo equatoriano sobre o fato já conhecido de que os seringueiros peruanos atravessavam sistematicamente os afluentes do norte do Amazonas, onde não apenas extraíam grandes quantidades de borracha sem pagar nenhum imposto, como também capturavam os indígenas, que eram vendidos como mão de obra borracheira em toda a Amazônia (ESVERTIT COBES, 2006, p. 367).

<sup>182</sup> Cf. O'NEILL, Charles E. (S.I.), DOMÍNGUEZ, Joaquín M<sup>a</sup>. (S.I.). *Diccionario histórico de la Compañía de Jesús: Biográfico-temático IV*. Roma: Institutum Historium. Madrid: Universidad Pontífica Comillas. 2001.

<sup>183</sup> Foi possível consultar o Catálogo a partir do ano de 1886, ano que está disponível para consulta em <http://www.sjweb.info/arsi/documents/lowquality.pdf>

Em resposta, por carta, ao Pe. Gaspar Tovía, o presidente confirmou a aliança entre o governo e os missionários. Segundo a autora: “além disso, como a administração equatoriana é praticamente inexistente em grandes áreas do Oriente, os jesuítas atuaram como representantes do governo do Equador” (Idem), o que certamente não agradou o governo liberal, liderado por Eloy Alfaro, posto que, em 1896, os jesuítas foram expulsos da missão de Napo. Pe. Tovía transferiu-se para Quito, onde foi operador no Colégio San Gabriel (1896-1897), vice-reitor (1898-1903) e reitor (1903-1905) do Colégio S. Calixto da Paz (Bolívia) e ministro (1906-1915) da Residência de San Pedro de Lima (Peru).

Possivelmente, o longo período neste continente tenha permitido a tessitura de rede de sociabilidade, que possibilitou circular e dialogar com autoridades, a ponto de a educação ser posta na mão dos religiosos. Mas a história mudaria. O contexto da carta de Pe. Tovía retratou anos que precederam a expulsão dos jesuítas, em consequência da tomada do poder por Alfaro, precursor da Revolução Liberal equatoriana, que conquistou, entre outras medidas, a separação entre Igreja e Estado.

Perscrutar as redes de sociabilidade constituídas e mantidas entre jesuítas e as autoridades locais revelou a visão que tinham da América do Sul como um lugar “longe do Mundo” – conforme escrito por padre Salazar. Porém, em tom resignado, alertou sobre vantagens: “então veja, você desfruta de grandes vantagens; e estando longe do mundo, podemos nos aplicar mais facilmente ao estudo da virtude e da ciência (SALAZAR, *Woodstock Letters*, Volume XVI, Número 3, 1 de novembro de 1887, p. 284).

As impressões deixadas por meio das cartas publicadas na *Woodstock Letters* por esses jesuítas que aportaram na América do Sul fomentaram algumas questões a respeito do que se escreveu sobre o Brasil. Sabedora de que a maioria das missivas enviadas deste país foi escrita por Pe Galanti, um dos padres estrangeiros que viajaram para este continente, surgiram algumas indagações: quais impressões tinha/escreveu sobre o Brasil? Qual a sua visão sobre a educação brasileira?

#### 4 “CORRESPONDENTE FIEL NO BRASIL”: OLHARES SOBRE A EDUCAÇÃO

[...] ao lado de impressos como: manuais, catecismos, jornais e revistas católicas, as cartas servem para suscitar a exortação à fé, a perseverança no catolicismo e a exaltação das virtudes. Além dos epistolários deixados por muitos Santos, as autoridades da Igreja: Papa, Cardeais e Bispos mantêm o costume de escrever Encíclicas, Cartas Apostólicas e Cartas Pastorais para instruir os fiéis

*Dantas e Pavilus, 2016, p. 114*

Os jesuítas utilizaram as cartas como meio privilegiado de comunicação. No entanto, não se tratava de uma prática apenas da Companhia de Jesus, visto que a história do cristianismo é marcada pela escrita epistolar<sup>184</sup>, como a dos Santos e Santas e dos Apóstolos, que, segundo Dantas (2014), assumiram dimensões “instrutivas, catequéticas e evangelizadoras [...] estratégia pedagógica de doutrinação e evangelização” (p. 22).

As Cartas Anuais, escritas pelos jesuítas<sup>185</sup>, fizeram parte dos muitos suportes escritos elaborados pela Companhia de Jesus, tais como necrológios, crônicas, biografias e memórias, para além da obrigação das Constituições da Ordem. Essas cartas “cumpre[m] então a determinação do envio de relatórios, aplicando os dois gêneros de carta definidos na tradição da preceptiva epistolar: negociais (oficiais, com matéria argumentativa séria) e familiar (“particular”, breves e claras)” (CERELLO, 2008, p. 255) e tratavam, portanto, de um registro “descritivo-narrativo do ambiente natural e dos homens (índios, brancos e negros), que eram objecto de (re)cristianização [e] converteu-se em obrigação [...] para todos os agentes da “Companhia”” (SANTOS, 2015, p.109). Inicialmente eram enviadas por quadrimestres, mas depois passaram a ter periodicidade anual. Hansen (2003) apontou que essas cartas sofriam

<sup>184</sup> A Bíblia é dividida em duas partes, Antigo e Novo Testamentos, este último composto por 27 livros, dos quais 21 são cartas: 7 cartas paulinas, 7 deutoropaulinas e 7 ditas católicas (DANTAS, 2014, p. 22).

<sup>185</sup> As Cartas Anuais são temas de pesquisas que estudam os jesuítas nas missões no período Colonial, como SERAFIM LEITE, S. J. *Cartas dos primeiros jesuítas do Brasil*. São Paulo: Comissão do IV Centenário, 1954, v. 1; HANSEN, João Adolfo. *O Nu e a Luz: cartas jesuíticas do Brasil. Nóbrega, 1549-1558*. In: Revista do Instituto de Estudos Brasileiros. n.º 38. São Paulo: IEB-USP, 1995, PÉCORA, Alcir. *Máquina de gêneros*. São Paulo: Edusp, 2001; FRANZEN, Beatriz Vasconcelos. *As missões populares na Carta Anua de 1735/43, da Província Jesuítica do Paraguai*; FLECK, Eliane Cristina Deckmann y STEIN, Tarcila Nienow. *Feliz por morrer entre os índios e longe dos remédios humanos*. Um estudo sobre as causas de mortes de jesuítas nas Cartas Anuais da Província Jesuítica do Paraguai no século XVII. IHS. Antigos jesuítas em Iberoamérica vol. 1 n.º 1, 2013; SANTOS, João Marinho dos. *A escrita e as suas funções na missão jesuítica do Brasil quinhentista História (São Paulo)* v.34, n.1, p. 109-127, jan./jun. 2015

censuras antes mesmo de serem lidas internamente e, em seguida, eram editadas e publicadas em coletâneas para a leitura de leigos.

Outras missivas destinadas aos leigos foram as Cartas Pastorais<sup>186</sup>, que podem ser coletivas ou individuais e fazem referência às Cartas de São Paulo e outros Apóstolos que compõem o Novo Testamento da Bíblia. O objetivo das “cartas pastorais é orientar, exortar e admoestar [...] as comunidades, tendo em vista os seus problemas e/ou necessidades” (ARAÚJO, 2007, p. 102). Segundo Barcellar (2008), tais epístolas escritas por um bispo trazem

[...] a opinião do próprio autor, mas profundamente inserido em um panorama ideológico da Igreja daquele momento e daquele local. A interação do bispo com sua comunidade, e com os outros membros do clero, dará um tom muito específico a essa carta, e deve ser considerada [...] (p.62).

Conforme acentua Freitas (2000), as Cartas Pastorais dirigidas à população “eram escritas pelos membros do episcopado cuja autoridade intelectual e política em alguns centros era incontestável” (p. 60). O autor ressaltou ainda três singularidades desse tipo de escrita, a primeira é da “epistolografia sem resposta” e indica que são produções que tornam verificável que “um texto só existe se houver leitor para lhe dar significado” (FREITAS, 2000, p.16). Tal “empreendimento que arrisca não (ob)ter sentido”, pode nunca se deparar com um leitor, logo não ter uma significação; enfim, foram “escritas para serem lidas em público”, onde o indivíduo seria mais um ouvinte que um leitor e essa prioridade em ouvir aproximava as “Cartas Pastorais da forma retórica dos Sermões” (FREITAS, 2000, p.62). O autor lembra que o Bispo Dom Macedo Costa foi um escritor de cartas pastorais, abordando, entre outros temas tão relevantes ao discurso católico, os deveres da família e os dogmas católicos.

As cartas edificantes, analisadas neste estudo, como o nome indica, tinham função de informar e edificar os leitores, neste caso os jesuítas, sobre os eventos ocorridos nas missões, reforçando, assim, seus laços e recrutar admiradores e vocacionados (SOUSA, 2015, p.3). Utilizar essas cartas como fontes requer que se considere sua condicionalidade, pois, ao serem

---

<sup>186</sup> Os estudos das cartas pastorais têm se concentrado em períodos após a Proclamação da República: FREITAS, M. C. Por quem os sinos doam? As cartas pastorais e a contribuição da história da educação à história das mentalidades. In: Maria Helena Camara Bastos; Maria Teresa Santos Cunha; Ana Chrystina Venancio Mignot. (Org.). *Destino das letras: história, educação e escrita epistolar*. 1ed. Passo Fundo RS: Editora da Universidade de Passo Fundo, 2002; LONDOÑO, Fernando Torres. Sob a autoridade do pastor e a sujeição da escrita: os bispos do Sudeste do Brasil do século XVIII na documentação pastoral. In: História: questões & debates. Curitiba, n. 36, p. 161-188, 2002; REIS, Edilberto Cavalcante. *Visitas e cartas pastorais: a construção de um projeto eclesial*. Anais do III Encontro nacional do GT história das religiões e das religiosidades – ANPUH – Questões teórico metodológicas no estudo das religiões e religiosidades. IN: Revista Brasileira de História das Religiões. Maringá (PR) v. III, n. 9, jan. 2011; PEREIRA, Antonio Nunes. *A busca de reafirmação da hegemonia católica: as cartas pastorais como veículo midiático na constituição de um projeto focado na educação durante a república velha brasileira*. Congresso Internacional da Faculdades EST, 2., São Leopoldo, 2014. Disponível <http://anais.est.edu.br/index.php/congresso/article/viewFile/230/202>

escritas, sofrem interferências e censuras; bem como sua intencionalidade, visto que nascem para ir a público (RODRIGUES, 2010; TORRES LONDONO, 2002; BERTRAND, 1985; MEIHY, 1975; SOUSA, 2015). Elas se constituem em fontes de informação e edificação, pois, a partir delas, é possível inferir “suas visões e relatos de vivências nas diversas esferas da vida social” (Idem, p.2). As missivas escritas e publicadas na *Woodstock Letters* relataram, informaram, denunciaram e reivindicaram, mas, principalmente, edificaram, posto que a “edificação, assim, ganha nesse contexto, um traço de modernidade, onde através da escrita se colocava em evidência o real, além de uma releitura à luz da experiência de cristianização” (Torres Londoño, 2010: 21).

#### 4.1 Padres estrangeiros escrevem sobre/do Brasil

A escrita de cartas estabelecida pelas Constituições foi relevante devido ao espraiamento dos jesuítas pelo mundo, que também compunha a formação e o sacerdócio da Companhia de Jesus. Por outro lado, as cartas publicadas em *Woodstock Letters* foram um chamamento de jesuítas do Maryland College para instituir tal periódico. Sem a obrigatoriedade, mas seguindo certas condições e intenções, os padres puderam escrever sobre temas variados que sempre diziam respeito à Ordem, mas, principalmente, dos trabalhos desenvolvidos por eles. Outra perspectiva foi que a escrita fizera firmar suas identidades diante do novo. As cartas podem ter sido estratégia para que não fossem esquecidos em terras longínquas. Como se pode observar na tabela, foram quatro os padres remetentes identificados, totalizando 31 cartas publicadas, enquanto apenas três publicações não possuem a assinatura do missivista. Padre Raphael Maria Galanti foi o correspondente que escreveu com mais frequência e por mais tempo. A seu respeito falarei a seguir.

Tabela 10 – Padres correspondentes no Brasil

Padre	Período	Número de cartas
Antonio Onorati	1873	2
Raphael M. Galanti	1880 – 1913	25
Jacques Razzini	1889	2
José Guidi	1903 – 1904	2
Sem assinatura	1905 – 1910	3

Fonte: Elaborada pela autora, a partir da *Woodstock Letters*

O primeiro padre radicado no Brasil a ter cartas publicadas na revista foi o italiano Antonio Onorati<sup>187</sup>, no ano de 1873. Ele se destacou na Companhia, pois teve passagem nos

<sup>187</sup> Segundo informações do *Catálogo da Missão*, o jesuíta nasceu em 12 de maio de 1829, ingressou na Companhia em 13 de setembro de 1844 e professou seus votos no dia 2 de fevereiro de 1863.

colégios de Santa Catarina, Pernambuco e São Paulo, tendo sido um dos seus fundadores e primeiro reitor do colégio na última cidade. Pe. Galanti o descreveu em uma de suas cartas como um perfeito jesuíta, “era um Padre professo, muito instruído e competente para ocupar qualquer cargo; e melhor ainda, era virtuoso, zeloso, humilde, obediente” (GALANTI, *Woodstock Letters*, Volume XI, Número 3, 1 de setembro de 1882, p.300).

O Brasil foi apresentado (e representado) pelas mãos de Pe. Onorati, que escreveu, no dia 3 de junho de 1872, da Missão de Fortaleza, relatando suas experiências entre os meses de abril e maio:

Após conferências em Fortaleza durante todo o mês de abril, fui solicitado pelo bispo a realizar os exercícios de maio. Logo aprendi que as devoções daquele mês eram muito populares aqui, pois não apenas aconteciam nas Igrejas, mas também com muito fervor, mesmo nas famílias [...] mas o vigário geral insistiu que o povo confiasse em mim para pregar, que os cantores estavam prontos, que nossos medos eram exagerados e que seria uma pena decepcionar a congregação [...] como fui forçado a aguardar a chegada de um barco a vapor, iniciei as instruções. Desde o primeiro dia a Igreja estava lotada, a maioria da congregação era composta por homens, e isso também, enquanto exercícios semelhantes aconteciam nas outras igrejas, colégios e instituições religiosas [...] O mês de Maria produziu grandes frutos entre os maçons, eu ouvi as confissões de muitos, alguns dos quais eram de alto nível, como ficou claro nos diplomas que me entregaram. Um dos jornais, uma folha muito ímpia, continha longos artigos ridicularizando aqueles que haviam sido pegos nas redes jesuítas. Não devo deixar passar um fato edificante nesse sentido (ONORATI, *Woodstock Letters*, Volume II, Número 3, 1 de setembro de 1873, p. 212 -218).

Pe. Onorati espantou-se com a devoção do povo, achava rara a religiosidade das pessoas daquela missão e pregou “a fim de obter para o povo a virtude da pureza, tão difícil neste país.” (Idem). Admirou-se com a igreja lotada para assistir sua pregação e, apesar de não se ter localizado nenhum outro documento relacionado a essas conferências, informou sobre os seus frequentadores. Não se tratava apenas dos devotos do mês mariano, lá havia muitos maçons que, possivelmente, também eram católicos.

O fato é edificante, como o próprio remetente destacou, não somente porque o povo cearense lotou igrejas e procissões, mas porque muitos membros da Maçonaria, inclusive de alto grau, segundo Pe. Onorati, se confessaram, entregando-lhe os seus diplomas de maçons, e se converteram. A escrita sobre essa missão e angariação de novos adeptos ao catolicismo também foi relevante, visto que seria capaz de inspirar novas histórias.

Outro padre que teve sua carta publicada foi Jacques Razzini, padre visitador da Missão<sup>188</sup>, em duas edições seguidas, sob o título de “Os jesuítas no Brasil, 1848-1865”.

Os jesuítas haviam sido expulsos do Brasil em 1760 pelas injustas artimanhas de Pombal. Demorou até o ano de 1840 para que eles pisassem novamente naquele país. Os primeiros a reaparecer foram alguns padres da província de Aragão, que

---

<sup>188</sup> O padre visitador tinha a função de verificar e coordenar os padres nas missões.

desembarcaram na costa da província de Santa Catarina e se estabeleceram em Desterro, capital da província. Aqui, foram abertas escolas dominicais para crianças, e as missões tiveram tanto sucesso que os cidadãos solicitaram aos padres que abrissem um seminário em sua cidade. Um seminário foi construído lá e seguiu florescendo até 1856, quando os padres o abandonaram. Eles então deixaram a província de Santa Catarina e se retiraram para as posses espanholas, onde a província de Aragão tinha seminários e residências. No entanto, três padres ficaram no Brasil com o propósito de abrir uma residência na província do Rio Grande do Sul. Em 1848, alguns padres alemães também se estabeleceram entre os alemães que formaram uma colônia chamada São Leopoldo [...]. (RAZZINI, *Woodstock Letters*, Volume XVIII, Número 2, 1 de junho de 1889, p. 171)

O visitante fala de si mesmo na terceira pessoa, tomando um papel de alguém que apenas narra e observa. Porém, no prosseguimento da carta, deu mostras de que não estava no Brasil apenas para verificar, pois lutou junto às autoridades pela abertura do colégio no sul. No entanto, sua missiva, além de informativa, é edificante, no sentido de que, ao resgatar a história de supressão dos padres jesuítas, os vê retornarem a esses locais e obterem pedidos para a abertura de colégios.

Os trechos acima citados foram de padres que tiveram suas cartas publicadas em sua totalidade. Padre José Guidi, no entanto, teve apenas publicações de trechos interessantes das suas cartas enviadas, no que ficou conhecido como seção “Varia”:

BRASIL.- Nosso seminário de Itu reabriu em março passado com 350 pensionistas, e o Colégio Anchieta, em Nova Friburgo, na mesma época, com 180. Ambos os seminários eram muito elogiados e estimados, e teriam mais alunos se tivéssemos mais padres e professores. Padre Galanti já publicou o terceiro volume de sua História do Brasil e tem o quarto e o quinto prontos. O Rio de Janeiro tem uma residência com quatro padres e um irmão. Há a probabilidade de nossos padres abrirem em breve, naquela grande e importante cidade, um seminário para estudantes externos (*Woodstock Letters*, Volume XXXII, Número 1, 1 de setembro de 1903, p. 138).

No extrato pontuaram-se informações diretas a respeito dos colégios e do número de alunos, mas, provavelmente, essa missiva continha mais informações e ao ser publicada passou pela censura de seu editor. De qualquer forma, a revista e os documentos a ela relacionados não deixam claros os critérios estabelecidos para a censura. Vale ressaltar o que Mignot (2018) pontuou sobre a distância entre a escrita da carta e sua publicação:

Sinaliza ainda para o fato de que as cartas publicadas resultavam “de uma série de filtros que envolvem a seleção do que é ou não é publicado, [o que] acaba por transformar o seu conteúdo em uma representação do real. As questões que aparecem nas cartas dos leitores resultam de um mundo que nos chega editado” (VAZ, 2000 p. 2 apud Mignot, 2018, p. 11).

Ainda sobre cartas enviadas, Mignot (2018) esclarece que, “aliás, muitas cartas enviadas pelos leitores [e correspondentes] certamente não foram publicadas. Algumas, por falta de espaço”. No caso da revista, isso acontecia também quando julgavam o assunto repetido. Um

exemplo pode ser percebido quando foi publicado um trecho da carta de Pe. Galanti na seção “Varia”, informando sobre os colégios da Companhia e sobre o progresso do país, tais como o correio, a ferrovia, a segurança e o respeito à propriedade, e completava “o progresso sem dúvida é maravilhoso” (GALANTI, *Woodstock Letters*, Volume XXII, Número 1, 1 de setembro de 1893, p. 316). Ao final da publicação desse extrato é possível ler o seguinte: “Pe. Galanti escreve novamente, sob a data de 14 de janeiro: as coisas ainda estão no mesmo estado” (Idem), o que mostrava que nem todas as cartas eram publicadas, nem mesmo trechos delas.

O Brasil foi porto para muitos viajantes, alguns deles apenas de passagem, outros se demoraram um pouco mais e houve aqueles que, como o Padre Galanti, permaneceram por muitos anos. Sem dúvida os relatórios, diários, cartas e outros documentos produzidos por eles são fontes para a história da educação. O jesuíta estivera no Brasil pela primeira vez em 1866, ainda como parte da sua formação religiosa. Foi professor de gramática, história, geografia e aritmética no Colégio do Desterro e voltou em 1870 para o Colégio Romano. Somente quando tomou o vapor *Liverpool*, cujo destino era o Brasil, Padre Galanti chegou, em 13 de novembro de 1874, conforme noticiou o *Jornal do Commercio*, na coluna “Movimento do porto”, do dia seguinte à sua chegada. Em terras brasileiras permaneceu até o seu falecimento, foi um viajante que nunca retornou, mas sempre esteve em trânsito e fez registros da sua travessia.

Tabela 11: Cartas enviada por Pe. Galanti

Local	Datas	Seção
Pará	14/2/1880	Carta
Pará	6/4/1880	Carta
Itu / Pará	22/1/1881	Carta
Itu	04/04/1882	Carta
Itu	28/5/1882	Carta
Itu	15/10/1882	Carta
Itu	01/12/1883	Carta
Itu	15/7/1886	Carta
Itu	10/11/1886	Carta
Itu	29/8/1889	Carta
Itu	21/7/1889	Carta / Varia
Itu	19/2/1891	Carta
Itu	6/4/1891	Carta
Itu	26/7/1891	Carta
Itu	1892	Consulta
Itu	1893	Carta
Itu	13/11/1893	Carta
Itu	14/12/1894	Reconhecimento
Itu	1897	Reconhecimento
Itu	30/1/1900	Varia
Itu	1902	Varia
Itu	1903	Varia
Itu	1905	Carta
Nova Friburgo	1910	Varia

Fonte: Woodstock Letters

Dentre as cartas escritas pelo Padre Galanti publicadas na revista, destaco a segunda, datada em 6 de abril de 1880 e que me serviu de abertura do presente estudo, onde falou sobre sua intenção de escrever uma série de cartas sobre a religião no Império brasileiro. Ao lê-las, porém, as percebi atravessadas por diversos temas, como a política, os hábitos e a cultura de uma sociedade, por queixas e anseios e pelo seu olhar sobre o Brasil, traduzindo sua preocupação com a questão educacional.

Apesar de este estudo ter muitas vezes já mencionado as cartas de Galanti, fio condutor desta pesquisa, este capítulo dedicou-se a uma análise mais profunda das missivas do padre publicadas na *Woodstock Letters*.

Tais cartas foram escritas durante um longo período. A primeira localizada foi remetida do Pará e publicada em 14 de fevereiro de 1880, e a última, em 16 de novembro de 1910, veiculada nas páginas da revista em 1911. Durante trinta anos Pe. Galanti foi o correspondente – apesar de não ter sido o único – entre o Brasil e os Estados Unidos, e também um desses muitos viajantes que, como afirmou Leite (1997), “observaram, descreveram e classificaram o mundo social, refletindo, por comparação, sobre a vida cotidiana do grupo visitado, tomando a consciência das dificuldades para a compreensão desse grupo” (p. 15). Inspirada na afirmação da autora, refleti sobre os anseios de Galanti.

#### 4.2 De estrangeiro a “brasileiro de coração”

[...] Nós dois chegamos ao Pará no início de junho de 1878 e encontramos o Bispo prestes a começar sua visita pastoral. Aproveitamos para acompanhar Sua Senhoria e fomos a Manaus, capital da Província do Amazonas. Dali, prosseguimos para visitar o rio Madeira, indo até a fronteira com a Bolívia. Lá, entendi por que a Divina Providência me guiara a este lugar; pois encontramos nesse distrito remoto cerca de oitocentos ou novecentos americanos da Filadélfia, que estavam envolvidos na construção de uma ferrovia para evitar as cachoeiras e corredeiras dos rios Madeira e Mamoré, com o objetivo ulterior de promover o estabelecimento de navegação a vapor no rio Mamoré, na Bolívia.[...] Eles eram em sua maioria católicos, mas não tinham nenhum padre e muitos deles estavam doentes e alguns morrendo. Foi muito consolador para esses pobres americanos me ver, pois eu era o único da Companhia que sabia falar inglês; e espero que

eu tenha enviado ao Paraíso alguns deles, que morreram em poucos dias. Obtive permissão para ficar entre eles por apenas três dias, mas nesse curto tempo, ouvi umas duzentas confissões, dei a Santa Comunhão aos doentes e preguei duas ou três vezes. Eles ficaram bem pesarosos com minha partida, e imploraram para que eu os visitasse novamente assim que possível. Mas isto não poderia ser feito, pois essa viagem leva um mês de barco a vapor do Pará até aquele local ermo, a um custo de cem dólares para cada sentido. Isto lhe dará uma ideia da vasta extensão desta diocese [...]

*GALANTI, Woodstock Letters, Volume IX, Número 2, 1 de maio de 1880, p. 107*

Padre Galanti narrou sua chegada ao Pará, juntamente com o Pe. Tuveri, também italiano, no início de junho de 1878. O convite foi feito por Dom Antônio de Macedo Costa, Bispo do Pará, em 1877, para dirigirem o Seminário Diocesano. O primeiro jesuíta que chegou no Norte do Brasil era igualmente italiano, Pe. Aureli. A primeira carta publicada, diferentemente daquelas dos padres que chegaram à América do Sul, não mencionou as belezas da terra ou mesmo qualquer encantamento. Ela anunciava a conversão de protestantes. Como confessor, o padre deu o último sacramento, a extrema-unção, e, ainda, segundo ele, os trabalhadores foram abandonados à própria sorte, com a falência da empresa para a qual trabalhavam, a Madeira–Mamoré Railway Co., um empreendimento dos irmãos americanos Philips e Thomas Collins.

O Bispo do Pará, como ficou conhecido Dom Antônio Macedo da Costa, nascido em 7 de agosto de 1830, teve sólida formação religiosa. Ingressou em 1848 no Seminário Santa Tereza, em Salvador. Prosseguiu os estudos na França, nos Seminários São Celestino e São Suplício, ordenou-se no dia 19 de dezembro de 1857, em Paris. Já como sacerdote, matriculou-se no Liceu Pontifício São Apolinário, em Roma, onde obteve o título de Doutor em Direito Canônico. Padre Galanti (1911), em seu livro *Biographias de Brasileiros Ilustres*, dedicou uma página ao Bispo do Pará, que brilhou “[...] no Concílio Vaticano por seu zelo em sustentar os bons princípios do Catholicismo [...]” (p.312). Retornou ao Brasil em 1859 e foi admitido no magistério, no Ginásio Baiano, dirigido por Abílio César Borges, o Barão de Macaúbas. Teve a indicação de Dom Pedro II para Bispo do Pará confirmada pela Santa Sé. Tornou-se responsável, então, por uma vastíssima região.

O Bispo do Pará e Dom Vital<sup>189</sup>, o Bispo de Olinda, foram protagonistas envolvidos na Questão religiosa<sup>190</sup>, movimento que incluiu a Igreja Católica, o Império e a Maçonaria. Sobre os bispos, o Pe. Galanti afirmou – mesmo sem citar seus nomes, porém referindo-se à luta entre governo e os bispos - que eram “sérios em seus esforços para formar um clero virtuoso e instruído” (GALANTI, *Woodstock Letters*, Volume IX, Número 3, 1 de setembro de 1880, p. 187). O jesuíta afirmou em seu livro, sem mencionar a influência ou a participação da Maçonaria, que o movimento teria sido “um lastimoso conflito entre a autoridade civil e a eclesiástica” (GALANTI, 1913, p. 88).

A Constituição de 1824 instituiu a relação oficial entre Igreja e Estado, que atendeu aos interesses de ambos, como o padroado e o privilégio da indicação de cargos eclesiásticos. Azzi (1992) demonstrou a relação de poderes dos dois, afirmando que a Igreja Católica buscou uma maior centralidade durante o Império, fazendo críticas às políticas liberais e à Maçonaria, da qual muitos clérigos faziam parte. Em Roma, Pio IX promulgou a bula papal *Syllabus*, em 1864, realizou o Concílio Vaticano I, entre 1869-1870, e, com ideais antimacônicos e antiliberais, postulou a infalibilidade do Papa, dando-lhe mais força e autoridade. No entanto, no Brasil, o Beneplácito Imperial<sup>191</sup> proibia o cumprimento de bulas papais sem a prévia aprovação do governo imperial. Em Roma, em 1869, Pio IX “promulgou a encíclica *Apostolicae sedis moderationi* com objetivo de reformar e simplificar o antigo Direito Canônico em suas cláusulas que abordavam a censura e ditavam as penalidades que deveriam ser aplicadas aos fiéis infratores das normas estabelecida pela sua doutrina” (MONNERAT, 2009, p. 64).

Considerando o Código Penal Eclesiástico, Dom Pedro Maria Lacerda suspendeu o Padre José Luís Almeida Martins que, em abril de 1872, havia proferido um discurso em homenagem a José Maria da Silva Paranhos, o Visconde do Rio Branco, o Grão-Mestre da Maçonaria, em comemoração à Lei do Ventre Livre, ocorrida no dia 28 de setembro de 1871.

---

<sup>189</sup> Vital Maria Gonçalves de Oliveira nasceu em 27 de novembro de 1844, no Engenho Aurora, Pedras de Fogo, freguesia de Itambé, Pernambuco, divisa com a Paraíba. Ordenou-se em 1868, em Toulouse, onde concluiu seus estudos sacerdotais na Ordem dos Frades Menores Capuchinhos, que é uma ordem religiosa da família franciscana. Regressou nesse mesmo ano, ensinou Teologia no Seminário de São Paulo, mesma cidade em que foi Capelão no Colégio São Patrocínio. Em 1871 foi indicado por D. Pedro II para ser o Bispo de Olinda e com apenas 27 anos, em maio de 1872 assumiu a sua Diocese, iniciando uma campanha contra a maçonaria.

Cf. [http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/index.php?option=com\\_content&view=article&id=242&Itemid=183](http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/index.php?option=com_content&view=article&id=242&Itemid=183) Acesso em 25/12/2019 e GALANTI, 1911, p. 326.

<sup>190</sup> Antônio Carlos Villaça destacou esse movimento como relevante, em meio a tantos outros, na relação entre o governo e o clero. Para o autor, foi também um dos pilares para a ruína do período monárquico brasileiro. Cf. VILLAÇA, Antônio Carlos. História da questão religiosa no Brasil. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1974.

<sup>191</sup> Com a intenção de valorizar o poder civil sobre o eclesiástico, para manter a autoridade do Rei, Portugal se valeu do Beneplácito Real, no Brasil, Beneplácito Imperia, que, segundo Ítalo Domingos Santirocchi (2010), “era o direito de aceitar ou não, no próprio território, as bulas, breves, encíclicas e as leis canônicas e disciplinares promulgadas pelos Papas e até mesmo pelos Concílios Ecumênicos” (p. 51).

Com tal atitude, os maçons se viram envolvidos no discurso ultramontano<sup>192</sup>, em assembleia geral, no dia 16 de abril, e “decidiram empreender uma grande campanha na imprensa em defesa da Maçonaria e convidar todos os maçons do Brasil a se unirem em favor da sua associação” (MONNERAT, 2009, p. 65). Em *Breve História do Brasil*, Padre Galanti (1913) afirmou que “poucos dias depois apareceram dois jornais novos, a saber: *A Família Universal* e *A Verdade*. Ambos traziam no frontespício: Orgão da Maçonaria, e ambos começaram desde o princípio a insultar quanto ha de mais venerável e mais santo na religião christã” (p.88). O jesuíta, em uma de suas cartas, queixou-se dos maçons, referindo-se a esse grupo como perseguidor da Igreja Católica e dos jesuítas. E em tom de preocupação finalizou sua missiva de 06 de abril de 1880 com um alerta: “a não ser que Deus nos ajude de maneira especial, corre o risco de que o Brasil cesse em breve de ser um país católico” (GALANTI, 1880...). A defesa da Igreja Católica não tardou, utilizando-se também da imprensa como sua porta-voz, como foi o caso do *O Apóstolo*. Na concepção de Marta Abreu (1994),

[...] o combate dos católicos reformadores no Rio de Janeiro às irmandades pode ser acompanhado através do jornal *O Apóstolo* em seus diversos artigos e editoriais, principalmente a partir de 1873, após o acirramento do conflito entre a autoridade dos bispos brasileiros, a maçonaria e o governo imperial [...] A principal estratégia usada pelo jornal foi a publicação de severas críticas às irmandades (ABREU, 1994, p. 197)

Segundo Gomes (2018), esse impresso era o “maior veículo de comunicação estruturado por tal segmento do catolicismo no Brasil do século XIX” (p. 20-21) e, ainda que não tenha apresentado uma seção específica voltada para a educação, como indicou seu estudo, trazia em suas páginas um projeto de educação católica, o que indicava a indissociabilidade entre o ensino e a religião, o que vai ao encontro dos escritos de D. Macedo da Costa. Para Riolando Azzi (1980), “na mente do prelado, a obrigatoriedade do ensino religioso, bem como a obrigatoriedade da prática da fé católica, constitue os dois bastiões para a preservação dos valores morais na sociedade” (p.120). Nesse sentido, o projeto de educação de Dom Macedo da Costa era civilizar o povo da Amazônia. Para tanto, era necessário

elevar o nível intelectual e moral do seu povo. Para ele, investir na instrução e educação moral seria investir no desenvolvimento da própria economia. E isso era

---

<sup>192</sup> Para Santirocchi (2010), o ultramontanismo, no século XIX, “se caracterizou por uma série de atitudes da Igreja Católica, num movimento de reação a algumas correntes teológicas e eclesiais, ao regalismo dos estados católicos, às novas tendências políticas desenvolvidas após a Revolução Francesa e à secularização da sociedade moderna. Pode-se resumi-lo nos seguintes pontos: o fortalecimento da autoridade pontifícia sobre as igrejas locais; a reafirmação da escolástica; o restabelecimento da Companhia de Jesus (1814); a definição dos “perigos” que assolavam a Igreja (galicanismo, jansenismo, regalismo, todos os tipos de liberalismo, protestantismo, maçonaria, deísmo, racionalismo, socialismo, casamento civil, liberdade de imprensa e outras mais), culminando na condenação destes por meio da Encíclica *Quanta cura* e do “Sílabo dos Erros”, anexo à mesma, publicados em 1864” (p.24).

uma questão política, social e de humanidade, pois o baixo nível intelectual e moral do povo seria um grave problema que impedia não só o avanço da civilização, mas também do cristianismo (COSTA e FRANÇA, 2015, p. 75).

Assim, incentivou a criação de escolas, como o Instituto de Artes e Ofícios da Providência, para educar meninos pobres, e o Asilo Santo Antônio, para meninas desvalidas e abastadas, onde centrou suas forças, pois considerou “que por meio delas se chegaria à regeneração social pela forte influência da mulher dentro do lar doméstico” (COSTA e FRANÇA, 2015, p. 83). Reformou o Seminário Diocesano, o mesmo que anos mais tarde teria a participação dos jesuítas, um Maior, dedicado à formação de novos padres e outro, Menor, voltado para os estudos das humanidades.

No entanto, o embate entre Igreja, Estado e Maçonaria prosseguiu. Dom Macedo Costa e Dom Vital continuaram com a “campanha contra a maçonaria, impondo restrições às confrarias, cujos membros foram convidados a abandonar a maçonaria, ficando suspensos os que não o fizessem” (ANDRADE, 2009, s/p). Em 14 de maio de 1873 aconteceu o incidente mais grave. O motivo foi a suspensão do Reverendo Joaquim Francisco de Faria, que já havia sido advertido por Dom Vital. Em solidariedade ao padre, organizou-se uma manifestação que se dirigiu ao Colégio São Francisco Xavier, dos jesuítas, em Recife, cuja capela estava repleta de fiéis que rezavam pelo mês mariano.

[...]a turba encolerizada invadiu a igreja quebrando os púlpitos, confessionários, painéis, quadros e até imagens, enquanto os padres que reagiam eram espancados, vindo um deles, o padre Virgili, que na ocasião já se encontrava doente, a falecer vítima da violência da agressão. Da capela seguiu para as tipografias do jornalzinho “O Católico” e do jornal “A União”, empastelando-os e destruindo tudo: tipos, livros, coleções, máquinas, biblioteca, etc. Não satisfeita ainda rumou para os colégios das Irmãs de Santa Doroteia e para o próprio palácio do bispo, onde chegaram até a arrombar o portão principal, com fins inconfessáveis, é obvio...[...] (GUERRA, 1952, p. 89-90 Apud MEDEIROS e GILENO, 2018, p. 96).

A Questão Religiosa culminou com as prisões de Dom Vital, em 22 de dezembro de 1873, primeiro bispo na história do Brasil a ser condenado à prisão civil; e Dom Macedo, preso em 28 de abril de 1874. Ambos foram condenados a quatro anos com trabalhos e custas. Cresceram as intercessões pela liberdade dos bispos, como as intervenções do Conde D’Eu e da Princesa Isabel (MEDEIROS e GILENO, 2018), até que foi publicado o Decreto de Anistia n.º 5.933, de 17 de setembro de 1875, que absolveu os bispos. Dom Vital, após sair da prisão, viajou para Roma a fim de se explicar ao Papa e solicitou sua exoneração do cargo, o que foi negado por Pio IX e por Leão XIII. Voltou à sua Diocese em 1876. Com o agravamento do seu estado de saúde retornou à Europa, onde faleceu em 4 de julho de 1878, aos 33 anos. Dom Macedo voltara para sua Diocese e para os seus trabalhos pastorais.

A partir dos estudos que abordaram a Questão Religiosa e seus protagonistas, li as cartas de Padre Galanti questionando-me sobre os motivos que o teria levado, e a outros jesuítas, até o Pará. Que rede os ligava a Dom Macedo Costa, a ponto de serem convidados para dar aulas e dirigir o Seminário? Duas hipóteses saltaram aos olhos: a luta comum contra a Maçonaria e a educação como um processo civilizatório através de valores morais da Igreja Católica.

#### 4.2.1 Com Dom Macedo Costa pelo interior do Pará

[...] O que aconteceu mais tarde com esta estrada de ferro foi um fracasso completo. O contratante, Thomas Collins, da Filadélfia, não teve os fundos para continuar o trabalho. E todos os pobres coitados foram deixados sem um centavo em um estranho país, e foram obrigados a fazer o caminho de casa da melhor maneira que podiam. Todos passaram pelo Pará a caminho de volta para os Estados Unidos, e quase todos eles vieram me ver, e novamente fizeram sua confissão. Muitos deles permaneceram doentes no hospital, onde vários morreram. Eu os visitava com frequência, e dei-lhes toda a assistência em meu poder, e eu tive o consolo de converter dois protestantes, que morreram no hospital, e a quem confio ver novamente no céu. Entre esses pobres homens, alguns foram criados por nossos padres, de quem eles falaram com grande respeito e carinho (GALANTI, *Woodstock Letters*, Volume IX, Número 2, 1 de maio de 1880, p. 108).

A primeira carta publicada na revista foi escrita pelo Padre Galanti no Pará, como já mencionado. Nela o jesuíta referiu-se aos fatos ocorridos há dois e três anos antes da carta ser escrita, o que me fez refletir que possivelmente tivesse um diário, apesar de nenhum ter sido localizado. Segui, então, o alerta do padre, que chamou a atenção dos seus destinatários: “[...] vamos retornar à nossa própria história” (Idem), disse ele, aparentemente com a intenção de não divagar e se perder em seus pensamentos e lembranças que discorreria ainda sobre o Pará e suas ações naquele lugar.

A travessia pelo rio Madeira-Mamoré, na qual Pe. Galanti e outros inacianos acompanharam o Bispo do Pará, permitiu que conhecessem, de barco a vapor, os locais onde estavam os funcionários da ferrovia. A viagem durava cerca de um mês, e o jesuíta alertou que, pelo tempo a bordo, se podia presumir a extensão da diocese, pois para percorrer aquele vasto território custava cem dólares, cada sentido. Pe Galanti então continuou:

[...] nós acompanhamos o bispo em sua visitação, e além de ouvir grande número de confissões, nós pregamos num retiro para o clero. Em nosso regresso ao Pará, fui temporariamente nomeado para ensinar Retórica no Seminário, entretanto, pregava com frequência na cidade. Isso foi em 1878 (Idem).

No trecho da missiva acima, chamou-me atenção a escrita sobre si de Pe. Galanti, ainda que profissional, pois, nas cartas, ele geralmente informava sobre a situação das igrejas, colégios e seminários jesuítas e também sobre a política, educação e sociedade brasileiras.

Principalmente porque os documentos localizados, como os Catálogos da Missão, apenas contêm as informações de que esteve no Pará em uma excursão missionária, como uma espécie de missionário pregador. A função que exerceu, no entanto, apenas se pode saber por meio dessa carta, assim como as chamadas visitas pastorais que, para Certeau (2008), “constituem um documento privilegiado para revelar, de paróquia em paróquia, as reações dos fiéis, dos curas e dos bispos” (p.192). No caso da Igreja Católica brasileira, o movimento dos Bispos renovadores, iniciado no século XIX,

[...] transformou a visita pastoral em prática distintiva do ultramontanismo brasileiro haja vista que por meio dela combateram os desvios dos padres metidos em política e/ou amancebados, repreenderam católicos pouco ortodoxos, corrigiram descasos com templos e objetos litúrgicos, impondo práticas religiosas centradas nos sacramentos sob a direção de padres celibatários e obedientes à autoridade diocesana (AQUINO, 2012, p. 1).

Irma Rizzini (2004) apontou que, passado o conflito com o governo imperial, D. Antonio Macedo Costa dedicou-se à instrução popular, com grandes projetos:

[...] o Navio-Missionário abrigaria um grupo de missionários que iria ao encontro das populações cristãs e pagãs, levando-lhes as luzes e os socorros de espírito. Tratava-se de adaptar a evangelização do vale à geografia do Amazonas, navegando pela imensa rede fluvial do rio-mar, por onde passaria o Evangelho, da mesma forma como passavam os armazéns flutuantes dos comerciantes. O bispo via no projeto a reanimação da grande obra jesuítica, com a vantagem de não perturbar o sistema de trabalho dos seringueiros, pois os missionários iriam ao encontro dos trabalhadores nos seus locais de trabalho, ao contrário das antigas missões jesuíticas, em que se promovia o descimento dos índios aos locais onde se instalavam as missões. Outra vantagem era de ordem interna: os padres se manteriam reunidos, contra o “perigo eminente de perder o espírito de seu estado, afogar-se no mercantilismo e até naufragar na fé” (RIZZINI, 2004, p.362-363).

A autora apontou ainda que tal projeto não saiu do papel, pois os governos - central e local - não se convenceram da sua viabilidade. Além disso, encontrou resistência nos setores influentes daquela sociedade e sofreu com a imprensa liberal, restando as longas viagens pelo interior do Amazonas, conforme relatou Pe. Raphael Galanti que, ao chegar ao Pará, se encontrou com outro jesuíta já atuando naquela diocese. Era Augusto Estanislau Aureli<sup>193</sup>, italiano, nascido no dia 14 de agosto de 1837. Ingressou na Companhia de Jesus aos dezessete anos, em 30 de outubro de 1837, e professou seus votos, em 2 de fevereiro de 1872. Foi reitor no Colégio São Luís, em Itu, entre 1873 a 1877. No Catálogo de 1878, ao lado do seu nome, consta “in via ad Pará”, anunciando, assim, sua ida àquele lugar, onde lecionou Filosofia e Matemática para o segundo ano e desempenhou as seguintes funções: diretor espiritual do

---

<sup>193</sup> Segundo as informações extraídas do *Catálogo da Missão Romana*, visto que não foram localizadas biografias ou estudos sobre esses padres ou que os mencionassem de forma mais direta.

seminário, Reitor, Consultor da Missão e Superior da Missão, em 1884. Autor do livro *O “Syllabus”: a sua história e o seu valor*<sup>194</sup>, editado em 1944, Pe. Aureli foi um dos articuladores, junto ao Pe. Mantero, em favor da abertura do Colégio Santo Inácio, no Rio de Janeiro, do qual se tornou reitor entre os anos de 1886 e 1889<sup>195</sup>.

Nessa viagem pastoral, Pe. Galanti, conforme apontou na carta, foi acompanhado pelo jesuíta Raphael Tuveri, também italiano, nascido em 29 de outubro de 1823, tendo ingressado na Ordem aos 28 anos, em março de 1851, e professado seus votos em 15 de fevereiro de 1869. Apesar de Pe. Galanti afirmar ter chegado em companhia de Pe. Tuveri em junho de 1878, ao consultar o Catálogo da Companhia somente localizei seu nome em 1879, possivelmente o ano em que chegou ao Brasil. Foi professor de Direito Canônico e, após a missão no Pará, seguiu junto ao Pe. Galanti para São Paulo, para o Colégio São Luís, onde era confessor de alunos.

Os *Catálogos da Missão*, quando cotejadas as missivas, permitiram analisar as funções que os padres exerceram na diocese sob a responsabilidade do Bispo Dom Macedo, assim como notar que os padres pareceram ter sido escolhidos por terem uma experiência nos seus ofícios. Esses jesuítas dedicaram-se ao povo do Pará, levando a ele os sacramentos, como confissão e comunhão, e fazendo pregações. Todas essas ações estratégicas eram importantes, segundo o discurso ultramontano, para o qual o catolicismo popular era o grande propagador do falso catolicismo, por isso deveria ser enquadrado e reorientado de acordo com as determinações romanas. Porém, não deixaram de lado a educação, empenharam-se, principalmente, na que se desenvolveu dentro dos seminários, segundo as fontes analisadas. Esse panorama empreendeu, além da rede de sociabilidade tecida entre os inacianos e as outras ordens católicas, também a posição exercida pelos jesuítas na educação confessional brasileira naquele período, como uma demonstração da força que tinham no campo educacional, uma vez que a justificativa do convite feito pelo Bispo do Pará, segundo a missiva analisada, foi motivada pela perda do privilégio do Seminário de emitir grau universitário, possivelmente em decorrência de sua prisão na Ilha das Cobras.

Padre Raphael Maria Galanti e os outros jesuítas continuaram o trabalho missionário e no Seminário no Pará, em companhia de D. Macedo Costa. Em 6 de abril de 1880, Pe. Galanti escreveu a segunda carta cuja intenção era informar sobre o estado da religião no Brasil, como

---

<sup>194</sup> AURELI, Augusto Estanislau. *O “Syllabus”: a sua história e o seu valor*. Rio de Janeiro: Secretariado Nacional de Defesa da Fé, 1944. Provavelmente esse livro foi escrito anos antes, visto que o jornal *O Século* anunciou uma missa em intenção de sua alma em 29/01/1909.

<sup>195</sup> Segundo Mendonça, jesuítas como o Pe. Aureli foram articuladores, junto ao Pe. Mantero, Superior da Missão, em sua incansável luta pela fundação de Colégios e na intensa troca de correspondência com os reitores dessas instituições, objetivando seu ótimo funcionamento (MENDONÇA, 2010, p. 134).

já mencionado na abertura deste estudo. Ao lembrar dos primeiros missionários jesuítas e suas obras evangelizadoras e arquitetônicas, remeteu a eles a fundação do catolicismo nestas terras.

Prosseguiu sua missiva com o período de perseguição aos inacianos:

[...] a história nos fala da ruína implacável que foi causada por Pombal. Alguns, até mesmo do clero, através do jansenismo e do espírito de inveja, se regozijaram com a queda da Sociedade. Mas os eventos logo demonstraram ser a religião a causa da expulsão dos jesuítas. Quando o Brasil se tornou separado de Portugal, a febre da independência queimou tão ferozmente, que todas as Ordens Religiosas do Brasil pediram e por fim obtiveram uma separação dos Superiores romanos. Eram numerosos e ricos; mas esse passo foi fatal para eles. Sua quantidade diminuiu rapidamente, e rapidamente se infiltraram entre eles, sem conseguir qualquer influência. Por fim, o Governo proibiu de receber mais novatos, e agora são muito poucos religiosos restantes. Eles ainda mantêm muitos e belos edifícios, - mas eles estão vazios. O jansenismo produziu seus resultados naturais. Aqueles entre os Clérigos que declamavam contra a frouxidão dos jesuítas, adotaram as teorias mais rígidas para os outros, mas deduziram algumas das mais curiosas consequências práticas em sua própria regra de vida. Foi dito que os leigos não deveriam confessar ou aproximar-se da Santa Mesa com frequência maior do que uma vez por ano: jejuar, de acordo com sua interpretação, significa abstinência total, com exclusão de qualquer colação, o jantar deve ser uma refeição muito leve, e além disso, se dorme ou bebe qualquer coisa, mesmo que seja apenas água, é uma violação do jejum [...] O resultado desse sistema foi que ninguém prestou atenção para o que foi recomendado e comandado pela Igreja - o uso dos sacramentos foi quase inteiramente abandonado. Você pode facilmente julgar quais foram tais resultados sobre a moralidade pública e privada. As pessoas totalmente perdidas daqueles que deveriam ter sido seus instrutores e modelos na vida espiritual - e não por acaso (GALANTI, *Woodstock Letters*, Volume IX, Número 3, 1 de setembro de 1880, p. 189).

O jesuíta deu continuidade à sua missiva referindo-se à supressão da Companhia de Jesus de todo o território português, imposta por Sebastião José de Carvalho e Melo, o Marquês de Pombal<sup>196</sup>. Padre Galanti pareceu querer justificar esse episódio e suas consequências por duas vias: política e religiosa. Assim, citou a Independência do Brasil em relação a Portugal como um acontecimento que prejudicou, inclusive, as ordens religiosas. Tanto na escrita de sua carta como nos livros que escreveu, nota-se uma visão e versão europeia da história do Brasil. Citou ainda o Jansenismo<sup>197</sup>, que “constitui um movimento teológico católico com repercussões históricas e políticas internas e externas ao catolicismo romano” (COELHO, 2017, p. 59). O autor afirmou que tal movimento “assumiu uma postura radical e contrária aos teólogos jesuítas

<sup>196</sup> Vale ressaltar que Padre Galanti referiu-se à primeira supressão da Ordem, em 3 de setembro de 1759, que ocasionou a expulsão dos jesuítas do Reino e terras portuguesas, pois, como afirmou o estudo de Mendonça (2010), a Sociedade sofreu mais duas supressões: em 24 de maio de 1834 e 8 de outubro de 1910.

<sup>197</sup> O autor considerou que para analisá-lo é preciso retroceder “neste contexto, o bispo de Yprés e doutor em teologia pela Universidade de Lovaina, Cornelius Otto Jansen (1585-1638) preocupava-se com o debate de questões teológicas que o Concílio de Trento deixara em aberto, sobretudo, sobre a relação entre a graça divina e a liberdade humana. Sua oposição ao racionalismo dos teólogos escolásticos o fez aliar-se a Jean Duvergier de Hauranne, futuro abade de Saint-Cyran, que advogava o retorno do catolicismo à moral e à disciplina religiosa praticada nos primórdios do cristianismo, na Igreja primitiva. O principal foco deste debate seria a discussão acerca do problema da graça a partir das obras de Santo Agostinho, assim como, a busca de elementos que conciliassem as teses da Reforma Protestante com a doutrina católica” (COELHO, 2017, p. 59 e 60).

Leonardo Léo e Luís de Molina, que valorizavam o livre-arbítrio em cooperação com a graça divina para a salvação do homem” (Idem). Pombal, que repudiava a influência dos jesuítas no Estado português, se aproximou da Congregação Oratoriana, cujos sacerdotes eram ilustrados. Dessa forma favorecia o Marquês, que era apreciador das ciências e das letras.

Em estudo<sup>198</sup> anterior analisei o discurso do Pe. Galanti em seu livro didático de *História do Brasil*, no que dizia respeito à expulsão da Ordem. Investiguei como esse intelectual da Companhia compreendeu o episódio, ao se questionar:

Mas, donde tanto odio contra os jesuítas? Será verdade que tudo procedeu do facto de ver Pombal na Companhia um obstáculo ao seu despotismo? Ou seria esse odio o resultado da imprudência de alguns membros da Companhia, ou da inveja dos que podiam soffrer o brilho da gloria adquirida em toda a parte pelos jesuítas? (GALANTI, 1911, p. 349 Apud MENDONÇA, 2010, p. 140).

Na sequência, o Padre apontou duas razões que poderiam esclarecer tamanho ódio, “a defesa constante e heroica dos índios da América do Sul e a luta contra a “heresia” dos jansenistas” (Idem). Analisei sua escrita cotejando sua carta e seu livro, e somente a justificativa ligada ao jansenismo se sustentou em ambas as escritas. Para o jesuíta, esse movimento, que teria agradado ao Marquês de Pombal, teve relação direta com a fama ruim que os jesuítas tiveram por muito tempo. E na intensa troca de cartas que detalhei no estudo<sup>199</sup> anterior, quando os inicianos tentaram fundar seus colégios, o Padre Aureli, anos mais tarde, afirmou que com esforço essa ideia a respeito da Ordem havia mudado<sup>200</sup>.

As duas primeiras missivas analisadas trataram sobre os remotos tempos dos jesuítas no Brasil e a religião, que foi a intenção de seu remetente. As que se seguiram informavam sobre a educação e os colégios da Companhia de Jesus.

### 4.3 Visões de educação e colégios jesuíticos

Em meados do século XIX, a Companhia de Jesus iniciou o processo de retorno aos países dos quais havia sido expulsa em consequência do Decreto de 1759, imposto pelo Marquês de Pombal. Os jesuítas que se dedicaram às ações missionárias coloniais empenharam-se na implantação dos colégios, ao menos na América do Sul.

<sup>198</sup> MENDONÇA, Ligia Bahia. O silêncio da ação: Jesuítas no Brasil pós-Reforma Pombalina, Rio de Janeiro: UERJ, 2010.

<sup>199</sup> Refiro-me à dissertação defendida por mim em 2010.

<sup>200</sup> Mendonça (2010) observou que Padre Aureli, em carta ao Superior da Missão, Padre José Mantero, informou sobre tal mudança: “han veduto che non siamo Bichos, e l’opinione há cambiato alquanto a nostro rispetto. Saprá V.R gli sforzi”. (Grifos do autor, 1886, Cx.3, p.1). “eles viram que não somos Bichos e a opinião mudou um pouco a nosso respeito. V.R conhecerá os esforços” (tradução livre).

A partir daí investiguei o conjunto de cartas publicadas pelos correspondentes brasileiros, destacando-se, nesse sentido, o Pe. Galanti. Assim, observei a instituição dos ginásios jesuíticos a partir do olhar de estranhamento do jesuíta e como construiu a memória daqueles locais. Na perspectiva da hibridização identitária que assume centralidade no pensamento multicultural (CANEN e XAVIER, 2000, p. 67), busquei, a partir de diversas fontes, compreender a construção da identidade de um jesuíta estrangeiro.

Observei nas publicações da revista que as cartas seguiam um padrão e apresentavam data; localização - que podia incluir os nomes do país, do colégio ou missão das quais foram enviadas; e uma reverência inicial ao seu destinatário, sempre demonstrando afeto e respeito, para somente depois iniciar o assunto, que geralmente informava e edificava. Ao final, a despedida rogava por orações. Hansen (1995), ao analisar tais modelos, afirmou que a correspondência jesuítica é discurso que segue o paradigma das epístolas paulinas, apropriando-se da técnica epistolar da *ars dictaminis*<sup>201</sup>. Analisei-as, inspirada no autor, estudioso das cartas e outros escritos jesuíticos. No entanto, aproximei-me do campo da historiografia, que tem se dedicado ao protocolo epistolar como um conjunto de estrutura e normas compartilhadas pelo remetente e destinatário, pois a escrita evidencia, inclusive, sua formação, visto que o “acompanhamento do protocolo de escrita que ele usa se torna o primeiro indicador para colocá-lo em uma ou outra parte do tecido social<sup>202</sup> (SIERRA BLÁS, 2003, p.28).

#### 4.3.1 Dificuldades na implantação de colégios, o caso do Santíssimo Salvador e do São Francisco Xavier

A terceira carta do Pe. Galanti publicada na revista, com data de 22 de janeiro de 1881, permite observar os protocolos, a localização e a data. Escrita no Pará, antes mesmo da saudação inicial - “Reverendo e querido padre” -, intitulou sua missiva “O Colégio de Itu”. Nela o padre informou que daria notícias sobre os trabalhos da Sociedade no Brasil, no entanto, referiu-se, em sua maior parte, aos colégios. Prosseguiu e desculpou-se: “mas não sei se serei capaz de dominar a dificuldade que encontro em me expressar na sua língua” (GALANTI, *Woodstock Letters*, Volume X, Número 2, 1 de maio de 1881, p. 171), possivelmente primando pela humildade. Conforme Hansen (1995), “o emissor se constitui a si mesmo como humildade de

---

<sup>201</sup> A arte de redigir documentos ou cartas “[...]apresentando as três ou quatro partes definidas nas doutrinas antigas e medievais da mesma – salutio, exordium (captatio), narrativo (argumentatio), subscriptio[...]

<sup>202</sup> Tradução livre.

autocrítica – nesta linha, sua fala se faz como confissão de pecados a toda a comunidade da Ordem e, por extensão ao mundo católico” (p.110), pois publicaria seu livro didático *Gramatica Ingleza* (1885) e em carta anterior afirmou ter sido o único a se comunicar com os funcionários ingleses da ferrovia.

Segui a leitura, atenta aos protocolos e ao que tratava o remetente, que já mostrava traquejo como historiador, ao mencionar, em primeira pessoa, o seguinte: “como não tenho documentos e escrevo do que simplesmente me lembro, não consigo fixar nem a data em que o colégio foi aberto, nem aquela em que foi fechado” (GALANTI, *Woodstock Letters*, Volume X, Número 2, 1 de maio de 1881, p. 171), referindo-se ao colégio aberto em Santa Catarina. Primeiramente, padre Mariano Berdugo, Superior da Missão, fundou uma residência no Desterro, em 1843, e “além das atividades de cura e apostólicas realizadas, fundou, em 1844, um curso de Latim em Florianópolis, que pode ser considerado o primeiro colégio da Companhia restaurada no Brasil” (MONTEIRO, 2013, p. 213). Escreveu a partir das suas lembranças e do que, provavelmente, ouviu por lá, já que esteve naquela instituição anos mais tarde, quando reabriu, entre 1867 e 1869, permanecendo aberto durante cinco anos. Por que destacar uma história tão efêmera? Porque aquela história era edificante e geraria frutos.

Ainda depois da reentrada da Companhia de Jesus em vários países, sua Restauração no início do século XIX não lhe garantiu a estabilidade de outrora, tendo sido perseguida e exilada. Segundo Echaniz (2007), na Espanha, por exemplo, retornaram em 1816 e foram expulsos em 1820, com 25 padres assassinados: “voltaram novamente mais tarde, apenas para ser escorraçados em 1835, acusados de terem introduzido no país a peste conhecida como *Cholera morbus*” (p.21). Com essa expulsão os padres seguiram para a América do Sul, mais precisamente para a Argentina, em 1836, onde tinham perspectiva de boa receptividade, mas foram perseguidos pelo ditador General Juan Manuel Rosas: “eram chefiados pelo Padre Mariano Berdugo, Padre Francisco Magesté, Juan Coris Cesário Gonzales, Juan de Mata Macarron, além do irmão coadjutor Ildfonso Romero” (DOMINGOS, 2009, p.51), que deixaram a capital platina em 1843. A autora afirmou que esses sacerdotes seguiram para Montevidéu e posteriormente para outras partes da América do Sul: “Chile, Paraguai, Uruguai e Brasil, sendo que nos dois últimos foram abertos Colégios” (p.52).

No capítulo anterior foi possível notar a implantação de instituições jesuíticas, as polêmicas em torno da Companhia e até mesmo sua expulsão, que se ligou diretamente à abertura da instituição em Santa Catarina, pois foram os padres expulsos de Montevidéu que fundaram ali o Colégio da Ordem, conforme constou na carta em questão. Pe. Galanti apontou

o sucesso do Colégio, porém rapidamente ele encerrou suas atividades, por volta de 1853, em razão da febre amarela.

Os jesuítas se dispersaram, alguns retornaram para a Argentina, outros, para o Brasil. Pe. Galanti escreveu que

[...] no ano de 1860, D. Sebastião Laranjeira, Bispo do Rio Grande do Sul, obteve de nossos superiores alguns padres para o seu Seminário, passando assim a Missão Brasileira à Província Romana. Estes primeiros padres se aplicaram a seu trabalho com grande fervor, e por um tempo as coisas correram bem; Em breve, porém, descobriram que as dificuldades com que tinham de lutar eram quase insuperáveis [...]” (GALANTI, Woodstock Letters, Volume X, Número 2, 1 de maio de 1881, p. 171).

Nesse trecho da carta referiu-se ao pedido feito pelo Bispo ao Geral da Ordem, Pe. João Beckx, que enviou “em fins de 1860, Pe. Carlos Missir, Pe. Rafael Túveri e o irmão Ghirardini, jesuítas da missão romana. Em seguida chegou o Pe. José Repetti acompanhado de mais dois padres italianos” (MONTEIRO, 2017, p.214), um desses dois padres era Raphael Maria Galanti, ainda escolástico na Companhia. Em seguida foi enviado o Padre Jacques Razzini para ser Superior na Missão, e juntamente com Pe. Emídio Pardocchi negociaram com a Assembleia Legislativa de Santa Catarina a abertura de um colégio dos inacianos, como apontou Monteiro (2017): “em 1865, ambas as partes - o poder legislativo de Santa Catarina e os Jesuítas - acordaram a fundação de um colégio destinado a ministrar as matérias necessárias para o ingresso nas faculdades imperiais, tanto em regime de externato, como internato” (p. 214 e 215).

Assim, foi fundado, em 1866, o Colégio do Santíssimo Salvador, no qual o Reitor foi Vicenti Cocumelli e, entre outros padres<sup>203</sup>, Galanti lecionou Gramática, História, Geografia e Aritmética. Ao dar continuidade à sua leitura, o jesuíta forneceu mais informações:

Quanto a nós, o Colégio de Sta. Catharina continuou, apesar de empobrecido por alguns anos. Isto foi em parte devido à pobreza do povo da Ilha, e de toda a província, e em parte devido à dificuldade de comunicação com as outras províncias. Por esses motivos, nunca tivemos mais que vinte pensionistas, e em geral eram por volta de onze. Nunca chegamos a ter mais de cinquenta pupilos. Ainda assim, éramos obrigados pelo nosso contrato com o governo a ensinar dez diferentes áreas, apesar de não ser raro que cada professor tivesse apenas um estudante presente em sua sala de aula. O obstáculo mais grave para nossa prosperidade, e o que mais sentimos, foi a nossa falta de fundos para sustentar o Colégio e a nós mesmos. Às vezes tínhamos tão pouco que ficávamos à beira da carência verdadeira. O governo nos dava apenas três Contos de Réis anuais por nossos serviços, cerca de mil e quinhentos dólares do seu dinheiro, e o que os rapazes pagavam não era suficiente para se manterem. Apesar de o desânimo ser geral sob essas condições, graças a Deus o espírito de Sacrifício não falhou em nenhum de nós. O Superior havia resolvido cumprir o contrato, a qualquer custo, nos dez anos estipulados. Já o governo, não. O partido que subiu ao poder no ano de 1869 começou uma perseguição regular contra nós para avançar suas ideias

<sup>203</sup> Os outros padres, conforme o Catálogo da Missão Romana de 1867, eram Ludovico Ruiz, Angelo Sabbatini, Clemeos Negri, José Lezemby, José Giomini e Hieronymo Damiani (p. 44)

políticas, e buscou encontrar qualquer pretexto para rescindir o contrato (GALANTI, *Woodstock Letters*, Volume X, Número 2, 1 de maio de 1881, p.173)

O baixo número de alunos e a suspensão da subvenção do governo também motivaram o fechamento do Colégio do sul do país. Pe. Galanti se referiu ainda às perseguições sofridas e calúnias propagadas contra os jesuítas, lideradas pelos liberais e anticlericais. Era 1869 quando as atividades desse colégio foram encerradas.

Padre Galanti prosseguiu com a carta e relatou a experiência dos loyolanos em Pernambuco. O Colégio São Francisco Xavier funcionou por um curto período, de 1865 até 1874:

Em 1865, o Bispo de Pernambuco solicitou a V. R. Padre Geral que alguns padres realizassem seu Seminário de Olinda. O seu pedido foi concedido, mas no ano seguinte o Bispo morreu e os nossos padres foram, em pouco tempo, obrigados a abandonar os seus lugares no Seminário. Eles imediatamente começaram um colégio na mesma cidade, e tentaram por todos os meios em seu poder fazer algum bem. O colégio, embora não muito grande, estava prosperando até que, como eu lhe disse em uma carta anterior, foi atacado por maçons, em 14 de maio de 1873 (GALANTI, *Woodstock Letters*, Volume X, Número 2, 1 de maio de 1881, p. 174).

O Colégio passou a constar no Catálogo da Missão Romana apenas em 1867, e a partir dessas informações dos seus padres, nestes breves anos de funcionamento:

Tabela 12 - Colégio São Francisco Xavier

Ano	Sacerdotes	Coadjuutores	Escolásticos	Total
1867	7	1	-	8
1868	11	4	-	15
1869	-	-	-	-
1870	11	5	1	17
1871	-	-	-	-
1872	17	6	-	23
1873	15	6	-	21
1874	13	5	-	18
1875	10	4	1	15
1876	1	1	-	2

Fonte: Elaborado pela autora a partir do Catálogo da Missão Romana (1867- 1876)

É possível, por meio da análise desse quadro, fazer algumas suposições<sup>204</sup>. Primeiramente, pode-se admitir o aumento do número de alunos, visto o visível crescimento de jesuítas naquela instituição, considerando os anos de 1867 e 1872, com a hipótese que tal acréscimo esteve ligado à ampliação das classes. Enquanto em 1867 se vê apenas cinco padres responsáveis por lecionar disciplinas como História, Geografia, Aritmética, Gramática e

<sup>204</sup> Vale ressaltar que os anos de 1869 e 1871 não possuem a quantidade de sacerdotes, coadjutores e escolásticos, pois não foi possível localizá-los nos Catálogos. Os chamados Catálogos da Missão Romana, como das outras missões jesuíticas, estão disponíveis no site Archivum Romanum Societatis Iesu, porém os dos anos citados não estão disponibilizados.

Teologia (Seminário), além das já mencionadas, em 1872 havia também Gramática 2 e 3, Língua Inglesa, Catecismo e Literatura, entre outras, para o bom desenvolvimento do Colégio.

Tanto que, em 1870, Recife contou com a abertura de outra Residência, Fernando de Noronha, que a partir de 1873 recebeu missionários<sup>205</sup> que não foram contabilizados no Catálogo junto aos padres do Colégio. Conforme se acirrava o confronto entre o governo e Dom Vital, em consequência do episódio que ficou conhecido como Questão Religiosa, o Colégio foi perdendo sua força. Em 1874, ano em que foi preso Dom Macedo Costa - e no ano anterior, Dom Vital -, uma peculiaridade chamou-me atenção. Logo abaixo da abertura, no Catálogo da “Missio Brasiliensis” que se referia à Missão Brasileira, havia um aviso: “Com aliados no Brasil para quaisquer serviços ainda familiar a eles, estão enumerados aqui embaixo, apenas os nomes daqueles que estão presentes na região” (CATÁLOGO, 1874, p 29). Já em menor número, pareceu-me que o Superior da Missão, Vicentti Cocumelli, quis reafirmar a presença dos jesuítas no Brasil.

Em tom de queixa, Pe. Galanti informou que a expulsão dos jesuítas fora decretada

[...] e o decreto era inexorável. Uma revolta, muito provavelmente pelo trabalho dos maçons, deu-lhes uma ocasião justa para pôr suas resoluções em execução. Nossos padres foram caluniados, perseguidos, lançados na prisão e levados perante os tribunais, de onde foram colocados a bordo, confinados por duas ou três semanas e depois enviados para a Europa [...] (GALANTI, Woodstock Letters, Volume X, Número 2, 1 de maio de 1881, p. 172).

Após 1870, os conflitos entre Igreja Católica e Governo Imperial estavam cada vez mais aparentes, “da mesma forma, neste período, o clero foi acusado de envolver-se em motins e revoltas, o que levou, por exemplo, o Visconde do Rio Branco a expulsar, em 1874, todos os jesuítas estrangeiros do Brasil por considerá-los envolvidos no movimento quebra-quilos<sup>206</sup>”. A expulsão também foi imposta, em 1874, pela portaria do presidente da província de Pernambuco, Henrique Pereira de Lucena<sup>207</sup>, que baniu os jesuítas portugueses. O correspondente brasileiro parece não ter sido o único a reclamar, visto que essa exclusão foi

<sup>205</sup> Clemeos Negri, Antonio Aragnetti e João Baptista Raiberti (Catalogo, 1873, p. 45).

<sup>206</sup> Para Mariana Carvalho Dolci (2013), tratou-se de “um movimento social e político que atingiu diversas localidades e envolveu direta ou indiretamente milhares de pessoas em quatro províncias no norte do Império: Paraíba, Pernambuco, Rio Grande do Norte e Alagoas” (p.453)

<sup>207</sup> O futuro barão de Lucena, título que recebeu das mãos da Princesa Isabel, em 1888, quando eleito para presidente da Câmara para o biênio 1888-1889, comandou a discussão, votação e aprovação da Lei Áurea, assinada pela princesa Isabel, regente do Império, em 13 de maio de 1888. <https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeirarepublica/LUCENA,%20Henrique%20Pereira%20de.pdf> Acesso em 09/01/2020.

tema de debate no Senado, no ano seguinte, quando, em 29 de março de 1875<sup>208</sup>, houve debate sobre essas medidas e alguns senadores<sup>209</sup> saíram em defesa dos inacianos.

“Todos os nossos não saíram de Pernambuco imediatamente<sup>210</sup>”, pontuou Galanti, um deles foi o Padre Antonio Onorati – que anos antes, juntamente com o Pe. Bartolomeu Taddei, o irmão José Giommi e o irmão coadjutor Afonso D’Amieis fundou um colégio em Itu (MONTEIRO, 2017, p.214) -, que não estava presente no colégio de Recife quando ele foi invadido ou mesmo quando os jesuítas foram expulsos, pois se encontrava no interior com a intenção de fundar um novo colégio. Depois da tentativa frustrada de ir para a Europa, Padre Onorati retornou ao Colégio que fundou, em Itu. Era o fim do Colégio São Francisco Xavier.

#### 4.3.2 A experiência de Itu: o Colégio São Luís

“Passo agora a esboçar para você a variada e consoladora história do Colégio de Itu...”

*Galanti, 1881*

Apesar de se intitular como consoladora, a história da fundação do Colégio São Luís, diante do fechamento de dois ginásios da Companhia de Jesus, também teve percalços e obstáculos. Padre Galanti seguiu adiante e escreveu sobre a implantação de mais um colégio,

<sup>208</sup> Participaram da seção os Srs. senadores, a saber: visconde de Jaguaray, Almeida e Albuquerque, Barros Barreto, Dias de Carvalho, barão de Mamanguape, Silveira Lobo, Cunha Figueiredo, Ribeiro da Luz, Chichorro, visconde do Rio Branco, Uchôa Cavalcanti Teixeira Junior, visconde de Nitherohy, Diniz, duque de Caxias, Figueira de Mello, barão da Laguna, Silveira da Motta, visconde do Rio Grande, Jobim, barão de Pirapama, visconde de Abaeté, barão de Cotegipe, marquez de S. Vicente, Mendes de Almeida, visconde do Bom Retiro, Jaguaribe, Vieira da Silva, Leitão da Cunha, visconde de Muritiba, Paranaguá e Zacarias. Compareceram depois os Srs. Sinimbú, visconde de Caravellas, visconde de Inhomirim, Firmino, F. Octaviano e Cruz Machado. [https://www.senado.leg.br/publicacoes/anais/pdf/Anais\\_Imperio/1875/1875%20Livro%201.pdf](https://www.senado.leg.br/publicacoes/anais/pdf/Anais_Imperio/1875/1875%20Livro%201.pdf) Acesso em 10/10/2020.

<sup>209</sup> Dentre eles, Jeronimo Martiniano Figueira de Mello, conforme parte do seu discurso demonstrou: O governo entendeu que não havia causas suficientes para a expulsão dos jesuitas, e que, se a decretasse por acto immediatamente seu, tomar-se-lheiam estreitas contas, como eu tomo agora em amena linguagem. Quiz, pois, que os jesuitas fossem expulsos pelo seu agente, e que, consummado o facto, a expulsão não pudesse ser destruída pela prompta execução que se lhe dêsse, ao mesmo tempo que não lhe poderiam ser directamente imputadas as falsas e apaixonadas apreciações de seu devotado e subserviente delegado. – Improcedente desculpa, porque este sómente seguiu as ordens, que lhe foram dadas. Eis a razão, senhores, por que o governo deu ao presidente da provincia a incumbencia de examinar os factos relativamente aos jesuitas, e, apoz esse exame, mandal-as sahir immediatamente do Imperio, obstando assim todo o recurso ás victimas do seu odio. Não fallarei da injustiça de semelhante acto, injustiça que se patenteia á vista dos documentos que foram publicados nos jornaes officiaes e não officiaes; mas chamarei vossa attenção para o procedimento desses benemeritos sacerdotes... (p. 43) Cf. [https://www.senado.leg.br/publicacoes/anais/pdf/Anais\\_Imperio/1875/1875%20Livro%201.pdf](https://www.senado.leg.br/publicacoes/anais/pdf/Anais_Imperio/1875/1875%20Livro%201.pdf) Acesso em 10/10/2020.

<sup>210</sup> Mesmo com a resistência de alguns padres, e posteriormente com a aplicação da lei, a maioria partiu para Portugal (GALANTI, 1881).

que contou com a rede de sociabilidade tecida pelos padres. Enquanto o Padre Razzini ainda se dedicava ao colégio de Santa Catarina, foi convidado por um pároco residente no interior da Província de São Paulo. “Como nenhuma ferrovia atravessou a província na época (1864), o padre Razzini foi obrigado a fazer a viagem a cavalo” (GALANTI, *Woodstock Letters*, Volume X, Número 2, 1 de maio de 1881, p.176). Nas palavras do sacerdote remetente, “uma viagem longa e tediosa” (Idem), chegou depois de alguns dias a uma pequena cidade, onde havia um Convento Franciscano e das Irmãs de São José de Chambéry<sup>211</sup>.

É mister analisar que as ordens religiosas viveram juntas em muitos lugares, tanto as congregações masculinas quanto as femininas<sup>212</sup>. Estas últimas em sentido inverso dos jesuítas, pois, para elas, “a fundação de colégios [era] somente uma dentre as estratégias possíveis” (LEONARDI, 2010, p.48), já que estavam voltadas aos serviços de caridade e de dedicação aos pobres. Vale ressaltar que as Irmãs de São José de Chambéry fundaram, em 1872, o Colégio Nossa Senhora do Patrocínio, em Itu, destinado à elite feminina. Para os estudiosos dessas congregações essas irmãs, viajantes estrangeiras, cumpriram um papel importante “na medida em que difundem a cultura e um modelo escolar francês, as escolas e os pensionatos fundados pelas congregações francesas constituem vetores de uma forma de diplomacia cultural” (ROGERS, 2014, p. 57).

Quando o Padre Galanti escreveu sobre a fundação do colégio, já havia passado mais de quatorze anos do evento. Sua escrita foi um olhar sobre o passado, portanto já vivia num outro tempo e talvez quisesse que o destinatário daquela carta desse o significado de como o colégio trouxe melhorias à cidade chamada Vila Itu, que ficava a mais de cem quilômetros de distância da Província de São Paulo. Itu foi considerada a província mais próspera, em meados do século XIX sua riqueza, oriunda das plantações de cana-de-açúcar e algodão, fez com que lhe propusessem ser elevada à condição de cidade em 1857. Com a crise do açúcar em 1860, os ituanos começaram a substituí-lo pelo café, que estava sendo cada vez mais valorizado, e que, juntamente com o algodão, possibilitou a instalação da primeira fábrica de tecido a vapor, com

---

<sup>211</sup> Congregação feminina criada em 15 de outubro de 1650, na França, pelo jesuíta Padre Jean Pierre Médaille, como desejo de “fundar uma Congregação de vida contemplativa e ativa, para atender, no serviço da caridade, os mais pobres, unindo todas as pessoas entre si e com Deus”. A chegada da Congregação no Brasil remonta a 1858, quando chegaram sete irmãs. No ano posterior, veio a Ir. Maria Teodora Voiron, com 24 anos, como responsável pelas Irmãs e pela Missão. Cf. <https://www.isjbrasil.com.br/> Acesso em 10/01/2020.

<sup>212</sup> Em *Alma dos espelhos*, a autora afirma que as congregações com superiora geral tinham a possibilidade de distribuir suas sucursais pelo país e no exterior. Segundo ela, “durante um período quase ininterrupto de crescimento (1800-1880), 20% das congregações francesas voltaram-se para a internacionalização, fosse por esforço missionário, por simples difusão fronteiriça com outros países ou ainda pela criação de congregações destinadas a tornarem-se internacionais” (LEONARDI, 2010, P. 31).

maquinário norte-americano (CLS, 2007). O fato de ainda não haver malha ferroviária foi a razão da longa e dificultosa viagem de Padre Razzini. Na cidade pequena que prosperava com “sete ou oito mil almas...”, Pe. Galanti continuou:

Um nativo [...] um dos nossos antepassados que foram expulsos do Brasil pelo notório Pombal. Este padre por amor à sua vocação, acompanhou seus Irmãos à Itália. Depois da supressão da Sociedade, ele estava um dia a passear solitário na praia de alguma baía italiana e a meditar sobre um plano para regressar ao seu país, quando um belo rapaz veio em sua direção. O jovem ofereceu-lhe um belo apelo de Nossa Senhora do Bom Conselho, dizendo: "Padre, sei que queres voltar para a tua terra, e que não tens meios para fazê-lo, confia: num breve espaço de tempo chegará um navio, ele te levará gratuitamente à capital e ali encontrarão os meios para chegarem à sua pequena cidade, tragam este testemunho, pregai a seu povo a destituição de Nossa Senhora do Bom Conselho, e será a salvação deles". Ele então desapareceu de repente. Suas predições foram verificadas. O navio prometido logo chegou. O padre voltou ao Brasil e pregou esta devoção à Santíssima Virgem, no lugar de sua natividade, onde construiu uma pequena igreja, na qual o poço ainda é mantido e honrado pelos fiéis. O bom padre também abriu um pequeno Colégio num parque, que tinha entrado em sua posse. Deixou esta propriedade, a Igreja, o Colégio e o parque a um jovem sacerdote, entendendo que devia ser transmitido aos jesuítas, que ele predizia em tempos futuros para Itu e abriria um Colégio. Além disso, predisse que seu Colégio seria construído unido à Igreja, e que seria próspero. Podeis ter a certeza de que fomos encorajados por esta história: a vontade feita pelo padre foi fielmente levada a cabo, e recebemos a Igreja, o Colégio e o Parque. Nossos padres encontraram tantas razões contra colocar o Colégio no ponto indicado pela profecia, que eles resolveram construir onde melhor lhes serviu por uma combinação de circunstâncias, no entanto, os padres foram obrigados a fazer exatamente como tinha sido predito (GALANTI, *Woodstock Letters*, Volume X, Número 2, 1 de maio de 1881, p. 175).

Relatos orais atribuíam a criação do Colégio São Luís à uma aparição: a Providência Divina teria se manifestado ao homem, logo a abertura do colégio jesuíta resultava da vontade de Deus. Assim narrou Padre Galanti, que em suas cartas não costumava nomear as pessoas a quem se referia, fossem sacerdotes ou leigos. No entanto, não foi o único a narrá-la, o Padre Locher<sup>213</sup> também escreveu sobre a implantação dos colégios jesuíticos após a restauração da Companhia de Jesus, no início do século XIX. O jesuíta exilado era o Pe. José de Campos Lara, que deixou ao seu sobrinho, Pe. José Galvão de Barros França, uma chácara que, segundo seu testamento, o obrigava a entregá-la aos padres da Companhia.

Já no final da missiva, o sacerdote expôs uma última informação sobre a instituição:

Quando o Colégio tinha sido preparado e estava pronto para receber acadêmicos, o governo ainda era hostil a nós e não nos permitiria continuar, então o abrimos em nome de um sacerdote secular, nosso amigo. Em dois anos uma lei foi aprovada concedendo a liberdade de ensinar a quase todas as pessoas. Nós aproveitamos isso para abrir o Colégio em nosso próprio nome (GALANTI, *Woodstock Letters*, Volume X, Número 2, 1 de maio de 1881, p.175).

---

<sup>213</sup> LOCHER, Gustavo. *A Companhia de Jesus: Centenário de sua restauração 1814-1914*. Porto Alegre: Typographia do Centro, 1914.

Pode-se avaliar que os jesuítas continuaram a enfrentar opositores à Ordem e à implantação do colégio e com isso demoraram dois anos para inaugurá-lo. Essa demora ocorreu também porque não encontraram rapidamente um local para a sua construção e não obtiveram a licença do inspetor provincial da Instrução Pública, Diogo Mendonça. Somente com a ajuda da oligarquia local, como, por exemplo, do Dr. Martinico Prado (1843-1906), político e empresário do café, que pressionou o inspetor, conseguiram a licença (COLSATO, 2017, p. 80).

Os nomes guiaram-me para compreender uma rede social tecida por diversos interesses. E o auxílio de famílias de prestígio possivelmente se dava por pretenderem educação para seus filhos e para a elite da cidade. Padre Barros, franciscano, provavelmente em nome de quem estava o colégio nos dois primeiros anos de seu funcionamento, permitiu notar a relação entre essas duas Ordens em prol da Igreja Católica.

“Lembre-se de mim em suas orações neste pobre país” (GALANTI, *Woodstock Letters*, Volume X, Número 2, 1 de maio de 1881, p.176), com esta despedida, o jesuíta mostrou a visão que tinha sobre a terra brasileira. As cartas de Padre Galanti seguiram um protocolo capaz de revelar para quem o missivista as escrevia pela forma que se referia aos destinatários, que eram os próprios jesuítas. Assim, as missivas iniciavam pela localização, dia, mês e ano em que foram escritas; na sequência, uma saudação inicial que se dirigia ao padre-editor da revista, de forma respeitosa e afetuosa - “reverendo e querido padre, PC [paz em Cristo]” -, seguida pelo corpo da missiva, seu conteúdo, assunto do qual tratava e uma saudação final. Parte final da missiva chamou a atenção, pois, em suas despedidas, não seguiu o cerimonial epistolar.

Analisei as quatorze cartas completas que foram publicadas na revista, visto que o restante estava na seção Varia. Nesse conjunto, em quatro missivas havia frases de despedidas, onde o autor se comprometia a retornar à questão tratada ou anunciava o tema da próxima. Havia variações na forma em que se despedia nas cartas, a maioria, que contabiliza sete, apresenta expressões como “permaneço em Cristo” ou “seu humilde servo em Cristo”; cinco delas exibiram apenas o nome do padre, que duas vezes apareceu abreviado “R M G”; duas fizeram referência à expressão “pobre país”; e apenas uma: “ore por nós nesta feliz Terra de Santa Cruz”.

A educação se relacionava diretamente aos temas que poderiam justificar o posicionamento do Pe. Galanti a respeito do Brasil. Ele escreveu sobre a educação a partir da sua experiência no Colégio São Luís, onde lecionou por quase vinte anos. As cartas do jesuíta passam pelo Império e pela República, mudanças políticas que influenciaram o cotidiano dos

padres e do ginásio. Dessa forma, considere toda a escrita do padre, cartas e Varia, inclusive a que só se pode ler trechos porque era censurada. Na carta de 4 de março de 1882 é notório, por meio das palavras de Pe. Galanti, que os jesuítas do Brasil viviam sob a égide do medo de uma nova expulsão, que poderia ocorrer a qualquer momento:

Enquanto a questão religiosa estava em discussão, o colégio estava exposto a toda a fúria da tempestade. Diz-se que o decreto para nossa expulsão já havia sido assinado, mas que sua publicação foi interrompida por intercessão de alguns amigos da Companhia (GALANTI, *Woodstock Letters*, Volume XI, Número 2, 1 de maio de 1882, p.193).

Expressou sua opinião quando afirmou que a preservação do colégio se dava pela proteção divina de Nossa Senhora do Bom Conselho e de São Luís, no entanto, a rede de sociabilidade tecida lhes valeu.

Um outro fator que fizera aumentar o número de alunos foi a chegada da malha ferroviária inaugurada em 1873, a Companhia Ituana, ligando Itu a Jundiaí, financiada por capitais de fazendeiros (GRIZOTO, 2012) e utilizada principalmente para escoar a produção do café. Como a ferrovia facilitou a chegada àquela cidade, o colégio tornou-se mais acessível. Segundo a missiva, em 1877 o colégio contava com noventa alunos, mas nos dois anos seguintes os números chegavam a 116, quantidade que logo aumentou depois de algumas visitas.

Vários senhores de alto cargo vieram passar alguns dias no colégio de uma maneira amigável, e após a observação de seu funcionamento, eles deram elogios incondicionais sobre ele, e enviaram seus filhos para serem educados. Isto foi feito pelo presidente do senado, pelo governador da província, e por vários senadores e deputados gerais (GALANTI, *Woodstock Letters*, Volume XI, Número 2, 1 de maio de 1882, p. 194).

As autoridades que visitaram o colégio foram José Ildefonso de Sousa Ramos, Visconde de Jaguari (1874-1881), do Partido Conservador (MG) e Laurindo Abelardo de Brito, presidente da província de São Paulo que, entre 1879 até 1881, integrou o Partido Liberal. Logo depois, a quantidade de alunos, naquele mesmo ano, subira para 180; no ano seguinte, 230; em 1881 já se contava mais de 300; e no ano de 1882, mais de 400, quando foram obrigados a negar candidaturas. Era perceptível a influência daquelas autoridades para o que Padre Galanti considerou um sucesso apreciável:

[...] você deve ter em mente o que eu observei em uma carta anterior, que no Brasil, desde a supressão da Sociedade, o nome de Jesuíta tem sido sinônimo de tudo o que é corrupto e perverso; você também deve saber que no Rio há muitos colégios e um que pertence ao próprio Imperador, que, no entanto, está quase deserto desde que começamos a receber rapazes da Capital. Deve também ter-se em conta que há cerca de dez anos foram abertos dois colégios numa cidade vizinha, em oposição ao nosso,

um deles direcionado pelos protestantes, e o outro sob o controle dos sectários maçônicos. Eles tiveram algum sucesso no começo e nos causaram algum dano, mas a Divina Providência aqui também protegeu seu próprio trabalho, e esses dois colégios agora estão encolhendo, um deles com apenas cinquenta e cinco meninos e o outro apenas com dez (GALANTI, *Woodstock Letters*, Volume XI, Número 2, 1 de maio de 1882, p.194).

Padre Galanti expôs os muitos motivos pelos quais o colégio dos jesuítas em Itu poderia ter sido arruinado. As ofensas dirigidas à Companhia desde a época de Pombal foram proferidas, principalmente, via jornais e ligou o nome dos jesuítas à desmoralização. A concorrência também foi preocupante. O jesuíta se referiu a dois colégios, sem nomeá-los, numa cidade vizinha, que suponho se tratar de Campinas, local de fundação do Colégio Internacional<sup>214</sup>, em 1869, pelos missionários presbiterianos Reverendo George Morton e Reverendo Edward Lane. Posteriormente, naquela mesma cidade, a Sociedade Culto à Ciência, cujos membros pertenciam à Comissão de Justiça da Loja Maçônica Independência de Campinas, decidiu, no ano de 1869, pela criação do Colégio Culto à Ciência<sup>215</sup>, um estabelecimento de ensino leigo na cidade<sup>216</sup>.” (CARMEN VIDIGAL).

Diante dos problemas apontados por Pe. Galanti, em 1882, com a sede do Colégio São Luís em construção, fez-se necessário dobrar o tamanho do prédio, visto o crescente número de alunos. Com pelo menos quinhentos estudantes, segundo ele, as mensalidades eram suficientes para pagar as despesas, inclusive da obra do edifício quadrilátero de três andares de altura e cerca de 150 pés de comprimento por 45 de largura<sup>217</sup>: “tanto a sala de estudo como o refeitório suscitam o louvor de todos os que os inspecionam. Além do nosso edifício da faculdade, estamos equipados com um excelente balneário, excelentes play-grounds, e uma propriedade extensa” (GALANTI, *Woodstock Letters*, Volume XI, Número 3, 1 de setembro de 1882, p.263).

---

<sup>214</sup> O colégio que começou a funcionar formalmente, em 1873, atualmente cedeu lugar ao Seminário Presbiteriano, atendeu crianças de ambos os sexos, estrangeiros e brasileiros, estes últimos, em sua maioria, filhos de famílias influentes do interior de São Paulo (Matos, 1999, s/p). [https://cpaj.mackenzie.br/wp-content/uploads/2019/04/4\\_O\\_Colegio\\_Protestante\\_de\\_Sao\\_Paulo\\_Alder\\_Matos.pdf](https://cpaj.mackenzie.br/wp-content/uploads/2019/04/4_O_Colegio_Protestante_de_Sao_Paulo_Alder_Matos.pdf) Acesso em 14/01/2020.

<sup>215</sup> Funciona no mesmo local em dias atuais com o mesmo nome, apesar de, no ano de 1895, o então governador do Estado, Manoel Ferraz de Campos Salles, ter mudado seu nome para Ginásio Campinas. [http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/neh/1825-1896/1874\\_Colegio\\_Culto\\_a\\_Ciencia.pdf](http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/neh/1825-1896/1874_Colegio_Culto_a_Ciencia.pdf) Acesso em 14/01/2020. Para mais informações consultar MORAES, Carmen Sylvia Vidigal. *O ideário republicano e a educação*. Campinas: Mercado de Letras, 2006.

<sup>216</sup> [http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/neh/1825-1896/1874\\_Colegio\\_Culto\\_a\\_Ciencia.pdf](http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/neh/1825-1896/1874_Colegio_Culto_a_Ciencia.pdf) Acesso em 14/01/2020.

<sup>217</sup> Equivalente a 46 metros de comprimento por 14 de largura.

Figura 38 - Colégio São Luís - Itu



Fonte: Livro de ouro – 140 anos CLS

Assim, depois de descrever a arquitetura e os benefícios do colégio, guiou seu leitor pela instituição, não apenas por dentro de suas suntuosas paredes, mas pelo seu cotidiano, dedicando-se ao método de ensino, o *Ratio Studiorum*.

*Ratio atque Institutio Studiorum Societatis Iesu* ou *Ratio Studiorum*<sup>218</sup>, como ficou mais conhecido, era um conjunto de normas criadas em 1599 pelo Padre Claudio Acquaviva, resultado de mais de cinquenta anos de experiência. O *Plano de Estudos* dos jesuítas continha uma série de regras administrativas, organização curricular, metodologia de ensino, conteúdos e condutas a serem inculcadas. Conforme detalhou Klein (1997), tratava-se de um

[...] minucioso manual de funções, com a indicação da responsabilidade do desempenho, da subordinação e do relacionamento do pessoal dirigente (provincial, reitor, prefeito, de estudos inferiores, prefeito de estudos superiores e prefeito da academia); dos professores (há catorze categorias, conforme os cursos e as disciplinas) e dos alunos. É também um manual de organização e administração escolar com prescrições sobre currículo amplo, carga horária das disciplinas, programação, textos, metodologia de ensino e de aprendizagem; avaliação e premiação dos alunos; funcionamento das academias e atividades extraclasse; disciplina de professor e alunos (p. 35).

<sup>218</sup> Ver FRANCA, Leonel. O método pedagógico dos jesuítas. Rio de Janeiro: Agir, 1952. LEITE, Serafim. História da Companhia de Jesus no Brasil. Lisboa: Portugalia; Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1938-1950. HANSEN, João Adolfo. A civilização pela palavra. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira; FILHO, Luciano Mendes de Faria; VEIGA, Cynthia Greive (orgs.). 500 anos de educação no Brasil. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. HANSEN, João Adolfo. *Ratio Studiorum* e política católica ibérica no século XVII. In: VIDAL, Diana Gonçalves; HILSDORF, Maria Lúcia Spedo (org.). Brasil 500 anos: Tópicos em História da Educação. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001. KLEIN, Luiz Fernando. Atualidade da pedagogia jesuítica. São Paulo: Edições Loyola, 1997.

A base da filosofia educacional jesuítica e da sua prática pedagógica aplicada em todos os colégios da Ordem contava com currículo teológico dividido para cursos superiores e secundários: Teologia (escolástica e moral), Sagrada Escritura e Hebreu (FRANCA, 1952, p.47). Em 1832 houve uma revisão desse texto e

[...] o novo texto, semelhante ao anterior, embora com um conjunto de regras a menos, mostrava as maiores diferenças quanto ao currículo. De acordo com a situação cultural do século XIX ele incorporava a língua vernácula; considerava fundamentais algumas disciplinas antes tidas como acessórias: história, geografia, matemática; introduzia disciplinas modernas: química e astronomia (KLEIN, 1997b).

O *Ratio Studiorum* previa em seu programa seis anos de estudo, sendo o primeiro da instrução primária e nos outros cinco, a secundária. Os colégios jesuíticos organizaram-se por meio de um programa composto pela Igreja, o *Programma de Ensino para Collegios da Companhia de Jesus*, com as seguintes disciplinas: no curso de 1º ano: Português, Caligrafia, Aritmética, História e Religião; enquanto no curso com duração de cinco anos: Latim, Português, Francês, Inglês, História, Geografia, Aritmética, Matemática e Religião (COLSATO, 2017, p. 85 e 86). Nesse programa vê-se uma quantidade inferior de disciplinas, e, diante da reformulação do *Ratio*, observei que o Pe. Galanti sugeriu adiante que o colégio se adaptou por consequência dos exames para universidades e, possivelmente, para entrar em consonância com o Imperial Colégio Pedro II.

Santos (2011), ao estudar a dinâmica da disciplina de História<sup>219</sup> na primeira escola de ensino secundário do país, o Colégio Pedro II, no Rio de Janeiro, tratou do Regulamento datado de 31 de janeiro de 1838, que estabeleceu uma duração de oito anos, com estrutura seriada e sequencial, com séries identificadas como aulas, que eram decrescentes, logo o curso iniciava-se pela oitava aula. Nessas prescrições, analisou os “mapas de lições”, que tratavam das aulas que deveriam acontecer no colégio e traziam, segundo a autora, o primeiro currículo prescrito do Brasil que continha as disciplinas de Latim, Grego, Retórica e Poética, Filosofia, História, Geografia, Matemática (Aritmética, Geometria, Álgebra, Trigonometria/Mecânica), Astronomia, Ciências, História Natural, Desenho e Música Vocal (Santos, 2011, p. 56 e 57).

O Plano de Estudo dos jesuítas se adaptou às particularidades e exigências da sociedade em que se implantava o colégio, como explicou Pe. Galanti, “mantendo-se, em grande parte, com o nosso velho método clássico, cedemos, em alguns pontos, à moda do país...” (GALANTI,

---

<sup>219</sup> A autora investiga a dinâmica das características da disciplina de História, no Colégio Pedro II, que segundo “apresentou marcas de estabilidade quando a reforma implantada a partir da Lei 5.692/71 determinou sua substituição por Estudos Sociais” (Santos, 2011).

*Woodstock Letters*, Volume XI, Número 2, 1 de maio de 1882, p.263), e se queixou da impaciência dos pais dos alunos, que insistiam em perguntar:

Quantas semanas leva para que um menino, aqui, aprenda retórica? Quantas para aprender filosofia? Se ele dedicar uma hora todos os dias ao estudo da língua inglesa, não vai ficar bem em seis meses? Assim, um rapaz de talento mediano e estudando de forma a não se fazer mal, pode, durante o período de um ano, em uma das escolas do país, preparar três, quatro ou até cinco assuntos de exame para a entrada na Universidade (GALANTI, *Woodstock Letters*, Volume XI, Número 3, 1 de setembro de 1882, p.263).

Apesar de o jesuíta queixar-se quanto ao fato da preocupação exacerbada com a entrada na universidade, esta não era uma questão exclusiva dos colégios jesuíticos. Para Arriada & Dallabrida (2008), “o ensino secundário sempre foi considerado o nível de escolarização propedêutica dirigido às elites que ambicionam ingressar nos cursos superiores” (p. 7) e os jesuítas, cientes dessa demanda, se adaptaram, no entanto, ainda predominou o ensino clássico-humanista. Tal situação não agradou ao padre e o incomodou durante muitos anos, como se pode notar no seguimento das cartas. Além das queixas e preocupações do missivista, a leitura e análise das suas escritas assumiram também a missão de dar conta do conhecimento do cotidiano. As cartas eram estritamente ligadas às práticas culturais, como a realidade é construída, dada e pensada.

Também a respeito do cotidiano, destacou outra constituinte desse Plano de Estudos: a disciplina. Em sua missiva, Pe. Galanti argumenta que esse método seria a causa da crescente popularidade ligada ao sistema de “disciplina e moralidade” e prosseguiu,

[...] descobrimos que os rapazes que vinham até nós, em vez de se juntarem aos jogos, se separavam em pequenos grupos de três e quatro, e costumavam conversar grosseiramente. Para evitar isso, recorreremos a duas pequenas invenções. Primeiro, uma ordem foi emitida, pelo qual todos os que se recusavam a participar no esporte comum fossem ordenados a manter rigoroso silêncio durante o tempo de recreação. Em segundo lugar, instituímos uma espécie de banco. A partir desse banco, as autoridades do Colégio emitiam para os meninos notas em francos, com as quais os alunos poderiam comprar vários itens oferecidos para venda ao público interno do Colégio, três ou quatro vezes por ano. Esses itens eram, em geral, frutas, confeitos e vinhos, como também objetos de devoção, tais como: pedras, estátuas, rosários, crucifixos e semelhantes. As transações do banco eram reguladas por uma regra fixa: para obter esse dinheiro, os meninos deveriam se destacar nos jogos, nos seus estudos e na sua conduta geral. Além disso, as multas eram cobradas daqueles que se recusavam a participar [...] (GALANTI, *Woodstock Letters*, Volume XI, Número 3, 1 de setembro de 1882, p.263).

A disciplina era imprescindível na metodologia jesuítica, pois mantinha o bom andamento do colégio, além de contribuir para a formação do bom cidadão (MENDONÇA, 2010). Para o jesuíta, os resultados foram os mais felizes: a conversa perniciososa foi banida; eles se aplicavam mais ao estudo e estavam satisfeitos. A ordem e a disciplina eram exigidas até

mesmo nos momentos de descontração, como nas festas em celebração a São Luís, em 1886, com a presença do Bispo de São Paulo, Dom Lino Deodato Rodrigues de Carvalho, além de padres, senhores de São Paulo e do Rio de Janeiro. Segundo Pe. Galanti, todos muito satisfeitos com o entusiasmo mostrado pelos alunos – que mais tarde se tornariam “bons membros da sociedade”-, e ponderou “essas pessoas não conseguem entender como uma disciplina rigorosa pode consistir em todo o contentamento e, portanto, admiram-na” (*Woodstock Letters*, Volume XV, Número 3, 1 de novembro de 1886, p. 264).

Além de admirar e elogiar o colégio, essas visitas de pessoas influentes, tais como os fazendeiros, bispos e padres, autoridades e intelectuais e o próprio Imperador<sup>220</sup>, representavam apoio e prestígio. Ao contrário, em carta, Pe. Galanti apontou uma série de disputas, brigas e afastamentos e queixou-se:

[...] o nosso augusto Imperador tem prazer em mostrar-se irritado conosco. Atualmente ele está fazendo um circuito nesta província, e não se dignou vir ao nosso Colégio, embora estivesse nesta cidade e visitasse todos os outros lugares, por insignificantes que fossem (GALANTI, *Woodstock Letters*, Volume XVI, Número 1, 1 de março de 1887, p. 40).

O fato de o Imperador do Brasil, Dom Pedro II, não ter visitado o Colégio São Luís gerou mal-estar, e enquanto os monarquistas condenavam, os republicanos aplaudiam. Com o acirramento do conflito entre a Igreja Católica e o Governo Imperial na década de 70, o fato de D. Pedro II ter visitado Itu em 1º de novembro de 1886 sem, contudo, ter ido ao colégio jesuítico<sup>221</sup> expôs essa relação estremecida. Esse episódio gerou uma série de reportagens, e Pe. Galanti transcreveu parte de uma delas:

É uma espécie de costume para aqueles que vêm a Itu visitar o Colégio dos Jesuítas, mas o Imperador não foi lá. As honras devidas a um acontecimento notável, causou uma grande sensação e foi interpretada de muitas maneiras diferentes: diz-se que o Imperador começa a ter consciência de que os jesuítas não admitem acima de si nenhum outro, nem mesmo o poder real, uma vez que se sintam fortes o suficiente e bem apoiado. Os Padres do Colégio foram visitados pelos representantes da imprensa, e eu era um deles. Fomos recebidos pelo Reitor. O estabelecimento é, sem dúvida, muito interessante; Há cerca de quatrocentos alunos; E sua organização e direção fazem dele um dos melhores no Império. Tudo lá é grande e magnífico. [Tal elogio é recompensa fora da medida do repórter astuto]. Mas a instrução dada à juventude é muito ruim. O fim não é formar cidadãos, mas escravos submissos. Suprimir a vontade e a autodependência dos alunos é o ideal da educação representada pelos jesuítas. Os Padres do Colégio parecem ser homens muito bons e instruídos: mas é por essa razão

<sup>220</sup> No livro em comemoração aos 140 do Colégio São Luís há referência a uma visita em 24 de agosto de 1875, que diz “o Imperador percorreu todo edifício, e como era de costume em visita desse tipo, examinou cinco alunos: um em filosofia, dois em latim, um em geometria e um em português. Depois de duas horas, deixou a escola tecendo elogios sobre o São Luís à sua comitiva” (2007, p.27). A visita mostrava a importância do colégio jesuítico, pois indicava o reconhecimento da autoridade máxima do Império.

<sup>221</sup> No livro em comemoração aos 150 anos do Colégio São Luís consta apenas a visita de 1875, sem mencionar o ocorrido em 1886. Cf. COLÉGIO SÃO LUÍS 150 ANOS de renovação. São Paulo: Edições Loyola e A9 Editora Ltda, 2017.

que eu os temo. Pois os jesuítas são como o vinho: quanto melhor eles são, pior eles são (*Woodstock Letters*, Volume XVI, Número 1, 1 de março de 1887, p. 40).

Ainda que não tenha sido mencionado o nome do jornalista ou do impresso que veiculara tal notícia, destaquei o trecho primeiramente porque corroborou o incômodo evidenciado na parte inicial da carta, e também por ter mostrado como o Pe. Galanti compunha suas missivas, pois no momento em que transcreve a notícia do jornal, mostra o quanto o fato o decepcionara. Segundo, porque se nota abertamente o confronto, pelo menos via imprensa, entre a chamada imprensa ímpia, também denominada imprensa livre, e a intitulada boa imprensa, que representava a Igreja Católica. Esses ataques não foram exclusividade dos jesuítas, pois, em 1881, também por ocasião da visita do Imperador, o *Jornal do Commercio*, que compunha a imprensa ímpia, expôs o “incidente no Colégio Caraça”<sup>222</sup> entre o Imperador, o professor e o aluno.

Toda a visita do Imperador foi noticiada pelo *Correio Paulistano*, cada dia, cada evento, e o fato de não estarem entre os visitados e prestigiados causou algum incômodo, mas não o suficiente para desanimar o funcionamento do colégio. Prosseguindo com a escrita, o padre indicou o êxito dos “meninos”, como costumava se referir nas cartas aos alunos, eram mais de 180 que seriam enviados para prestar os exames da Universidade.

O Colégio São Luís prosperou, cresceu em estrutura e em prestígio, e era cada vez maior o número de alunos que recebia. Eram os filhos da oligarquia ituana e adjacências que, por conta do seu poder econômico e da facilidade em enviar seus filhos para estudar no país e no exterior, transformou

[...] a sociedade ituana de caráter patriarcal, escravista e escravocrata numa sociedade com características mais republicanas, liberais e abolicionistas, formando uma elite mais urbana do que rural, [...]. Influenciados pelas concepções liberais, os filhos daquela oligarquia rural faziam germinar anseio de progresso e de modernidade naquela sociedade (LOURENÇO, 2017, p. 116)

Manoel (1996) analisou como foi possível o crescimento dos colégios católicos mesmo numa sociedade com características liberais, apontando que os projetos educacionais eram incompatíveis entre si. O modelo liberal era laico, preocupado com uma convivência harmoniosa do cidadão sob a égide da Constituição e ensinava ciências e letras, tendo por objetivo a formação moral e cívica, conforme os pressupostos da liberal-democracia representativa. Já o católico visava à formação dos bons católicos, que seriam bons cidadão e

---

<sup>222</sup> Para mais informações, consultar GOMES Eveline Viterbo. Os operários da fé e a divulgação da ordem religiosa: o projeto de educação católica em O Apostolo (1866-1882). UERJ, 2018.

por isso rejeitariam a moral contratual proposta pela sociedade burguesa (MANOEL, 1996, p. 19). Para o autor,

[...] no Brasil do século XIX, a junção das concepções católicas com o projeto liberal, em particular no que dizia respeito à educação, não obstante a negação mútua entre eles, se deveu ao fato de o conjunto doutrinário católico apresentar uma concepção de sociedade, poder político e relações familiares bastante conveniente à própria forma de vida, vivida e imposta pela oligarquia à sociedade brasileira (Idem)

O cenário já estava em mudança quando, por volta de 1888, Pe. Galanti se mostrou preocupado com a diminuição do quantitativo de alunos e apontou as causas para aquela alteração que modificaria a visão da sociedade brasileira: a abolição e as epidemias.

A partir de meados do século XIX o Brasil passou por transformações políticas, como a efervescência do abolicionismo, na qual jornalistas, intelectuais, escritores e políticos debateram sobre a mão-de-obra escrava e o desenvolvimento nacional. Uma série de leis<sup>223</sup> foi promulgada para abolir gradualmente a escravidão do Brasil: a Lei Eusébio de Queiroz (1850), a Lei do Ventre Livre (1871) e a Lei do Sexagenário (1885) (BARROS, 2016). Chalhoub (2010), ao analisar a escravidão no Brasil, argumenta que a possibilidade de alforria e, por conseguinte, a experiência da liberdade teria seus problemas e riscos para os egressos da escravidão, e faz um alerta:

no Brasil, mais do que em outras sociedades escravistas das Américas, o processo de libertação de escravos ocorria concomitantemente à continuidade da própria instituição da escravidão, resultando na cifra significativa, já mencionada, de que 73,75% da população negra do país era livre em 1872 (p. 36).

Em 13 de maio de 1888, a Lei Áurea, assinada pela Princesa Isabel, enfim abolia a escravidão, porém o “escravo ficou livre, mas se tornou “negro”, “homem de cor”, marginalizado” (BARROS, 2016, p. 754), informou Pe. Galanti, na carta de 29 de agosto de 1889:

o governo brasileiro aboliu finalmente a escravidão, e felizmente nenhuma desordem de qualquer importância veio dela. Os proprietários de escravos pediram indenização ao Congresso. A abolição da escravidão trouxe uma bela carta de Sua Santidade, o Papa Leão XIII, aos bispos do Brasil, e a Rosa Dourada para a princesa regente (*Woodstock Letters*, Volume XVII, Número 3, 1 de novembro de 1888, p. 355).

Somente na carta seguinte o jesuíta indicou a diminuição de alunos para 280 e explicou que “a abolição da escravidão privou os fazendeiros (e de tais até mesmo a classe superior da sociedade aqui é composta), de sua principal fonte de receita” (GALANTI, *Woodstock Letters*,

<sup>223</sup> A seguir, as referidas leis e suas medidas, “1850, a lei antitráfico de Eusébio de Queiroz; a Lei do ventre Livre (1871), que declara livres os filhos de escravos nascidos a partir dessa data; a Lei do Sexagenário (1885), que considera livres os escravos maiores de 65 anos; em 1886, é proibida a pena de açoite” (BARROS, 2016, p. 754).

Volume XVIII, Número 3, 1 de outubro de 1889, p. 373). O padre, assim como os jesuítas, se opunha à escravidão dos negros. Acerca dessa questão, Pe. Galanti escreveria mais tarde que os inacianos não agiam contra a lei, posicionando-se a favor dela.

A partir das ideias de Canen e Xavier (2000)<sup>224</sup>, notei que a carta trouxe características distintas, pois, nela, Pe. Galanti fez um discurso generalizante, como se toda a sociedade tivesse seu posicionamento em relação aos fazendeiros. Por outro lado, deixou de se sensibilizar com os negros, sem denunciar ou condenar a exploração que sofriam. Seus registros de memórias por meio de cartas, que tinham como destino a publicação e leitura pelos seus pares, contribuem para a construção de uma memória nacional estática, sem levar em conta as múltiplas camadas que participaram da construção social. Levando-se em consideração que o jesuíta foi autor de diversos livros didáticos dedicados ao ensino de História do Brasil, pode-se aferir uma escrita voltada para a homogeneização da memória nacional, em construção naquele período.

Naquele mesmo ano, como em outros lugares, Itu sofreu com a epidemia de varíola, devido a fatores “como o aumento da população nas áreas endêmicas de algumas doenças e a falta de condições sanitárias, com sistemas precários que não acompanharam as necessidades provenientes do crescimento das cidades” (CLS, 2007, p.31 e 32). As cartas permitiram comentar sobre as condições de saúde no Brasil. Na seção Varia, de 1888, Pe. Galanti informou que a epidemia de varíola fez com que a celebração da festa de São Luís fosse adiada, com pelo menos 120 alunos confinados em suas camas. No ano seguinte, na mesma seção, o jesuíta escreveu que ele e os outros padres pensaram que o perigo havia passado, no entanto, alunos e padres contraíram a doença e três jesuítas morreram<sup>225</sup>. Diante dessas “provações”, nas palavras de Pe. Galanti, não era possível desanimar no cumprimento da obra de Deus

[...] o colégio perdeu muito em dinheiro, mas nada em sua reputação; já que todos aprovaram e aplaudiram as medidas que tomamos nestas circunstâncias difíceis. Portanto, tenho todos os motivos para esperar um número suficiente de rapazes no próximo ano. O colégio será aberto novamente no dia 20 de fevereiro, e no devido tempo eu vou dizer-lhe qual será a nossa posição. Entretanto, vários padres estão pregando missões em diferentes partes desta província, e estão fazendo um bom negócio (GALANTI, *Woodstock Letters*, Volume XVIII, Número 2, 1 de junho de 1889, p.114).

<sup>224</sup> As autoras analisaram as cartas publicadas de uma educadora alemã que escrevia à sua amiga Grete, no livro Ina Von Binzer, assinando com o pseudônimo de Ulla. Em uma das cartas faz um depoimento sobre os escravos, a partir do qual as autoras observam generalizações de uma população, onde se observa a redução identitária brasileira; e, por outro lado, a sensibilidade à questão da identidade negra (CANEN & XAVIER, 2000, p. 72 e 73)

<sup>225</sup> Segundo Pe. Galanti morreram Padres Collangeli, Chiari e Nardi (GALANTI, 1889, p.114)

Enquanto não podiam reabrir o colégio, os padres dedicaram-se às pregações nas missões, mas as atividades provavelmente não pararam por completo, uma vez que o correspondente brasileiro enviou a seguinte notícia.

[...] o resultado de nossos exames, tanto em São Paulo como em outros lugares, tem sido esplêndido, e talvez melhor do que em qualquer outro ano. O colégio de Nova Friburgo está indo muito bem, embora também eles tenham que lutar este ano com várias doenças, principalmente com o sarampo (GALANTI, *Woodstock Letters*, Volume XVIII, Número 2, 1 de junho de 1889, p.115).

Esta foi a última carta publicada na revista antes da Proclamação da República no Brasil, episódio que foi se consolidando devido ao descontentamento de setores da sociedade com o sistema eleitoral, o poder moderador e a centralização do poder. Desde meados do século XIX, o café foi o grande produto agrícola de exportação do país. Os cafeicultores do oeste paulista organizaram-se politicamente no Partido Republicano Paulista e, junto a eles, crescia o número de militares insatisfeitos e a propaganda republicana (DELANEZE, 2007). No dia 15 de novembro de 1889, o Marechal Deodoro da Fonseca proclamou a República, representando o Exército – que em sua maioria não era republicano e de elite. Para Carvalho (1990), “esse grupo não tinha visão elaborada de república, buscava apenas posição de maior prestígio e poder, a que julgava ter o Exército direito após o esforço de guerra contra o Paraguai” (p.39).

Na carta de 06 de abril de 1891, Pe. Galanti dá notícias da melhora do colégio e fala de modo especial das suas classes, pois “todo o colégio está superlotado. Tenho, por exemplo, na minha classe, 52 alunos em inglês, 50 na História do Brasil e 47 na História Universal” (*Woodstock Letters*, Volume XX, Número 2, 1 de junho de 1891, p. 184). Foram muitas as solicitações de matrículas e telegramas, mas foram obrigados a recusar os pedidos. O jesuíta narrou sua viagem de férias, em Nova Friburgo, no que pareceu ser sua primeira visita ao Colégio Anchieta, e entusiasmado escreveu:

[...] está situado em uma crista alta entre as montanhas. O ar é excelente e a temperatura fria, a vista embora seja bela, é impressionante. O edifício é bastante pequeno, podendo acomodar apenas cento e trinta pensionistas. Há, no entanto, terra para construir. Tanto a casa como a terra, que no início foram contratados, foram compradas e nós podemos construir lá um colégio fino, assim que nós estivermos um pouco mais seguros de nossa posição neste país. O colégio adquiriu boa reputação, e como está apenas três ou quatro horas de trem da capital há boas razões para esperar por mais estudantes. Ainda assim, este ano não esperamos muitos alunos, porque os exames no final do ano, devido a uma severidade extrema, foram completamente malsucedidos (GALANTI, *Woodstock Letters*, Volume XX, Número 2, 1 de junho de 1891, p. 179 e 180).

Pe. Galanti confiava no futuro do Colégio Anchieta<sup>226</sup> e ele próprio lecionaria na instituição a partir de 1899. Nesta, como em outras cartas, o jesuíta falou de suas viagens dentro do Brasil, fosse em missão ou a lazer, utilizando-as, talvez, com a intenção de registrar suas travessias pelas missões e colégios jesuíticos. No entanto, foram os exames que o preocuparam, pois os alunos não se saíram bem, e continuou:

[...] esses exames frequentemente consistem em algumas questões bem estúpidas, de modo que não é incomum que um pobre menino que sabe muito bem a sua matéria seja reprovado, e outro que seja um cabeça oca obtenha sucesso. Além disso, como neste país a proteção é muito poderosa, temos que ensinar focando não somente que nossos alunos aprendam algo, mas também para que adivinhem as questões, etc. As matérias que ensinamos e que são necessárias para os exames são as seguintes: Português, Latim, Francês, Inglês, Retórica, Filosofia, História (tanto universal como a história do Brasil), Geografia, Cosmografia, Aritmética, Álgebra, Geometria e Trigonometria. A Filosofia e a Retórica têm sido ultimamente reprimidas, então teremos doutores sem filosofia e oradores sem retórica!

Ao discorrer sobre as disciplinas obrigatórias para os exames, ficou claro que os colégios jesuíticos acrescentaram matérias ao *Programma de Ensino para Collegios da Companhia de Jesus*, provavelmente para atualizarem-se frente ao que era exigido para o acesso à universidade. Sua insatisfação com os exames é notória. De fato, em linhas gerais, o ensino secundário desde o Império “[...] funcionava como uma ponte de passagem, momento de preparação para os exames de ingresso nos cursos superiores [...]” (Gondra & Schueler, 2008), e com o advento da República e a Reforma de Benjamin Constant (1890-1891)<sup>227</sup>, produto da Proclamação da República, estabeleceram-se leis em todos os níveis de ensino. O mais atingido, no entanto, foi o Ensino Secundário, com o que ficou conhecido por exame de madureza, onde as instituições teriam que se equiparar ao Colégio Pedro II que, a partir da Reforma, passou a se chamar Ginásio Nacional. Outra medida foi a oposição ao ensino religioso em estabelecimentos públicos, o que não deixava de demonstrar a separação entre o Estado e a Igreja Católica.

As cartas do Pe. Galanti proporcionaram uma visão da educação masculina nos colégios jesuíticos e possibilitaram acessar indícios da sua percepção e compreensão sobre a educação brasileira quando, por exemplo, registrou em tom de indignação: “nosso ensino, propriamente falando, não é nem clássico nem científico; é o que se é possível neste país” (GALANTI, *Woodstock Letters*, Volume XX, Número 2, 1 de junho de 1891, p. 180). Talvez, como Ulla, a

<sup>226</sup> Este colégio foi fundado em 12 de abril de 1886, na região serrana do Rio de Janeiro (Mendonça, 2010).

<sup>227</sup> A Reforma Benjamin Constant, instituída por Benjamim Constant de Botelho Magalhães (1836 – 1891), primeiro ministro da educação no Brasil.

preceptora alemã, ele tenha se convencido de que não seria possível utilizar os clássicos dos colégios jesuíticos europeus.

E continuou seu registro quanto aos exames e ensino:

[...] quanto à ordem, qualquer um pode seguir o que quiser; alguém pode começar fazendo o seu exame de matemática e terminar com o de português. Portanto, você pode ver que dificuldade temos para ensinar. Além do que, algumas matérias não são exigidas para algumas profissões, de modo que os meninos que desejam seguir tais profissões se recusam a estudar qualquer outra matéria (GALANTI, *Woodstock Letters*, Volume XX, Número 2, 1 de junho de 1891, p. 180 e 181).

E exclamou: “a instrução é um caos!”, revelando, assim, sua visão fortemente marcada

[...] por estereótipos e por perspectivas etnocêntricas e que, no decorrer da sua estada no país, passa a reconfigurar sua identidade em processo de hibridização narrados em suas cartas, a importância dessas fontes documentais ganha relevo (CANEN & XAVIER, 2000, p. 68).

Correspondente fiel, o Pe. Galanti registrou em suas cartas a impressão que teve dos entrelaces entre as propostas educacionais trazidas em missão e a política que atravessava o país no final do século XIX. Mesmo distante de sua origem europeia e dos seus pares que o formaram, manteve uma ligação cumprindo assim seu objetivo em terras brasileiras. As cartas narraram trajetórias, impressões, lutas e glórias para edificação da Igreja Católica, da Companhia de Jesus, da sua memória no processo civilizatório e suas missões voltadas para a educação. Escreveu para não ser esquecido e para não se esquecer.

## SEU SERVO EM CRISTO/ DESTA INFELIZ TERRA DE SANTA CRUZ: UMA DESPEDIDA

Padre Raphael Maria Galanti despediu-se do editor e de seus leitores de forma humilde e respeitosa: “Seu servo em Cristo”, “Seu humilde servo em nosso Senhor”, “Permaneço em Cristo”, “Recomendo-me aos vossos santos Sacrifícios” ou “Infinito servo em Cristo”, já que a despedida faz parte do cerimonial epistolar (juntamente com data, saudação, assinatura e destinatário). Inspirada no jesuíta, despeço-me do/da leitor/leitora, depois desta longa viagem, mas não sem antes fazer alguns apontamentos.

Busquei nas instituições de guarda e na bibliografia informações sobre o jesuíta. Sem muito sucesso, localizei, primeiramente, livros didáticos de sua autoria dispersos em várias instituições, como o Instituto Histórico e Geográfico do Brasil, o Real Gabinete Português de Leitura, o Colégio Anchieta e o *Archivum Romanum Societatis Iesu*<sup>228</sup>. Percorri essas obras didáticas na perspectiva de investigar sua produção, circulação e apropriação. Sobre a editora responsável por grande parte dos livros, a Editora Duprat<sup>229</sup>, havia escassos documentos. Recorri aos jornais e às escolas da época, no intuito de mapear a recepção desses manuais e os encontrei nos impressos que noticiavam a adoção dos livros pelas Instruções Públicas do Maranhão e Espírito Santo, mas somente nos colégios jesuíticos localizei exemplares ou menção sobre sua utilização no cotidiano escolar. Mesmo com poucas informações presumi que os livros foram utilizados por um longo período, visto ter localizado no arquivo romano um deles, já com capa colorida, em edição de 1932.

Investiguei sobre a vida desse jesuíta, mas as poucas biografias escritas sobre ele eram breves, e nos arquivos dos locais onde lecionou não havia documentos que viessem ao encontro da pesquisa. Foi então que, na Província Leste dos Jesuítas, localizada no Rio de Janeiro, tive acesso ao seu arquivo pessoal, em cujo acervo constavam seus votos, algumas cartas pessoais trocadas entre ele e outros padres, cartões, poesia e uma folha datilografada com homenagens feitas ao jesuíta em jornais, mas que trazia também a notícia de que outros documentos teriam sido queimados. Frustrada, insisti na busca por informações sobre Pe. Galanti e investiguei o percurso realizado pelo jesuíta desde a saída de Ascoli Pisceno, sua cidade natal, na Itália. Em

<sup>228</sup> Nesse arquivo localizado em Roma não estive pessoalmente, tais informações foram repassadas pela bibliotecária responsável.

<sup>229</sup> Além de informações na tese de Márcia de Paulo G. Razzini, *O espelho da nação: a Antologia Nacional e o ensino de português e de literatura (1838-1971)*, 2000 e no livro de Ana Luiza Martins *Revistas em Revista Imprensa e Práticas Culturais em Tempos de República, São Paulo (1890-1922)*, 2008, soube por um de seus herdeiros, sem maiores detalhes, que fora completamente destruída como consequência da Revolta de 1924, em São Paulo.

minha viagem virtual, acessei arquivos e documentos disponíveis na web e me deparei com as cartas de Pe. Galanti publicadas numa revista norte-americana. O encontro com o jesuíta através dessas cartas proporcionou novas perspectivas e novos olhares sobre minha pesquisa. A aproximação com as cartas e a revista foi fundamental na construção da investigação.

Com o intuito de edificar e instruir, Pe. Galanti escreveu cartas sobre as missões jesuíticas no Brasil, entre 1880 e 1910, que foram publicadas na revista *Woodstock Letters*, periódico que serviu de elo entre os inacianos, que desde a fundação da Companhia de Jesus estiveram espalhados pelo mundo. Segui na leitura desse periódico que revelava, a cada página e a cada seção, narrativas sobre as Missões, os Colégios, Seminários e Faculdades dos jesuítas dispersos nos cinco continentes e que foram enviadas em forma de carta e utilizadas pelos editores, que, por vezes, as transformavam em artigos. Notei que a revista não desempenhava um papel meramente informativo aos seus leitores, seu sentido era edificante e mostrava aos membros da Ordem que, mesmo diante das dificuldades e sacrifícios, a vitória prevalecia, *Ad Majorem Dei gloriam*<sup>230</sup>.

A escrita epistolar de Pe. Galanti possibilitou remontar pelo menos três aspectos da memória que constrói do Brasil. Primeiramente, sua visão sobre a religiosidade do povo brasileiro, ameaçada pela Maçonaria e por protestantes que tomavam cada vez mais espaço, fazendo com que a Igreja Católica reagisse, por exemplo, por meio da imprensa, cujos periódicos produzidos projetavam seu posicionamento frente a essas questões, abrangendo um projeto inerente a essa vertente religiosa.

Um segundo aspecto era sua concepção política do país. Pe. Galanti fez reverberar as vezes em que a Companhia correu algum risco de expulsão, fazendo questão de apontar as pessoas influentes que a defenderam. As visitas ao colégio na cidade de Itu também foram um evento emblemático, com ou sem a presença do Imperador. Em 1875, D. Pedro II visitara o Colégio de São Luís, e seus elogios sinalizaram, para os jesuítas, o reconhecimento de sua instituição perante o Império. No entanto, em 1886, o Imperador foi a Itu, mas não visitou a instituição jesuítica, gerando uma série de notícias nos jornais da época que mostravam a relação estremecida entre a Igreja Católica, representada pelos jesuítas, e o Estado. Esse fato sinaliza, possivelmente, a discussão sobre a laicidade do ensino, clamada por vários setores da sociedade e que se oficializaria com a Constituição de 1891, com a separação entre Estado e Igreja, principalmente a Católica.

---

<sup>230</sup> Lema da Companhia de Jesus que significa “Para maior glória de Deus”.

E finalmente muito se escreveu sobre a educação nessas cartas, um outro aspecto da visão construída por Pe. Galanti que também se destaca. O tema foi abordado a partir da fundação de colégios da Ordem que atendiam à elite masculina e serviam para a manutenção do catolicismo e do trabalho missionário que os jesuítas desempenhavam. Nas missivas, Pe. Galanti revelava a sua concepção sobre a educação brasileira da época, que, nas suas palavras, era o possível para este país, tendo contribuído, com sua visão eurocêntrica, a partir da escrita de livros didáticos.

Percebe-se a construção de uma ponte entre as cartas e os manuais, à medida que observamos alguns temas, tais como a escravidão no Brasil, assunto abordado em suas missivas apenas no episódio da abolição da escravatura, em 1888. Nela, fez referência ao prejuízo financeiro provocado aos fazendeiros pela liberdade dada aos negros, sem nenhuma indenização aos donos de terras, que dependiam da mão de obra escrava, fato que acarretou a diminuição do número de alunos nos colégio jesuíticos. Em seus livros respaldou a Companhia de Jesus, quando reiterou que a Ordem não contrariava a escravidão, pois se tratava de uma questão de natureza legal e, apenas, cumpria a lei. Por outro lado, sinalizou Pina (2006) ao estudar como Rocha Pombo descreveu “o processo de libertação da escravatura associada a um contexto de mudanças institucionais por que passava o Brasil, o qual o levou à proclamação da República” (p. 21), destacou o apoio da Igreja Católica: “Das tribunas, diz o historiador padre Raphael Galanti, cahiam nuvens de flores; o pranto de alegria, os risos, as aclamações, as effusões irrompiam de toda parte” (PINNA, 2006, p. 22 apud POMBO, 1952, p. 263), demonstrando que a análise historiográfica realizada por Pe. Galanti foi romantizada.

Percorrer as cartas de Pe. Galanti permitiu compreender melhor sua biografia, que ainda tinha muitos aspectos negligenciados. Padre, professor, autor de livros didáticos, sócio de vários Institutos Brasileiros, o jesuíta era praticamente desconhecido no seio da sua própria Ordem. Havia um esquecimento em torno desse intelectual. Nesse sentido, tornou-se importante conhecer as missões jesuíticas no Brasil, suas ações e suas estratégias para compreender o jesuíta.

A escrita jesuítica, que tem oferecido muito à historiografia, tem sua visão impregnada pelos valores religiosos e morais da Igreja Católica, mas, em muitos períodos, como o Colonial, é quase a única informação para a história do Brasil, nem por isso sem tensões e disputas. A escrita de Pe. Galanti, apesar das suas cartas e livros didáticos, também sofreu com embates no campo historiográfico. Nos seus livros *Breve História do Brazil destinada às creanças* e *Lições de História do Brazil*, por exemplo, suas introduções referiram-se às viagens e descobrimentos marítimos portugueses, seguidos pelo descobrimento do Brasil, aproximando-se da

historiografia que tratava a história pátria num sentido de continuação da história de Portugal. Sua narração europeia da história, possivelmente foi a causa do seu esquecimento, pois se tratava de um momento em que se constituíam esforços para a formação da memória nacional, construção “[do] próprio retrato da Nação em processo de esboço” (GUIMARÃES, 1988, p.9). Outro ponto de enfrentamento entre o jesuíta e os intelectuais, como os sócios do IHGB, que representou um “centro autorizado para a produção de um discurso sobre o Brasil” (Idem, p. 16) foi o descobrimento do Brasil. Nas suas cartas, tratou os portugueses como desbravadores e os primeiros jesuítas como os conquistadores das almas que aqui existiam, os índios. Ainda sobre esse evento, Pe. Galanti, em seu único artigo publicado na RIHGB, divergiu da data do descobrimento, que para ele seria 03 de maio, e, com isso, talvez tivesse a intenção de organizar as ações humanas no tempo, dirigindo a vida pública e cotidiana, na perspectiva apontada (LE GOFF, 1990).

A revista *Woodstock Letters* mostrou a tentativa da construção da memória em torno da Ordem em todo o mundo. Há muito os jesuítas se utilizam da escrita e “uma boa parte das cartas teria sido produzida com o propósito claro de edificar, na expressão ascética da época, que apontava para as ações que serviam para manifestar a presença divina, estimular a Fé do próximo e infundir piedade” (LONDOÑO, 2002 p.12). As missivas publicadas na revista, além dos aspectos mencionados por Londoño (2012), também se mostraram como forma de os jesuítas registrarem sua história e permanência em dado lugar. Leonardi (2010) afirma que “edificar, construir a congregação, deixar herança, controlar pelo fornecimento de modelos/imagens, eram os objetivos da grande produção de obras a respeito da congregação” (p.167), possivelmente um caminho aderido pelos fundadores e responsáveis da *Woodstock Letters*.

Edificar, erguer, levantar, fundar, instituir era a missão dos inacianos e, de uma forma mais particular, do Pe. Galanti. Através das suas missivas, é possível acompanhar como interpretou olhares e estranhamentos, registrados durante sua permanência, sobre a sociedade, a educação e os colégios brasileiros. Em termos mais gerais, a memória construída pelo jesuíta sobre sua Ordem perpassa aspectos políticos, religiosos e educacionais. Politicamente, os jesuítas estiveram, na maioria das vezes, ao lado do governante ou do poder dominante de determinado lugar, partilhando de suas ações e, assim, negociando sua permanência.

Ao retomar as cartas publicadas remetidas da América do Sul, inclusive aquelas do padre protagonista deste estudo, nota-se essa característica, possivelmente ligada ao temor de uma nova expulsão. É importante ressaltar que os padres cujas cartas foram analisadas no

terceiro capítulo desta pesquisa eram provenientes da Espanha<sup>231</sup>, de onde tinham sido expulsos entre 1820 e 1835. A vinda para a América do Sul foi uma viagem de exílio. Na escrita epistolar dos padres deste continente era notório o receio de uma nova supressão, e assim se colocavam como verdadeiros negociadores, principalmente no que diz respeito à educação, pois na maioria dos países para os quais retornaram fundaram ou reabriram seus colégios, responsabilizando-se por parte do sistema educacional local.

Sob o aspecto religioso, possivelmente o evento que mais se destaque no período estudado seja a Questão Religiosa. Recuar para o início do século XIX talvez possibilite compreender a associação dos jesuítas a esse episódio. Conforme indica Santirocchi (2015), foi “a passagem de uma noção de Monarquia como dimensão macro-política organizadora da diversidade, para aquela que a reconhecia por referência à própria Nação” que fez com que a prescrição de Roma sobre a Igreja no Brasil fosse vista como um ataque à soberania nacional e

foi justamente este novo fundamento da soberania que levou o clero regalista brasileiro a reabilitar o antijesuitismo característico da prática pombalina. Tal postura assumia importância no contexto do reforço do poder e autoridade de Roma, operado nos marcos do restauracionismo das antigas monarquias europeias, após a derrota de Napoleão e a instauração do Congresso de Viena (SILVA e CARVALHO, 2017, p. 156).

Assim, os ultramontanos ganharam força com a restauração da Companhia de Jesus, em 1814, pelo Papa Pio VII e pelo pontificado de Gregório XVI. Parte intrínseca desse movimento, os jesuítas mostraram-se, no Brasil, ao lado da maior autoridade da Igreja Católica, o Papa, remontando à fundação da Companhia de Jesus, seguindo os preceitos da Santa Sé. Aliás, a aproximação dos inicianos ao discurso ultramontano, além da obediência ao Papa, pode ter representado também uma forma de autodefesa e defesa da Igreja Católica. Diante da subordinação da Igreja à Roma e à infalibilidade do Pontífice, era preciso evangelizar para a formação do “bom cristão”. Exemplo claro foi a união de Pe. Galanti e seus companheiros a Dom Macedo da Costa, o Bispo do Pará, recém-libertado da prisão, em consequência da Questão Religiosa. Nas cartas publicadas na *Woodstock Letters*, o jesuíta ressaltou o aspecto missionário e benevolente da estada naquela parte do Brasil. Ainda nas cartas escritas quando estava no Pará, Pe. Galanti destacou sua contribuição, junto aos seus companheiros na formação de novos sacerdotes. No Seminário do Pará desempenhou funções da vida sacerdotal que lhe valeram um convite para que os jesuítas ficassem à frente da direção da instituição. Em

---

<sup>231</sup> Segundo Echaniz (2006), seriam expulsos de novo em 1840, e somente a Concordata de 1851 lhes daria título legal para uma precária presença no país. Seguiram sendo expulsos de muitos outros países, como Suíça (1847) e Áustria (1848), em consequência da política *Kulturkampf* de Bismarck (MONTEIRO, 2017).

decorrência da supressão dos jesuítas, em 1759 houve uma considerável diminuição dos seminários e dos agentes formadores, logo a dedicação à formação religiosa, junto ao grande líder da Reforma da Igreja no Brasil<sup>232</sup>, representou para a Companhia de Jesus estar alinhada ao pensamento ultramontano, ao catolicismo romanizado.

A memória jesuítica nas cartas de Pe. Galanti, no que se referiu à educação, estava atrelada aos colégios fundados ou reabertos, que foram destaques da permanência da Ordem no Brasil. Não é possível pensar no estabelecimento desses institutos secundários fora da perspectiva da articulação da Igreja, que se manteve mesmo depois da República (DALLABRIDA, 2001). Essas instituições chamavam a atenção por sua arquitetura e grandiosidade, como descreveu longamente o Colégio São Luís, fundado em 1867, em São Paulo, nas cartas publicadas na *Woodstock Letters* e *Laval Letters*. Ao continuar o envio de cartas, o jesuíta ressaltou, de forma mais ampla, a proposta desses colégios, uma educação humanística baseada no *Ratio Studiorum*. No entanto, Pe. Galanti sugeriu condições diferentes no país para a educação jesuítica, como a leitura dos clássicos e a dedicação à Retórica. Ao longo da sua escrita nota-se a adaptação à clientela que atendia. A educação e a formação da nova geração foram tratadas como uma missão da Ordem, o que permitia que fossem retratados como educadores a serviço da boa educação da juventude masculina da elite brasileira. Nesse sentido, sua missão o levou a contribuir com a escrita de livros didáticos de história que servissem para educar as novas gerações que, aliás, também foi uma proposta da reforma ultramontana, com a intenção de combater os livros ímpios. Dentro dessa perspectiva, mais que publicar suas aulas de história em formato de livro, existia ainda a função de ocupar espaço diante dos maus livros.

Os aspectos trazidos à tona sobre a memória construída da Companhia de Jesus e sua educação foram possíveis a partir da tessitura de uma rede de sociabilidade que, de acordo com Sirinelli (2003), é “todo grupo de intelectuais [que] organiza-se a partir de uma sensibilidade ideológica ou cultural comum e de afinidades, que alimentam o desejo e o gosto de conviver” (p. 246) e onde se desenvolvem as relações de lealdade, afinidade e favorecimentos, por exemplo, enquanto “a atração, a amizade e os afetos, assim como a hostilidade, a rivalidade e o rancor desempenham um papel importante no mundo intelectual” (GONTIJO, 2005, p. 262). Nesse sentido, podemos compreender aqueles que perseguiram a Companhia de Jesus, mas, principalmente, os políticos a seu favor, religiosos de grande representatividade com que se relacionaram, congregações femininas convidadas pela Ordem para se instalar no Brasil e a

---

<sup>232</sup> AZZI, Riolando (1974), referindo-se a Dom Macedo da Costa.

oligarquia paulista que influenciava a instalação de colégios e os mantinham por meio do pagamentos de mensalidades. Todas essas relações que formam esta complexa rede são visibilizadas nas missivas de Pe. Galanti, que comunicaram e informaram sobre a missão.

As missivas disponíveis na revista *Woodstock Letters* (1872-1869), suporte essencial para esta pesquisa, expressaram o interesse em divulgar a história jesuítica, portadora do projeto de ser o elo entre os inacianos, e veicularam ideias e valores capazes de influenciar os indivíduos dispersos pelo mundo. Ainda que não possa ser considerada uma revista pedagógica, ela,

capta, transforma e divulga acontecimentos, opiniões e ideias da atualidade – ou seja, lê o presente – ao mesmo tempo que organiza um futuro – as possíveis consequências desse fatos no presente – e, assim, legitima, enquanto passado – memória – a leitura desses mesmos fatos no presente futuro (BASTOS, 2002, p.49,50).

Enquanto prática social, constrói memória e revela-se fundamental para captar os modelos propostos, sua efetivação e a opinião dos padres que ajudaram a constituir a história jesuítica e sua educação. Assim, Pe. Galanti contribuiu, enquanto remetente, para dar visibilidade às ações da missão jesuítica brasileira aos leitores por onde circulava a revista.

Por meio da revista e das cartas nela publicadas, este estudo contribui para alargar a compreensão a respeito da educação jesuítica, resgatando parte de sua história e a de um padre importante para a Ordem. No que se refere à história da educação, Vinão Frago (2000) aponta alguns objetivos possíveis de serem perseguidos com o uso da fonte autobiográfica, entre eles: a reconstrução dos processos e modos de educação de uma geração ou grupo social em uma época ou contexto determinado; e a análise de autopercepção socioprofissional e modos de vida dos professores. Nesse sentido, as cartas de Pe. Galanti publicadas na revista são pistas, “fios da rede de ideias” (BASTOS, CUNHA e MIGNOT, 2002, p. 7) tecidas em meio a essa complexa história dos jesuítas no Brasil, que auxiliam a compreender, pelo viés religioso e educacional, a trajetória desse protagonista como padre, professor e autor de livros didáticos, contribuindo para o campo dos estudos autobiográficos que vêm se dedicando à vida dos educadores.

O ponto final desta escrita não finda as possibilidades em torno desses objetos culturais - cartas e revista -, mas apontam para novas temáticas que compõem seu conteúdo e, ainda, para a questão da imprensa voltada apenas para os religiosos, como também é o caso das revistas *Laval Letters* e *Letters and Notices of the English Province*, que são merecedoras de estudos mais aprofundados. Chego à última página. Despeço-me do leitor e da leitora, convidando-os a seguir na leitura dessas e de tantas outras cartas da *Woodstock Letters* que permitem novas reflexões sobre a história da educação. Há outras páginas a serem escritas.

## REFERÊNCIA

ALBANESE, Catherine L. Diversidade Religiosa no Período da Colonização Americana. *eJournal USA*. 2008. pp. 5-12

ANDRADE, Maria do Carmo. Dom Vital. *Pesquisa Escolar Online*, Fundação Joaquim Nabuco, Recife. Disponível em: <http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/index.php> . Acesso em: 25/12/2019.

AQUINO, Maurício. As visitas pastorais na reforma ultramontana da diocese de Botucatu-SP (1909-1910). *Anais dos Simpósios da ABHR*, UFMA, São Luís, 2012.

ARAÚJO, José Carlos Souza. As instituições escolares na primeira república: ou os projetos educativos em busca de hegemonia. In: NASCIMENTO, Maria Isabel Moura Nascimento et al. (org.). *instituições escolares no Brasil: conceito e reconstrução histórica*. Campinas-SP: Autores Associados, 2007.

ARAÚJO, M.; MAESO, S.R. Explorando o eurocentrismo nos manuais portugueses de história. *Estudos de Sociologia*, v.15, n.28, p.239-270, 2010.

ARENZ, Karl Heinz. “Sem educação não há missão”: a introdução da formação jesuítica no Maranhão e Grão-Pará (Século XVII). *Outros Tempos*, vol. 13, n. 21, 2016 p. 1-20

ARRIADA, Eduardo; DALLABRIDA, Norberto. Apresentação: releituras históricas do ensino secundário *História da Educação*, ASPHE/FaE/UFPel, Pelotas, v. 12, n. 26 p. 5-12, Set/Dez 2008. Disponível em: <http://fae.ufpel.edu.br/asphe> Acesso em 13/04/2019

AZEVEDO, Fernando de. *A cultura brasileira*. 4.ed. São Paulo: Melhoramentos, 1964.

BADANELLI RUBIO, Ana Maria. Las imágenes y sus interpretaciones en los textos escolares españoles. Una propuesta metodológica. *Rev. Bras. Hist. Educ.*, Maringá, v. 20. Dossiê. 2020. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S2238-00942020000100505&script=sci\\_arttext&tlng=es](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S2238-00942020000100505&script=sci_arttext&tlng=es) Acesso em: 01/02/2020.

BADANELLI RUBIO, Ana Maria, OSSENBACH SAUTER, Gabriela. Hacer Historia en la era digital: nuevas formas de acceso a las fuentes y de conservación del patrimonio. In: BERRUEZO ALBÉNIZ, María Reyes, CONEJERO LÓPEZ, Susana (Coords.). *O longo caminho para a educação inclusiva: educação especial e social do século XIX até os dias de hoje: XV Colóquio sobre História da Educação*, Pamplona-Iruñea, 29, 30 de junho e 1 de julho, Vol. 2, 2009.

BACELLAR, Carlos. Fontes documentais: uso e mau uso dos arquivos. In.: PINSKY, Carla B. (org.) *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2006. pp.23-80

BATISTA, Paula Virgínia Pinheiro. *Arquivo de si e do Ceará: a coleção e a escrita de Guilherme Studart (1892 -1938)*. (Tese doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza – CE, 2014.

BETHELL, Leslie. Nabuco e o Brasil entre Europa, Estados Unidos e América Latina. Dossiê Nabuco. *Novos Estudos CEBRAP* 88. Novembro, 2010.

BESSA FREIRE, José Ribamar. *Da Língua Geral ao Português: para uma história dos usos sociais das línguas na Amazônia*. (Tese de Doutorado em Literatura Comparada) – Universidade do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2003.

BITTENCOURT, C. M. F. *Livro didático e conhecimento histórico: uma história do saber escolar*. (Tese doutoramento) -Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1993.

BLAKE, Augusto Victorino Alves Sacramento. *Diccionario bibliographico brasileiro*. v. 3. F-J Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1883-1902. Disponível em <http://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/221681> Acesso em 12/12/2017.

CADORIN, Jonas. *Gente in Mutamento – o processo de produção identitário em Nova Trento: 1875 – 2003*. (Dissertação de Mestrado em Educação). Universidade do Vale do Itajaí. 2003. Disponível em: <https://siaiap39.univali.br/repositorio/handle/repositorio/1737>. Acesso em 26/07/2017. Acesso em: 13/01/2020.

CAMARGO, Maria Rosa M. Cartas adolescentes. Uma leitura e modos de ser... In: MIGNOT, A. C. V.; BASTOS, M. H. C.; CUNHA, M. T. S. (Orgs.). *Refúgios do Eu*. Educação, História, Escrita Autobiográfica. Florianópolis: Mulheres, 2000, p. 203-228.

CARUSO, Andrea Soares. Traço de União como vitrine: educação feminina, ideário católico e práticas escolanovistas no periódico do Colégio Jacobina. (Dissertação de Mestrado). Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2006.

CARVALHO, Isabel Cristina Moura. Biografia, identidade e narrativa: elementos para uma análise hermenêutica. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 9, n. 19, p. 283-302, julho de 2003

CARVALHO, José Murilo de. *A Formação das Almas: O Imaginário da República no Brasil*. São Paulo. Companhia das Letras: 1990.

CASTILLO GOMÉZ, Antonio. Como o polvo e o camaleão se transformam: modelos e práticas epistolares na Espanha moderna. In: MIGNOT, A. C. V.; BASTOS, M. H. C.; CUNHA, M. T. S. (Orgs.). *Refúgios do Eu*. Educação, História, Escrita Autobiográfica. Florianópolis: Mulheres, 2000, p. 13-56

CATALOGO DA MISSÃO ROMANA (1854-1914). Disponível em [http://www.sjweb.info/arsi/Digital\\_Repertory.cfm](http://www.sjweb.info/arsi/Digital_Repertory.cfm) Acesso em 20/03/2017.

CATANI, D. B.; BASTOS, M. H. C. (Org.). *Educação em revista: a imprensa pedagógica e a história da educação*. São Paulo: Escrituras, 2002.

CAVALHEIRO, D. *Hegemonia católica e educação da elite em Itu (1851-1889), o Colégio N.S. do Patrocínio (feminino) e o Colégio São Luíz Gonzaga (masculino)*. Piracicaba: Universidade Metodista de Piracicaba, 2001.

CAVALLO, G., CHARTIER, Roger. *A história da leitura no Mundo Ocidental*. São Paulo: Ática, volume I, 1997.

CERTEAU, Michael. *A Invenção do Cotidiano*. Petrópolis: Vozes, 1994.

CHALHOUB, Sidney. Precariedade estrutural: o problema da liberdade no Brasil escravista (século XIX). *História Social*, n. 19, pp. 33-62, segundo semestre de 2010.

CHAMORRO, Davis H. *Resumen de la historia de la Compñia de Jesús em la real audiência de Quito*. Disponível em:

[https://issuu.com/jesuitas.ec/docs/historia\\_de\\_los\\_jesuitas\\_en\\_el\\_ecua](https://issuu.com/jesuitas.ec/docs/historia_de_los_jesuitas_en_el_ecua) Acesso em: 27/10/2019.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. *Revista das Revistas. Estudos Avançados*, vol.5, nº.11, São Paulo, p. 173-191, Jan./Apr., 1991.

CHARTIER, Roger. *A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII*. Brasília: Editora da UNB, 1994.

CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: DIFEL; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

CHARTIER, Roger; BOURDIEU, Pierre. A leitura: uma prática cultural. In: \_\_\_\_\_ (org.) *Práticas da leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

CHESNEAUX, Jean. *Devemos fazer tábula rasa do passado? – sobre a História e os historiadores*. São Paulo: Ática, 1995.

CHESNEAUX, Jean. *Cultura escrita, literatura e história: conversas de Roger Chartier com Carlos Aguirre Anaya, Jesús Anaya Rosique, Daniel Goldin e Antonio Saborit*. Trad. Ernani Rosa. Porto Alegre: ArtMed, 2001.

CIEPLINSKI, E. M. *O silenciamento dos sentidos: uma análise dos sentidos do livro didático de língua inglesa*. 2015. 125 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Cruzeiro do Sul, São Paulo, 2015.

COELHO, Claudio Márcio. Jansenismo, maçonaria e reação católica: Alfredo Freyre e a disputa pela educação em Pernambuco (1910-1920). *Passagens. Revista Internacional de História Política e Cultura Jurídica Rio de Janeiro*: vol. 9, no .1, p. 58-75, janeiro-abril, 2017,. Disponível em <https://www.historia.uff.br/revistapassagens/artigos/v9n1a42017.pdf> Acesso em 27/10/2019.

CHOPPIN, Alain. História dos livros e das edições didáticas: sobre o estado da arte. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v.30, n.3, p.549-566, set./dez.2004.

COBES, Natàlia Esvertit. *La incipiente provincia incorporación del Oriente ecuatoriano al estado nacional (1830-1895)*. Tesis Doctoral. Universitat de Barcelona, 2005.

COLSATO, A. *Organização hierárquica e linguística: o modelo jesuítico após a restauração*. Tese (Doutorado em Letras) — Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

COLUSSI, Eliane Lucia. A maçonaria brasileira e a defesa do ensino laico (século XIX). *Hist. Ensino*, Londrina, v. 6, p. 47-56, out. 2000.

CONTI, Maria Lígia. *O personagem negro em lições de história no Brasil: olhares oitocentistas* - Universidade Sorocaba, SP, 2011.

CORNEJO, Jorge N. Polémicas e ideologia en la enseñanza de la ciencia: el caso de la astronomia y la cosmografía en la escuela media. In: GVIRTZ, Silvina (Dir.). *El color de lo incoloro: miradas para pensar la enseñanza de las ciencias*. Buenos Aires-México: Eddiciones Novedades Educativas, 2000, p. 119-148.

CUNHA, M. T. S. A escrita epistolar e a história da educação. *25ª Reunião Anual Anped*, Caxambu, 2002. (Postêr). Disponível em <http://25reuniao.anped.org.br/tp25.htm#gt2> Acesso em 18/06/2018.

CUNHA, M. T. S. Por hoje é só: cartas entre amigas. In: Maria Helena Camara Bastos; Maria Teresa Santos Cunha; Ana Chrystina Venancio Mignot. (Org.). *Destinos das letras. História, educação e escrita epistolar*. 1ed. Passo Fundo/RS: EDIUPF - Universidade de Passo Fundo, 2002, v. 1, p. 140-165.

CUNHA, M. T. S. Do baú ao arquivo: escritas de si, escritas do outro. *UNESP – FCLAs – CEDAP*, v.3, n.1, 2007 p. 45-62. Disponível em <http://pem.assis.unesp.br/index.php/pem/article/viewFile/8/455> Acesso em 13/06/2018.

CUNHA, Maria José dos Santos. *Os Jesuítas no Espírito Santo 1549-1759: contactos confrontos e encontros*. (Tese de doutoramento), Universidade de Évora, 2015.

DALLABRIDA, Norberto. *A fabricação escolar das elites: o Ginásio Catarinense na Primeira República*. Florianópolis: Cidade Futura, 2001.

DANTAS, Maria José. *"Escrever-te-ei... tu também me escreverás?" A escrita epistolar católica como prática docente: um olhar sobre Chiara Lubich e suas estratégias de formação*. Tese de Doutorado em Educação. Universidade Federal de Sergipe, Programa de Pós-Graduação em Educação. São Cristóvão, 2014.

DAVIES, Nicholas. Livro Didático: Apoio ao professor ou vilão do ensino de História? In: *II Encontro Perspectivas do Ensino de história*, São Paulo: FEUSP, 1996.

DELANEZE, T. *As reformas educacionais de Benjamim Constant (1890-1891) e Francisco Campos (1930-1932): o projeto educacional das elites republicanas* – São Carlos: UFSCar, 2007.

DESTEPHANO M. Jesuítas americanos e a Missão China: The Woodstock Letters, 1900–1969. In: *Chu CY (eds) Catolicismo na China, 1900-Presente*. Palgrave Macmillan, Nova Iorque, 2014.

DOLCI, Mariana de Carvalho. *Revoltas, Motins e Revoluções no Brasil Novecentista*. Disponível em <http://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/viewFile/15548/14216>. Acesso em 23/03/2019.

DOMINGOS, S. *Política e Religião: repercussões da polêmica sobre o retorno dos jesuítas no Brasil durante o Segundo Reinado (1840-1870)*. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) — Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2014.

FALCÃO, Luciane Quintanilha. *Equador*. Disponível em: <http://www.nepp-dh.ufrj.br/ole/textos/equador.pdf> Acesso em: 13/11/2019.

FAVORETO, Aparecida e GALTER, Maria Inalva. Ambiguidade de Fernando de Azevedo sobre a atuação da Cia de Jesus na organização da educação brasileira no período colonial. *Educare et educere*. Vol. 1 nº 2 jul./dez. 2006 p. 73-82. Disponível em <http://e-revista.unioeste.br/index.php/educereeteducare/article/view/257/186> Acesso em 10/02/2020.

FENZL, Andrea. BARBIERI, Renato. Malagrida. [documentário-vídeo]. *Produção de Andrea Fenzl, direção de Renato Barbieri*. São Paulo, Videografia Criação, 2001. 1 DVD/NSTC, 73 min. Color.som.

FERNANDES, Antônia Terra de Calazans. Uma obra didática e suas diferentes versões. *Revista História*, n.176, São Paulo, 2017.

FRANCA, Leonel. S.J. *Ratio Studiorum: o método pedagógico dos jesuítas*. Rio de Janeiro: Agir, 1952.

GALANTI, Raphael Maria. (Discurso). *Posse do pe. Rafael Galanti*. Rio de Janeiro: RIHGB, 1897.

GALANTI, Raphael Maria. *Compendio de Historia Universal*. São Paulo: Typ. da Companhia Industrial, 1894.

GALANTI, Raphael Maria. *Lições de Historia do Brazil*. São Paulo: Typ. da Industrial de São Paulo, 1895.

GALANTI, Raphael Maria. *Compendio de Historia do Brasil* (Tomos I, II, III, IV e V) São Paulo: Typ. da Industrial de São Paulo, 1896-1905.

GALANTI, Raphael Maria. Descobrimento do Brasil, sua data, seu aniversário. *RIHGB*, t. 62, parte 2, p. 24-27, 1900.

GALANTI, Raphael Maria. *Biografias de brasileiros ilustres*. São Paulo: Duprat, 1911.

GALANTI, Raphael Maria. S.J. *Breve História do Brasil destinado às Criações do Curso Preliminar*. Duprat & Comp., 1913.

GINZBURG, C. *O queijo e os vermes. O cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. Cia das Letras, São Paulo. 1987.

GINZBURG, C. *Sinais: raízes de um paradigma indiciário*. In: *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. GINZBURG, Carlo; tradução Frederico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p. 143-180.

GOMES, Ângela de Castro (org.) *Escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

GOMES, Ângela de Castro (org.) *A República, a História e o IHGB*. Belo Horizonte: Argumentum, 2009.

GOMES, Eveline Viterbo. *Os operários da fé e a divulgação da ordem religiosa: o projeto de educação católica em O Apostolo (1866-1882)*. (Dissertação de Mestrado em Educação), Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

GONDRA, José Gonçalves; SCHUELER, Alessandra. *Educação, poder e sociedade no Império Brasileiro*. São Paulo: Cortez, 2008.

GONTIJO, R. História, cultura, política e sociabilidade intelectual In: Rachel Soihet; Maria Fernanda B. Bicalho; Maria de Fátima S. Gouvêa. *Culturas Políticas: ensaios de história cultural, história política e ensino de história*. Rio de Janeiro: Mauad, 2005, pp. 259-284.

GRAZIOTO, Fábio Luís. *Memória ferroviária na cidade de Itu*. CELACC/ECA-São Paulo: USP, 2012.

HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil: sua história*. São Paulo: EdUSP, 2005.

Hansen, J. A. (1995). O nu e a luz: cartas jesuíticas do Brasil: Nóbrega: 1549-1558. *Revista Do Instituto De Estudos Brasileiros*, (38), p. 87-119, 1995.

HANSEN, Patrícia. *Brasil, um país novo: literatura cívico-pedagógica e a construção de um ideal de infância brasileira na Primeira República*. São Paulo, Tese (Doutorado em História Social), USP, 2007.

HÉRBRARD, Jean. A lição e o exercício: algumas reflexões sobre a história das práticas escolares de leitura e escrita. *Educação*. Santa Maria, v. 32 - n. 01, p. 11-20, 2007. pp. 11-20. Disponível em <http://www.ufsm.br/ce/revista>

HRUBY, Hugo. *O século XIX e a escrita da história do Brasil: diálogos na obra de Tristão de Alencar Araripe (1867-1895)*. (Tese de doutoramento). PUCRS, Porto Alegre, 2012.

KARNAL, Leandro ... [et al.]. *História dos Estados Unidos: das origens ao século XXI*. São Paulo: Contexto, 2007.

KARPOWICZ, Débora Soares. Prisões femininas no Brasil: possibilidades de pesquisa e de fontes. In: *XIII Encontro Estadual de História da ANPUH RS. Ensino, direitos e democracia*. UNISC, 2016. Disponível em: <http://www.eeh2016.anpuh-rs.org.br/> Acesso em: 15/11/2109.

KLEIN, Luiz Fernando. *Atualidade da Pedagogia Jesuítica*. São Paulo: Edições Loyola, 1997.

KLEIN, Luiz Fernando. *Educação jesuíta e pedagogia inaciana*. São Paulo: Edições Loyola, 2015.

KLEIN, Luiz Fernando. *Restauração da Companhia de Jesus e da pedagogia jesuíta*. Disponível em <http://www.pedagogiaignaciana.com/Noticias/VerNoticia.aspx?IdNoticia=1039> Acesso em 03/06/2017.

KLEIN, Luiz Fernando. O modo de proceder pedagógico jesuítico: de Paris, Alcalá e Messina aos nossos dias. Disponível em [https://jesuitas.lat/attachments/article/481/Klein%20L.F.,%202018,%20O%20modo%20de%20proceder%20pedag%C3%B3gico%20jesu%C3%ADtico%20\(1\).pdf](https://jesuitas.lat/attachments/article/481/Klein%20L.F.,%202018,%20O%20modo%20de%20proceder%20pedag%C3%B3gico%20jesu%C3%ADtico%20(1).pdf) Acesso em 03/06/2018

LAJOLO, M. e ZILBERMAN, R. *A formação da leitura no Brasil*. São Paulo: Ática, 1999.

LAPA, José Roberto do Amaral. *A cidade: os cantos e os Antros: Campinas 1850 – 1900*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1996.

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. 5. ed. Campinas, SP: UNICAMP, 2003.

LEITE, Serafim. *Breve História da Companhia de Jesus no Brasil (1549-1760)*. Autor: Serafim Leite, S.J. (prefácio do autor de 1965). Braga/PT, Livraria A.J. (Apostolado da Imprensa), 1993.

LEJEUNE, Philippe. El pacto autobiográfico. In: LOUREIRO, Ángel G. (Org.). *La autobiografía y sus problemas teóricos*. Barcelona: Antropos, 1991. pp. 47-61.

LEONARDI, Paula. *Além dos espelhos: memórias, imagens e trabalhos de duas congregações católicas francesas em São Paulo*. São Paulo, FAPESP/Paulinas, 2010.

LEONARDI, Paula. Congregações católicas e educação: o caso da Sagrada Família de Bordeaux. *Revista Brasileira de História da Educação*. Campinas-SP, v. 11, n. 2 (26), p. 103-129, maio/ago. 2011. pp.105-129.

LLOYD, Reginald; FELDWICK, W.; DELANEY, L. T.; EULÁLIO, Joaquim; WRIGHT, Arnold (eds.). *Impressões do Brasil no século vinte: sua história, seu povo, comércio, indústrias e recursos*. [London]: Lloyd's greater Britain Publishing Company, 1913.

LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de M. (Orgs.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 2005.

LUSTOSA, Oscar F. *A Igreja Católica no Brasil-República: cem anos de compromisso:1889-1989*. São Paulo: Edições Paulinas, 1991.

MAGALHÃES, Justino. Prólogo. In: ROSA, Teresa Maria Rodrigues da Fonseca. *Monumenta Historica O Ensino e a Companhia de Jesus (séculos xvi a xviii)*. Volume I (1540-1580). Instituto de Educação da Universidade de Lisboa, 2015. Disponível em [www.ie.ulisboa.pt](http://www.ie.ulisboa.pt) Acesso em: 13/01/2020

MANOEL, Ivan Aparecido. *Igreja e educação feminina (1859-1919)*. Uma face do conservadorismo. São Paulo. Editora da Universidade Estadual Paulista, 1996. (Prismas)

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *A presença no Brasil da Companhia de Jesus 1549-1649*. (Tese de doutoramento). Universidade de São Paulo, 1975.

MENDONÇA, Lúcia Bahia. *O silêncio da ação: Jesuítas no Brasil pós-Reforma Pombalina*. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

MENDONÇA, Lúcia Bahia. Aurora Collegial: um jornal dos alunos do Colégio Anchieta. *Revista de História e de historiografia da educação*. v.I, n.3, 2017

MENDONÇA, Lúcia Bahia. Abordagem cívica e jesuítica da história do Brasil para crianças, no livro do Padre Raphael Maria Galanti. *History of Education in Latin America - HistELA*, v. I, p. 1-12, 2019.

MENDONÇA, Lúcia Bahia. Unidos num só corpo: jesuítas, continuidades e rupturas. In: Franco, José Eduardo; Arenz, Karl Heinz; Oliveira, Luiz Eduardo; Bettiol, Maria Regina Barcelos. (Org.). *Jesuítas e ilustração Rupturas e continuidades*. 1ed.São Leopoldo: Editora Unisinos, 2019, v. , p. 64-89.

MENDONÇA, Lúcia Bahia. Resistência e permanência da companhia de Jesus no Brasil: educação jesuítica. In: Alexandre Shigunov Neto; Ivan Fortunato & Maria Cristina Gomes Machado. (Org.). *Educação e atuação dos jesuítas no Brasil, América Latina e Europa*. 1ed.Itapetininga: Edições Hipótese, 2019, v. 1, p. 133-156.

MENESES, Marcelo Figueiredo de. *Circulação dos professores diplomados na Escola Normal de São Paulo pela instrução pública (1890 – 18910)*. USP, São Paulo, 2012.

MENONCELLO, Aline Michelini. Laudo ou Sentença? A decisão de Pedro Lessa da data comemorativa da Confederação do Equador. 7º. *Seminário Brasileiro de História da*

*Historiografia – Teoria da história e história da historiografia: diálogos Brasil-Alemanha.* Ouro Preto: EdUFOP, 2013.

MIGNOT, Ana Chrystina Venancio. “Decifrando o recado do nome”. *Revista brasileira de Estudos Pedagógicos.*, Brasília, v.74, n.178, p.619-638, set./dez. 1993.

MIGNOT, Ana Chrystina Venancio. “O carteiro e o educador. Práticas políticas na escrita epistolar.” *Revista Brasileira de História da Educação.* Julho-Dezembro, nº10, 2005, p. 45-69.

MIGNOT, Ana Chrystina Venancio.; GONDRA, José G. (orgs). *Viagens pedagógicas.* São Paulo: Cortez, 2007.

MIGNOT, Ana Chrystina Venancio.; SILVA, Alexandra Lima da. “Tão longe, tão perto: escrita de si em relatórios de viagens”. *Educação em Revista.* Belo Horizonte, v.27, n.01, p.435-458, abr. 2011.

MIGNOT, Ana Chrystina Venancio.. *A ilusão do leitor: cartas, imprensa e educação.* Apresentação. Curitiba, CRV, 2018. pp. 9-16

MIGNOT, Ana Chrystina Venancio.. *A ilusão do leitor: cartas, imprensa e educação.* “Se essa carta é autêntica...” uma leitora em questão. Curitiba, CRV, 2018. pp. 17-36.

MIRANDA, Victor Hugo. Los jesuítas em la PUCP – Uma mirada histórica. *Revista Intercambio.* Lima, Nº 21, 2012. Disponível em: <https://www.yumpu.com/es/document/read/2058946/revista-intercambio-21>. Acesso em 27/10/2019.

MOLEDINA, Sheza. *La Bibliothèque jésuite de Jersey: constitution d’une bibliothèque en exil (1880-1940).* Diplôme d’Études Approfondies « Histoire de l’Écrit ». École Pratique Des Hautes Études Sciences historiques et philologiques, 2002. Disponível em: <https://www.enssib.fr/bibliotheque-numerique/documents/1982-la-bibliotheque-jesuite-de-jersey-constitution-d-une-bibliotheque-en-exil-1880-1940.pdf> Acesso em: 25/01/2020.

MONNERAT, Patrícia C. S. *Festa e conflito: D. Antônio e a questão de Nazaré (1861- 1878).* (Dissertação de mestrado). Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2009.

MONTEIRO, Lorena Madruga. *Religião, cultura e política: o apostolado laico dos jesuítas no RGS e os espaços sociais de atuação.* (Tese doutoramento). Rio Grande do Sul, UFRS, 2011.

MORA, Enrique Ayala. El laicismo em la historia del Ecuador. Processos. *A Revista Ecuatoriana de Historia.* No 8, Corporación Editora Nacional, 1996. Disponível em: <http://repositorio.uasb.edu.ec/bitstream/10644/1257/1/RP-08-ES-Ayala.pdf> Acesso em: 28/10/2019.

MOREIRA, K. H. *O ensino de História do Brasil no contexto republicano de 1889 a 1950 pelos livros didáticos: análise historiográfica e didático-pedagógica.* Tese (Doutorado em

*Educação Escolar*) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, Campus de Araraquara, São Paulo, 2011.

MUNAKATA, Kazumi. O livro didático como mercadoria. *Pro-Posições* [online]. 2012, vol.23, n.3, p.51-66. Disponível em [www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S010373072012000300004&lang=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010373072012000300004&lang=pt) Acesso em: 15/01/2014.

NASCIMENTO, *Jorge Carvalho do*. *Historiografia Educacional Sergipana: Uma crítica aos estudos de História da Educação*. São Cristóvão: Grupo de Estudos e Pesquisas em História da Educação/ NPGED/UFS, 2003.

NEVES, Maria Helena de Moura. *Guia de uso do português: confrontando regras e usos*. São Paulo. Unesp, 2003.

NETTO, Carla; SPAGNOLO, Carla; FLORENTINO, José; AMARAL, Lisandra; ZANCAN, Silvana e FRANCIOSI, Leda Lisia. Cartas: um instrumento desvelador que faz a diferença no processo Educacional. *Revista Educação por Escrito – PUCRS*, v.3, n.1, p. 14-25, jul. 2012.

OLIVEIRA, Catia Regina Guidio Alves de; SOUZA, Rosa Fátima de. As faces do livro de leitura. *Cadernos CEDES*, p. 25-40, 2000.

PAULA, Leandro S. América Portuguesa e educação no século XVIII: Um balanço historiográfico. *XII Encontro Estadual de História ANPUH. História, verdade e ética*. Universidade Vale dos Sinos, São Leopoldo, RS, 2014.

PENNA, M.L. *Fernando de Azevedo. Recife: Fundação Joaquim Nabuco*; Massangana, 2010. (Coleção educadores) Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me4698.pdf> Acesso em 02/02/2020.

PERES, Pedro Corrêa de Araújo. *A emergência da profissão docente no espaço público estatal: do mestre-escola ao professor público primário em Pernambuco*. (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2006.

PINA, Maria Cristina Dantas. A questão racial no ensino secundário baiano: problematizando o livro didático de história. *ANAIS do III Encontro Estadual de História: Poder, Cultura e Diversidade – ST 04: História e Educação: sujeitos, saberes e práticas*, Bahia, 2006.

ORLANDO, Evelyn de Almeida; DANTAS, Maria José. A Educação nos impressos católicos. *Revista Tempos e Espaços em Educação*, v. 01, p. 81-98, 2008.

RIZZINI, Irene, RIZZINI, Irma. *A institucionalização de crianças no Brasil: percurso histórico e desafios do presente*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2004.

RIZZINI, Irma. Um colégio para os índios de Urubá: o projeto do cônsul de Portugal para a província de Pernambuco. *Revista HISTEDBR (On-line)*, Campinas, n.37, p. 169-182, mar.2010.

RODRIGUES, Luiz Fernando Medeiros. A formula *scribendi* na Companhia de Jesus: Origem, leitura paleográfica e fonte documental para o estudo da ação dos jesuítas. *X Encontro Estadual de História - O Brasil no Sul: cruzando fronteiras entre o regional e o nacional*. UFSM-UNIFRA, 2010. Disponível em: [http://www.eeh2010.anpuh-rs.org.br/resources/anais/9/1279402723\\_ARQUIVO\\_ST01-Ahistoriografiaentreoparticular\\_TextoAnaisdeLuizFernandoRodrigues.pdf](http://www.eeh2010.anpuh-rs.org.br/resources/anais/9/1279402723_ARQUIVO_ST01-Ahistoriografiaentreoparticular_TextoAnaisdeLuizFernandoRodrigues.pdf) Acesso em: 20/01/2019.

ROGERS, Rebeca. Congregações femininas e difusão de um modelo escolar: uma história transnacional. *Pro-Posições* v. 25, n. 1 (73) pp. 55-74jan./abr. 2014.

RUTKOWSKA, M. Neomisia. “A Polish Pioneer Jesuit in America.” *Polish American Studies*, vol. 3, no. 3/4, 1946, pp. 98–103. Disponível em [www.jstor.org/stable/20147082](http://www.jstor.org/stable/20147082) Acesso 13/02/2020.

SALCEDO MARTÍNEZ, Jorge Enrique. *As vicissitudes dos Jesuítas na Colômbia*. Hacia uma história da Companhia de Jesus, 1844-1861. Bogotá: Editorial Pontificia Universidad Javeriana, 2014.

SALVADOR LARA, Jorge. *Quito luz de América*. [S.l.]: FONSA, 2009.

SANTIROCCHI, Ítalo Domingos. Uma questão de revisão de conceitos: Romanização – Ultramontanismo – Reforma. *Temporalidades - Revista Discente do Programa de Pós-graduação em História da UFMG*, vol. 2, n.º 2, Agosto/Dezembro de 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/temporalidades/article/view/5387/pdf> Acesso em: 30/01/2020.

SANTO, Patricia Espírito; DUMONT, Lígia Maria Moreira. As cartas de leitores e leitoras enviadas a jornais impressos: o que querem informar os assinantes do jornal Estado de Minas. *Perspectivas em Ciência da Informação*, v.19, n.2, abr./jun. 2014. pp. 174-190.

SANTOS, Beatriz Boclin M. de. *O currículo da disciplina escolar história no Colégio Pedro II, a década de 1970: entre a tradição acadêmica e a tradição pedagógica: a história e os estudos sociais*. Rio de Janeiro Mauad X: FAPERJ, 2014.

SANTOS, Heloísa Helena Meirelles. *Esther Pedreira de Mello: múltiplas faces de uma mulher (in)visível (1880-1923)*. (Tese de doutoramento). Rio de Janeiro: UERJ, 2014.

SANTOS, Heloísa Helena Meirelles. *Esther pedreira de mello, uma mulher (in)visível*. Curitiba: Appris Editora e Livraria Eireli, 2017.

SANTOS, Ivan Norberto dos. *A historiografia amadora de Rocha Pombo: embates e tensões na produção historiográfica brasileira da Primeira República*. Rio de Janeiro: UFRJ/ IFCS/ PPGHIS, 2009.

SANTOS, Magno Francisco de Jesus. Raphael Galanti e o ensino de história na Primeira República. (Resumo). *Cadernos de Resumos do VII Encontro Estadual de História da ANPUH-RN*, Natal, UNP-Unidade Roberto Freire, IFRN-Campus Natal Central, 26 a 29 de Julho de 2016, *Contra os Preconceitos: História e Democracia*. Org. Livia Brenda da Silva Barbosa. - Natal, RN: ANPUH-RN/UNP/IFRN, 2016. p. 87

SANTOS, Magno Francisco de Jesus.. Um operoso e erudito estudioso da história de nossa pátria”: Raphael Galanti e o ensino de História do Brasil (1896-1917). *Antiguos jesuitas en Iberoamérica*, v. 7, n. 2, p. 42-62, 14 feb. 2020. Disponível em: <https://revistas.unc.edu.ar/index.php/ihs/article/view/27670> Acesso em 18/02/2020.

SIERRA BLÁS, Verónica. *Aprender a escribir cartas: los manuales epistolares en la España contemporánea (1927-1945)*. Gijón: Trea, 2003.

SILVA, Alexandra Lima da. *Ensino e mercado editorial de livros didáticos de História do Brasil - Rio de Janeiro (1870-1924)*. (Dissertação de mestrado), Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2008.

SILVA, Alexandra Lima da. *Escritas de viagem, escritas da história: estratégias de legitimação de Rocha Pombo no campo intelectual*. 1ª ed. Curitiba: Appris, 2018.

SILVA, Alexandra Lima da. *Sujeitos em movimento: instituições, circulação de saberes, práticas educativas e culturais*. 1ª ed. Curitiba: Appris, 2018.

SGARBI, Antonio Donizetti. *Igreja, Educação e modernidade na década de 30 Escolanovismo Católico: construído na CCBE, divulgado pela Revista Brasileira de Pedagogia*. (Dissertação de Mestrado). São Paulo: PUCSP, 1997.

SGARBI, Antonio Donizetti. *Bibliotecas Pedagógicas Católicas: Estratégias para construir uma “civilização cristã” e conformar o campo pedagógico através do impresso (1929-1938)*. (Tese de Doutorado). São Paulo: PUCSP, 2001.

SIRINELLI, François. Os intelectuais. In: REMOND, René (org). *Por uma nova história política*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2003.

SOUZA, Devanilson Alvares. *Formação litúrgica. A vida litúrgica é a alma da pastoral*. Brasília: Clube de autores, 2012.

SCHUELER, Alessandra Frota Martinez. Os jesuítas e a educação das crianças: século XVI ao XVIII. In: RIZZINI, Irma. *Crianças desvalidas, indígenas e negras: cenas da Colônia, do Império e da República*. Rio de Janeiro: Editora Universitária Santa Úrsula, 2000.

SCHWARCZ, L. M. Biografia como gênero e problema. *História Social*, (24), 51-73. Disponível em [www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/rhs/article/view/1577](http://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/rhs/article/view/1577) acesso em 18/12/2019.

TAMBARA, Elomar, ARRIADA, Eduardo. Editoras e tipografias no Rio Grande do Sul. Publicação e circulação de livros didáticos. Beitrag zu den Annalen des VI Congresso Brasileiro da História da Educação, Vitória 2011. pp. 1-13. Disponível em: [http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe6/anais\\_vi\\_cbhe/-individuais.htm](http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe6/anais_vi_cbhe/-individuais.htm) Acesso em: 18/08/2019.

TAVARES, Daiane de O. Por uma penitenciária de portas abertas: produção, circulação e recepção do discurso humanizador de Victório Caneppe na revista A Estrêla (1951-1955). (Tese de doutorado). Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2017.

VALLE CABRAL, Alfredo do (org.). *Cartas do Brasil (1549 – 1560) – Manoel da Nóbrega*. (fac-simile da 1ª edição: Rio de Janeiro, ABL, 1931. Prefácio de 1886).

VENANCIO, Giselle Martins. Presente de Papel: cultura escrita e sociabilidade na correspondência de Oliveira Vianna. *Revista Estudos Históricos* v. 2, n. 28, Rio de Janeiro, 2001. pp. 23-47.

VENANCIO, Giselle Martins.. *Na trama do arquivo: a trajetória de Oliveira Vianna (1883-1951)*. (Tese de doutoramento). Rio de Janeiro: UFRJ, 2003.

VENANCIO, Giselle Martins. “A utopia do diálogo: os prefácios de Vianna e a construção de si na obra publicada”. In: GOMES, Ângela de Castro & SCHMIDT, Benito Bisso. (orgs). *Memórias e narrativas (auto) biográficas*. Rio de Janeiro: FGV, 2009.

VIDAL, Diana G.; FARIA FILHO, Luciano M. História da Educação no Brasil: a constituição histórica do campo (1880-1970). *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 23, nº 45, pp. 37-70, 2003. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/rbh/v23n45/16520.pdf> Acesso em 11/02/2020.

VILLALBA F., Jorge. Apresentação. In: KOLBERG, Joseph. *Hacia el Ecuador: relatos de viaje*. Quito: Editorial Abya-Yala; Edição: 2º. 2015.

VILLAÇA, Antônio Carlos. *História da questão religiosa no Brasil*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1974.

VILLALTA, Luiz Carlos. O livro didático de História no Brasil: perspectivas de abordagem. *Revista Pós-História*, Unesp-Assis, Assis (9), 2001.

XAVIER, Libânea Nacif. Retrato de corpo inteiro do Brasil: a cultura brasileira por Fernando de Azevedo. *Revista Faculdade de Educação*, São Paulo, v. 24, n. 1, p. 70-86, Jan. 1998.

Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-25551998000100005&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-25551998000100005&lng=en&nrm=iso) Acesso em: 10/02/2020.

WEGNER, Felipe Henrique. *Santa Catarina vai à guerra: a mobilização militar catarinense durante a Guerra do Paraguai*. (Monografia). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010.

WEHLING, Arno. Construindo o Estado e a Nação (nas origens do IHGB). *Carta Mensal*. Rio de Janeiro, n. 689, p. 55-80, ago. 2012.

WILGUS, A. C. *Histories and historians of Hispanic America*. London, Reino Unido: Frank Cass. ([1965] 2012).

WOODSTOCK LETTERS Uma revista histórica da educação jesuíta e atividades missionárias. Impresso, Maryland, 1987.

“Woodstock Letters - Volumes 1 - 98 (1872-1969)”, Jesuit Archives Digital Collections and Resources. <https://jesuitarchives.omeka.net>

## **APÊNDICE – Outras fontes de consulta**

### **Correspondências:**

Carta de Pe. Galanti ao Pe. Giomini. (1906-1913). Acervo Província Centro-Leste (RJ).

Carta de Pe. Galanti ao Barão de Studart (1906-1912). Acervo IC

### **Periódico:**

*Aurora Collegial*. Colégio Anchieta

### **Biblioteca Nacional, RJ**

*Correio Paulistano*

*A União*

*Jornal do Commercio*

*O Apóstolo*

*Mensageiro do Coração de Jesus*

*A razão*

*A federação*

### **Sites e endereços virtuais:**

<http://www.santoinacio-rio.com.br/webv2/conteudo/2016/REGIMENTO%20ESCOLAR%202016.pdf>

<http://www.colegiocatarinense.g12.br/historia/>

[www.cnsdfri.com.br/nossa-historia/](http://www.cnsdfri.com.br/nossa-historia/)

<https://www.isjbrasil.com.br/>

<https://colegioanchieta.org.br/>

[www.sagradorazon.edu.bo/jfundacionsc.html](http://www.sagradorazon.edu.bo/jfundacionsc.html)

<https://www.jesuit.org.uk/blog/archives-155-years-letters-and-notice>

<http://jesuitarchives.org/woodstock-letters/>

<http://www.ihuonline.unisinos.br/media/pdf/IHUOnlineEdicao348.pdf>

<https://www.lakeheadu.ca/about/news-and-events/news/archive/2011/node/12921>

[www.educ.fc.ul.pt/docentes/opombo/hfe/momentos/jesuitas/\\_private/mp.htm](http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/opombo/hfe/momentos/jesuitas/_private/mp.htm)

<https://www.institutodoceara.org.br/revista/Rev-apresentacao/RevPorAno/1956TE/1956TE-BaraoStudartporBoanergesFacu.pdf>

<http://commons.ptsem.edu/pts-journals>

<http://host.jesuitasbrasil.org/emcompanhia/download/em-companhia-ed49-impresao.pdf>

[https://bc-primo.hosted.exlibrisgroup.com/primo-explore/fulldisplay?docid=ALMA-BC51489154270001021&context=L&vid=bclib\\_new&search\\_scope=bcl&tab=bcl\\_only&lang=en\\_US](https://bc-primo.hosted.exlibrisgroup.com/primo-explore/fulldisplay?docid=ALMA-BC51489154270001021&context=L&vid=bclib_new&search_scope=bcl&tab=bcl_only&lang=en_US)

<https://memoriesnwindows.wordpress.com/tag/john-abell-morgan/>

<http://www.traceyclann.com/files/Treacy%20Brothers%20of%20New%20Jersey.htm>

<https://library.bc.edu/finding-aids/BC2013-022-finding-aid.pdf>

<https://chroniclingamerica.loc.gov/lccn/sn83045211/1916-05-24/ed-1/seq-6/>

<https://www.digitalcommonwealth.org/search/commonwealth-oai:qn59t371h>

<http://www.aulete.com.br/ab%20ovo>

[www.raremaps.com](http://www.raremaps.com)